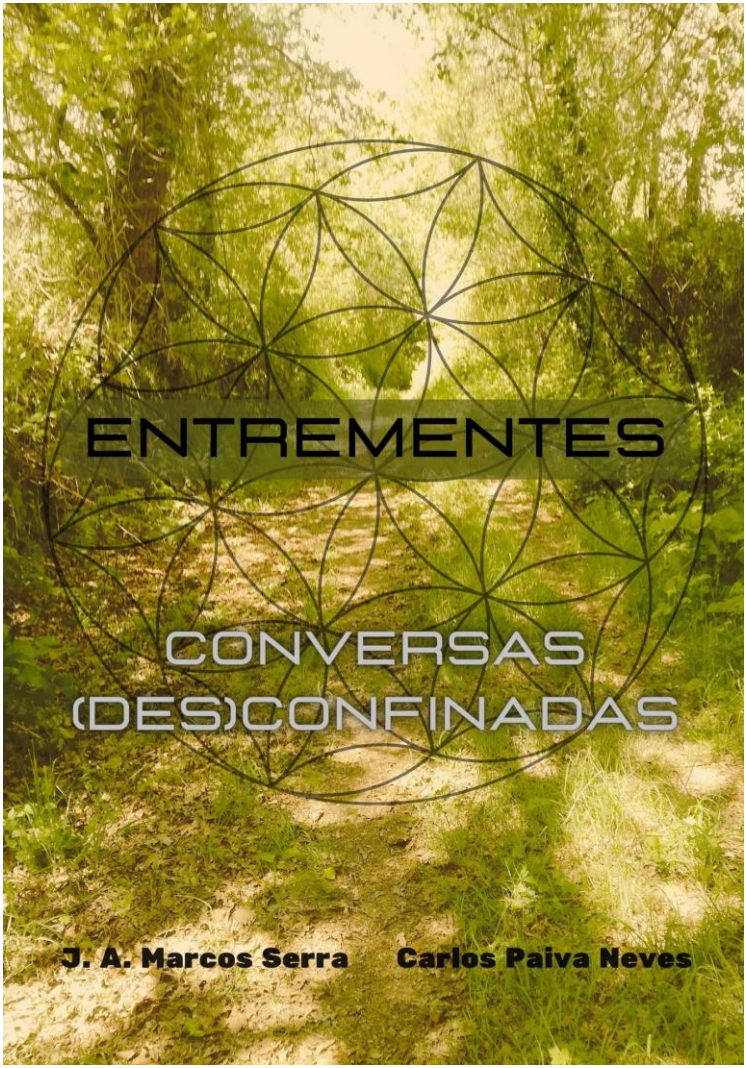

ENTREMENTES
CONVERSAS
(DES)CONFINADAS
J. A. Marcos Serra
Carlos Paiva Neves

CONTRACAPA

O pensamento materialista dominante, que encharca a sociedade, é demasiado atrofiador para desvelar outras realidades existenciais. Este ensejo estimulou uma dialética imanente entre duas historicidades, na tentativa de confrontar as experiências, imediata e da consciência, em manifestação do livre-arbítrio individual. A honestidade e os princípios éticos são a centelha que orienta as certezas sensíveis e mutáveis, na construção de um diálogo diáfano, autêntico e tolerante. A prudência filosófica fez emergir a compenetração entre a aparência e a essência do conhecimento científico, filosófico, teológico,

ético, histórico, cultural, espiritual e das vivências existenciais das singularidades em ação. É uma dialética que não está submetida aos constrangimentos das ideologias, das correntes de pensamento, das presunções científicas e esotéricas, ou de ânimos proselitistas.

O pensamento filosófico presente tem um cariz prático, que tenta congregar as condições biológica, social e metafísica do ser humano. Não basta a especialização do conhecimento para que os avanços civilizacionais sejam impulsionadores de comportamentos psicossociais regenerados. O pensamento multidisciplinar deverá assumir uma influência superior para conceber visões prospetivas a grande distância, onde o papel social da ciência, a filosofia do direito, a economia do decrescimento controlado, a defesa do clima e do ambiente, as redes de informação, a demografia e a consciência

espiritual do ser humano são domínios centrais para a elevação ética da humanidade.

Mas, inestimável Leitor, subjacente a esta comunhão de ideias, está latente um desafio aferidor.

Se: nega tudo o que não vê, cheira ou toca; não se comove com a miséria humana, nem com os mais sublimes atos de altruísmo, sacrifício ou realização; para si, «sofia» não passa de nome de mulher; ou triângulo não pode simbolizar mais que um polígono… será que tem coragem de me ler?

E de se ler?!

2.ª Edição (revista e complementada)
(suporte digital, livre para leitura, descarga e impressão, não comerciais)

Internet Archive

Junho, 2026

© **Carlos Paiva Neves e J. A. Marcos Serra**

Título:
Entrementes
Conversas (Des)Confinadas

Revisão e paginação:
Autores
Capa:
André Filipe Delgado Neves

1.ª edição: março, 2022

Depósito legal da 1.ª edição:
497035/22

J. A. Marcos Serra e Carlos Paiva Neves

ENTREMENTES
CONVERSAS (DES)CONFINADAS

edição de autor

Porque

a pandemia nos veio requisitar atenção e sentimentos… não… não é assim que pretendo começar.

Por instinto ou afeto, sempre procurei, ao longo dos dias que vão minguando, pretextos para me religar a pessoas que se foram irmanando comigo por causas variadas, e, quando em março de 2020 (número equilibrado que merecia melhor sorte), a COVID-19 nos invadiu inexoravelmente, o impulso surgiu natural em mim: tomar, uma vez mais, a iniciativa de saber de toda a gente amiga.

Agarrei-me aos meios de comunicação individuais de todos os tipos, e lá fui bater de porta em porta, à procura de… sei lá de quê… do outro em mim… é isso: desde companheiros de

juventude a vizinhos de hoje, englobando, no abraço, familiares e amigos em diversos patamares, colegas de trabalhos ou lazeres, professores e alunos, instituições e indivíduos, colaboradores e chefias, conhecidos decentes ou simpáticos, a todos me dirigi, pedindo informação pessoal e familiar, oferecendo acalento e ajuda.

Depois, como noutras vezes em que fiz diligências semelhantes, uns, parecia que estavam mesmo à espera que eu tivesse contactado, e falaram de coração nas mãos por longo tempo; outros, «tudo bem… cumprimentos»; alguns, «a ver se agora passo a comunicar mais… és sempre tu a ligar… não é por mal».

O tempo tem passado e, como doutras vezes em que tento revivificar o meu mundo, há quem se mantenha em contacto mais ou menos

próximo ou esporádico, com algumas surpresas, justificando as exceções; todos os outros, já sem meu desengano, regressaram passivamente ao sossego mudo dos seus túmulos, à espera de um (im)provável novo milagre pascal.

Porém, desta vez, a história, que podia ser mais uma atualização de uma velha cópia a papel químico, brindou-me com uma surpresa inédita. Há uns anos, conheci um indivíduo, numa relação em que ele representava a entidade a quem eu prestava serviço, que inopinadamente encerrava a sua correspondência formal com «fraternalmente». A minha estranheza advinha, de modo acrescido, do facto de, nessa relação laboral, ele usar galões, e eu, uma camisola de algodão sem mangas, o que poderia induzi-lo a alguns laivos de arrogância.

A verdade é que a atitude me levou a franquear as portas do meu reduto pessoal, e

quando ele passou a ter outras responsabilidades, fomos mantendo um contacto esporádico, mas com uma cordialidade própria, sublinhada sempre pelo sentimento de fraternidade. A questão da origem de Cristóvão Colon, a cuja Associação está ligado, foi pretexto para alguns encontros posteriores (já sem galões nem camisolas sem mangas).

Pelo que deixo explanado, quando a pandemia começou a campear, por correio eletrónico tentei saber também, com toda a naturalidade, como é que Carlos Paiva Neves e família se estavam a haver com a periculosidade da situação.

Respondeu-me com um «grande abraço fraterno» e algumas questões formuladas, a que, sei lá porquê, respondi; e ele respondeu; e eu…

Um ano e três meses depois, tínhamos escrito algumas dezenas de páginas, além da primeira

centena, e surgiu a ideia de partilharmos os pensamentos trocados com pessoas que o merecessem (perdoe-me não explicar, neste contexto, a definição de «mérito»). Entre muitas questões a vencer… na troca de correspondência pessoal, que são estes escritos, usámos os nomes reais dos intervenientes nos acontecimentos nela referidos; alguns, de grande suscetibilidade. Decidida a publicação, no respeito pela privacidade das pessoas envolvidas, sempre que a questão se apresentou mais sensível, optou-se por usar pseudónimos, permitindo assim manter o rigor histórico dos factos narrados. Deste modo é possível, inestimável Leitor, colocar nas suas mãos os nossos segredos, experiências, inquietações e dúvidas: que ajudem a descobrir-se.

J. A. Marcos Serra

ENTREMENTES…
CONVERSAS (DES)CONFINADAS

14 de abril de 2020

Boa tarde, meu Amigo,

Como tem gerido este tempo de peste?

A sua família tem passado bem, apesar deste confinamento a lembrar-nos o perigo em que o mundo se transformou?

Peço a Deus que sim.

Nós, em casa, temos tomado todas as cautelas possíveis, e vamos pedindo à Divina Providência que nos guarde.

A COVID já apanhou dois primos direitos: um no Porto, outro na Pontinha; as avaliações atuais já dão «fora de perigo».

Depois, vamos ver o que nos aguarda.

Já que temos de passar por isto, que a humanidade possa ascender em sabedoria e hierarquização de valores.

Um abraço do José, com todo o coração.

14 de abril de 2020

Caro amigo José,

Vamos gerindo com tranquilidade, o que não é regra para todos. Mas com o meu espírito de prisioneiro, lá me vou entretendo com histórias e filosofias. Entretanto isto estimula muitos pensamentos. Há muita mudança no horizonte! Fazem-se demasiadas críticas, e parece que andamos a desconfiar uns dos outros. A sociedade ergueu-se numa base de valores devotados à economia, e agora damos conta de

que este modelo não engrandece a Humanidade. Cansei-me do discurso do crescimento económico: «estamos a crescer pouco; temos de ser competitivos; vamos estimular o consumo». Havemos de inventar outro modelo mais equilibrado, justo e sem desperdício. Mas irá levar tempo! O vírus veio indicar outros caminhos, e em vez de competitividade, começamos a ouvir falar em cooperação. As fronteiras afinal não servem para nada, porque o vírus nem precisa de passaporte nem de vistos. O interior de Portugal parece que nunca foi tão desejado! O ar tem menos dióxido de carbono, e há animais a passear pelas cidades. Antes queixávamo-nos de que não tínhamos tempo; agora temos tanto, que achamos estranho. Pergunto onde está a essência, a substância e a alma da vida? Às vezes sinto-me confundido, mas isso deve-se em grande parte à minha

ignorância, porque estou longe da ascensão à divina providência! Porém, creio na bondade de Deus e que tudo tem um propósito... Permaneço, apesar de tudo, tranquilo, pois creio na imortalidade da alma, sobrevivência da consciência ou intemporalidade da memória. Neste tempo, lembro-me dos autores estoicos.

Gostei da sua mensagem e faço votos para que mantenha sempre o espírito elevado e a saúde também.

Grande abraço fraterno.

16 de abril de 2020

Saúde e paz, meu Amigo,

Terá a humanidade a capacidade de reorganizar a escala de valores?

E, se o fizer, quanto tempo vai demorar a esquecer o que aprendeu?

A História mostra que os ciclos se foram repetindo em lições sucessivas, aprendidas e esquecidas.

«Na mão de Deus, na sua mão direita,

Descansou afinal meu coração...»

Haja esperança que seja por bem.

Um abraço fraterno.

17 de abril de 2020

Caro amigo José,

Não sou capaz de prever o futuro da Humanidade. Mas tenho esperança e fé em Deus! Concordo com as suas questões porque são pertinentes. Mas visualizando o percurso da Humanidade, desde o tempo das cavernas, vejo

que fizemos uma gigantesca trajetória, ética, social, científica, política e cultural. O caminho evolutivo é tortuoso, árduo, extremamente complexo, porque Deus conferiu ao ser humano o poder do livre-arbítrio. Então fica a ideia de sermos sistematicamente escrutinados por uma lei do merecimento. Aprendemos muito devagarinho, se considerarmos uma escala milenar, onde as mudanças acontecem muitas vezes por intermédio da dor. Já somos cerca de sete biliões de almas.

Permita-me citar o filósofo de Oxford, Richard Swimburne, com 85 anos, que dedicou a sua obra à existência de Deus, e no seu livro *Evolution of the Soul* (Evolução da Alma) refere que: «Quatro mil milhões de anos de evolução da alma produziu no Homem, uma interação contínua entre o corpo e a alma. A alma humana é mais dependente pelos seus desenvolvimentos

dos seus próprios estados do que a alma dos animais, pois tem crenças e desejos complexos guardados e alterados de acordo com outras crenças e desejos». O curso da História tem o seu ritmo próprio, neste jogo de múltiplas representações que convencionámos chamar de evolução. Relembro Fernando Pessoa, no seu poema dedicado ao rei D. João I: «O homem e a hora são um só quando Deus faz e a história é feita». Essas representações sucedem-se por via de um livre-arbítrio coletivo que determina o ritmo da História da Humanidade.

Como estamos em confinamento, temos mais oportunidade de refletir e, portanto, estamos à vontade para uma troca de ideias sem compromissos, porque sou simplesmente mais uma alma entre sete biliões!!! Entretanto, vou também revivendo o tempo das caravelas,

dedicando o meu tempo a recolher dados sobre a construção naval dessa época.

Grande abraço.

19 de abril de 2020

Bom dia, Carlos,

A propósito de caravelas, veja a viagem em que nos metemos... e depois, a falar, podemos sempre ir esclarecendo o que expressámos menos precisamente; a escrever, correm-se mais riscos de interpretação. Mas, como estamos por bem, vamos a isto.

É certo que, se no tempo de Espártaco, alguém afirmasse que o voto de um patrício valeria tanto como o de um escravo, para escolher os dirigentes da nação, rir-se-lhe-iam na

cara, e hoje, nem concebemos que possa ser de outro modo. Evoluímos.

Mas todos?

Veja o que acontece ainda em vários países em que Deus é substituído por um pançudo qualquer, que as pessoas veneram de modo que nos parece alienado.

E veja-se ao que se chegou nos tempos recentes do nazismo hitleriano... que bebeu ideias noutros pensadores da altura.

Parece haver uma contradição… ou o princípio de que as pessoas são todas iguais é um mito? Ou apenas no conceito divino somos todos irmãos (o que não nos faz iguais), e a todos deve ser dada a mesma oportunidade (o que não nos faz iguais)?

O livre-arbítrio, considerado entre as dádivas maiores do Criador, permite-nos que ascendamos

a limites longínquos ou que mergulhemos em abismos.

Assumindo esta realidade, devemos pensar na média quando pensamos em evolução?

Ou:

- já no tempo de Espártaco havia alguns que ousavam pensar na «igualdade do homem»;

- já em tempos de Hitler havia alguns que ousavam pensar na «igualdade do homem»;

- ainda hoje, nas terras dos ditadores endeusados, há alguns que ousam pensar na «igualdade do homem».

Mas isso, sendo assim, prova que há homens diferentes e, se assim é, não são iguais.

Um abraço.

20 de abril de 2020

Caro José,

Agradeço-lhe o retorno da nossa conversa. De facto, quando escrevemos, verificamos, muitas vezes, que o discurso escrito é diferente do discurso falado. Falando, temos sempre a oportunidade de verbalizar as ideias de forma mais espontânea. Escrevendo, exige um processamento da linguagem que seja capaz de converter em códigos as ideias.

Penso, por um lado, que existe a evolução da Humanidade, como um todo, a evolução dos Estados ou sociedades, e a evolução da alma individual. A evolução individual influi na evolução familiar, esta influi na evolução da sociedade, esta, na dos Estados, e estes, na da Humanidade. A igualdade entre pares, conforme refere, é um mito, se não contextualizarmos: Deus criou as almas humanas, entre todas as coisas, e conferiu-lhes o livre-arbítrio. Até aqui

somos iguais! A partir do momento em que cada alma fez uso desta bênção de Deus, então acabaram-se as igualdades. Por isso concordo plenamente quando diz que o livre-arbítrio permite que ascendamos ou mergulhemos no abismo. Mas concebo também esta liberdade coletiva, ou seja, os diversos países do mundo terão o seu próprio livre-arbítrio coletivo, assim como o planeta Terra também terá o seu, comparativamente com outros mundos habitados (até ao momento desconhecidos, mas que intuímos existirem, e em concordância com os desígnios da ciência). Penso então que a evolução da Humanidade não segue um trajeto linear, mas composto por momentos históricos com altos e baixos, tal como na nossa vida: caímos e erguemo-nos. É um longo caminho de aprendizagem feito de ascensões e de mergulhos, consoante o uso do livre-arbítrio. Se ousássemos

elaborar um gráfico onde se representassem esses pontos altos e baixos, para a evolução da Humanidade, identificaríamos, muito provavelmente, uma miríade de pontos, uns, mais acima, outros, mais abaixo. Seguidamente, se aplicássemos a esses pontos uma regressão ou uma curva de tendência, penso que visualizaríamos uma curva ascensional, cujo raio de curvatura desconheço por completo. Não consigo conceber este mecanismo evolutivo sem a crença na imortalidade da alma, tema que tenho trabalhado diariamente. Aproveitando este confinamento, busco nas fontes filosóficas clássicas, as diversas sensibilidades sobre o tema, que vou reunindo em textos resumo na seguinte página do *Facebook*:

https://www.facebook.com/godechaux.turout.7

Revejo-me nas suas palavras que, identificando visões diferentes, convergem mutuamente. Grande abraço.

P.S.... e já agora deixo-lhe a sugestão de me tratar por «tu»! Já nos conhecemos há muito e não vejo razão para não ser assim.

22 de abril de 2020

Saúdo-o/te e começo por me explicar.

- Como a conversa inicial se foi alongando, e o *correl* (vou passar a usar este termo para abreviar «correio eletrónico», por considerá-lo muito mais acertado que *e-mail*… que significa isto mesmo) pode tornar-se confuso, pensei em transcrever as nossas cartas para documento de texto, para que a sequência se torne mais clara. O

correl acaba assim por ser promovido: de texto a carteiro eficiente.

- A tua sugestão final: tenho alguma dificuldade em converter o tratamento das pessoas para «tu», mas a proposta é lógica e vou tentar a adaptação.

- Tive conta no *Facebook* há vários anos, pelo período de uns três meses. Eliminei tudo o que foi possível, e cancelei depois a conta. Deixei de ter, pelo que não conseguirei acompanhar o teu pensamento por aí.

- E agora, o tema central: pensei nos teus argumentos, e ocorreu-me a probabilidade teórica da reencarnação. É curioso que as principais tendências que nela se baseiam apontam para um permanente retorno à vida terrena, para permitir irmos atingindo níveis superiores de aperfeiçoamento através da eliminação do karma (de forma simplista, ir

pagando pelo mal que fizemos antes, redimindo-nos). Se optarmos por nos irmos aperfeiçoando, cada vez menos teremos de retornar, porque fomos atingindo níveis de bondade mais elevados.

Ora isto suporta, de alguma forma, o teu conceito de elevação, de nível individual até ao mais abrangente e coletivo. Mas – ai os meus «mas» - julgo que, sem dúvida, filhos do mesmo Deus, irmãos portanto, mas quanta diferença entre Cains e Abeis!

Compete a Abel incentivar permanentemente Caim a elevar-se? Ou qual é a melhor via?

Ou, livres, cada um é exclusivamente responsável pelos seus atos?

Irmão em Deus, José.

22 de abril de 2020

Meu caro amigo José,

Como compreendo a questão do tratamento por «tu»! A nossa educação assim o determinou, e por vezes não é fácil, mas penso que assim ficaremos mais libertos. Quanto à minha conta de *Facebook*, tem apenas sete inscritos, sendo dois deles meus filhos... mas, honestamente, não pretendo muita gente (a bem dizer, estou confinado, até mesmo neste projeto), pois considero que o tema da imortalidade da alma tem muita profundidade filosófica, o qual interpreto de forma muito eclética, sem compromisso com esta ou aquela tendência religiosa, fundamentalmente pela tradição filosófica, com o objetivo de identificar pontes, ligações, encontros... Assim, claro que este tema se identifica com a existência de Deus, reencarnação, pluralidade dos mundos, livre-

arbítrio e evolução moral, e por esta via vem o perdão, a caridade e a fraternidade. Então creio que Abel e Caim se reconciliarão um dia, por via da evolução moral, consentânea com a bondade soberana de Deus!

Aproveito para te dar a conhecer os títulos dos textos que estão no *Facebook* (o domínio é público, pois não tem segredos, sem vídeos nem folclores), tratando o tópico da imortalidade da alma sob as diferentes perspetivas filosóficas e teológicas, desde pagãos, agnósticos, muçulmanos, judeus, espíritas, cristãos, ao longo da história do pensamento. O texto 15 está presentemente em estudo e análise, face ao interesse que tenho em abordar a imortalidade da alma e reencarnação à luz do judaísmo e, muito particularmente, o *Portal das Reencarnações* do Rabi Hayyim Vital (1543-1620). Eis então os títulos dos textos resumidos:

1- Obras introdutórias: a tradição filosófica nas raízes da filosofia espírita.

2- Imortalidade e incorruptibilidade da alma no *Fédon*, de Platão (séc. V-IV a. C.).

3- A imortalidade da alma na *Monadologia*, de Leibniz (1646-1716).

4- *O V Concílio de Latrão (1512-1517): a posição dogmática da igreja sobre a imortalidade individual da alma e a doutrina* de Pietro Pomponazzi (1462-1525).

5- *Meditações metafísicas*, por René Descartes (1596-1650): o conceito cartesiano de alma.

6- A obra de Henry More (1614-1687): *a imortalidade e a independência da alma do corpo terrestre*.

7- Emanuel Swedenborg (1688-1772): o estado da alma após a morte.

8- Marsilio Ficino (1433-1499): um neoplatónico da renascença na conciliação do cristianismo com o platonismo.

9- Imortalidade e ressurreição de Cristo nos evangelhos gnósticos.

10- Santo Agostinho (354-430): a natureza da alma humana no pensamento de um pagão convertido ao cristianismo.

11- A *IV Enéada*, de Plotino (204-270): uma genuína inspiração sobre a natureza da alma.

12- *A incorruptibilidade da alma no tratado do Homem*, de S. Tomás de Aquino (1225-1274).

13- Kitab al-tuffaha - (*Liber pomo* ou o *Livro da Maçã*): a importância do conhecimento no outro mundo na tradição muçulmana medieval.

14- A imortalidade da alma como postulado da *Crítica da Razão Prática*, de Immanuel Kant (1724-1804).

15- A imortalidade da alma na tradição judaica: a crença na vida depois da morte e nas vidas passadas (Fontes: Rabbi Elie Kaplan (2001), *Does the soul survive? A Jewish journey to belief in afterlife, past lives and living with purpose*, Northvale: Jason Aronson Inc.; Sha'ar ha Gilgulim (*Portal das Reencarnações*, o conceito de reencarnação reunido pelo Rabi Hayyim Vital (1542-1620), que reuniu os ensinamentos do seu mestre Isaac Luria (1534-1572).

Será mesmo que a nossa alma é imortal? Se for, como opera sem corpo?

Amigo José, devo dizer-te que sem «mas» não há dialética, e portanto, como andamos todos a aprender, o melhor é duvidar para arrumação das ideias (quando se deixam arrumar!). Espero não maçar, votos de confinamento tranquilo, em

paz e na graça de Deus, deixando um fraterno abraço.

25 de abril de 2020

Bom dia de São Marcos, Carlos.

Porque é que, de repente, me senti ignorante?

E o que eu tenho tentado para aprender alguma coisa! Estudava yoga aos 14 anos; fazia experiências de hipnotismo aos 18; organizava sessões de espiritismo aos 19; comecei a estudar os livros fundamentais das religiões aos 20 (vou a 60% do *Alcorão,* e já tenho a *Tora* pronta para a leitura); tenho o *Livro dos Médiuns*, à mão, ao lado de outros, de um sacerdote jesuíta, que o contestam; frequentei cursos de parapsicologia, de Óscar Quevedo; e cursos sobre o poder da mente, de Lauro Trevisan e outros; li sobre

metapsíquica e espiritualidade, ah! e ando a ler sobre Freud e a sua psicanálise, que também foi sempre evoluindo… traçando apenas uma diagonal breve, para chegar sempre à conclusão que tenho de procurar, procurar, com o receio de nunca obter uma resposta indiscutível.

E agora, chega-me toda esta lista bibliográfica. É certo que conheço vários dos autores referidos… mas não li ainda nenhuma das obras citadas, com o sentimento bem humano de que não terei tempo de as ler todas.

Mas diz-me uma coisa: dos livros referidos, parece-me que alguns estarão escritos em «português do Brasil». Da lista que me facultaste, sabes, por acaso, (sem teres de pesquisar uma a uma), quais as que estão em português continental? É que, destas, as que estejam livremente acessíveis em plataformas

digitais, eu posso propô-las para fazer parte do repositório da Bibliotrónica Portuguesa.

Vou prosseguir a caminhada, cuja meta, em contraste com o tempo disponível, me parece cada vez mais longínqua.

O caminho para Deus é que julgo ter já encontrado, embora continue a busca.

Fica com Deus (expressão de saudação que era comum na minha terra, Manteigas, Serra da Estrela).

27 de abril de 2020

Amigo José,

Carpe diem! Temos muito para conversar. Mas vou esforçar-me em economizar nas palavras para não ser aborrecido. Ignorância? Sócrates deixou a máxima: «Só sei que nada

sei!». Mas esse espírito elevou-se! Ambos temos o mesmo sentimento. Por isso buscamos. Às vezes, a minha ignorância até me cansa, mas ainda assim, busco. A ignorância e a incompreensão são dois grandes males da Humanidade. Mas há uma grande diferença entre o ignorante que busca, o ignorante que se acomodou com essa condição, e o ignorante que pensa que sabe tudo! O filósofo Hegel (1770-1831) dizia que as verdades são mutáveis, e por isso é necessário analisar a dinâmica do processo histórico, através da filosofia que confere amplitude à consciência. E Buda deixou-nos aquela máxima: «O caminho é a meta». Então precisamos desta busca contínua como alimento.

Do percurso que fiz, ainda ando com a filosofia espírita, desde a partida de minha mãe, quando tinha 18 anos. Aos quinze tive um episódio espiritual complicado. Em verdade,

encaro mais esta doutrina como uma filosofia de vida, e é nesse contexto que a estudo.

Como estamos confinados, não posso frequentar a Biblioteca Nacional onde passei muito tempo à conta do Cristóvão Colon. Encontrei uma alternativa, livre, sem custos e muito prática: o *Internet Archive*. Trata-se de uma base de dados imensa, com inúmeras obras, em todas as línguas, onde se podem descarregar muitas obras em PDF; algumas são emprestadas por 15 dias, para leitura no computador. Na busca que tenho feito para compor cada texto sobre a imortalidade da alma, maioritariamente são obras em inglês, depois em francês e castelhano. Mas existem imensas obras em português, e algumas são preciosidades, em diversos domínios do conhecimento, particularmente na literatura e história de Portugal. Sugiro que faças uma pesquisa para

veres o que poderá interessar, e certamente irás encontrar muita coisa. Por exemplo, começar por pesquisar por autores e depois por áreas. Quando consultei isto pela primeira vez, confesso que me perdi.

Caro José, fica na Graça de Deus, votos de boas pesquisas, e sempre com esse espírito de busca. Abraço.

30 de abril de 2020

Ora viva, Carlos,

Sorri com gosto com a leitura da tua última carta, e já explicarei porquê.

Mas antes, vamos a umas notas prévias:

- Se gostas de História (e as primeiras, no caso, sobre religiões e filosofias), e conseguires (ainda) arranjar cerca de meia hora para cada

palestra, sugiro que pesquises «agora, agora e mais agora». Irás parar ao *Público* e a uma coleção de *podcasts*. Começa pelo primeiro (escondido no primeiro ecrã), datado de 21 de março. O episódio introdutório é algo explicativo, mas prepara a entrada no segundo, já com conteúdo estruturado. Vai-os levando seguidos; eu andei a saltar, mas o meu sobrinho informou que faz sentido ouvir seguidos: e é.

- Desde o início aderi ao Novo Acordo Ortográfico; fui mesmo frequentar um curso de formação para me inteirar dos pormenores. Eram muitíssimo mais as coisas com que concordava do que aquelas que me «arranhavam» um pouco. E sobre a matéria, o que lamento é que não tenham ido muito mais longe: exemplos? J e G, com som de J. Leituras do X; S e Z… talvez estes sejam os casos principais, mas a que juntaria ainda o S e C.

Língua é o que falamos; ortografia é o que transcreve para um suporte visível a língua, e que, no meu entender, deve ser ferramenta fácil que não exclua quem não tem ideia do que era latim, árabe, grego, dialetos germânicos e outros. Quando só sabia ler e escrever o tabelião e o letrado, enfim, que se entendessem lá com os latinórios, mas se deve ser um instrumento para todos…

É fácil definir a escrita ideal: pedir a uma criança, que esteja a aprender a ler/escrever, que empiricamente vá definindo os princípios. Mas, que fique claro que não estou a afirmar com isto que não se definam regras… mas que não devem ser como algumas leis que, de tão obtusas, a maioria das pessoas tenha o instinto de não cumprir.

Mas isto pode ser, só por si, matéria para discussão longa.

Vou agora ao tema da última conversa, repetindo que sorri com gosto.

Conheço o *archive.org (Internet Archive)*; estou inscrito; já carreguei um livro interessante sobre o *Caminho de Ferro do Lobito*, que me veio aos olhos… e não está descartada a hipótese de vir a carregar mais… que ando a rever. Além disso, ando a fazer lá um trabalho de pesquisa sistematizada sobre os correspondentes de Ferreira de Castro, para inclusão na Bibliotrónica Portuguesa.

Por tudo isto, sorri com gosto, por termos ido parar ambos ao mesmo oásis.

Depois foi a citação que fizeste, de Sócrates: «Só sei que nada sei!». É que sei (dos *podcasts* que ouvi) que outro filósofo comentou adicionalmente dizendo: «e eu nem isso sei...».

E onde já vai a conversa, e nem comecei ainda.

A tua dissertação sobre os ignorantes está completa… mas o prazer que dá a busca! Acabei o livro sobre Freud; comecei de seguida um (que uma colega me deu, porque fez obras em casa) sobre filosofia… descubro que, sobre dialética materialista… que o autor, Politzer, escreveu um ensaio… a contestar a Teoria da Interpretação dos Sonhos de Freud… autor que, descubro, foi fuzilado pelos nazis na ocupação de França… enfim, sempre descobrindo que não sei nada, mas sempre com fome de ir aprendendo alguma coisa.

Organizei, há muitos anos, várias sessões de espiritismo, sob a orientação de *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec (Hippolite Léon Denizart Rivail); nunca me revelei como médium, mas sim um amigo meu que nem sabia bem porque é que estava ali. Algumas coisas muito surpreendentes nessas sessões. Já em

Lisboa, tive ainda alguns contactos com pessoas ligadas à doutrina. Depois, a parapsicologia trouxe-me outra visão hipotética da fenómeno-logia.

Já me alonguei.

Paz.

6 de maio de 2020

Caro amigo José,

Algum atraso nesta resposta, sem qualquer desculpa em particular, mas enquadrado nas tarefas rotineiras, intercaladas com uma ou outra preocupação filosófica, entranhadas no curso natural da História. Tento recolher e selecionar a informação e os factos sobre esta pandemia, e não tanto as notícias. Existem vários conteúdos em outros países que são muito interessantes

para compararmos e estabelecermos, nós próprios, a nossa ideia sobre o que se vai passando. A previsibilidade da verdade é complexa, mas acreditar em tanta notícia e tabloide torna-se um massacre. Sempre gostei de mastigar a sopinha, mesmo a mais apetitosa. Faço diariamente uma atualização de uns gráficos que não vi em lado algum: a relação do número de doentes em Unidades de Cuidados Intensivos e o número de mortes por COVID-19. Isto parece uma parvoeira, mas um amigo, que tem a tua idade, acabou por me suscitar esta curiosidade, perguntando-me: «Se eu cair numa UCI por COVID-19, qual é a minha probabilidade de sobrevivência?». Pensei: que pergunta pertinente com resposta complicada! Procurei e nada. Então, comecei a fazer raciocínios, com base na tal recolha de dados e factos.

Segui com atenção a sugestão dos *podcasts*. Tenho ouvido sequencialmente, como sugerido. O teu sobrinho é o Rui Tavares? Ótimo divulgador, comunicador e dotado de honestidade intelectual (qualidade rara nestes tempos). Fiquei parado naquele *podcast* que refere o Al-Farabi, considerado o fundador do neoplatonismo islâmico. Um tema que me interessa bastante, no contexto da imortalidade da alma. Levo oito anos de estudo da língua árabe (mas ainda é muito curto), pela qual me apaixonei. Afinal a língua portuguesa tem cerca de 18000 palavras arabizadas, conforme se pode constatar pelo trabalho de Adalberto Alves, *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa*, edição da Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 2013. Precisamente na página 143, vem referido o substantivo *alfarrábio*, «do antropónimo Al-

Farabi, apelido de famoso filósofo árabe (870-950); livro antigo ou volumoso; cartapácio».

Muitas palavras árabes e a sua relação com as portuguesas são autênticas maravilhas semânticas. E depois existe a tradição árabe que traduziu as obras de Aristóteles e de Platão, e também o legado de conhecimento que passou dos árabes para o Ocidente, até ao século XV, uma vez que, a partir daí, entrou numa decadência muito estranha.

Sobre o Acordo Ortográfico, uma vez mais estamos sintonizados, pois também recordo, quando estava na Academia, foi lá uma professora da Faculdade de Letras explicar o novo Acordo. Isto já foi há uns 12 a 13 anos, e lembro-me de lhe perguntar por que razão não foram mais longe. Se este já foi o que foi, então se tivessem ido mais longe, o que seria!

Aquela máxima do Sócrates tem muitas histórias. Contava-se que, em tempos, na escola secundária em Santarém, um professor de filosofia colocou um texto de Sócrates num exame. Houve então um aluno, que não estava preparado, que escreveu o seu nome na folha do dito exame, e acrescentou: «Só sei que nada sei». Passados uns dias, o professor entrega os exames corrigidos e as respetivas notas. No caso deste aluno, o professor escreveu o seguinte comentário: «Só sei que nada sabes». De facto, o saber é relativo, pelo menos para a dimensão humana.

A doutrina espírita tem sobretudo um valor filosófico; na minha imensa pequenez, é assim que a vejo, essencialmente na sua dimensão filosófica. Tenho mesmo colaborado com uns artigos para o *Jornal de Espiritismo* da Associação de Divulgação de Espiritismo em

Portugal, com sede em Braga. Considero ser um projeto de pessoas íntegras, que procuram fundamentar esta doutrina sem religião, mas com religiosidade, sem a ortodoxia da ciência, mas procurando a sustentação científica, e com a abertura necessária para a reflexão filosófica. Quanto à mediunidade e comportamentos relacionados, tenho as minhas cautelas, porque a fronteira entre este fenómeno e o animismo é muito subtil. Depois temos de atender que Allan Kardec já escreveu as suas obras há cerca de 160 anos e, entretanto, a espiritualidade e o conhecimento vão evoluindo, sendo necessário contextualizar estes fenómenos no respetivo tempo.

Amigo José, fico por aqui para não abalar a paciência, apesar de supor que a tua é imensa. Um abraço fraterno.

10 de maio de 2020

Prezado Carlos,

Se o poder da mente tem o condão de ir concedendo o que intentamos, a mim não me tem faltado com concretizações: descobertas, aprendizagem, trabalho, interesses… e falta de tempo para realizar tudo… e coisas que se atrasam…

(Como há pessoas que se aborrecem em cada dia que vivem, por não terem nada que fazer?! Confesso que isso não estou interessado em descobrir).

Começo por um ponto, citando-te: «Se eu cair numa UCI por COVID-19, qual é a minha probabilidade de sobrevivência?» Bem… de acordo com os dados oficiais, serão 85%; a que conclusão é que chegaste?

A propósito: participo num inquérito diário de uma entidade acreditada, do Porto, sobre a pandemia; entretanto, vão fornecendo também as conclusões do inquérito; se vires que pode ter interesse para as tuas análises, poderei enviar-te o contacto.

O hábito de «mastigar bem a sopinha» aprendi-o logo em 1974, em tempos de revolução, e reforçado, mais tarde, porque também eu, por razões de bem maior (assim estava convicto) fabriquei notícias que tiveram repercussão nacional… e uma até, ibérica. Conheço, portanto, os bastidores… não só os do Teatro D. Maria II.

(O Rui Tavares não é meu sobrinho; foi o meu sobrinho Marcos que me informou sobre os *podcasts*). Continuo a ouvir com muito interesse. Já vou naquele sobre os *Quakers*.

Aprender árabe!!! Surpresa atrás de surpresa. Cá vai uma partilha: quando ouvi as informações sobre Al-Farabi, fui procurar na net «Lógica e Al-Farabi» e, surpresa: aparece-me um livro em PDF. Descarrego, entusiasmado, e, pouco depois vou abrir: estava em árabe. Deitei fora; se fosse hoje, ter-to-ia enviado.

É claro que já fui passear os olhos pelo *Dicionário de Arabismos*: já enviei a uma amiga de História, e vou propor a ligação à Bibliotrónica Portuguesa, para divulgação. Ótimo trabalho.

Sobre espiritismo… quanto a dizer e buscar! (reparo que só nos metemos em assuntos que merecem estas expressões).

A propósito, ou despropósito: ando a rever um «livro» de diários (ligeiramente camuflados) dum antigo professor meu, dos tempos de colégio: sacerdote católico, visceralmente contra

o celibato imposto; por razões várias, incapaz de pedir a dispensa de ordens… e que se apaixona perdidamente… mas que tudo faz para cumprir os votos jurados. Imagina a angústia! Mais uma matéria que, só por si, requer um aprofundamento analítico.

Ei!, Onde isto já vai!

Li um artigo interessantíssimo, *Que Língua Falava Afonso Henriques*, de Marco Neves. Deduz ele que estava já longe do latim vulgar, embora dele tivesse evoluído, e que a linguagem corrente, que carecia ainda de regras que a uniformizassem, se falava na Galécia, território que abrangia o que é hoje Galiza e Norte de Portugal. A pouco e pouco, que o tempo não se detém, foram evoluindo para português e galego, conforme as influências sofridas. Com a conquista, a sul, de terras muçulmanas, naturalmente se tornou permeável a novos

termos, arranhando a unidade inicial. As pressões de domínio influenciaram também os nossos irmãos do Norte, conduzindo a uma deriva progressiva. Vertida em escrita, logo durante os primeiros séculos da nossa portugalidade, serviu de suporte documental e a literatura, de que D. Dinis é referência, como poeta.

A saudade, a genética, o ventre comum, levou a que, séculos mais tarde, tivesse emergido o denodo de invocar o longínquo mas presente galaico-português. É matéria que me entusiasma particularmente e que estimula a minha fraternidade com as gentes da Galécia, tão semelhantes na busca quase inconsciente da origem comum. Refiro, a propósito, que há uma estátua (busto), em Santiago de Compostela, de Ricardo Carvalho Calero, filólogo e escritor galego, primeiro catedrático de Língua e Literatura Galega, que escreveu (citando do

pedestal do monumento): «A fala da Galiza, o português de Portugal, o português do Brasil e o português dos distintos territórios lusófonos formam um único diassistema linguístico, conhecido entre nós popularmente como galego e internacionalmente como português.»

E, a propósito: em viagem na Galiza, encontrámos um mural gigantesco onde se lia, entre os brasões dos lugares citados, que o galego se fala na Galiza, em Portugal, Brasil, Açores, Madeira, São Tomé e Príncipe… e tudo, tudinho até Timor.

E, já agora: num festival de canção galega, em Viveiro, o tema vencedor foi *Fado*, cuja letra era parte em português e parte em galego, e a música, uma parte em estilo de fado e outra em valsa lenta com doçura da sonoridade dos irmãos de Finisterra. Não esqueço aquela noite mágica,

em que o sentimento de unidade era quase tateável.

E mais não digo, senão acabo fazendo desfilar as histórias todas.

Abraço cordial.

12 de maio de 2020

Caro amigo José,

Para começar, nem de propósito, o artigo de Marco Neves. Tinha acabado de o enviar via *WhastApp* para um grupo de amigos que fizeram recentemente comigo o caminho de Santiago, que sai de Braga, passa pela Portela do Homem, segue para Lobios na Galiza, volta a entrar em Portugal por Castro Laboreiro, entrando novamente na Galiza, pela aldeia raiana de Alcobaça, no concelho de Melgaço, até

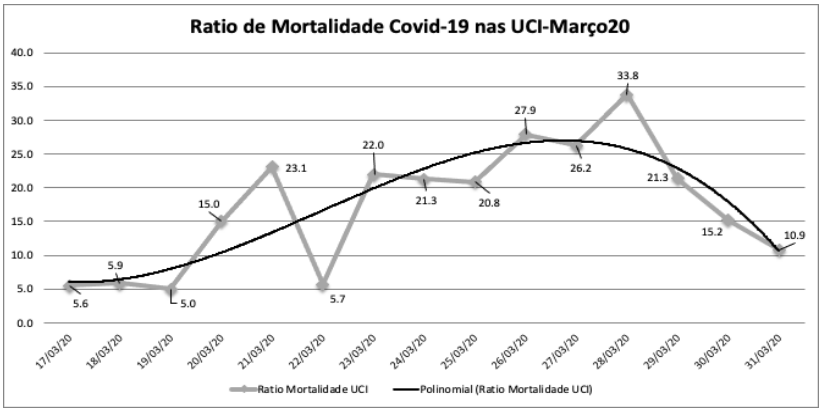
finalmente a Santiago. Em Compostela sinto-me em casa! Já fiz este caminho, chamado da Geira-Minhoto Ribeiro, duas vezes. É amplamente maravilhoso, natural, virgem, puro, mas o mais difícil que fiz até hoje. Tem uma altitude total acumulada de cerca de 7000 m e uma distância de 248 km. No passado abril tínhamos preparado o caminho de Santiago desde o Porto, sempre pela costa, mas a pandemia estragou tudo. Um desses amigos é natural de uma aldeia galega, a norte de Ribadavia, chamada Béran, e é um grande ativista na promoção deste caminho. Este amigo é produtor de vinho galego, conhecido pelo nome de Ribeiro, sendo assim natural que esteja interessado na promoção deste caminho, pois passa na sua terra.

Gosto de entrar num café ou tasca dessas aldeias galegas, para ficar somente a escutar aquela língua na sua versão mais popular. Ora

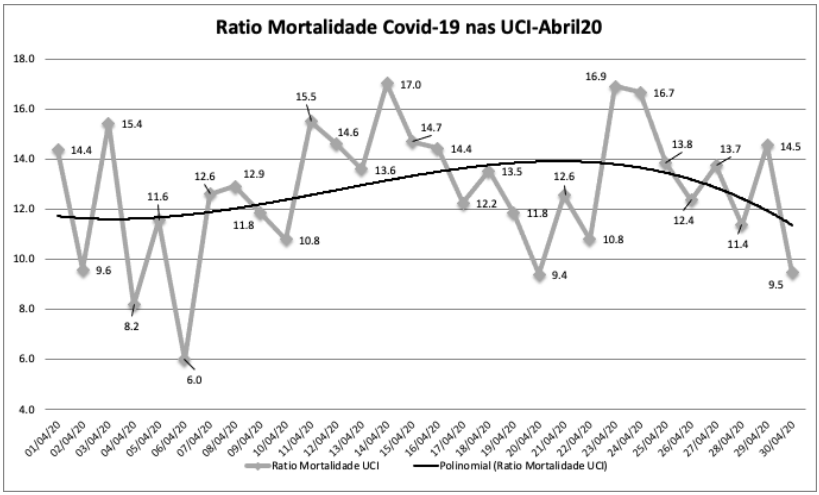
quem faz o caminho de Santiago tem imensas oportunidades dessas. Recordo uma ocasião em Cée, a caminho de Fisterra ou Finisterra, quando fui jantar ao restaurante com outros dois peregrinos, um dinamarquês e uma húngara. Aparece um jovem dos seus 16 anos, que servia à mesa. Comecei a falar com ele em galaico-portunhol, traduzindo do inglês, em auxílio dos dois forasteiros, para decidirmos sobre o que comer. Ele seguia-me com muita atenção, e ria-se muito espantado, até que me disse: «Mas tu sabes falar galego!». Claro que acabei por me rir também, pois o rapaz talvez nunca se tivesse apercebido da irmandade gemelar entre as nossas línguas. Gostei imenso do artigo do Marco Neves!

Quanto à sobrevivência dos doentes nas UCI, as minhas contas, baseadas nos dados fornecidos pela Direção-geral de Saúde, não fogem muito

das informações oficiais, mas ainda não vi como fazem esses cálculos. Segundo o método que segui, a média de 17 de março até ao dia 12 de maio é de 86.4 %, e para tal elaborei uns gráficos simples que relacionam as mortes diárias com o número de doentes em Cuidados Intensivos, e que mostro de seguida. As linhas a preto mostram a tendência, aplicando uma regressão através de um polinómio de 3.º grau, para se ter uma imagem mais límpida da evolução destes dados. É interessante concluir que a probabilidade de sobrevivência é considerável, assinalando que nos gráficos está a probabilidade de morte por COVID-19. Naturalmente que gostaríamos de obter valores de sobrevivência na ordem dos 100%, mas a vida em si mesmo é um rol de probabilidades, face aos riscos a que estamos submetidos no quotidiano. Mesmo assim, a esperança de vida avança.



Comparando as duas curvas, verifica-se que, em março, esse valor subiu consideravelmente até ao dia 28, decaindo até final deste mês, e revelando uma certa estabilidade durante abril (posteriormente foram elaborados os gráficos referentes aos três meses seguintes. A média da probabilidade de sobrevivência baixou em maio de 87,3% para 86,7%; e em junho e julho aumentou para 91,5% e 92,0%, respetivamente).



Estes gráficos surgiram porque queria responder com mais precisão ao meu amigo, que é engenheiro e exigente, apesar de aparecerem múltiplos gráficos sobre a COVID-19, congregando outros dados, embora muitos deles, de leitura pouco acessível ao comum dos cidadãos.

Há dias encontrei, no *Internet Archive*, mil páginas de uma revista de espiritualidade (tomo IV), publicada em 1861, por Z. J. Piérart, e

intitulada *Revue Spiritualiste: A l´étude des facultés de l'áme à la demonstration de son immortalité* (Do estudo das faculdades da alma à demonstração da sua imortalidade), o que, de facto, testemunha o grande interesse dos estudiosos do século XIX na busca da compreensão das dinâmicas da alma. Não é uma obra exclusiva da filosofia espírita, mas trata sobretudo dos fenómenos mediúnicos e psíquicos, tendo sobretudo um interesse histórico no quadro do progresso do conhecimento.

Parece-me que cada um vive o seu próprio sacerdócio, em dimensões diferentes, tal como o teu professor viveu a angústia entre o cumprimento formal dos dogmas católicos e a sua própria vontade de amar sem condicionantes. Recordo os meus 33 anos de vida militar, sempre sujeito aos princípios e regras da instituição castrense, diria, dos dogmas militares, e quantas

vezes parei para pensar sobre as razões de ter sido assim? Por vezes a coisa pesava! É esta infinidade de caminhos percorridos pela alma que nos vai pondo à prova, e faz sentir que não somos verdadeiramente livres. Não falo da liberdade de expressão, pois essa é manipulável e manipuladora, mas refiro-me à liberdade da alma, o pensamento sem fardas de qualquer tecido, cor ou forma, essa liberdade limpa de «ismos», que vai nua e sem corpo. Até lá, cada um vai vestindo e despindo o pensamento para que se ajuste à performance de cada palco. Isto é assaz complexo! Bom, tenhamos refúgio em Deus. Um grande abraço e bom caminho.

16 de maio de 2020

Carlos, caixa de surpresas,

Começo inopinadamente: conheci ontem, através do *Agora...*, Léon Daudet, filho de Alphonse Daudet, e que casou com uma neta de Victor Hugo. Como é que, com este prólogo, o homem se ia tornar um monstro social? Dá que pensar, tendo em conta as coisas em que acreditamos. Não imaginava.

Regressemos agora.

O Caminho de Santiago é um dos sonhos que ficará por realizar. Um amigo – talvez conheças – António Lobato, que foi piloto da F.A., uns 13 anos mais velho do que eu, desafiou-me, ainda eu estava a trabalhar, a fazer o Caminho. Não conseguimos compatibilizar datas de disponibilidade comum. Mais tarde, fui eu que o convidei, mas usando a bicicleta (não sei se já te disse que sou um dos três sócios fundadores da Federação Portuguesa de Cicloturismo e Utilizadores de Bicicleta). Ele não se atreveu, de

bicicleta, e porque a idade… Agora sou eu que já não sinto ousadia que baste na coluna e articulações. Mas na nossa última visita (desta vez, pormenorizada) a Santiago, voltei a olhar, com sentimentos de admiração e desejo de imitação, os grupos de peregrinos com os quais nos fomos cruzando, aqui e ali.

A propósito (ou sem propósito): conheces o livro *A Casa da Rua de Troia* de Perez Lugin? Reli-o aquando do regresso da viagem. Agradável, pelo retrato social de uma época, mas, desta vez, principalmente por nos conduzir pelas ruas que acabáramos de palmilhar.

E a língua! Temos histórias deliciosas, mas se me ponho a contá-las, isto passa a ser um monólogo, em vez de uma conversa. E as pessoas! Uma simpatia muito especial por nós, sinto.

Vi com atenção os gráficos que me facultaste; acompanhados pelos dados dos últimos dias, parece ser de ter esperança, mas a COVID, imune às virtudes teologais, com antagonismo declarado à caridade, pode decidir alargar o âmbito do seu reinado, entusiasmada com as medidas de desconfinamento, e voltar a tramar as estatísticas.

Cuidar-nos responsavelmente e confiar em Quem se pode parece-me ser a solução.

É evidente que já fui espreitar as 1004 páginas da Revista da Espiritualidade. Embora leia bastante bem o francês, este tipo de assuntos digere-se melhor na língua mãe. Irei voltar lá para, aleatoriamente, ir colhendo fruto aqui, fruto ali.

Quase sempre, em toda a minha vida, tive a sensação de que os dias deviam ter mais umas horas do que têm. Adaptando versos de Camões

«para tão grande amor, tão curta a vida»: «para tanto a fazer e aprender, tão...». E, com o escoar dos anos que passam, a aceleração aparenta ser maior.

Sabes que, à maneira que te fui conhecendo, fui estranhando a tua opção militar?! Acaba por ser um sacerdócio, ou mais uma das formas de missão terrena que nos conduza a patamares superiores de vivência espiritual.

Sobre a nossa vida terrena (e não por questões espirituais, confesso, mas mais por competências individuais), há muitos anos que tenho o conceito de que somos atores em várias peças de teatro a que vamos sendo chamados: estudante, funcionário, militar, enfermeiro, vendedor, agente de turismo, empregado de escritório, chefe disto e daquilo, cicloturista, professor, leitor, escrevinhador, corretor; até político (donde saí a correr logo que me apercebi

do que aquilo era). E, neste palco de mil cenas, há alguns que se revelam capazes de realizar com competência todos os diversos papeis/desafios a que são chamados; outros, só alguns deles; e os restantes, sabe-se lá porquê, demonstram não ter competência para desempenhar nenhum deles. Conheci de todos.

E já me alarguei mais uma vez.

Paciência!

Fica com Deus (expressão singela da minha terrinha).

19 de maio de 2020

Amigo José,

Estas nossas conversas tornaram-se, de certa forma, familiares. Em tempos que nos conhecemos, por circunstâncias relacionadas

com a dança, nada faria supor que, um dia, chegaríamos a trocar correspondência com profundidade de sentimentos, e abarcando temas tão diversos. A história de cada ser humano é uma história dentro da História, que tem muitos pontos comuns, mas comporta também muita singularidade. Estas formas tão peculiares, por vezes, surpreendem-nos. Numa das nossas primeiras conversas falámos sobre a evolução, e segundo creio, segue uma tendência, apesar de haver percalços pelo caminho. Refiro-me à história de León Daudet, que não conhecia. Fiquei um pouco admirado com o título do seu livro, *O Estúpido século XIX,* e com a análise depreciativa que o autor retrata sobre este século. É um tempo que estou sempre a descobrir, na ciência, nos inventos, na filosofia, na espiritualidade e na enorme convulsão social. Recordo um livro muito interessante sobre a

história do telégrafo, intitulado *The Vitorian Internet* (A Internet Vitoriana), cuja tecnologia de comunicação se revelou profundamente revolucionária. Muitos dos termos que hoje são utilizados na linguagem digital nasceram no tempo do telégrafo. Também o telégrafo morreu. A morte do filho de Daudet talvez explique muito do seu comportamento. Por vezes, nos momentos de maior agitação da consciência, penso que a vida é como o funâmbulo ou volatim que, segurando a sua vara, tenta atravessar o abismo, balanceando, balanceando. Ao mínimo descuido ou desconcentração, é engolido pelo abismo. A vara representa simbolicamente a formação ética e moral que possibilita reforçar os caminhos individuais. Nesses caminhos que leva a vida, operam-se muitas quedas, mas será que estaremos sempre preparados para recuperar de qualquer queda? Um provérbio chinês diz:

«quando caíres sete vezes, levanta-te oito». É essa vara de volatim que devemos agarrar com determinação, porque o abismo estará sempre a desafiar-nos. Há sempre aquele *daimon* ou génio que mantém aceso um diálogo interior que nos ajuda; porém, tantas vezes o esquecemos. Torna-se tão importante para o desempenho nos palcos da vida! Fizeste boa leitura da minha condição militar versus personalidade, confirmando aliás o que outros me têm dito. Foi uma contingência de missão ou depuração? Sei que não foi vocação, mas uma etapa existencial que teve de ser cumprida, em cujo palco fiz questão de ser ator de corpo inteiro, inspirado nesta passagem de Ricardo Reis: «põe tudo o que tens no mínimo que fazes».

Não conheço o livro de Perez Lugin, mas venham daí essas histórias da língua galega. De Santiago de Compostela guardo na memória dois

livros: o *Codex Calixtinus*, cuja autoria é atribuída ao Papa Calixto II (1065-1124) e *Prisciliano: um Cristão Livre*, de Victorino Perez-Prieto. Sobre Prisciliano (340-385) há muito para estudar. Os seus tratados foram publicados pela Imprensa Nacional Casa da Moeda em 2005. E vem aquela pergunta: Quem está sepultado na catedral de Santiago, o Apóstolo Santo ou Prisciliano? O *Codex Calixtinus* é um roteiro do caminho francês de Santiago, com saída em St. Jean-de-Pied-de-Port, na região dos Pirenéus Atlânticos, no sul da França. Em 2010, quando chegava a Santiago, depois de percorrer 603 km entre Burgos e Finisterra, fui em busca deste livro. Corri as livrarias da cidade e, quase em desistência, encontrei finalmente um exemplar numa humilde livraria onde, nessa altura, me comunicaram o roubo do original da catedral, nesse mesmo dia.

Um livro de valor incalculável e cujo desaparecimento configurava um dos maiores crimes da História da Humanidade contra o património cultural e artístico. Felizmente este livro original foi encontrado, um ano após a consumação do crime, em casa de Manuel Fernández Castiñeiras, um eletricista que trabalhou durante 25 anos na catedral.

Muito obrigado pelos textos das *Luzes do Saber*, com particular interesse, em *O Caminho dos Essénios*. São também interessantes aqueles agroglifos ou círculos nas plantações, que me sugerem a aplicação de técnicas da geometria sagrada, particularmente a proporção de ouro ou o número dourado (1,618).

Sobre o tempo que nos conforma as existências, há tanto para falar! Deixemos para o próximo diálogo: o tempo existe ou é uma invenção?

Grato pelas tuas dicas, fica na Graça de Deus, com um abraço fraterno.

26 de maio de 2020

Prezado Carlos,

Começo com a referência à visualização de um documentário da RAI, sobre a vida de jovens judeus em Itália, entre 1936 e 1945. Provavelmente, com mais ou menos pormenores, todos conhecemos já o que a História lhes foi reservando naqueles tempos… e noutros tempos; o que me leva, porém, a trazer o assunto para aqui é o choque que sinto sempre entre as conceções filosóficas que tenho acerca do Homem e o que a realidade do dia-a-dia evidencia.

Explico-me: em termos conceptuais, todos os seres humanos são filhos de Deus, irmãos, portanto, entre si: iguais, dedutivamente. Mas…

Mais uma vez constatei que havia polícias do regime que avisavam e protegiam judeus; que havia vizinhos e «amigos» que denunciavam judeus; que havia desconhecidos anónimos que se arriscavam para abrigar e proteger judeus; que havia outros que, por 30 moedas, até eram capazes de inventar e urdir para os condenar. Concluindo: os homens não são iguais.

É certo que Caim era irmão de Abel e, apesar dos comportamentos tão díspares, não deixaram de ser irmãos, mas sinto sempre alguma revolta interior quando penso que os merecimentos de uns devem ser diferentes dos merecimentos de outros.

Caminhos mais longos ou mais curtos a percorrer ainda por cada um???

E a justiça humana, a curto prazo, deve tratar ambos por igual?

Nunca me consegui livrar deste choque de conceitos. Mais ainda: penso, às vezes, que fui ludibriado, quando me disseram que «os homens são todos iguais». Julgo que, na altura, acreditei nisto de uma forma entusiasta, mas ligeira. Idade? Tempos de sonho? Ponto.

Vamos à tua carta.

No Léon Daudet, o que mais me impressiona não é que ele considere estúpido o século em que viveu, mas sim a alarvice das suas próprias posições públicas, como se quisesse ser ainda mais estulto do que tudo o que o rodeava socialmente.

E talvez esteja aqui, na tua carta, a resposta às minhas dúvidas e inquietações: a necessidade de termos de agarrar a vara que nos equilibra, e mantermos firmeza no desejo de nos

balancearmos, e acreditarmos que a barra dos princípios nos manterá sobre o fio… mas, a dúvida: terão todos a noção do que tu figuras tão bem? Será que a «competição» pessoal de todos e de cada um é o desejo de se manter equilibrado pela ética e valores superiores, ou a maioria continua apenas a creditar e procurar apenas o que vê e toca?

O livro de Perez Lugin é sobre Santiago universitária e estudantil. A casa na Rua da Troia existe (dei com ela sem querer) e é uma república da altura (pensão para os menos exigentes). Interessante, porque nos conduz pelas ruas e lugares que visitamos quando lá vamos, mesmo por outras razões.

As histórias: como já me vou alongando hoje, vou deixar para a próxima; espero lembrar-me. Não passam de curiosidades correntes.

Sobre Prisciliano já li bastante. Um dos livros acerca dele é de Alberto S. Santos, salvo erro, *O Segredo de Compostela*. Já sobre o *Codex Callistinus*, não sendo a primeira vez que o vejo referir, nunca li nada, a não ser breves referências… o que me traz uma questão que se vai repetindo na minha vida, ou melhor, na falta de horas dela, para aprender tudo o que gostaria.

E a tua pergunta «Quem está sepultado na catedral de Santiago» julgo que ficará sempre sem resposta, como tantas coisas ficarão, mesmo as que julgamos saber.

O mais perto que estive de Saint-Jean-Pied-de-Port, França, foi em Orthez, Irun, Pau, Pamplona, durante duas visitas que fiz ao Languedoc cátaro. Ando sempre a farejar os pontos de passagem assinalados do Caminho de Santiago, que, como penso ter dito já, terá de

ficar no «limbo» ou a aguardar uma não requerida nova encarnação.

Sobre «a proporção de ouro ou número de ouro (1,618)», tenho duas mesas na minha sala, que mandei fazer propositadamente com «a proporção de ouro ou número de ouro (1,618)». Há um livro ficcionado muito interessante sobre o assunto… a ver se me lembro: de José Luís Corral, *O Número de Deus*… mas não tenho a certeza. Julgo que o tenho na casa de Manteigas ou emprestado a amiga, mas estou a citar apenas de memória, pelo que não asseguro.

O tempo existe ou é uma invenção?

Boa questão para um reinício… mas que me falta, falta!

Com um sorriso e um abraço.

30 de maio de 2020

Meu prezado amigo José,

Que excelentes sugestões para a nossa conversa! Complexas, profundas, que desafiam as nossas incertezas. Temos de facto muitas coisas em nossa preocupação comum. Sobre os judeus, e segundo as minhas reminiscências, sinto que tenho algo em dívida para com este povo. Procuro, sempre que posso, estudá-los, e em 2013 visitei o *ghetto* de Veneza e as suas sinagogas. Gostei de deambular por aquelas ruas estreitas e sentir um pouco o espírito do judeu. Não perco uma oportunidade de visitar locais da sua presença. Dizem os espiritualistas que a clarificação das reminiscências aumenta na medida da evolução moral e intelectual de cada um. Ainda não tenho essas dimensões bem definidas, mas existem atrações na minha natureza que me puxam frequentemente para lá.

Por isso faz-me sentido a imortalidade da alma, a reencarnação e a pluralidade dos mundos hierarquizados. Se assim for, então Caim e Abel também estarão hoje numa dimensão mais evoluída. Leva-me a outra questão que confronta a justiça do Homem com a justiça divina. Custa-me entender que alguém que priva a vida a outrem, e que pela justiça do Homem seja condenado a perpétua ou à pena de morte, venha a ser definitivamente regenerado, sem passar pelas leis da justiça natural. E aqueles que se suicidam, após cometerem crimes horrendos, julgarão que se livram desses atos de barbárie, pelo facto de colocarem termo à vida? Não pretendo julgar, mas são temas extremamente difíceis para a plena compreensão humana.

Por vezes, tal como tu expressaste, também tenho as minhas revoltas, ou incompreensões mais intolerantes, mas o *daimon* anda sempre

sussurrando na consciência: «vê lá, não queres repensar esses impulsos»? É como tocar uma sineta, apenas para estimular o trabalho filosófico, sem deixar pistas, para que seja o próprio a trilhar o caminho. É preciso segurar bem a vara do funâmbulo! E como dizes, não somos todos iguais, em verdade, há múltiplos modelos e estilos no manejo da vara. Existe em permanência uma luta interior que nos fará engrandecer. Há um guerreiro dentro de nós que luta em sintonia com o Universo. A espada desse guerreiro é diferente em todos os guerreiros, na medida em que, muito provavelmente, segue uma lei de afinidades. E como somos todos diferentes, apesar de existirem afinidades, é difícil agradar a gregos e a troianos, visivelmente patente na expressão dos conceitos do Bem e do Mal. Ainda recentemente se apoderou de mim uma questão que tem tudo a ver com isto. Se não

for pelo princípio subjacente à evolução moral através da pluralidade das existências, qual a justiça divina em permitir que uns tivessem nascido em épocas históricas tão diferenciadas, em contextos de profundo sofrimento, em existências tão permanentemente ameaçadas, e outros usufruindo de momentos históricos mais estabilizados, de economias mais massificadas, e das conquistas da tecnologia e da ciência? Sem pluralidade das existências, como ficaria a evolução das almas dos pobres irmãos *Australopitecus*, *Cro-Magnon* e *Neandertal*, perante a justiça natural? Caro amigo José, não leves a mal todas estas perguntas, porque são apenas manifestações de quem humildemente não sabe responder, senão usando os mecanismos da perceção sensível. E os cátaros que tanto sofreram! Vejo que também te dizem algo especial. Também por aí andei, e mais tarde,

com os templários. Recordo que o Dr. Júlio Machado Vaz é um apaixonado pela heresia cátara, apesar de não ter lido o seu romance passado na Occitânia.

Não podia deixar de expressar o meu encanto pelas tuas mesas da razão de ouro, o que revela bastante o teu chamamento para estas coisas. É a série de Fibonacci que nos conduz ao número de ouro. Penso que esta grandeza é um código da natureza, entre tantos outros, revelador dessa linguagem matemática através da qual a criação de Deus se manifesta. Disse um matemático famoso, Leopold Konecker (1823-1891), evidenciando o valor da linguagem matemática: «Deus criou os inteiros; tudo o resto é trabalho do Homem». Para melhor visualização e compreensão da sucessão que gera o número de ouro, junto, de forma muito resumida, um quadro que traduz a obtenção desse valor:

Na segunda coluna temos a série de Fibonacci, e na terceira, o quociente entre dois

Primeiros três naturais para iniciar a série	Soma de duas parcelas consecutivas	Quociente dos dois valores consecutivos da coluna anterior	Notas
1	3	1.667	Inicia-se com 1+2=3
2	5	1.600	Depois 3+2=5
3	8	1.625	5+3=8
	13	1.615	8+5=13
	21	1.619	13+8=21
	34	1.618	etc...
	55	1.618	Razão de Ouro ou Número de Ouro=1.618
	89	1.618	
	144	1.618	
	233	1.618	
	377	1.618	
	610	1.618	
	987	1.618	
	1597	1.618	
	2584	1.618	
	4181	1.618	
	6765	1.618	
	10946	1.618	
	17711	1.618	
	28657	1.618	
	46368	1.618	
	75025	(...)	

termos consecutivos da sucessão de Fibonacci. A partir do sexto quociente, o valor obtido é sempre 1,618. Olho continuamente para este mecanismo aritmético com uma sublimidade poética. Parece que os números inteiros também conhecem a linguagem da poesia.

E para não me alongar, relevo que contei 26 vezes a palavra *tempo* nesta nossa correspondência, o que poderá indiciar uma preocupação comum com este conceito, e que afinal, poderíamos ter vivido muitas existências. E haveremos de ter tempo para falar mais sobre o tempo, essa entidade que não se vê nem se apalpa, apenas se deixa medir, graças ao Sol, à Terra, à Lua e à frequência do césio quando medimos a parcela do segundo. Como referiu Santo Agostinho, nas *Confissões*, Livro XI, Cap. XIV-XXXI: «um conceito que não existe, senão no nosso espírito».

Acima de tudo é um prazer descobrir essas tuas facetas, e meditar nestes assuntos tão entranhados, e por muitos estranhados.

Grande abraço e recebe os votos mais sinceros na Paz de Deus.

3 de junho de 2020

Que adjetivo, Carlos? Surpreendente…

E uma dúvida: por onde começar, com esta variedade e amplidão de temas?

Comecemos pelos prosaicos:

Vou estar um pouco mais de uma semana na santa terrinha: se falhar na próxima réplica, é porque não terei lá meios. Já me alertaram para os olhares de viés a que poderemos estar sujeitos, por sermos potenciais transportadores do malfadado vírus para terras de ar limpo.

Histórias na Galiza (sintetizadas).

I – Há muitos anos, chegámos à receção de um hotel em Camarinhas, quando havia ainda procedimentos diferentes entre nacionais e estrangeiros. O senhor que nos atendeu desfez-se em desculpas por nos estar a solicitar o fornecimento de elementos não exigidos localmente, porque, explicou ele, se sentia mais ligado ao Porto e a Lisboa que a Madrid, e custava-lhe ter de tratar-nos como estrangeiros.

II – Ainda não há muitos anos, corria um movimento, mesmo na Internet, preparando um documento a apresentar às Cortes de Espanha, reclamando autonomia do território de Toronho (faixa ao sul da Galiza), com inclusão em Portugal (pasme-se), com um estatuto semelhante ao das Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores (sic).

III – Numa das viagens à Galiza (antes dos GPS), perdi-me algures, e sugeri à Adriana que fosse pedir informações a um passante; ela sai, atravessa o larguito, vai ter com o homem e, passados segundos, começa a fazer-me sinais insistentes e com expressão aflita, para ir ter com eles. Encostei a viatura e fui a correr, explicando logo que éramos portugueses e estávamos perdidos. Resposta: «Cum caralho! Se sois portugueses, sois irmãos!» E a ladainha, com estes temperos, continuou entusiástica, com impropérios contra Espanha e os de Madrid, e salvas a Portugal, até que, finalmente, entre mais umas «carvalhadas», lá nos indicou a direção. A Adriana explicou-me depois que o vernáculo afetuoso tinha logo começado após a indicação da portugalidade.

«Tempo» era o segundo tema prometido. Por agora, sintetizarei, para evitar o alongamento que

o assunto promete. Penso que o tempo é o selo da finitude de quem o sente; se fossemos eternos e criados *ad se et per se*, duvido que o sentíssemos… e eu não teria falta dele. Encerro com uma citação de uma antiga médica de família – que, vim a saber depois, tinha a especialidade de psiquiatria, e com quem mantenho contacto esporádico, a nível pessoal – quando um dia, no início da consulta, me perguntou: «Então o que o traz por cá, José António?» Respondi: «Olhe, senhora doutora, a noção de não ser eterno»; logo ela: «Queria ser eterno?! Deus me livre de ter de estar a dar-lhe consulta daqui a 500 anos… ai não! Deus me livre!».

E, pensando bem, como evoluiríamos? E o mundo?

Pensei que éramos só eu e a Adriana com fixação em sinagogas e judiarias, para além deste

sentimento em relação ao povo judeu ao longo dos tempos. Começo pela que não visitei ainda: a de Belmonte, a 24 km da minha terra, porque dei sempre com ela fechada; mas, é claro, já andei pela judiaria e visitei o museu… e de tal forma que, no final, estivemos quase duas horas a falar com o indivíduo que fazia a receção, que, depois de troca de informação e ideias interes-santíssimas e abertas, com ar amistoso, acabou por levantar a boina basca, deixando ver a quipá, explicando que a tapava com a boina, para os visitantes não se sentirem «agredidos ou incomodados».

Para lá da de Lisboa, já visitámos a de Bordéus, onde falámos com o rabino (que nos atendeu pessoalmente, talvez porque na marcação da visita, com identificação prévia, falámos de Aristides de Sousa Mendes… e a Adriana é Mendes); curioso que, sobre o

Holocausto, deixou que falássemos mais do que ele fez. E as de Bayonne e Troyes, e… vou só falar de Trancoso, por causa do inusitado da situação: trata-se de um centro interpretativo, com sinagoga no interior. Na receção, uma rapariga cuja única preocupação foi garantir-nos repetidamente que não era de origem judaica. Com um sorriso que açucarei compreensivamente, demos-lhe uma pequena lição sobre o povo eleito, e acabei a dizer-lhe que eu tinha alguma suspeita de ser oriundo de judeus que teriam ido de Belmonte para Manteigas (trata-se de uma rudimentar probabilidade), e tinha muito orgulho nisso. Espero que a mocinha tenha suavizado a alergia. A propósito: em Manteigas está agora sinalizado o percurso dos vestígios judaicos… que já fiz acompanhando outras pessoas, uma delas, uma rapariga muçulmana a viver em França.

Uma História estranha, complexa e quase fatalista, a do povo hebreu.

A propósito: já leste o *Alcorão*? Vou a pouco mais de 60% e estou a criar uma opinião totalmente independente do que nos enfiam pelos ouvidos e olhos; como fiz com a *Bíblia* e com o *Livro de Mórmon* e vários outros (um dia, faço a lista completa).

Sempre à procura de respostas para perguntas e mais perguntas… e as pequenas descobertas ou respostas geram ainda mais interrogações do que as que já viviam em mim.

Sobre os cátaros (de quem tenho uma opinião muito positiva), já li ficção e livros documentais. Queria partilhar, mas não ocorrem os nomes agora.

Conheces a história do assalto das tropas do rei francês a Béziers?

E Montségur? Fiz o propósito de subir, em passo de corrida, desde a base do monte até ao castelo, para sentir o sofrimento do lugar. Fi-lo com determinação: a subida e a descida; para minha surpresa, a maior dificuldade que tive foi com as pedras que afloravam no caminho, muito polidas de tantos pés, que escorregavam perigosa e inesperadamente, obrigando a cuidados acrescidos… ah!, e na cobrança do ingresso de acesso, quase a meio da encosta, talvez lendo a minha expressão de pressa, fui enganado no troco (como «involuiram» os residentes!). Valeu a pena o esforço limite: deixou marcas que não fenecem.

Não sei qual o livro de Júlio Machado Vaz (fui ver a lista deles) que se passa na Occitânia.

Conhecia a tabela de Fibonacci mas, ou já me esquecera ou nunca tinha ouvido mencionar o cálculo do número de oiro a partir dos valores

dessa tabela. Bem hajas por mais esta. O prazer que me dá aprender!

Já li as *Confissões* de Santo Agostinho. Ando há anos para ler um ou dois livros de Santa Teresa de Ávila (vou omitir a falta de tempo, pronto).

Tenho de acabar, não é?

Apenas um tema mais a pairar: criação, ou *big-bang*, ou…?

Leste, por acaso, *A Fórmula de Deus*, de José Rodrigues dos Santos? E a *Fúria Divina*? E, se leste algum livro dele, que pensas dele como escritor?

Vou-me calar.

Quem tem uma grande satisfação em descobrir «este Carlos» sou eu. Quem diria? De um professor de dança e do responsável da atividade na AFA, até aqui…

Abraço amigo.

8 de junho de 2020

Meu caro amigo,

Por essas terras do interior que proporcionam a tranquilidade e comunhão necessárias para contemplar de perto a natureza. Abraçar todos esses arvoredos! Já fiz várias caminhadas por esses trilhos: Cântaro Magro, Cântaro Gordo e Cântaro Raso, Poço do Inferno, Covão d'Ametade, Penhas Douradas, Penhas da Saúde, Valhelhas; não esquecendo que a lua-de-mel do meu primeiro casamento foi também um dia em Manteigas (Abril de 1987), tendo almoçado no Serradalto. E depois cheguei a levar os meus filhos ao parque de esqui. Tudo isso é uma grande bênção!

As histórias da Galiza são fascinantes, e ficamos deliciados. As que me trazes lembram-me outras que vêm no mesmo sentido, porque há de facto uma identidade muito profunda entre os dois povos. Em 2014, na caminhada para Finisterra, chego a Triacastela e entro num pequeno café antes da aldeia. Está uma senhora ao balcão, chamada Remédios, com os seus 80 e muitos, e, atrás de si, uma estátua bem grande de Nossa Senhora de Fátima. Perguntei-lhe se foi um português que a ofereceu, e respondeu de imediato que não, pois tinha sido um estrangeiro que a tinha oferecido. Em Maio de 2010, chegámos ao albergue de Cée, chamado O'Bourdon (a 20 km de Finisterra). Comecei a falar com o rececionista em inglês e castelhano, para ajudar os outros dois peregrinos que me acompanhavam, um dinamarquês e a uma húngara. Mas quando lhe passei o B.I. exclamou:

«Mas tu és português! Foda-se! Já podias ter dito, caralho!...». Esta espontaneidade diz tudo.

Quando me falas de Toronho, de que nunca tinha ouvido falar, pensei que estava relacionado com o Couto Misto, um microestado independente, entre o século X e 1868, de cerca de 27 km^2, a sul de Ourense, e que incluía uma parte norte do concelho de Montalegre. As aldeias mais importantes são Rubiás, Meaus e Santiago. A sua história é de uma grande independência de Portugal e de Espanha, durante quase 900 anos, e cuja autonomia foi desfeita com o Tratado de Lisboa de 1864. Gozou de autonomia administrativa, jurídica, comercial e tributária, para além de conferir aos seus cidadãos direito de asilo, uso e porte de armas e dispensa de serviço militar em Portugal e em Espanha.

E como estamos mais focalizados nas questões teológicas e religiosas, sempre procuro encontrar as pontes que ligam as três religiões monoteístas. Vejo que estamos sintonizados no caminho, pois identifico aqui posicionamentos perfeitamente legítimos no quadro do esforço de busca e de compreensão, sempre procurando uma racionalidade, porque os véus são imensos. É fundamental ler, analisar e estudar as fontes primárias, para sermos nós próprios a tecer o nosso entendimento. Muitos conhecimentos estão naturalmente escondidos, em função do nosso status evolutivo, e Deus não nos dá essa capacidade de revelação a qualquer preço. Outros conhecimentos foram desbravados pelo ser humano, então é vantajoso encarar a razão face a face. E aqui reside a minha grande ignorância quanto a estabelecer uma certeza para a Criação, o *big-bang* ou outra via qualquer que

explique a cosmogénese. Em tempos estudei superficialmente a *Isís sem Véu*, a *Doutrina Secreta* e a *Voz do Silêncio*, de Helena Petrovna Blavatsky. A teoria dos globos ou cadeia planetária, presente na *Doutrina Secreta*, até pode fazer sentido, mas fico sempre na dúvida de como teria surgido o Universo. Apesar das elevadas contingências que me restringem imenso, penso que sou fundamentalmente evolucionista.

Nunca li o Alcorão, mas sempre fui pedindo alguns esclarecimentos à professora de língua árabe, que me explicava de uma forma não teológica, mas essencialmente na perspetiva das práticas. Depois consegui encontrar uns três volumes, muito interessantes, que analisam os textos clássicos no contexto do judaísmo, cristianismo e islamismo. Trata-se de um profundo estudo teológico de Francis Edward

Peters da Universidade de Princeton, New Jersey, intitulado *Judaism, Christianity, and Islam: the classical texts and their interpretation* (Judaísmo, Cristianismo e Islão: os textos clássicos e sua interpretação). Na introdução do terceiro volume vem referido que: «A *Bíblia* é a Escritura para as três comunidades religiosas e, de facto, é a base para cada uma das aspirações do próprio povo de Deus».

É curioso constatar que o autor foi buscar uma referência de Ibn Khaldun (1332-1406), astrónomo, historiador, erudito árabe, sobre Jesus: «As expectativas dos muçulmanos sobre o Fim dos Tempos incluem o regresso de Jesus, na companhia de outra figura messiânica, Mahdi ou Aquele que é Guiado». No caso concreto de Jesus, sempre tenho duas perspetivas: uma orientada para a mensagem de elevada superação ética presente nos Evangelhos, sendo Jesus a

figura matricial, perfeito, imaculado, uma luz no Caminho; e outra, referenciada aos argumentos históricos. Por exemplo, historicamente, a imagem física de Jesus que passou para o Ocidente foi marcadamente elaborada para permitir maior fluidez da sua mensagem, no seio da própria cultura ocidental. A sua imagem foi concebida com olhos azuis, cabelos claros e pele branca. Se tivesse sido uma imagem com os traços típicos do Médio Oriente, certamente que nem permitiria uma diferenciação com o profeta Maomé.

Quando estudamos um pouco da história da Igreja, verificamos que a matriz judaico-cristã ainda permanece com a sua influência. Por outro lado, o clero católico tem feito uma caminhada assaz conturbada, e nem sempre consensual. Vejamos, por exemplo, que só em 1545 a 1563 ocorreu o famoso concílio de Trento para afirmar

a unidade da fé e a disciplina eclesiástica. A consensualidade dentro da Igreja sobre o que deveria ser canónico e o que era apócrifo, nem sempre surtiu êxito. O concílio de Niceia, em 325, é demonstrativo da necessidade de selecionar os textos oficiais. Temos outro exemplo: o livro de Henoc. Até à elaboração da Vulgata, a tradução para o latim, entre os séculos IV e V, os primeiros seguidores de Cristo mencionavam Henoc abertamente em seus textos, e o aceitavam como real. Após esse período, Henoc caiu no esquecimento, apesar de ser evocado em algumas, poucas, passagens da *Bíblia* (Genesis 4, 17; 5, 21-24; Eclesiástico 44, 16; 49, 16; Epístola de S. Judas; Epístola aos Hebreus e S. Lucas 3, 37). O livro de Henoc foi preservado integralmente somente em uma cópia, na língua etíope, e como tal é também chamado de Henoc etíope. Porque não foi

considerado este Livro nos cânones da Igreja católica?

Depois vem a questão da Trindade, que tanto debate criou ao longo dos tempos e ainda prevalece nos dias de hoje. Afinal esta tradição trinitária já estava presente noutras civilizações: Na Suméria (Na, Em-Lil e Em-Ki), na Acádia (Sin, Shamash e Ishtar), em Mâri (Anat, Dagan e Addu), na Babilônia (Marduk, Shamash e Adad), na Cananea (Baal, Vam e Môt), na Índia (Brahma, Vishnu e Shiva), na China (Fu, Lo e Cho), no Egito (Osíris, Isis e Horus), na Pérsia (Orzmuzd, Arimam e Mitra), nos Celtas (Voltan, Friga e Dinas) e na Grécia (Zeus, Demétrio e Dionísio). Então é razoável que a Igreja tivesse sentido necessidade de ter a sua própria Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Certo é que, quando questionamos um clérigo sobre a natureza do Espírito Santo, a resposta é,

digamos, engasgada, com todo o respeito e admiração. Uma ocasião, motivado pela investigação sobre a natureza do Espírito Santo, perguntei a um padre amigo da família: «Afinal o que é o Espírito Santo?». Respondeu-me apreensivo: «Se nós não sabemos, como é que tu queres saber? Ninguém sabe o que é o Espírito Santo!».

Temos ainda a questão de Maria, mãe de Jesus, porque os Evangelhos não promovem assim tanto o culto de Maria de Nazaré, sublinho, a mãe de Jesus. Diz-nos Moisés Espírito Santo, na sua obra muito interessante, *As Origens do Cristianismo Português*, que «os Evangelhos apócrifos, sírios e asiáticos (de origem popular) são matricêntricos, enquanto os canónicos são cristocêntricos; o culto de Maria não é cristão-apostólico». E acrescenta ainda que são apenas quatro os momentos do Evangelho onde são

encontradas referências a Maria, mãe de Jesus: Jesus a discutir com os doutores da lei (Lucas: 2, 46); convidados para uma boda em Caná (João: 2, 3-4); Jesus respondendo com uma pergunta, quem era a mãe e os irmãos (Mateus: 12, 46); e Jesus pregado na cruz, (João 19, 26).

Penso que existem muito mais temáticas que nos levariam a uma longa reflexão, por exemplo, a vivência dos essénios e os Manuscritos do Mar Morto; as representações simbólicas que antecederam o nascimento de Jesus, presentes também na civilização dos Vedas na Índia; os avatares de Zoroastro, Confúcio, Siddhartha Gautama; e o papel do neoplatonismo, sobretudo na filosofia de Plotino, particularmente as suas Enéadas, que contêm o *Tratado sobre a Imortalidade da Alma*. Enfim, muitos temas que se cruzam e cujas pontes estão por fazer.

O livro de Júlio Machado Vaz chama-se *À Escuta dos Amantes*, que não li. O jornal *Público* perguntou ao autor se as partes do livro sobre um romance passado no sul de França têm paralelos com a sua biografia. O distinto psiquiatra respondeu que uma das dedicatórias do livro é dirigida à Occitânia, região que visitou por causa do amor cortês, tendo descoberto a heresia cátara. E aqui liga com a tua história de Montségur, que é maravilhosa, porque se sente essa reminiscência. Por isso fui rever dois livros muito interessantes: um, de Jesús Mestre Godes (2001), *Cátaros, Origens, Desenvolvimento, Perseguição, Extinção*, Edições Pergaminho, que tem como capítulo 7: *Montségur como remate final*; e outro, de Patrick Byrne (2007), *O Ouro dos Templários, Em Busca da Arca da Aliança*, da Editorial Estampa, onde este autor, que se assume como *maçon*, manifestou uma grande

atração pela região de Rennes-le-Château, que é alvo de algumas «teorias de conspiração». Trata-se de um trabalho com muita representação simbólica.

E agora, procurando este último livro, encontrei outro chamado *Linhas Entre Nós*, que tem esta dedicatória: «Ao Cor. Carlos Neves que, entre outras coisas, me ensinou a dimensão fraterna da amizade. Com gratidão, 2015-07-18». Que mais posso dizer? Que agradeço este cruzamento no Caminho, talvez inesperado. Isto já vai longo.

Sobre José Rodrigues dos Santos, nunca o li, não sei porquê, talvez não me puxe a intuição, apesar de ter espreitado *O Codex 632*, a respeito da figura algo enigmática de Cristóvão Colon.

Desfruta desse Vale Glaciar de Manteigas, dos seus trilhos e esconderijos, com bom queijinho da Serra e pãozinho de centeio,

regados por Baco ou Dionísio, ou simplesmente na companhia dos amigos da terra. Isso retempera a alma. Sem qualquer pressa na resposta, um grande abraço, na Paz de Deus.

15 de junho de 2020

Prezado Carlos,

Regresso, e o sentimento primeiro é de imensidão: como vou conseguir abranger tantos assuntos, e muitos requerendo profundidade, contidos no teu texto? Começo a pensar, uma vez e outra, que terei de reler tudo desde o princípio da nossa correspondência, e anotar todos os temas que foram ficando como livros abertos que não foram lidos até ao fim.

Por onde começo?

As Três Religiões do Livro (tema que vem mobilizando alguma gente de boa vontade, empenhada em elevar os grandes ideais que unem, recusando chamar «infiel» ao irmão que olha o mesmo Deus sob as letras de um versículo irrelevante, que diverge da insignificância daquele que eu leio). Deixo uma hiperligação que vale a pena visitar.
(https://www.uc.pt/imprensa_uc/documento.pdf).

Depois, a referência a uma obra: *Nathan, o Sábio*, de Lessing; aqui, o autor, no âmago da obra, de forma ficcionada, coloca a questão (já tratada anteriormente por outro autor): qual das três religiões é a verdadeira? Acho o enquadramento da questão, o desenvolvimento e a conclusão, excecionais. Quando o li, pensei intimamente que devia ser de leitura obrigatória para todos os habitantes de Jerusalém, e os de todos os lugares e recantos do planeta onde quer

que surgisse qualquer foco de colisão religiosa. O diálogo central decorre entre Saladino, o grande conquistador muçulmano, e Nathan, sábio judeu. Aquele intima este súbdito recente a responder-lhe sobre qual a verdadeira religião… não vou contar-te pormenores sobre a resposta, para que não percas a leitura.

É para mim evidente que Deus só pode haver um (curiosamente as Testemunhas de Jeová, defendem que há deuses falsos e Jeová, Deus verdadeiro. Em conversa analítica sobre o assunto, tive o cuidado de dizer aos mensageiros que, se os deuses eram falsos, não eram Deus e, consequentemente, só podia haver um. Não entendi porque não ficaram convencidos, mas não tenciono guerreá-los por isso).

Todas as leituras de vários livros fundamentais sobre as diversas religiões, ou subdivisões delas, me conduziram à posição

atual: Deus, qualquer que seja o nome que se Lhe dê, só há um; foi dada ao Homem a possibilidade de contactar intimamente com Ele; que Ele se pode manifestar, a Seu modo, a cada um que O procure convictamente; que Ele é o fim / destino / meta; que as religiões não passam de vias alternativas (mais ou menos lineares, planas, irregulares, pedregosas, fáceis ou difíceis, estranhas ou evidentes) para O atingir.

Costumo exemplificar do seguinte modo: as religiões são como um aparelho de GPS – indispensáveis enquanto não descobrimos o caminho; um empecilho desnecessário, quando o conhecemos.

Mas se tenho tantas «certezas», porque continuo eu a busca incessante, agora com o *Alcorão*, depois com a *Tora* e doutrinas talmúdicas, depois não sei ainda com o quê? Porque, do mesmo modo que, com a busca de

conhecimento, cheguei aqui, quem me assegura que, se conhecer mais ainda, não encontrarei outra «certeza / verdade»?

É caso para dizer: que Deus me ilumine.

E passo para o *Alcorão*, de uma forma totalmente descomprometida (com o que me permite cerca de dois terços da leitura global, até agora). Não pensava antes que estivesse tão próximo da *Bíblia*. Alguma desilusão, porém, porque não vejo que enriquecimento tenha vindo juntar a esta. Parece-me mais tratar-se de o Profeta a procurar constantemente justificar o seu lugar como novo Mensageiro, mas sem juntar nada de essencial ao «revelado» antes. Uma interpretação diferente dos factos, aqui ou ali, mas nada para além disso. Por exemplo: Jesus não morreu na cruz; Alá, para confundir os inimigos, arranjou um sósia que foi morto no lugar dele. Apenas um exemplo.

Por outro lado, toda a intenção de base é juntar o judaísmo e o cristianismo numa só via, acabando com as dissensões, e isso é positivo. Pena que, segundo a História, tivesse vindo acrescentar mais um beligerante à contenda. A prática posterior e sucessiva, à maneira que foi adquirindo força e implantação, já nada tem de louvável… como as conversões forçadas de judeus pelos «D. Manueis» deste mundo… como as perseguições romanas ao cristianismo… os tribunais inquisitoriais de qualquer espécie… como qualquer atentado contra o livre-arbítrio de cada um procurar o seu caminho para Deus, com a liberdade de escolher o seu GPS, ou prescindir dele.

E, por associação de ideias, passo ao catarismo: entre escritos sólidos e ficção, adquiri simpatia pela doutrina cátara e os seu praticantes, também chamados puros. Mais uma vez no

mundo se testemunhou o fenómeno de ação - reação: face aos desmandos insolentes e viciosos da Igreja de Roma, surge um movimento destinado a morigerar costumes e maneiras de viver. E o curioso é que o movimento não é apenas exterior à Igreja: no seio dela aparece um S. Francisco de Assis e um Santo António, que ainda andou pela Occitânia a tentar a purificação, sem a cisão.

Mas o fenómeno depurativo havia de repetir-se, séculos mais tarde, quando aparece, dentro da Igreja Católica, o movimento Reformador… que, perante a arrogância e despudor de quem mandava, não teve outra opção senão tornar-se Protestante.

Pausa. Vou reler o que escreveste, porque tenho estado a perorar sem a noção de uma resposta consentânea com o género epistolar.

E volto aos temas, com aproximações complementares.

- Fui espreitar o livro, em inglês, que me indicaste… espreitar mesmo, face à sua vastidão que merece leitura cuidada.

- A primeira vez que vi um livro sobre as três religiões bíblicas (com os símbolos na lombada, o que me permitiu a sua deteção), foi nos aposentos, em Manteigas, do padre Joaquim Teles Sampaio, um dos raros heróis que nascem da paz e não da guerra, e que deviam perdurar para sempre nos compêndios onde as crianças estudam História; vê esta reportagem que o menciona:
(https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2019-03-30-Igreja-deMacuti-A-queda-de-um-simbolo-contra-a-opressao-colonial---/); (se, por acaso, a hiperligação for desativada, sugiro pesquisa com «igreja de macuti» ou com o nome do sacerdote);

é pessoa simples, inteligente e franca, como aprecio, com quem me sinto muito bem. Falámos comedidamente sobre o livro e o seu conteúdo, porque havia muito mais assuntos que foram surgindo naturalmente; foi uma tarde inesquecível a complementar outras; a pandemia tem obrigado a uma interrupção que me dói; reforço que a História devia dar mais relevância a esta casta de heróis, de dimensão humana global, e não tanto a conquistadores e outros truculentos que temos o hábito de colocar em pedestais.

- Recordo também um encontro ecuménico, em Oeiras; Judaísmo, Islamismo e Cristianismo. Quem abriu a sessão foi o dr. Abdool Vakil, presidente da Comunidade Islâmica em Lisboa, com uma oração a Deus. Ao terminar, perguntou se algum dos presentes se sentia incomodado com o que acabara de ler; expressado um «não»

global, ele referiu que era uma oração islâmica equivalente ao pai-nosso cristão; abreviando: as intervenções de origens variadas foram do maior interesse e, no final da sessão, eu e minha mulher procurámos falar com ele, que estava com a esposa, vestida como qualquer mulher-padrão da sociedade portuguesa; acabámos por estar por ali cerca de meia hora, em conversa ecuménica, cheia de redescobertas.

- Apontas, com pormenor e convincentemente, alguns aspetos das religiões: a figura de Jesus, preparada para ocidentais; as contradições sobre as fontes originais das religiões, depuradas para se obter uma versão uniforme; a busca de mistérios e complicações para a sua composição mística e formal. Artefactos que tendem apenas a conquistar prosélitos, estabelecer uma «história oficial», sem contradições internas; e o «mistério», porque a simplicidade (de chegar a

Deus)… não apanharia os simples «se é tão simples, que até eu entendo, é porque não presta». Na busca do caminho, quantas vezes me inquietei com essas manigâncias, manobras e habilidades! Na situação que encontrei, tudo isso passou a ser «folclore»: interessante para estudo e cultura, mas que já não bule com o meu sentir e com a minha intimidade com o Pai.

Dou, como exemplo, a arbitrariedade com que se passou a enaltecer o domingo, em detrimento do sábado (com origens que andarão entre o preço da aceitação pelo império romano do oriente, e a demarcação da doutrina judaica). Passados séculos, mantém-se a polémica: a Igreja de Roma mantém a sagração do domingo, agora com o argumento da comemoração da ressurreição de Cristo; os Adventistas do Sétimo Dia, por exemplo, pugnam pela tradição bíblica de manterem o sábado como o dia do Senhor,

com argumentos documentados; uma vez, perguntei a uma tia da Adriana, seguidora de um culto cristão de que não recordo o nome, se para a sua religião o dia do Senhor era sábado ou domingo. Resposta: «na nossa Igreja, todos os dias são os dias do Senhor»; depois dum momento de reflexão, respondi convictamente: «muito bem». Porque falo nisto? Séculos de antagonismo, que se estenderão por outros tantos, entre crenças diversas, e a tia Céu resolve a questão com meia dúzia de palavras. Entretanto, tantos queimados e condenados por causa desta dissensão!

É evidente que, cultural e historicamente, a análise desta matéria é interessante; no âmbito do sentir, no patamar a que cheguei, até agora, na minha relação com Deus, isto passou a irrelevante e pura perda de tempo.

E saltamos naturalmente para o aparecimento do Universo, os elementos, as coisas, as plantas, os animais, entre os quais, o Homem. (De Helena Blavatsky só li textos dispersos e mais sobre espiritismo, pelo que não posso pronunciar-me; mas é questão que já me tomou mais pensamento que leitura que, a partir de determinada altura, abandonei por causa da radicalização de posições que não me conduziam a porto acolhedor). Foi um percurso lento e, muitas vezes, incómodo, com muitas discussões pessoais. Um dia, dei com um gozador que ridicularizava tudo aquilo que eu ia colocando como hipóteses criacionistas, ainda que relativizadas. Após muita troca de palavras, acabei por perguntar, com vontade de aprender: «bom… então diz-me lá qual a tua explicação para o que aqui está» (e fiz um gesto abrangente de todo o Universo). Replicou com a teoria do *big-bang* em toda a sua

glória, com todos os atributos, um a um, dos que tinha ridicularizado sob a hipótese do auspício de um Deus criador. Fui questionando, fui ouvindo e concluí, em desafio: «então o *Mister big-bang* conseguiu fazer tudo aquilo que o *Mister God* não consegue!» Fiquei esclarecido: isto é, fiquei na mesma, mas foi um ponto de partida para o que fui organizando na cabeça (e que me serve de momento, enquanto não descobrir mais nada que me elimine dúvidas). Alguém ou Algo criou (argumento do relógio que tem de ter relojoeiro); e o que foi criado foi evoluindo e continua a evoluir (do mesmo modo que tem acontecido com o espírito humano, desde o seu primitivismo inicial, até ao ponto de estarmos aqui a concluir que nada sabemos… senão não continuaríamos a procurar.

Onde eu já vou, e tantos assuntos ainda em aberto!

Vou sintetizar (mais uma tentativa).

- Em visita à Mesquita de Saladino, no Cairo, e perante a exigência de as mulheres do pequeno grupo terem de enfiar umas túnicas largas e informes sobre a roupa e a cabeça, perguntei, em acastelhanado, ao guia, muçulmano: «diga-me lá porque as mulheres muçulmanas têm de vestir roupas largas e compridas, e tapar o cabelo e mesmo a cara». Resposta: «para imitarem o recato e exemplo de Maria». Dei uma volta rápida ao arquivo mental a tentar descortinar que Maria faria parte da família de Maomé. Sem descobrir, voltei: «desculpe-me a ignorância… mas que Maria?!» Resposta: «Maria, a mãe do profeta Jesus». Calculo que terei feito um ar de parvo.

- Ainda sobre albigenses: dos vários livros que li, encontrei um em Manteigas, *A Quarta Aliança*, de Gonçalo Giner (ficção com base

histórica). E não resisto a contar a história do cerco a Béziers, no «país cátaro». Perante a iminência do assalto final das tropas de Filipe (o guloso rei do que viria a ser a França), sob a bênção do bispo delegado de Inocêncio III, a população católica refugiou-se, com os seus vizinhos cátaros, pessoas exemplares em termos de comportamento ético e moral, na Igreja de Santa Maria Madalena, numa tentativa de os proteger. Perante isto, Simão de Monforte, o comandante das tropas, hesita e questiona o bispo sobre o que fazer. Resposta cristã do Dom Perlado: «matai-os a todos: Deus saberá reconhecer quais são os seus». E o Monforte cumpriu, literalmente, a ferro e fogo.

- Sobre essénios e Manuscritos do Mar Morto, também descobri em Manteigas um livro que já li há muito: *Qumrân – O Enigma dos*

Manuscritos do Mar Morto. Matéria que pode ser esclarecedora… se for bem usada.

- Falaste de Rennes-le-Château… e no último passeio cultural a França, em 2016, fiz um desvio propositado para ir lá, tentando sentir melhor o que haveria de verdade e mentira sobre o abade Saunière e as suas ligações (ou acesso) ao tesouro dos templários. Levei dúvidas e trouxe dúvidas. Não por falta de informação pormenorizada metida em placas de acrílico, no museu, ou dificuldade de acesso à igreja, ou ao túmulo, ou à pedra do túmulo antigo, ou ao edifício dedicado a Santa Maria Madalena, ou à paisagem que se descortina lá do alto, mas apenas porque as dúvidas persistem para todos… mesmo para quem lá vive.

Vou deixar a história sobre Toronho, a Galiza e o Couto Misto, o autor da dedicatória no livro *Linhas Entre Nós*, e José Rodrigues dos

Santos, para a próxima missiva (antes que esta se torne uma «massiva»), finalizando com a dedução que conheces Manteigas e as suas belezas – cujos nomes sabes todos – tão bem ou melhor, nalguns aspetos, que eu. Fico contente que as experiências por lá tenham sido simpáticas e agradáveis. Nesta semana (passada), também estive em Valhelhas, na paz fresca do Covão da Ametade, no *Ski Parque* (aquela praia!!!), no *Serradalto* (qualidade cuidada, com paisagem a dar abraço permanente) e, já agora, em sítios que não conheces, e onde me quedo: no *Caramelo* (comida caseira, em terraço salubérrimo, onde até as moscas se sentem bem) e nas esplanadas sedutoras do Jardim da Vila e da Várzea… tudo além da excelência pacífica do «meu jardinzito» no Carrascal. Na próxima, se quiseres ir carregado com lençóis, toalhas, malinha de higiene… e eventual disposição para

retirares alguma teia de aranha mais atrevida, não necessitas de hotel: tenho lá casa com boa vista.

Saudações *ab imo pectore* (se é que ainda me lembro do latim que aprendi).

20 de junho de 2020

Meu amigo José,

Graças a Deus, não nos faltam temas para a conversa. Umas puxam outras, mas parece-me que devo começar a escolher um assunto e aprofundá-lo mais. Como bem dizes, às tantas temos de recuar para verificar o que já foi escrito. Em 2015 resolvi ocupar-me a fazer um mestrado em História do Império Português, na universidade Nova de Lisboa, que terminei em 2018. E porquê esta referência? Ao referires a história de *Nathan, o Sábio*, surge mais uma

coincidência, pois também o mencionei na minha tese intitulada: *Elos bilaterais luso-castelhanos na perceção do Império Português*. Aqui deixo o extrato: «Relembra Norman Cohn que a ideologia milenarista de Joaquim da Fiori ressurgiu nas teorias da evolução histórica da autoria de alguns filósofos idealistas alemães dos séculos XVIII e XIX. Para além de Schelling, Fichte, Hegel, evoca também Gotthold Ephraim Lessing, autor de uma peça teatral chamada *Nathan, o Sábio,* de 1779, cujo argumento desenvolve as relações entre um comerciante judeu chamado Nathan, o sultão Saladin e um cavaleiro templário, e como conseguem harmonizar as suas diferenças no contexto do judaísmo, islamismo e cristianismo. É interessante notar que o mesmo argumento de Lessing foi transmitido por Cristóvão Colon, como já foi referido anteriormente. Ainda, em

outra passagem da mesma carta, Colon faz novamente alusão ao alumbramento do Espírito Santo, cuja luz o atraiu para o desvelamento do Novo Mundo, sem muito aproveitar do conhecimento e das autoridades da marinharia, geometria, aritmética, cosmografia, história e filosofia. Também Cristóvão Colon considerava essa prosperidade fraterna e universal, ao crer no ecletismo do Espírito Santo, capaz de atuar nos cristãos, muçulmanos, judeus e em muitos de outras seitas».

Mas as coincidências não terminam por aqui; fui ouvir o *podcast* do Rui Tavares que, falando de Abravanel, me tornou a espantar. A razão é que escrevi também sobre Isaac Abravanel na minha tese. Este judeu sefardita, originário de Sevilha, foi condenado à morte, juntamente com o seu tio José Abravanel, no processo da conspiração contra D. João II.

E, por associação de ideias, ocorre-me escrever sobre o pensamento de Baruch Espinosa (1632-1677), o filósofo de origem sefardita portuguesa, que não abordei na minha tese, mas faz parte dos meus textos resumidos sobre a imortalidade da alma. Espinosa foi o vigésimo desses textos que não poderia deixar passar no registo das nossas conversas. O filósofo brasileiro, José Herculano Pires (1914-1979), professo investigador da filosofia espírita, e profundo conhecedor da história da filosofia, comentou que, com o pensamento de Espinosa, foi possível estabelecer um ponto de ligação entre a doutrina espírita e a sua ideia de panteísmo, que é o da negação do sobrenatural. Quando aprofundamos o estudo da imortalidade da alma, e buscamos referências na filosofia dos pensadores mais conhecidos, à partida parece que se trata de um assunto de somenos

importância. Quase todos divagaram sobre esta substância, e Espinosa não fugiu à regra. Daí pegar na tua sugestão, e desenvolver um pouco esta ideia de imortalidade da alma em Espinosa.

A visão de Espinosa sobre a imortalidade da alma é difícil de entender, e pode-se afirmar que esta ideia depende sobretudo da interpretação da maioria dos leitores. O facto de a consciência poder ser dotada de vida eterna e assim sobreviver à morte do corpo físico, para Espinosa, não possui individualidade, significando que esta sobrevivência não se distingue individualmente, tanto quanto alcança o conhecimento, uma vez que a individualidade, como coisa particular, desaparece e a mente torna-se parte de Deus ou da natureza, concebida como um atributo do pensamento. Outros advogam que a visão de Espinosa sobre a imortalidade individual é pessoal e individual, e

o que persiste após a morte é uma parte da individuação primária de cada consciência. Como tal, alguns especialistas em Espinosa defendem o conceito de eternidade da mente em vez de imortalidade da alma, sem o receio subjacente ao castigo eterno. Espinosa explicitou mais profundamente esta ideia na sua *Ética*, dizendo que parece não menos absurdo que alguém não acredite que pode alimentar o seu corpo com bons alimentos até à eternidade, e que, ao invés, preferisse encher-se com veneno e outras coisas mortais, porque vê que a mente não é eterna, e preferisse ser irracional e viver sem a razão. Espinosa estabelece que Deus ou substância é eterno, da mesma forma que explana a ideia de eternidade da mente humana que não pode ser absolutamente destruída com o corpo, mas algo que em si permanece eterno.

Somente Deus tem a liberdade absoluta, e a liberdade do Homem é limitada, porque Deus deu a faculdade da razão, não para veicular o livre-arbítrio, mas para conferir a compreensão. Então a alma, em Espinosa, sobrevive e perde a sua individualidade após a separação do corpo, revertendo-se no intelecto infinito de Deus. Uma vez mais fica aqui bem representado o seu compromisso com a ideia de panteísmo.

A ideia de Espinosa, quanto à imortalidade, revela ser um sistema filosófico algo impregnado de complexidades, contrastes e incoerências, mas acaba por traduzir a conflitualidade natural que esta doutrina ainda comporta para o estado da compreensão e da ignorância humana.

Desta vez, fico com a sensação de dispersar um pouco, mas não esqueço os assuntos pendentes, aqueles que referes na parte final da tua anterior missiva. São apenas cruzamentos e

coincidências. E muito agradeço a gentileza e hospitalidade da tua casa da vila serrana. Nunca se sabe, mas fica registado. Teias de aranha? Uma grandiosa engenharia da natureza. Um abraço do fundo do peito.

27 de junho de 2020

Ontem tive a certeza da veracidade da teoria da *Pirâmide de Maslow*: quis escrever-te ao fim da tarde, mas estive incapaz. O que me aconteceu, afinal? Uma dor ligeira, no topo da perna direita, na ligação com a anca, foi-se intensificando e penetrando para o interior, ao mesmo tempo que me ia limitando o movimento. Acabei por estar quase uma hora com um saco de sementes aquecidas sobre a zona afetada e, ao jantar, engoli um anti-inflamatório *Voltaren*. O

tratamento, as preces e o cuidado na posição de dormir resultaram, porque hoje de manhã já estava aceitável, e fui melhorando ao longo do dia. Como já não é a primeira vez que dá sinais de ameaça, receio que o colo do fémur esteja a reclamar da idade.

Mas que ficamos no fundo da pirâmide, com incapacidade para pensar além de ossos, articulações e músculos, é verdade.

E agora que regressei, não sei se ria, se me sinta pequeninamente triste.

Então tudo aquilo que eu te trazia como novidade na discussão, já tu tinhas analisado, digerido, concluído e explanado! (agora sorri mesmo, porque acho interessante este cruzar constante de caminhos e interesses).

Começo por enumerar os livros que tenho na estante do escritório, sobre espiritismo (sem ordem propositada): *Cientismo e Espiritismo* –

Leopoldo Machado; *Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo* – Aurélio A. Valente; *O Livro dos Médiuns* – Allan Kardec.

E os que tenho contra o espiritismo são: *Fraudes Espiritistas e Fenómenos Metapsíquicos* – P. Herédia, S. J.; *O Que é o Espiritismo* – Raúl Machado. Recordo que tenho ainda um, escrito por um Cardeal Lepicier – julgo que é assim – que terei levado para Manteigas, e também um bom grupo de livros de Óscar Gonzalez Quevedo que, não negando a fenomenologia, a atribui a questões da parapsicologia.

Tenho ainda um livro que estará em Manteigas (julgo que se chama *Carne da Minha Carne*) que, de acordo com as indicações expressas, foi psicografado.

Além do que li nos livros, há muito, muito tempo, dirigi várias sessões, usando o método designado por «do copo», com várias surpresas,

a começar por o indivíduo que se revelou como médium, que nem sabia bem porque estava ali.

Após ter chegado a «conclusões», afastei-me da prática, com algum receio de estar a mobilizar dimensões e fenómenos que não saberia controlar.

Há alguns anos, bastante mais tarde, assisti a uma sessão de pintura, promovida por uma (ou pela) Associação Espírita Portuguesa, em que um médium, incorporando, pintava, a uma velocidade impressionante, quadros com estilos de pintores conhecidos, ou menos conhecidos, algumas vezes, com as duas mãos ao mesmo tempo, cada uma, um quadro diferente, com um estilo diferente cada. Apenas com treino e habilidade seria – atrevo-me a dizer - impossível de conseguir. Mas o que achei ainda mais impressionante nesta sessão foi, mesmo ao meu lado, dois presentes (um deles cético)

questionarem, em voz segredada, entre si, algo sobre os quadros em execução, de que já não me lembro (mas que na altura fixei), e, dois segundos depois, o médium-pintor, continuando a pintar, levantar a cabeça e a voz, respondendo alto à dúvida que tinha sido sussurrada e que, àquela distância, era completamente impossível ouvir, de acordo com as leis normais da física. O resto da plateia fez gestos de não perceber porque é que ele dissera inesperadamente algo que parecia incoerente, porque a resposta era mesmo para aqueles dois ao meu lado… que, como eu, ficaram de boca aberta.

E como vou eu discutir com Espinosa ou com aqueles que têm interpretado Espinosa, tentando chegar à «verdade» que ele tinha no pensamento, partindo do princípio que ele a tinha atingido?

Na minha oração / meditação diária, uso a «verdade complexa» a que cheguei, com base em tudo o que li, ouvi, pensei, analisei intimamente… e que serve exclusivamente para mim, na minha relação / conversa com Deus. Dei comigo a «dividir-me» entre «alma, espírito, mente, mundo emocional, corpo e vida», que sintetizo, em conclusão, com «todo o meu ser, espaço e tempo».

Sem pés nem cabeça, sob uma lupa científica, mas é o resumo do patamar em que me encontro (comigo, entenda-se).

Como defino eu cada parte?

Alma – a minha dimensão superior, que me identifica perante Deus, pela qual sou responsável em termos de evolução ou retrocesso, que me sobrevive. Chegado aqui, nunca consegui resolver a dúvida se há um destino que compensa ou pune pelo bem ou mal

que fiz (na perspetiva divina), ou se fico a aguardar uma reencarnação que me permita uma progressão no desenvolvimento até um patamar de perfeição que não exija a necessidade de um regresso à vivência terrena. Há igrejas evangélicas que afirmam que, qualquer que tenha sido o meu comportamento malévolo ou bondoso, o facto de Cristo já ter morrido pela minha salvação, se eu acreditar, serei salvo; e que a alma não sobrevive ao corpo. O islamismo está mais próximo do catolicismo romano: se não cumprir os ditames preconizados no *Alcorão* / *Bíblia*, por Alá / Deus, serei condenado à Geena / Inferno. Se cumprir, espera-me simbolicamente um jardim de delícias, com água corrente / paraíso.

Espírito – Uma dimensão superior, mas que não é individual, mas é ideal. Deus é Espírito Puro (além de outros atributos que as religiões

lhe atribuem). Pelo espírito contacto com Deus e Deus contacta comigo; a elevação do meu espírito é um objetivo que me aproxima mais da essência divina e da «pureza» dessa essência.

Mente – Estabelece a fronteira / ponte entre o meu eu intelectual e a aproximação ao meu corpo. De algum modo estabelece a ligação, e pode estar mais sob o nosso controlo do que as duas dimensões anteriores. Já existe possibilidade de a condicionarmos, positiva ou negativamente, usando os mecanismos que foram sendo estudados sobre inconsciente, subconsciente e consciente. Penso que falece connosco.

Mundo emocional – Podemos considerar que faz parte da mente, mas terá uma dimensão específica, já muito influenciada pelas vivências, crenças, os outros. De algum modo, entre outras coisas, influencia a ligação entre mente e corpo

(embora a mente possua vias próprias). É causa imediata das alterações (positivas ou negativas) psicossomáticas. Naturalmente acaba com a morte.

Corpo - Não valerá muito discorrer sobre ele, cabendo apenas referir que, para além da genética, da alimentação e hábitos, do envelhecimento normal, os dois elementos anteriores, mente e emoção, podem ser causa de benefícios ou malefícios na sua funcionalidade no dia-a-dia. Caberá aqui dizer que, com base apenas em conhecimentos e técnicas de yoga, pratiquei induções a hipnose durante vários anos. Já com muitas horas de experiências, sempre testemunhadas, estudei finalmente hipnotismo por si (uns livros mais sérios que outros). Apesar de todos os experimentos que já tinha realizado, avaliei como charlatanice algumas partes de um livro que visava o hipnotismo de palco (que

sempre me recusei a praticar). Acabei concluindo que não eram fraudes, porque as evidências das experiências feitas ultrapassaram o que eu avaliara como tal. A psicossomática consegue, factualmente, coisas que se não esperam sem experimentar.

Vida – O conjunto de todos os elementos referidos no dia-a-dia. O conceito do termo é vastíssimo (desde a essência, ao dom, até ao «é a vida!»), pelo que não o desenvolvo. Apenas algumas questões que me ocorreram: temos direito a dispor da nossa vida? Temos direito a dispor da dos outros? É uma dádiva divina? Ou é a consequência de um encontro fortuito de células adequadas? Infinita vastidão conceptual!

Todo o meu ser, espaço e tempo – a minha dimensão cósmica, mas limitada pela minha finitude e capacidade conceptual, que me impõe a noção de espaço, temporalidade e limite físico.

Ora, esta teoria, para contrapor à dos filósofos que já criaram mais cabelos brancos do que estrelas se veem no céu, e mais proximamente à de Baruch Espinosa, soa a curtinha, mas foi a que encontrei para levar a minha vida (mais um conceito de vida, que abrange os objetivos que inventamos e ousamos para o seu preenchimento) até que acabe (a parte de mim que acabar). É, aliás, a primeira vez que fui levado a tentar sintetizá-la, fora da minha cabeça.

E porque falei em oração no princípio desta dissertação, ocorre-me a pergunta (com respostas diferentes entre os diferentes credos): terá a minha oração possibilidade de influenciar a vida de outrem? ou a sua vivência / destino extraterreno? ou a capacidade de fazer mudar os próprios acontecimentos (a minha vida)? ou, de acordo com a Astrologia Védica (Jorge

Angelino), só poderemos fazer pequenos desvios ao destino previamente traçado? (onde li eu, ou ouvi, que o apregoado livre-arbítrio é afinal uma má interpretação de uma realidade diferente?). Mas, se assim é, onde começa e acaba a minha responsabilidade pelos meus atos, bons ou maus, perante mim próprio, a sociedade com leis que regem, ou «entidades superiores»?

Tanto que escrevi, e tanto que ficou por dizer! Bem… «?» não faltam…

Mais uns temas que ficam pendurados de nada… mas talvez a nossa vida (mais um conceito) seja isto de andar a correr atrás do que nos possa conduzir à «verdade», ainda que transitória.

Alguma vez concluímos questões que se formularam na nossa meninice? Ou na juventude? Por que havia de ser diferente na

idade adulta… ou velhice, em que o sentimento do tempo a escoar-se é mais evidente?

Lá ficam os temas, abertos como prendas, à espera de uso.

Amém!

Daqui a pouco é outro dia.

Entretanto, a minha vénia.

6 de Julho de 2020

Prezado amigo José,

As mazelas biológicas vão dando sinais, não exclusivamente por culpa do tempo cronológico. Quando tinha 19 anos comecei a jogar ténis, e como não estava escrito que teria de ser jogador de ténis, depressa me passou essa ideia, porque arranjei uma longa amizade, desde esses tempos, com uma tendinite crónica no ombro direito. E

ainda cá anda, uma amizade que não me larga, mas me atormenta com dias mais dolorosos. Também recorro ao saquinho das sementes aquecido no micro-ondas. Há doze anos tive uma queda de bicicleta, e o ombro direito foi fustigado. Há três meses, um cão investiu para mim e, em defesa, galguei uma vedação e novamente bati com esse ombro no solo. Às vezes penso no que é que este ombro direito me quer revelar. Não aspiro a competir com S. Cristóvão que carrega Jesus Cristo no ombro esquerdo. Vamos convivendo com estas mazelas.

Sobre o espiritismo, ou melhor, sobre a filosofia espírita, confesso que sou uma espécie de filósofo aprendiz. Não sou atraído por sessões mediúnicas fantásticas, nem por psicografias duvidosas ou quaisquer outros princípios dogmáticos. Trata-se de um meio onde é frequente encontrar pessoas que têm mais

certezas do que incertezas. Por isso gosto da dialética, fundamentalmente a dialética filosófica em sentido lato, procurando identificar os pontos fracos e fortes, como se se tratasse de uma verdadeira busca da plenitude da existência. Gosto de contrapor argumentos, correlacionar teses, fazer o contraditório, e evidentemente que esta postura nem sempre é bem aceite no meio espírita. Apesar de tudo, costumo escrever uns textos para o *Jornal de Espiritismo*, da Associação de Divulgação de Espiritismo de Portugal, sediada em Braga, instituição que tenho aprendido a reconhecer e respeitar. Depois, tenho dificuldade em diferenciar mediunidade e animismo, manifestações que geralmente são confundidas no meio espírita. Enfim, o que me move ao estudar o espiritismo é o seu valor filosófico. Não pretendo perder de vista a navegação científica, uma muleta que não

consigo largar. Sem esquecer que, com 15 anos, tive o meu primeiro despertar espiritual, que tanto preocupou os meus pais. Depois vieram outras manifestações que fiz sempre questão de filtrar.

A doutrina em si sofreu muitos desvios, mas quando estudamos Kardec e sobretudo a sua lista bibliográfica em redor da filosofia espírita, contando inclusive com as obras que o contestam, o espaço de reflexão abre inúmeras portas e janelas, que designo como pontes que ligam margens. Por exemplo, uma dessas margens está situada na sabedoria do Oriente e do classicismo grego, ligando com as tuas definições e ideias de alma, espírito, mente, mundo emocional, corpo, vida, cujas configurações achei muito interessantes. Penso que o mais importante é cada ser humano refletir essas entidades, independentemente das

definições que encontra. É isso que faz do ser humano um Ser Filosófico. E o que seria do mundo sem reflexão? Por isso, estas conversas são como oportunidades para promover os mecanismos da dialética. O amor à sabedoria dá lugar ao conhecimento do ser humano.

Fizeste-me relembrar os três planos da natureza do ser humano: mundo espiritual (ideias, continuidade, imperecibilidade); mundo psíquico (o mutável que liga o espiritual e o concreto); mundo físico (material e concreto). Uma espécie de tríade que se manifesta também no espiritismo (espírito, perispírito e corpo). A sabedoria do Oriente trouxe dos *Vedas* a natureza septenária do ser humano: Stula Sharira (étero-físico), Prana-Sharira (energético), Linga Sharira (emocional), Kama Manas (mente de desejo). Esta subdivisão é representada por um quadrado pelo facto de ser quaternária. A seguinte é

ternária e vem representada por um triângulo: Manas (mente pura), Budhi (intuição) e Atma (mónada espiritual). As duas são representadas por uma pirâmide (base quadrada e faces triangulares), fazendo lembrar as do Antigo Egito e de outras geografias civilizacionais. Outra ponte relativa à mónada espiritual encontra-se na filosofia de Leibniz, na sua monadologia. Quando descubro estas pontes, significa que há muitas outras por descobrir.

Então como fica o destino, o livre-arbítrio e a criação de Deus? Não falo do Deus antropomórfico, pintado numa tela, por mais bela que seja, aparentado com um velhinho sábio de barbas brancas e longas. Segundo o Antigo Testamento, transversal às três religiões monoteístas, podemos ler: «(...) Façamos o homem à nossa imagem e semelhança e que ele mande sobre os peixes do mar, os pássaros do

céu, os animais, sobre toda a Terra e sobre todos os répteis que se movem na terra. Deus então criou o homem à sua imagem e o criou à imagem de Deus (...)». No Salmo (82, 6-7) e, portanto, no Antigo Testamento: «Eu declaro: embora vós sejais deuses, e todos filhos do Altíssimo, morrereis como qualquer homem». E Santo Agostinho tem uma passagem contundente a respeito, e de certa forma provocatória, numa passagem da sua obra *O De excidio Verbis e outros sermões sobre a queda de Roma*, onde refere: «Assim todos os filhos dos homens, se não são filhos de Deus, são mentirosos, pois todo o homem é mentiroso. Porém, se são filhos de Deus (...) renascidos da água e no espírito, predestinados para receber a herança dos céus, então, são também filhos de Deus. Portanto são deuses». Esta sequência de citações leva-me a refletir sobre a nossa condição de pequenos

deuses. E se assim for, parece que viajamos numa autoestrada com múltiplas faixas de rodagem, a que chamaria destino, onde o livre-arbítrio nos permite fazer escolhas e tomar decisões, movendo-nos de uma faixa para outra.

Sinto-me um grão de poeira que vai vagueando pelo Universo, em busca, não tanto da verdade, mas sobretudo do que é a realidade. Resta-me o consolo de pensar, pensar, pensar, e recorrer a tantos outros que pensam e pensaram muito mais, porque a viagem é infinita, crendo que o percurso da alma, enquanto encarnada, ou do espírito, enquanto desencarnado, não tem sentido se tudo for em vão.

Muita luz com um grande abraço fraterno.

12 de julho de 2020

AMIGO (quis usar «surpreendente»; retraí-me para não parecer descabido, mas é mesmo esse o termo).

Antes do parágrafo das mazelas; conheces, por acaso, o António Lobato? (ex-piloto-aviador, associado da ACC, autor de um livro, *Evasão ou Liberdade*, com base na experiência da longa prisão na Guiné). Estivemos ontem com ele e esposa e, a meio da conversa, não resisti a «dizer mal» de ti. Achou extraordinária esta nossa correspondência; e só lhe descrevi dois rabiscos de tudo o que temos trocado.

E agora: mazelas, cá vou eu. Essa persistência em acertar sempre dolorosamente no mesmo sítio… de bicicleta… já fui parar uma vez ao hospital (ainda não havia o da Amadora), transportado na ambulância que me atropelou perto do Palácio de Queluz, ao fazer cicloturismo; a entrada na estrada principal, em

direção a Lisboa, era ainda possível, mas arriscada… e a ambulância travava mais de um lado que do outro (confissão do atropelante no final de toda a história, perante a minha insistência em aprender como tinha acontecido). Ah! Tiveram a lata de me mandar a conta do transporte. Não paguei, mas para não arranjar complicações ao condutor, ofereci um donativo de valor superior à Associação. Mas exigi que fosse recebido oficialmente como donativo. Bem: o aparte já vai mais longo que o assunto.

Dizia eu que, se não fosse natural ressentirmo-nos mais das pancadas em sítios previamente fragilizados, ousaria falar de «psicologia do transpessoal».

Não sei se (também) já espiolhaste este domínio. Pelo sim, pelo não, vou falar do pouquíssimo que aprendi sobre o assunto, com todas as reservas que matérias deste domínio

podem suscitar. Enquadra-se no âmbito da hipótese da reencarnação.

Vários psicólogos, nas suas consultas, deparavam-se com situações que todas as técnicas conhecidas não conseguiam resolver; muitas vezes, recorrendo mesmo à regressão, que conduzia até aos dias mais próximos do nascimento. Sentiam que ficavam a meio do caminho, e que era necessário chegar a um tempo anterior. Nas experiências que fizeram, deparando-se com informações pré-natais, alargaram o âmbito da investigação, com resultados não conseguidos antes. Levantava-se, porém, uma barreira à prossecução e prática desta terapia: a não-aceitação científica da vida… antes da vida. O que fazer entre a «realidade», a que tinham acedido, e a barreira da convenção imposta pelos órgãos reguladores? Provar, de forma indiscutível, com casos

analisados e comprovados. Demonstrado que foi, apareceu outro dilema: como vamos dizer que sim, mas com reticências? E aparece a designação que referi, que passa despercebida.

A maior parte desta informação foi colhida numa tertúlia que eu organizava em conjunto com uma amiga, e para a qual convidávamos especialistas em diferentes áreas que queríamos conhecer e aprofundar. O psicólogo que esteve connosco nesta sessão falou-nos largamente do assunto, e referiu-nos alguns casos, de que me ficou um na memória.

Pessoa, ainda jovem, queixava-se de uma dor estranha no pescoço. Médicos, especialistas, exames simples e complexos, inquéritos sobre hábitos conduziram à conclusão de que não havia razão física ou anatómica para aquilo; que seria algo psicossomático. E recomeça uma nova investigação sob este prisma. Não vale a pena

dramatizar a situação: depois de analisado o presente, foi-se a investigação encaminhando para o passado; chegou-se à idade do nascimento, e nada; e foi-se a uma encarnação anterior, e nada; e a outra e… até que se chegou a uma arena de Roma onde o «antepassado» fora abocanhado por um leão. Tratou-se, pelas técnicas apropriadas, da análise, desmontagem e esvaziamento de toda a tensão… e a dor desapareceu. (Comentário meu: até que a idade lhe coloque lá os achaques naturais do envelhecimento e más posturas... mas esses…)

Sem certeza, julgo haver um livro publicado sobre a matéria chamado *Terras De Mentes*, de Vítor Rodrigues.

Anoto também que Óscar Quevedo daria uma explicação diferente para o fenómeno.

Muitos anos antes de conhecer isto, aventurei-me na regressão através da hipnose,

mas não passei do dia do batismo. Chamava-se (chama-se, espero) Fernandes o indivíduo com quem já tinha realizado muitas experiências; perante testemunhas, como regra, pedi-lhe, em estado de vigília normal, e em conversa grupal, que me descrevesse o padre que o tinha batizado e outros pormenores do evento. Tinha vindo da província para Lisboa, ainda miúdo, e não tinha qualquer reminiscência do assunto. Recomendei-lhe que perguntasse aos pais, e nos contasse no dia seguinte, em forma de partilha, porque também eu lhe contei histórias minhas de miudito, e alguns dos presentes, as deles. De seguida, hipnotizei-o (com pretexto de uma experiência diferente) e conduzi-o progressivamente ao dia do batismo. Perante a mesma pergunta, foi descrevendo o que eu pedia e até o que eu não pedia. Tomei notas pormenorizadas. Quando o acordei e ele perguntou o que tinha

acontecido, dei-lhe pormenores de uma sessão anterior que eu teria aprofundado nesse dia.

Na manhã seguinte, em tom de conversa informal, perguntou-se ao Fernandes o que lhe tinham contado os pais sobre o batismo; perguntara à mãe que lhe disse… e foi descrevendo o que lhe ouvira. Quando a conversa se esgotou, e disse ao Fernandes que ele já sabia tudo aquilo no dia anterior, franziu a testa. Coloquei-lhe na frente o papel com as anotações que eu coligira durante a sessão, reveladas por ele, e propus-lhe que lesse. Já não se admirou, porque já tínhamos feito muitas experiências com resultados que o surpreendiam a ele, quando lhas contava, e a mim, enquanto decorriam. Isto, na Enfermaria do Batalhão de Caçadores 5, onde eu cumpria serviço militar obrigatório, como enfermeiro, entre 1972/73.

E sobre o que vemos e o que cremos, lembrou-me uma história passada com o sargento Fonte Santa que, se não me perder noutras buscas, hei de contar.

E tudo isto, a propósito de umas dores na perna de um, e no ombro de outro.

Sobre espiritismo. Aquilo que presenciei convenceu-me de que havia muito mais do que a lógica elementar poderia explicar. Uma coisa que não é comum nas teorias e práticas espíritas, mas que dei comigo a experienciar, por me ter «aparecido» sem invocação específica, foi «dialogar» (vamos considerar que tudo passa a estar dentro de aspas) com o espírito de pessoas vivas, ausentes (num caso, num continente diferente).

No episódio que vou referir, logo no início da sessão, o espírito-guia determinou que o nosso amigo Sousa não podia participar, devendo

afastar-se da mesa (onde se movia o copo, apontando as letras), podendo embora assistir, num canto da sala, onde se sentou. A sessão prosseguiu e, uma ou duas dezenas de minutos depois, apareceu a comunicar uma Carminho, sem que a tivéssemos chamado, e, porque não nos interessava falar com uma importuna, perguntámos se queria deixar alguma mensagem, e ela, pela mão do Pedroto (o tal que não sabia porque se revelara médium, porque nem conhecia a doutrina espírita), foi conduzindo o copo e traçando a frase «o X manda saudações». Tenho de explicar este X: substitui uma palavra que não existe, esquisita e que não recordo; por isso usei a incógnita X. Para contextualizar, designemo-la, por exemplo, por «zeibrim», do que resulta «o Zeibrim manda saudações». Eu pedi que repetisse, porque não fazia sentido, mas logo o Sousa, o expulso da mesa, que estava lá

no canto da sala, se levantou e disse que não era preciso, porque era por aquele diminutivo que a irmã (que se chamava Carminho), tratava o marido, seu cunhado… que estavam em Angola.

É um exemplo entre outros.

Isto é o fenómeno. Os seguidores de Óscar Gonzalez Quevedo dirão que se trata de um fenómeno explicado pela parapsicologia (com que contactei anos mais tarde). Os espíritas «ortodoxos» não sei que dirão.

Uma das «fraquezas» do espiritismo é a acusação do historial de fraudes que, às vezes, foi acompanhando a seriedade de muitos.

Como escrevi antes, por me aperceber de que estava a lidar com coisas que não controlava e não conhecia a fundo, acabei afastando-me de qualquer prática. Mais tarde, ainda fui encontrado por pessoas que praticavam cura por via espírita e me pediram ajuda, mas não me

entreguei profundamente. Parece-me que, pela tua experiência pessoal, terás percorrido um caminho diferente, ou não tão diferente, se pensarmos na busca que parece não ter fim. Passei, em conclusão, para a posição de estudioso e curioso, no melhor sentido da palavra; diria: um filósofo, no sentido único de querer conhecer a verdade, a sabedoria… de reconhecer que parece que cada vez sei menos.

O tema da última parte da tua carta já me fez aparecer alguns cabelos brancos, julgo. As dimensões contrastantes do Homem.

Penso-me perdido na amplidão do Universo, e tento imaginar a minha dimensão: acabo sempre por considerar-me uma pequeníssima parcela de um grão de poeira. Simultaneamente, dou comigo a pensar no que estou a escrever, na minha potencialidade de questionar e buscar, de ser filho de Deus, ou sentir Deus em mim, e a

minha dimensão adquire uma grandeza que nada tem de correlação com a partícula minúscula que sou.

O que sou afinal? Uma coisa, a outra, ou ambas?

Sobre ser algo ou o seu contrário, por coincidência, há três dias, a propósito de um comentário no *Alcorão*, debrucei-me um pouco sobre o termo «escatologia», na busca de uma definição mais profunda… e acabei, não direi confuso, mas, não sei como sentir.

Diz o velho dicionário da Porto Editora:

Escatologia- Parte da teologia que trata dos fins últimos do homem e do que há de acontecer no fim do mundo.

Escatologia- Estudo dos excrementos; alusão aos temas das fezes, da imundície, da obscenidade.

Nunca imaginara este último sentido, mas não pude deixar de associar aos meus conceitos anteriores: sermos deuses ou lixo. Penso que depende do que tivermos na cabeça e das dimensões e respostas que buscarmos.

Vou-me de novo para o paraíso serrano, no vale do Zêzere, no próximo fim-de-semana. Como a Adriana está a trabalhar pelas novas vias da informática, obteve autorização para ir mais cedo. Vamos aproveitar. Que a fuga nos faça bem a todo o «ser, espaço e tempo», em que me sintetizo no final das minhas preces.

Para ti e família, votos sentidos de saúde e paz.

22 de julho de 2020

Meu caro e prezado amigo,

Estive uns dias em Albufeira para visitar o meu pai, que ainda cá anda com as suas 82 translações da Terra. Está a ficar com a memória um pouco afetada, e está sempre a perguntar quando vou visitá-lo. Depois do confinamento, lá foi para Albufeira com a mulher, para desanuviar, e por ali ficará até meados de agosto. Outro tema complexo: o aumento da esperança de vida versus integridade e qualidade de vida.

Amanhã irei até Montalegre, para uma aldeia que se chama Codeçoso, perto da barragem da Venda Nova. Terras de Barroso! São as origens da família materna dos meus filhos, domínios que aprendi a apreciar e a amar desde há mais de 30 anos. Sempre gostei dos recatos da montanha!

Entretanto, a par das leituras e pesquisas da história e filosofia, tenho também outra ocupação no sótão cá de casa, o que me tem obcecado um pouco: a construção de modelos de embarcações

antigas, em madeira, sem o recurso a planos. Estou mesmo a terminar uma galé do século XIV, com 36 remos e duas velas redondas. Esta relação também não sei explicar. Fiz uma carreira na aviação militar, e é o mar que me puxa. Já este ano terminei um navio de comércio romano (70-60 a. C.), e tenho uma fusta com 18 remos, dos finais do século XVI, uma caravela latina de 1440 e a Niña de Cristóvão Colon, de finais do século XV. Tudo começou há uns doze anos, quando vivia na vila de Sintra e iniciei a construção da Niña, através de um kit que tinha adquirido na Beloura. Na altura, confesso que não fazia sequer ideia de onde me estava a meter. Após uns meses, lá abri a caixa e comecei a montar. Daí para cá não parei, e agora faço estas réplicas a partir de uma gravura, esboçando as peças, cortando-as, lixando-as, pintando-as, colando-as e, finalmente, olhando-as sem

perceber como isto me dá um gozo especial. Depois envio as fotos!

O membro da Associação Cristóvão Colon, António Lobato, não conheço pessoalmente, tal como a maioria dos membros, apesar de fazer parte da direção há 12 anos. Se falaram destas temáticas, fico imensamente satisfeito, porque parece-me que nos dias de hoje, civilizacionalmente estamos desnorteados. Não há muita gente despertada, interessada ou motivada para perder tempo com estas conversas. Faz falta promover aquele tipo de tertúlias gregas, onde a dialética filosófica era a motriz da reflexão entre mestres e discípulos. Hoje parece que tudo gravita em torno do valor económico, quase sempre incompatível com os princípios éticos e filosóficos. É uma velha dualidade entre matéria e espírito, ou melhor, materialismo e espiritualismo.

São interessantes essas facetas que tens, procurando as diferentes dimensões da existência psíquica e mental, na sua vertente experimental. O mais importante é viver com essa presença constante, tendo a noção interior de que estamos insertados numa hierarquia que se sente, mas que ainda desconhecemos na sua plenitude. A natureza é intrinsecamente hierárquica. Sem dúvida que o espiritismo conviveu e convive com esse problema grave dos comportamentos fraudulentos, por um lado, e por outro, foram aparecendo as diferentes correntes ou tendências que acabaram por divergir e conflituar interesses. Neste caso temos, por exemplo, Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879), espírita francês e contemporâneo de Allan Kardec, o qual escreveu *Os Quatro Evangelhos-Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação*, uma obra que nasceu de uma psicografia pela médium belga, Émilie

Collignon. Segundo consta, Roustaing acrescentou, por sua iniciativa, a parte do título, *Revelação da Revelação,* e deu origem no Brasil, há alguns anos, ao movimento conhecido por rustenista, rival dos kardecistas, e que lutam doutrinariamente entre si. Uma deceção, este tipo de comportamentos, quando a dialética extravasa a própria dialética. E atualmente, o movimento espírita no Brasil passa por uma fase muito turbulenta. Por isso, e como já dialogámos, é fundamental ler e analisar as fontes, e estabelecermos o nosso próprio posicionamento, sem confrontações individuais, sempre com uma valorização argumentativa que não deve afastar a metodologia científica. Allan Kardec tinha naturalmente alguns calcanhares de Aquiles, mas vivendo numa época de progresso científico, tecnológico e filosófico, não esqueceu o papel da ciência neste contexto, escrevendo que o

espiritismo e a ciência complementam-se reciprocamente, reconhecendo que os fenómenos espíritas carecem da comprovação científica para explicação dos mesmos. Quando se referiu às comunicações de espíritos, uma vez mais veio evidenciar a importância dos dados da ciência, como forma de validação dos conteúdos transmitidos por espíritos de todas as ordens evolutivas. É precisamente neste ponto que ainda hoje existem médiuns que veiculam muitas mensagens, como verdadeiras, mas que não passam de fenómenos enganadores, deturpados e falseados para promoção de interesses materiais. E desse modo foram proliferando, até aos nossos dias, tantas correntes de promessas sem qualquer crédito científico e filosófico, que insistem em soluções impregnadas de encantamento. Allan Kardec foi mais longe, quando elaborou a sua obra *A Génese*, de 1868, dissecando sobre o

primeiro livro da *Bíblia*, em cujo trabalho concluiu que é impossível conceber toda a génese bíblica sem os dados que a ciência disponibiliza. Esta obra é fulcral para o estudo da filosofia espírita, mas dada a sua complexidade, nem sempre é lida, sendo muito pouco estudada. Enfim, tenho-me apercebido, ao longo destes anos, que o movimento espírita em Portugal também tem as suas divergências doutrinárias, o que é natural, face às exigências que se perfilam quando é empreendido um estudo mais escavado.

E por agora não me estendo mais, esperando que passes uns dias maravilhosos na serra, lugar tão propício para renovar as ideias, inspirar os pensamentos, apaziguar a alma. Espero fazer o mesmo lá para Montalegre. Um grande abraço cheio de amizade.

31 de julho de 2020

Amigo Carlos,

É mesmo «surpreendente» o epíteto. Esta faceta das «naus, caravelas e outras embarcações» nunca me passaria pela cabeça. Vi, apreciei de modos diversos, e guardei numa pasta de anexos à nossa correspondência, pois também a sua elaboração, técnica, paciência e saber são palavras que dizem muito de ti.

Por contraste, eu, em termos de manualidades que exijam beleza e perfeição (para lá da funcionalidade, em que sou exigente), sou perto de tamanco, termo classificativo usado em Manteigas.

Dou um exemplo: um dia, quis fazer umas colunas de som para a aparelhagem que tinha, mas que se enquadrassem no mobiliário e sala

existentes. Fiz todos os cálculos de potências, impedâncias, amplitudes de graves e agudos a cobrir por cada altifalante, dimensões e, depois de tudo concluído... mandei fazer os caixotes para eu montar tudo. Explícito, não?! São as colunas que tenho agora aqui, na Serra.

Que contraste com a habilidade necessária à concretização das tuas réplicas!

Sobre Albufeira, não é sítio que me diga muito; não é o meu conceito de paraíso. Mas o motivo que te levou lá é indiscutível e fez-me lembrar que, dia 29, fez 22 anos que minha mãe se despediu de nós; meu pai ainda andou por cá mais 11 anos… este ano chegaria aos 99, em 27 de setembro.

Já Montalegre foi para mim uma surpresa agradável, quando lá estive e pernoitei, há três anos (numa das idas a Santiago), numa unidade hoteleira, mesmo junto ao castelo. Só conhecia a

terra e a zona pelas descrições aterradoras de alguns dos nossos escritores… e depois dou com uma vila acolhedora, com festa popular à noite, após um jantar de estalar a língua.

Depois aproveitei para ir até Vilar de Perdizes, mas à hora e no dia em que cheguei, o mais parecido que havia com bruxas eram as moscas que não davam sossego, à sombra que se procurava.

Um dos grandes amigos do António Lobato é o Brandão Ferreira, e esse julgo que conheces, por ser membro da direção da ACC. Conheci o Lobato através da esposa, Maria dos Anjos, fundadora e presidente da Associação Danças com História, onde militei muitos anos, praticando danças palacianas da Idade Média, Renascimento e Barroco. Mantenho com eles laços de amizade.

A busca passou a fazer parte da minha vida e, curiosamente, a idade conduziu a pesquisa mais para fundo do interior de mim, alicerçada no que fui experimentando e lendo. E por todos os pretextos: saúde, doença, pandemias, sofrimento, felicidade, paz, atritos... A uma conclusão firme cheguei já: apesar do dom da vida, melhor teria sido não ter encarnado, que é uma forma suavizada de dizer não ter nascido. Apesar de Deus me ter facultado muitíssimas mais razões para ser grato do que mal-agradecido. Desapego? Estádio mais elevado? Comodismo??? Mas, com isto, a dúvida sobre o direito de os pais colocarem filhos neste mundo… condenados a morrer e a ter de sofrer, mais ou menos, para assegurar a sobrevivência. Mas, em férias, não quero aprofundar este tema.

Sobre espiritismo não tenho, nem de longe, a informação que tens, pelo que não posso adiantar

nada sobre as diversas correntes, situação que desconhecia, mas que é natural, face à diversidade de cada ser pensante.

Deixei um assunto prometido na carta anterior que, muitíssimo mais pelo que podemos filosofar acerca de «ver e crer», do que pelo absurdo da situação, vou referir.

Prólogo. Não sei se te falei já da síntese da minha evolução em «crer». Primeiro dizia: «não acredites em tudo o que te dizem». Depois afirmava: «não acredites em tudo o que vês, quanto mais em tudo o que te dizem». Finalmente concluo: «não acredites em tudo o que vês, quanto mais em tudo o que te dizem, mas acredita que há muito mais para além daquilo que vês ou que te dizem».

Facto. Volto ao hipnotismo. Entre as experiências analíticas que fiz com várias pessoas, nas que levei a cabo com o Fernandes,

que já citei, consegui fenómenos que a mim próprio impressionavam.

Várias vezes, o primeiro-sargento Fonte Santa, a ver as coisas mesmo ao pé do nariz, repetia sistematicamente que tudo aquilo era combinado, que era tudo uma aldrabice e que eu não hipnotizava coisa nenhuma. Desisti de o convencer… nem esse era o meu objetivo.

Um dia, estava eu na frente da enfermaria com alguns auxiliares e maqueiros, e tentava distraidamente equilibrar uma pá de apanhar lixo, de cabo vertical, numa posição praticamente impossível, aproveitando os pequeníssimos regos do pavimento de cimento, e, apesar de toda a improbabilidade, depois de uma infinidade de tentativas, a pá equilibrou-se, e começámos a festejar… e a ver quanto tempo se ia aguentar.

Nesse momento, vejo o sargento Fonte Santa que vinha a descer da zona do trem-auto

(oficinas e estacionamento), e digo imediatamente ao pessoal: «finjam que estão a ver-me hipnotizar a pá e portem-se sérios», ao mesmo tempo que me colocava numa posição teatral em direção à pá.

Fonte Santa para, olha atentamente e diz: «agora sim, acredito»… E eu logo: «veja lá se também combinei tudo com a pá». E ele: «sim senhor, sim senhor… nunca pensei». A partir dali, tornou-se o mais empenhado defensor da realidade do hipnotismo e seus fenómenos.

Como disse, contei isto, não pela «anedota», mas por tudo o que o caso pode suscitar em termos de análise das nossas experiências de vida, quer em relação a nós, quer em relação aos outros. Ver para crer?! Ou crer para lá do que se vê?!

Leituras.

Acabei a leitura do *Alcorão*. Fui tomando notas pontuais, ao longo da leitura, para uso exclusivamente pessoal. Pouco mais de seis páginas e meia manuscritas. Fechei com uma síntese que partilho: 1 - Não descobri nele nenhuma mais-valia sobre a *Bíblia*, mesmo tendo em conta a divergência de algumas interpretações, raras. 2 – Louvável a ideia de aglutinar o judaísmo e o cristianismo sob a verdade superior de um Deus Único. 3 – Realça a ressurreição para o Juízo Final: insistente e ameaçadoramente. 4 – Muitos versículos têm um carácter pessoal, do tipo: «tens de me aceitar, porque eu sou o profeta de Alá». 5 – Há uma clara adaptação das «verdades bíblicas» ao tipo de sociedade onde se pretendia implantar o islamismo. 6 – A grande maioria dos princípios bíblicos, aliás, é válida sob todos os pontos de vista. 7 – Nota-se que a «revelação» parece,

muitas vezes, encomendada para a circunstância. 8 – Como qualquer religião, baseia-se no proselitismo «ou por mim, ou contra mim». 9 – Desnecessário, se pensarmos que é mais um caminho, semelhante a outros, para Deus; ou vantajoso, dependendo do ponto de vista (que não é o meu); ou altamente benéfico, nos lugares e tempos iniciais do seu aparecimento, em que a escala de valores podia estar longe da ética e da moral. 10 – Deduções fundamentais? As que se quiserem fazer, como acontece com a *Bíblia*. Tanto podemos ler paz, como invocar o senhor dos exércitos. Fraternidade, ou morte aos infiéis.

Reli também *O Deserto*, de Manuel Ribeiro, sobre uma experiência contemplativa na Cartuxa de Miraflores, Burgos, que nos dá vontade de deixar tudo e ir para lá a correr. Um caminhante para o idealismo puro ou utópico, este Manuel Ribeiro: começa por viver os ideais libertários do

anarquismo; funda depois a primeira associação bolchevique, em Portugal, que esteve na génese do PCP; acaba como cristão idealista convicto, a escrever *A Catedral*, *O Deserto* e outros textos afins. Aonde teria chegado, se mais anos durasse, na sua busca da «verdade»? Nem sei quem me faz lembrar…

Ontem, a passar os olhos numa Revista (em PDF) que me tinham enviado há tempos, dei com um artigo sobre o nosso Cristóvão Colon, na página 13. Embora não traga nada de revolucionário (para ti, principalmente), envio pela curiosidade.

Porque em férias, não vou alongar-me mais.

Apenas uma questão final: conheces algo sobre Luís Portela, da Fundação BIAL?

Saúde e Paz.

19 de agosto de2020

Prezado amigo José,

Como estamos em tempo de férias, deixei passar mais uns dias, até estar novamente apaziguado com o pensamento do quotidiano e concentrado em casa para poder responder tranquilamente. Mas cá vamos juntar mais uns ingredientes ao nosso diálogo. Em verdade, aproveito estas estadias pelas aldeias de Portugal, não apenas para visitar por visitar, mas sobretudo porque o meu pensamento fica atribulado, retido, buscando em cada pedra, ribeiro, caminho, floresta, casinha e na escassa gente que ainda por ali vive, o sentimento e a pulsação das tradições e etnografias escondidas, das vidas resilientes, dos contrastes com a urbanidade com que me confronto diariamente. Ali sinto as vivências genuínas, as frugalidades da natureza, uma

geografia humana despida de muitos preconceitos. Basta-me ficar a olhar fixamente tudo aquilo e escutar em silêncio.

O Algarve foi sempre para mim um caso à parte, excetuando o seu Barrocal. Basicamente, parece que tudo gravita em torno das suas praias. Tenho um projeto, há algum tempo, que é percorrer a Algarviana ou a Grande Rota-GR13, que liga Alcoutim ao Cabo de S. Vicente, cerca de 300 km pelas serras algarvias. Ainda não o fiz porque não tem muito apoio para dormidas e comidas e, como tal, tem de ser muito bem planeado.

Entretanto, regressei daquelas aldeias do Barroso e passei mais uns seis dias em Sever do Vouga, mais propriamente em Couto Esteves. Sobre as vivências genuínas, tenho uma história. Ao fim de cada dia, fazia questão de passear pela aldeia de Couto de Baixo, lugar da freguesia de

Couto Esteves. Logo no primeiro dia, uma senhora, de seu nome, Odete, viu-nos a passar, e logo metemos conversa. Sem nos conhecermos e sem qualquer base de confiança mútua, perguntou-me quando regressava a Lisboa, para que, na véspera, fosse buscar umas batatas, cebolas, feijão, tomate e alhos. E, nesses poucos dias, contou-nos as suas histórias de vida. Ali faz grande diferença esta espontaneidade, quando nos vemos rodeados de relacionamentos humanos sem proximidade, movidos pela pantalha dos *facebookianos, instagramianos*, *whatsappianos* e outros. Não rejeito, de forma alguma, o valor e as vantagens destas tecnologias, mas apercebo-me dos seus abusos que parecem transformar a nossa condição de seres sociais. Já bastam os vírus coroados que castram os abraços, os beijos, privando-nos dos sentimentos de proximidade. É frequente assistir,

num restaurante, a um agregado familiar que não partilha verdadeiramente a refeição, porque estão todos compenetrados na sua própria pantalha. Hoje fiz uma caminhada com a Sónia, em redor das serras de Sesimbra, passando por uma pequena praia chamada Ribeira do Cavalo. Aprendi um adjetivo novo: *instagramável*. Isto significa que atualmente existem locais que são procurados exclusivamente para obter fotos que devem obedecer a certos requisitos para serem publicadas no Instagram. Ouvi um casal que se questionava se as fotos que estavam tirando eram *instagramáveis*. Não sei qual a conformação social que estas redes irão provocar no futuro.

Entretanto, depois de Sever do Vouga, já passámos um fim de semana em Louriçal do Campo, no sopé da serra da Gardunha ou Guardunha (topónimo mais arcaico), onde já fiz três caminhadas. É uma serra maravilhosa, cheia

de energia, com a sua água do Alardo, que transliterando do árabe, se diz *Al-Ard* que significa planeta Terra ou terra. Também com as suas vivências genuínas encantadoras. Pelo meio, meteu-se a serra da Freita, aldeia do Merujal, a frecha da Mizarela, aldeia de Albergaria e o poço da Barreira, de água cristalina, na aldeia de Manhouce, que, se o descobrem, também passa a ser *instagramável*. E já não houve oportunidade para mais, apesar de ter sido convidado por um amigo para visitar as aldeias de Pousade, Jarmelo e Casal de Cinza, no concelho da Guarda, que ficará para uma próxima oportunidade. Esta é a beleza de Portugal, recheada de boa comida e de bom néctar.

Agradeço o teu resumo sobre o *Alcorão*, que veio reforçar o esboço do meu pensamento quanto aos seus conteúdos, e comparando com as outras duas irmandades religiosas, o judaísmo e o

cristianismo. Nem a propósito, acabei de receber o livro de Abdul Rahman Azzam, *O Outro Exílio*, sobre a história do escudeiro Fernão Lopes, que viveu entre os séculos XV e XVI, cem anos depois do cronista seu homónimo. Este escudeiro foi sem dúvida o Robinson Crusoé lusitano, que se exilou na ilha de Santa Helena. Em 1506 partiu para a Índia e ali se converteu ao islamismo, casando-se com uma mulher muçulmana. Foi castigado e torturado por Afonso de Albuquerque e, quando regressava a Lisboa, decidiu abandonar a nau, e permaneceu dez anos isolado naquela ilha. Voltou a Portugal para obter o perdão, mas quis regressar á sua Santa Helena e viver mais dez anos isolado, num testemunho espantoso da relação entre o homem e a natureza selvagem, em tempo do início da expansão portuguesa para o Oriente. Mas não conto mais, se for o caso de não conheceres esta

obra e quereres tu mesmo descobrir esses enredos.

Vi o texto sobre o Salvador Gonçalves Zarco, que depois se tornou Salvador Fernandes Zarco, para alguns, filho do infante D. Fernando, duque de Beja. Confesso que não tenho muita simpatia por esta tese, pois vem referida à possível decifração da sigla usada pelo almirante Cristóvão Colon. Mas um dia poderemos falar sobre isso, se for do teu interesse. O apelido Zarco pode dar muitas pistas, sendo que uma delas está relacionada com a possibilidade do João Gonçalves Zarco, descobridor da Madeira, membro da Casa Real do Infante D. Henrique, ter os olhos azuis e, ao tempo da tomada de Ceuta, os marroquinos o terem alcunhado assim, porque azul em árabe é *azrak*. Por outro lado, o apelido Zarco também tem origens judaicas, com ramificações no Alentejo. Saliento, entretanto,

que todos os descendentes de João Gonçalves Zarco passaram todos a ostentar o apelido «da Câmara».

Em 2017, assisti ao encontro da Associação Médica Espírita Portuguesa, realizado na Faculdade de Medicina Dentária de Lisboa, onde o Luís Portela proferiu uma comunicação. Foi para mim uma surpresa, pois não fazia ideia da sua afinidade com as questões da parapsicologia e reencarnação. Tem uma história de vida muito interessante, pois, em jovem, pensou ir ao Tibete e ficar por lá a viver. E destaco apenas uma pergunta que lhe foi colocada: «Não o olhavam de lado por acreditar na reencarnação?». Luís Portela respondeu: «Não sou muito de falar sobre a teoria das vidas sucessivas. Tenho bons amigos com os quais nunca falei sobre espiritualidade. Gosto de me sentir um livre-pensador, mas nunca gostei de vendedores de ideias. Nem com os

meus filhos; cada um segue o caminho que quer. Agora, publicar livros e apoiar a investigação já é outra coisa. As coisas bonitas, a vida dá-nos de graça, não podem ser compradas ou negociadas». Esta resposta de Luís Portela revela uma postura bastante racional, manifestando um profundo preconceito que o tema ainda carrega, que compreendo e partilho. Também não sou favorável a prosélitos. Muitas vezes silenciamos, ou então conseguimos encontrar alguém com quem podemos partilhar estas ideias, sem temer censuras, preconceitos ou posicionamentos de interesse. Por tudo isso te agradeço estas oportunidades.

Finalmente, terminei a minha galé, tendo havido necessidade de proceder a umas correções concetuais. As velas não eram latinas, mas redondas. Seria um erro tamanho. E por agora

me fico sem mais complicar, enviando um grande abraço fraterno.

1 de setembro de 2020

Estimado Amigo,

Dia de regresso ao infantário… e cá estou eu.

Como explicar o voo do tempo quando, em teoria, não temos nada que fazer nas férias?

Parece escapar-se como areia fina empurrada a vento. Será isto a noção de paz?

Levei a agenda para me acenar com os afazeres; levei dados para poder trabalhar; levei vontade sincera de aproveitar o tempo (sob a noção de que tão escasso vai sendo) e, além de olhar a paisagem, tantas vezes revista, partilhar com família e amigos, pouco realizei.

É certo que consegui manter o correio banal em dia; e que retoquei todas as fissuras da casa com um promissor «cola e veda» que levei daqui; e aspirei a casa; e arranquei todas as ervas do pequeno logradouro na frente da casa; e ainda avancei um pouco na coletânea de hiperligações selecionadas que vou organizando; e fui-me encontrar com o Rui Vaz Osório (um exemplo de Homem com 89 anos, de vida cheia, que publicou agora um livro que eu revi intensivamente e em que participei com pequenos contributos, *As Penhas Douradas – História… e estórias*, que afirmou, como se fosse coisa pouca, «vou agora escrever o último, mas este, só para a família e amigos próximos» - de que eu já li uma parte, por questão de confiança… há três anos, não conhecia o homem), com quem me perdi em conversas, entre outras coisas, sobre as consequências de

uma crescente islamização da Europa e do mundo; mas estou a perder-me no meu «muro das lamentações», vendo agora que, para lá das «férias lá fora», além das leituras e dos grelhados, e da lavagem do carro à moda antiga, e pôr em dia a audição dos episódios de *E o Resto é História*, ainda consegui concretizar mais do que tinha no consciente quando comecei a escrever-te.

E agora, que perdi o fôlego, vou falar-te das «férias lá fora», focalizadas em rever família e amigos, como se a ameaça de novo confinamento acicatasse o prazer dos reencontros, às vezes esquecidos em tempos de fartura.

Relevâncias?

Um escritor, Silva Gaio, escreveu um único romance, *Mário*, influenciado por Camilo e Garrett; nele descreve uma casa que existe ainda em São Romão, ao pé de Seia; fui ver a casa,

conhecida atualmente por Casa da Dona Aninhas: por aqui comecei, e interrompo já para um apontamento sobre Seia.

A terra é conhecida pela qualidade e produção do seu pão. O Museu do Pão (apadrinhado por Sérgio Luís de Carvalho, historiador com obra escrita, muito interessante) é um dos seus motivos de interesse e orgulho – e pretexto para um bom almoço. E agora vamos à parte «misteriosa» da História.

Na Galiza existe uma terra chamada Cea… conhecida pela qualidade e produção do seu pão. Coincidência? Fado? Fui à procura, e acabei por descobrir que, *in illo tempore*, ao senhor de Cea foi dado o domínio da zona que chamamos detrás-de-serra… e ele, vá de dar o nome da sua suserania de origem à povoação principal da nova possessão.

Mas, passado um milhar de anos, não deixa de ser estranho que seja ainda o pão a marca das duas terras, separadas por centenas de quilómetros, e em países distintos. Coisas!

Avancemos até Sangalhos. A Adriana quis ir visitar as Caves Aliança: hora e meia de visita – quem diria? – com uma surpresa museológica que nunca tinha encontrado em tantas que já visitáramos.

Barra de Aveiro, o destino base que a cara-metade escolhera para pisar areia com água salgada e sol. Por ali ficámos seis dias que aproveitámos para visita à Casa de Júlio Dinis, em Ovar (construção mais simbólica e evocativa que rica de pormenores); a Casa do doutor Egas Moniz, em Avanca (com interesse objetivo, museológico e pessoal); a Igreja de Válega (com uma fachada excecional em azulejaria portuguesa); e fazer uma caminhada no

Passadiço da Ria de Aveiro, entre Esgueira (que também visitámos) e Vilarinho, o que nos enfiou nove quilómetros e tal nas pernas pouco afeitas. Curiosidade anexa? Mais de uma centena de canas de pesca a tatear a Ria; vimos sair de lá quilos de moliço; peixe(s)??? um. Pela raridade, felicitei o pescador, claro!

Encontrámo-nos com o primeiro casal de conterrâneos amigos, que têm casa por estas bandas.

Por Santa Maria da Feira, fomos a Gaia visitar tia viúva, com filhos na Alemanha, a quem um culto religioso anima os dias e a esperança (foi esta que me disse, sabiamente, sobre a opção sábado ou domingo, que o «dia do Senhor» eram todos os dias da semana.

Rumo a Matosinhos, onde nasceu a Adriana. Ali dormimos e convivemos com duas amigas de infância; e logo depois, com um casal, nossos

sobrinhos de coração, e o seu par de herdeiros. Este sobrinho adotivo ficou órfão de pai, ainda no berço. Aos cinco anos, já teimava em discutir comigo a existência de Deus e outras questões «singelas», algumas das quais vamos nós abordando. Nunca consegui descobrir aonde ia ele buscar aquelas ideias. Aproveitei esta visita para lhe falar de ti e das nossas conversas confinadas: «muito gostaria de ler isso!» foi a reação. «Pois, mas…» foi a resposta. Agora, anda à volta de 40 anos, mas vai teimando em falar comigo o que não se atreve com outras pessoas. Para rematar, fomos visitar o Senhor de Matosinhos.

A caminho de Penafiel, para visitar tios e primos (a tia Júlia, uma força da natureza, física e mentalmente, está agora perdida em estado de demência progressiva), fomos visitar um monumento românico em São Pedro de Cête;

(sem a grandeza dos templos góticos, os românicos tocam particularmente o meu íntimo e induzem mais à oração).

Fomos dormir a Vila Real; revisita (uma desilusão) ao Palácio de Mateus, e visita (interessante e aprazível) à Casa de Eça de Queiroz (da esposa), em Tormes, libertando a imaginação sobre *A Cidade e as Serras*.

A viagem à Beira Douro é esplêndida em termos de paisagem. A minha navegadora gastou todas as expressões de admiração que tinha no reportório.

Penedono (castelo lindo, a dar ar de brinquedo das mil e uma noites) foi motivo de visita a colega da Adriana, filhos, mãe da colega… ex-colega… e atualmente colega minha na ACTIS - Associação Cultural da Terceira Idade de Sintra - Universidade Sénior de Sintra (espero que a baralhação tenha resultado).

Sernancelhe, onde ouvimos em confissão a guia da igreja românica, que nos agradeceu e tomou notas do que, julgámos, poderia ajudá-la.

Um quarto em turismo rural, Quinta de Santo Estêvão… uma paz… como estação a caminho do Vale do Zêzere.

De passagem, mais um encontro, em Mangualde, com prima, recentemente viúva, desaguisada com os irmãos, afastada da família – que nem me conheceu à primeira – que me recebeu bem e emotivamente. Lá estive a cumprir a minha missão, tentando substituir a guerra pela paz; dois dos cinco irmãos desavindos já faleceram: as partilhas dos pais, ainda por resolver. Vou prosseguir a missão junto dos contendores.

Em Vinhó, mais um encontro com casal velhote (mais do que eu) e uma filha que foi também professora. Quem quiser encontrar uma

definição para simpatia pode vir aqui falar com o senhor Manuel.

Palavra que não queria, nem por sombras, alargar-me assim, a triturar-te a cabeça com um passeio burguês. Disto tudo aproveita-se a missão de paz e amor à família e amigos. Se o conseguir, já terá valido a pena.

Sobre viagens com interesse real, se não me esquecer, hei de contar-te um episódio insólito que parece inventado. Mas, por agora, não vou moer-te mais.

É tarde. Vou tentar, como devia, responder a um ponto ou outro da tua mensagem, com a promessa de que, na próxima réplica, serei cuidadoso com isso e voltarei ao teu texto de 19 de agosto.

Antes que esqueça: anotei o teu telefone. O meu responde pelo número xxxxxxxxx. Tinha a convicção descansada de que teríamos os

telefones um do outro, do tempo dos nossos tratos por causa das aulas de dança na Academia. Verifiquei que não.

O texto que te enviei sobre o Cristóvão Colon foi tão simplesmente porque falava do nosso navegador. Não tenho conhecimentos suficientes sobre a matéria, como é o teu caso, para saber separar o trigo do joio. Alguém me enviou a revista; inesperadamente dei com aquele tema; a cabeça canalizou logo o raciocínio para ti, e pronto.

Li, com interesse vivo, a ligação que me enviaste com a entrevista ao Luís Portela. Que mais não fosse, comunica serenidade nas nossas opções de vida e pensamento. Vou enviá-la ao meu afilhado, que começou católico, por educação, virou ateu («matateu», como eu lhe chamo a brincar), por opção, mas que, julgo, pelo

que ouço, ou espero, que venha a chegar perto do ponto em que eu estou.

Tenho guardada uma revista, também com uma entrevista ao Luís Portela, que cito: «Acredito que existimos antes e continuamos a existir depois». Tenho-o como pessoa de cabeça muito bem arrumada, com crenças que questiona e investiga com seriedade e objetivismo, sem pretender vender teorias a ninguém. Um exemplo. Por outro lado, sentimo-nos menos sós, quando pessoas com a responsabilidade pública de um Luís Portela, como cientista que é, equacionam com naturalidade a possibilidade de um conceito de vida bem diferente e mais profundo do que nos é papagueado no dia-a-dia, como quem nos vende pastilhas de sabores.

Parabéns pela conclusão da galé; aí está mais um ponto a teu favor (que não consigo imitar): acho que sou mesmo algo tosco de mãos;

improviso, descubro, adapto, mas essa perfeição de pormenor e requinte!...

E concluindo prosaicamente: vou arrumar o resto das sequelas de nos terem trazido um frigorífico maior, com a sequente procissão do outro para a arrecadação, como reserva e complemento.

Cuidados, saúde e aproximação social, apesar do distanciamento físico.

11 de setembro de 2020

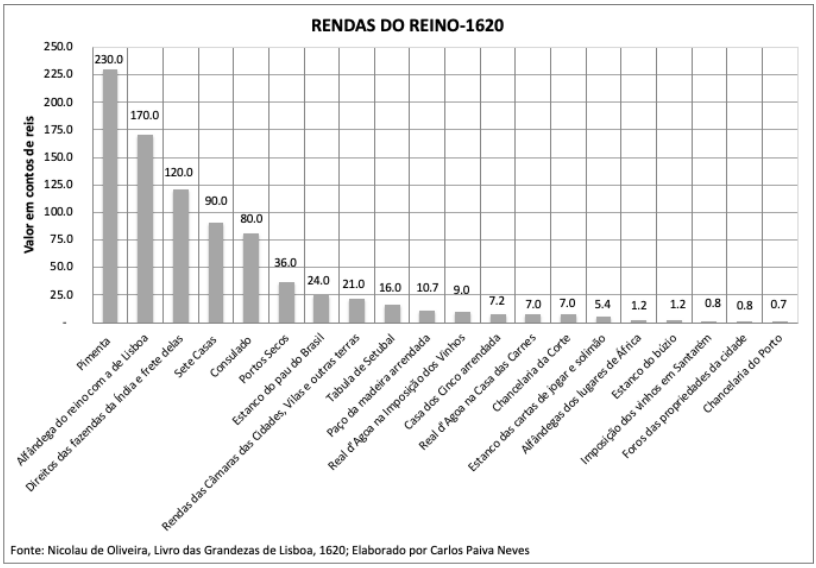
Prezado amigo José,

Que minúcia agradável a tua descrição dos locais por onde andaste. Não sei se é da idade, alguma maturidade ou outra coisa qualquer, desde há uns anos que venho sentindo, cada vez mais, essa riqueza íntima, do Interior de

Portugal. País que muitos dizem periférico, outros, que é pequenino, outros ainda, que destacam a sua pobreza. Se é periférico, então tem o dom de ser uma varanda com vista para o mundo, onde o mar se perde para lá do horizonte, lembrando o que disse Gomes Eanes de Azurara: «por um lado cerca-nos Castela, por outro cerca-nos o mar», essa imensa massa líquida que continuará a ser a nossa grande vocação, a menos que as placas tectónicas iniciem um movimento acelerado e transfigurem rapidamente a disposição da terra firme e oceanos. Esta nossa situação geográfica de *finis terrae* conformou a mentalidade coletiva do nosso povo, plasmando no tempo um espírito de aventura muito particular, movido pela necessidade de buscar recursos materiais e espirituais nas paragens mais longínquas. O chamamento do mar é o pilar principal do arquétipo lusitano. Fomos ao sabor

dos ventos e das correntes, imaginando a rudeza daquelas vidas a bordo, de muitos renegados e degredados, que nunca mais voltaram às suas aldeias, às suas famílias. Foi esta periferia que nos obrigou a desbravar as grandes estradas marítimas, em busca de melhores condições de vida. E não é necessário recorrer às paragens mais longínquas de África e da Ásia. Recentemente revi um filme de 1938, chamado *A Canção da Terra*, realizado por Jorge Brum do Canto, em que mostra as imensas dificuldades da vida na ilha de Porto Santo, há cerca de 100 anos. Hoje é um destino paradisíaco, com uma das mais belas praias do mundo. Mas esta história é tão real, que traz à nossa memória essa dureza, rudeza, pobreza, que contribuiu, sem dúvida, para uma compreensão consciencial do seu património psicológico coletivo. Se Portugal é pequeno, penso que é mais pela degradação das

elites, de uma forma geral, facto que, julgo, está também relacionado com a imagem da pobreza. Passámos por um breve período de euforia económica, em pleno reinado de D. Manuel I. Foram os carregamentos da pimenta proveniente do Índico, esse enorme deslumbramento, a galinha dos ovos de oiro. Como podes verificar pelo gráfico abaixo, que elaborei com base no *Livro das Grandezas de Lisboa*, do padre Nicolau de Oliveira (uma espécie de orçamento



Fonte: Nicolau de Oliveira, Livro das Grandezas de Lisboa, 1620; Elaborado por Carlos Paiva Neves

do reino reportado ao ano de 1620), ainda nesse tempo a renda da pimenta representava a maior receita, com 230 contos de reis anuais. Comparando com as demais rubricas, parece evidente essa expressão de legitimação do «deslumbramento da pimenta».

Em 1871, Antero de Quental expôs nas Conferências do Casino o tema: *Causas da decadência dos Povos Peninsulares*, onde falou precisamente no sistema económico realizado pelos Descobrimentos, como uma das causas em apreço. É curioso verificar que, neste capítulo da decadência, as abordagens aparecem bastante diversificadas, com relevo para as posições de Alexandre Herculano, que identificou o absolutismo no reinado de D. João II como o início desse declínio. Esta posição não se encontra partilhada pela historiografia contemporânea, conforme vem referido por Luís

Adão da Fonseca, que aponta este reinado como o início da Modernidade em Portugal. Parece que existem leituras para todas as sensibilidades. Meu estimado amigo José, sem querer pesar demasiado estes argumentos, apenas sou motivado a fazê-lo, porque tudo isto me merece uma íntima relação com o amor pelas terras do interior de Portugal. O deslumbramento tem agora um sentido oposto. Voltar às origens nessas aldeias recônditas, de onde partiram tantos portugueses que alimentaram o império marítimo no Atlântico insular, em África, Ásia e América. É reconfortante percorrer os arquétipos presentes nas terras do Interior de Portugal, como se buscássemos a nascente de um imenso rio. As aldeias têm uma linguagem própria, que muitas vezes não é fácil de decifrar, porque os seus signos estão escondidos nas mãos, olhares, rostos das suas gentes e em todos os elementos da

natureza. Será que estaremos alinhados com a profecia de Daniel, que alguns chamaram de Quinto Império ou o Império Espiritual?

E por falar em espiritual, comentaste o ateísmo do teu afilhado, o qual, curiosamente, procedeu da sua educação católica. Faz parte do caminho, avançar e recuar, duvidar e acertar, crer e descrer, porque é pela confrontação dos opostos que progredimos. Tenho também educação católica. Fui batizado e fiz a primeira comunhão, mas já não subi ao altar para celebrar o casamento. Aos 27 anos tive necessidade de racionalizar as coisas e conciliá-las com a fé. Nada de novidade neste propósito, uma vez que o professor e neurocientista António Damásio, no seu livro, *O Erro de Descartes*, faz precisamente referência à existência de duas regiões cerebrais distintas, uma responsável pela razão e outra pelas emoções. No entanto, ambas

se comunicam. Foi então nesse tempo, em que procurava ler a literatura espírita pela primeira vez, que encontrei o livro, *O Grande Enigma,* de Léon Denis, no qual são expostos os argumentos sobre a existência de Deus. Claro que já inúmeros autores de diversos quadrantes ensaiaram sobre o tema, mas este autor francês foi para mim uma autêntica revelação, fundamentalmente pela forma como selecionou e correlacionou os argumentos. Apenas para dar um cheirinho desta obra, Léon Denis refere que no Universo existem duas componentes: por um lado, a material e o movimento, e por outro, a substância e a força. Elabora de imediato duas grandes questões: Quem, pois, faz mover essa matéria? Qual é essa força que a anima? A resposta apenas pode vir de uma inteligência, contando que a inteligência humana não é, por si só, a sua própria causa, porque aquela excede a

vontade humana. Léon Denis assinalou que Deus, tal qual o concebemos, nem é o Deus do panteísmo oriental, que se confunde com o Universo, nem é o Deus antropomorfo, de que nos falam as religiões do ocidente, mas é manifestado pelo Universo, de que é a representação sensível, não se confundindo, porém, com este. Um livro que aconselho profundamente para quem se julga ateu, sem qualquer pretensão proselitista, deixando o leitor fazer a sua própria escolha.

Meu prezado amigo José, com um abraço fraterno, fecho por agora com este meu pensamento que, penso, vem a jeito: São as incertezas que me motivam a perseguir continuamente o Caminho, tendo como certeza de que Deus me acompanha sempre nesta caminhada. O Deus sem religião.

21 de setembro de 2020

Estimado Carlos,

Também na escrita, a ordem das parcelas pode ser arbitrária e, por isso, começo pelo fim, sublinhando a tua última frase, com convicção interior.

E, logo depois, a propósito de Léon Denis e o seu *O Grande Enigma*, dizer que o enviei, com uma pequena explicação verbal, ao meu afilhado, e que o descarreguei para leitura (não sei ainda quando, porque já ando empenhado noutra tarefa de rever mais um livro de Rui Osório, *A Picada no Pezinho… uma Dúzia de Histórias*. Tenho de explicar um pouco mais quem é este personagem: foi o responsável pela introdução, em Portugal, do chamado «Teste do Pezinho», para prevenir precocemente o aparecimento de

doenças que conduziam, quase sempre, a deficiência mental grave. O livro foi publicado oportunamente, esgotou, e agora sugeri-lhe que o disponibilizasse em suporte digital, em segunda edição… que ando a rever para divulgação livre na Bibliotrónica Portuguesa).

Mas não era de Rui Vaz Osório que queria falar, mas sim da busca de Deus, de Léon Denis. Não sei se por acaso (se há acaso), em 16 de setembro, o 2.º Canal difundiu um documentário sobre George Boole. Como é rotina, a Adriana viu e disse: «está ali um programa para ti; julgo que te interessa». E, cumprindo a norma, fui ver, e fiquei atento até ao fim.

Não fazia ideia de quem era o homem, e do que ele representa para a atual ciência da computação, da inteligência artificial, para uma infinidade de coisas que só as grandes descobertas conseguem alicerçar.

Mas o que me acicatou mais a vontade de te falar dele foi a convicção que se lhe meteu na cabeça de, através da sua teoria, conseguir demonstrar cientificamente - para lá de caminhos filosóficos - que Deus existe.

Não teve tempo, por causa de morte prematura, mas o que me levou a falar-te nele foi referir-te mais uma pessoa que, a seu modo, percorreu o Caminho na busca honesta daquilo em que acreditava. Talvez ainda consigas ver o programa, no caso de te interessar.

Há um livro que já mencionei, *A Fórmula de Deus*, em que é Einstein (*umapedra*) que se entrega a essa «descoberta-demonstração».

Mas que o Caminho só é passível de ser percorrido com a companhia de Deus, é.

Na última conversa, prometi que havia de contar-te um episódio insólito, tão raro pelo número de coincidências, que parece inventado.

Por esta razão e pela meditação a que me conduziu na sequência, julgo que nunca me esquecerá.

Foi na segunda viagem ao Languedoc cátaro; desta vez, tinha-a estendido até Avinhão, Arles… Nimes, com aproveitamento, sempre cuidadoso, de tudo aquilo que de interesse histórico, patrimonial, cultural, paisagístico se vai espalhando ao longo do caminho, e que analiso previamente à lupa, com todas as anotações possíveis, para que o desperdício de tempo e quilómetros, seja reduzidíssimo.

Vínhamos de regresso, acabáramos de revisitar Lérida e dirigíamo-nos a La Almunia de Dona Godiña, que conhecêramos, uns anos antes, sob chuva impertinente. Por contraste, o sol, desta vez, era bom para assar.

Como prática, quando o chichi aperta, procura-se uma barriga da estrada, coloca-se a

carrinha em diagonal, abre-se a porta, e aliviamo-nos ao sol ou à chuva, sem sermos vistos da estrada.

Tinha acabado de fazer a manobra, por pedido anterior, quando a Adriana contestou o sítio; no lado oposto havia um largo, com algumas viaturas paradas, uma da *Guardia Civil*, e ao pé de onde eu parara, estava estacionado um camião enorme com atrelado fechado. «Aqui não. Há muita gente. Avança mais um bocado».

Fiz um másculo ar de comiseração, e, punha o motor a trabalhar de novo, quando ela:

«Espera, espera, que um homem que estava a falar com os da Guarda, vem além a correr e a fazer sinal, de braços no ar, para esperarmos.»

Esperei. O homem chegou com ar de desespero, e despejou, enquanto olhava para a matrícula da carrinha:

«Desculpem lá, desculpem lá! Tem cabos

para ligar baterias?»

«Julgo que sim… deixe-me só pensar onde é que os tenho…»

E, enquanto eu pensava e começava a deslocar o banco do condutor, para ver debaixo, ele começou a explicar:

«Vou para Madrid com um carregamento de medicamentos, a maior parte deles para oncologia, urgentes, têm de ser mantidos a temperatura baixa, o compressor do refrigerador parou, a bateria específica está sem carga e não consegue arrancá-lo… estou num desespero, por mim, mas mais pelos desgraçados que vão ficar sem medicação, porque, se o carregamento se estraga com esta caloraça e com o tempo que já parou, não sei quando será possível obter nos laboratórios outro carregamento destes.», e a voz e o olhar refletiam a angústia, deixando adivinhar uma torrente de lágrimas.

«Tenha calma, tenha calma que eu já vou encontrar os cabos…»

E, entretanto a Adriana:

«O senhor tem sotaque de homem do norte: é donde?»

«Da zona do Porto…»

«Mas é donde? É que eu também nasci por esses lados…»

«Não me diga…bem… de Matosinhos».

«Eu também sou de Matosinhos… já agora, de que terra, mesmo?»

«De Santa Cruz do Bispo…»

«Eu não acredito… eu nasci em Santa Cruz do Bispo… só faltava termos nascido na mesma rua…»

«Bem… foi no Lugar do…»

«Souto», gritou a Adriana, de lágrimas nos olhos.

Eu, entretanto, já tirava os cabos do saco

plástico, num cruzamento de emoções que me faziam tremer as mãos.

«Ora aqui estão os cabos…»

«Faça-me lá o favor de aproximar a sua carrinha».

Encostei-me todo… mas os cabos não tinham comprimento suficiente. O assunto, entretanto, tinha-se tornado «meu», e avancei uma sugestão:

«Consegue manobrar para que o reboque fique num ângulo aberto com o contentor, e eu possa enfiar a frente da carrinha lá dentro?», e expliquei com as mãos, a simular a manobra.

«Boa ideia, boa ideia…» e o homem meteu-se na cabina e, numa habilidade experiente, que parecia que ia desconjuntar a ligação entre os blocos gigantescos, conseguiu o que eu pretendia.

Entretanto, a Adriana e eu íamos trocando olhares molhados e com sabor a sal.

Depois foi a vez de eu avançar, já de capô aberto, entalando-me no ângulo que se franqueara. Os cabos deram, mesmo no limite, ligados pelo homem que se empoleirara, nem sei bem onde.

Eu ia dando graças a Deus, engolindo em seco e de olhos marejados, enquanto acelerava, quase empurrando mentalmente a corrente para a bateria do compressor.

«Arrancou, arrancou!», gritou o homem, com aspeto de quem tinha sido salvo de um afogamento. «Nem imaginam o bem que acabam de fazer!»

Só consegui responder:

«Nem que tivesse vindo aqui de propósito só para fazer isto, já teria valido a pena esta viagem de férias».

Despedimo-nos, de corações num só laço.

Eu e a Adriana não conseguimos arrancar

logo. Deixámos o homem partir num adeus e, só depois nos fomos, em velocidade baixa, enquanto íamos tentando consciencializar o que acontecera.

Acaso? Acasos? Ou resposta a orações? Talvez um dia descubra.

Terá o homem do reboque descoberto?

Regresso agora à tua carta de 19 de agosto, porque deixei algumas coisas por referenciar, e bem o merecem; (receio é que fiquem agora algumas de setembro, à espera de vez).

Fui ver onde se situa Couto Esteves, para localizar as tuas peregrinações aos santuários da natureza, e tocou-me naturalmente o contraste entre a senhora que te oferece os seus mimos da horta, por simples simpatia humana, e os *instagramistas* militantes, os *facebookianos* tontos, os...

Sempre houve pessoas que, fosse qual fosse

o seu valimento pessoal, aproveitavam todas as oportunidades para largar sentenças, com ar entre presunçoso e sobranceiro. Conheci uma personificação, na empresa onde trabalhei, que tinham alcunhado de *Sabe Sabe*. Confesso que não recordo o seu nome real, e talvez seja também arrogância minha o facto de o não rememorar, mas nunca lhe ouvi chamar outra coisa… e sempre me pareceu que ele aceitava isso como elogio.

Hoje, os *Sabe Sabe* encontraram púlpitos adequados, e já não é preciso berrar sabichonices em comícios ou nos grupos do café, depois de almoço regado.

As redes sociais vieram resolver essa questão, mas, mais admirável ainda, é o cortejo de seguidores que, bacocamente, deglutem tudo quanto é flato que qualquer celebridade de telenovela largue no éter.

Já tive conta aberta no *Facebook*: durou uns três meses. Outra vez, necessitei de localizar os contactos, que perdera, de uma amiga com quem organizara tertúlias do maior interesse. Abri conta (já não me lembro em que rede - LinkedIn??? - que me recomendaram, a pedido meu, para contactos profissionais); localizei a pessoa, obtive o contacto, que passei a usar de modo privado, e fechei a conta; desta vez durou três dias.

Sinto, às vezes, necessidade de aceder a um conteúdo válido (recentemente, sobre as comemorações da entrada dos portugueses em Ceuta), restrito a contas de *Facebook*, e vem a tentação de reabri-la, mas, um grande MAS tem-me protegido da tentação, pelas razões que já deixei entrever.

E, sobre isto… não ter contas destas filtra amigos. Explico, pela minha experiência recente.

Restringido ao contacto personalizado por *correl* (a tal minha designação para correio eletrónico) ou telefone, descobri que não tinha centenas de amigos, nem dezenas… tenho pouquíssimo mais do que aqueles que já tinha antes das redes sociais e antes das listas de correio de «copiar – colar». E isso é bom: tudo o que clarifica é bom. Torna-nos mais livres; e talvez mais compreensivos. Mais sábios, de certeza.

Teres falado em Jarmelo, por semelhança de nome, fez-me lembrar uma lenda que li em miúdo: se bem consigo amentar, Melo e Jerumelo eram dois gigantes que viviam em montes relativamente próximos, ferreiros de profissão, mas que possuíam só um martelo, que lançavam pelos ares, um ao outro, quando necessitavam. Num dia, um zangou-se, não sei porquê, e atirou o martelo com fúria; o cabo partiu-se e separou-se do ferro, acabando por

enterrar-se, afastados da oficina do vizinho, e dando origem a uma fonte de água férrea e a uma mata. Seria assim? Se foi, deve ter sido a única vez na história do mundo em que, de uma fúria insana, brotou algo de proveitoso, mas à custa de dois desempregados, porque ferreiros sem martelo não terão ido longe.

Manhouce ficou célebre, há uns anos, pelas cantadeiras. Era delicioso ouvir canções genuínas, a cheirar a terra molhada, sem ritmos fabricados por qualquer computador quadrado.

A história de *O Outro Exílio*, deduzo que, de base histórica, atrai: mais alguém que percorre o seu caminho, livre das convenções dos outros, a custos que essas opções de liberdade, muitas vezes, acarretam.

Vou deixar-te em paz, e ver, em privado, umas fotografias de sobrinhos-netos, neste caso, filhos de uma sobrinha adotiva… filha de amigos

que têm *Facebook* e *Whatsapp* e… mas teimam em ser meus amigos. Amanhã de manhã, vou estar com um deles, o Quim, para permuta de livros e de afetos.

Saúde, Carlos. Para ti e os que te sejam queridos.

E que Deus nos ajude, a todos, todos, a ultrapassar esta aflição nefasta.

12 de outubro de 2020

Caro amigo José,

Há uns quantos dias que deixei passar a resposta, sem que isso signifique que haja qualquer abrandamento na motivação da nossa conversa. Apenas surgem outros afazeres, e como pretendo responder com os pés e cabeça bem assentes, aqui vão mais umas reflexões. A

história que me relataste revela coincidências e, de facto, parece retirada de uma novela. Mas a vida tem esta riqueza de situações, às quais muitas vezes admitimos grande espanto, mas quase sempre nos deixa sem justificações e explicações. São fruto das múltiplas redes que multiplicamos ao longo das existências? Confesso que a minhas condições moral e intelectual não se adequam a compreender o real alcance de todas as experiências vividas e sobretudo aquelas que se manifestam espantosamente maravilhosas, que recordo por uns tempos, buscando e rebuscando os sinais que pretendam transmitir, como se escondessem algo de profético.

Vivemos o quotidiano, conformados no ambiente e na educação, e quase sempre nos deixamos corromper pela sociedade. Cresci segundo aqueles propósitos: tens de ser um

homem, ter família, filhos, um trabalho digno, e mais uns condimentos. E lá fui sendo moldado como se estivesse na roda do oleiro. Claro que o barro não é todo igual, apresenta-se com diferentes qualidades, e por isso não somos todos iguais. Depois esperamos pelas mãos do oleiro, que nos vai dando as formas. São muitas as influências pela vida fora, e nunca despertamos para determinar, com precisão, a projeção das nossas decisões. O mais importante é perseguir o sentido da vida e, para tal, teremos de nos desviar muitas vezes dos tais estereótipos moldados pelo oleiro. Como é importante definir bem o sentido das palavras. Entendo por estereótipo um conceito preconcebido, que segue um padrão previamente definido, que se generalizou pelo senso comum. Confrontamos a necessidade de fazermos um esforço de desconstrução, como sendo necessário destruir

muitos estereótipos, para voltar a erguer outros, segundo o tal sentido da vida.

A mente humana sofre com inúmeras construções sociais, que conformam fortemente a nossa maneira de pensar. E agora voltamos novamente à problemática das redes sociais, que trouxeram a possibilidade de estarmos mais perto, mas despiram o arranha-céus das construções sociais. Vêm-me à memória umas passagens de dois poemas, um, de António Aleixo: «Não sou esperto nem burro / nem bem nem mal educado, / sou simplesmente o produto / do meio onde fui criado /»; e o outro, *Nevoeiro*, de Fernando Pessoa, na *Mensagem*: «Tudo é incerto e derradeiro, / tudo é disperso, nada é inteiro... /. É crucial estarmos em rede, mas é primordial estarmos em alerta permanente com o verdadeiro Eu que se busca continuamente no interior do ser humano, e aí sim, essa é a minha

convicção, descubro a minha vocação, orientação, enfim, a minha natureza, quando estou em diálogo profundo com Deus. Vivemos rodeados de propagandas silenciosas que vão corroendo em segredo, faustosamente planeadas segundo os modelos estereotipados. Precisamos parar e olhar o mundo com os olhos da alma, citando Saint-Exupéry: «as coisas fundamentais da vida, aos olhos são invisíveis». E há tanta coisa para descobrir por cada indivíduo, em benefício da sua singularidade! E agora poderás perguntar, com toda a legitimidade, como é possível pensar assim, depois de ter sido estereotipado, durante mais de três décadas, numa das maiores construções sociais: a militar? Confesso que muita coisa fui desconstruindo, guardando tudo o que de bom aprendi nessa convivência. A ordem, a disciplina, a honestidade, a camaradagem... E, por vezes,

elevei demasiado a fasquia, talvez acreditando que a instituição militar seria pura e casta, mas não! A sociedade militar emana da sociedade civil e assim, também ela enferma dos mesmos males.

Privilegio a proximidade com aquilo que é genuíno, autêntico e natural. Por isso me sinto tão bem perto do ambiente das aldeias. Existe uma vontade enorme de retornar aonde não nasci. A terra chama-se Armamar, a proveniência de toda a minha ascendência materna, e nem que seja para passar por lá, ficar por lá, voltar e retornar lá. A natureza do Interior de Portugal é consentânea com a natureza do Eu interior, como se fosse uma biblioteca sem livros, onde tudo está escrito nas paisagens.

Vi o programa sobre George Boole, um autodidata que viu o mundo muito à frente. Deus vai enviando estes mensageiros que fazem

empurrar o ritmo do mundo. Ontem vi também um excelente programa no canal Odisseia, sobre os telescópios mais potentes do mundo. O Universo é tão enigmático, infinitamente grandioso, infinitamente desconhecido, que me faz sentir na pele de um Cro-Magnon, Neanderthal ou, até de um chimpanzé que, modéstia à parte, é um animal muito inteligente. É neste diálogo com o Universo que reside a chave para Deus. Nele, Universo, há uma ordem infinita de redes, harmonia imaculada, organização transcendental. Em verdade, não consigo entendê-lo, apenas o consigo sentir. Aí, tenho esperança na imortalidade da alma, não só como necessidade de evolução moral, mas também para que possamos, paulatinamente, acumular o conhecimento que nos permitirá caminhar na decifração dessa obra de Deus, chamada Universo.

E agora, vou ficar por aqui, bebendo um chazinho com o meu pai e uma tia, agradecendo a tua paciência, abertura de espírito e amizade, com um abraço fraterno.

22 de outubro de 2020

Estimado Carlos.

Optei, desta feita, por não escrever tudo de um fôlego, e ir tratando um assunto de cada vez.

Isto, porque ando, de novo, a dar todo o vapor na revisão do livro do meu antigo professor (o melhor professor que tive), padre, de quem já te falei, julgo. Fui metendo outras coisas à frente, além do dia-a-dia (que inclui tarefas menos eruditas) e, neste tipo de assuntos, quando não são tratados de seguida, é muito mais custoso retomar a linha do raciocínio (neste caso,

sentimento e encaminhamento de factos); depois… o padre Pedro começou a aprender a trabalhar com computadores aos 70 anos; acabei por me tornar o seu mestre principal, pelo telefone e presencialmente; com sistemas operativos e *Words* iguais nos fundamentos, mas diferentes, conforme as versões, foi um trabalho e tanto. Certo é que, com uma persistência inimitável, foi transcrevendo para computador milhares de páginas manuscritas que escrevera ao longo da vida. Para concluir: os diários nem sempre aparecem por ordem cronológica, ou não estão datados… dá para adivinhar o quebra-cabeças em que me embrenhei?

Vou, portanto, intercalando na agenda diária apenas o que defino como prioritário, para não perder de vista a tarefa que, desta vez, tem de seguir até ao fim.

Olha que dói mesmo ler aquilo! Quando tive aulas com ele (português, francês, inglês, alemão, história universal, literatura, ciências naturais… parece que não escapa nada), entre os meus 10 e os 17 anos, alguma vez imaginei o horror em que aquele homem, sisudo, exigente e empenhadíssimo, vivia no dia-a-dia?

E por que é que fez ele questão de me entregar, já quase no fim da vida, estes textos, tão íntimos, para publicar?…

Há momentos, durante a leitura, em que, analiticamente falando, vencido pela dor e desespero, há ali já vislumbres de um estado mental não padronizado, para evitar usar outro termo. Que horror de vida, sob um cenário de professor devotado e competente!

Mas, disto, era para falar apenas como justificação, pelo que regresso ao início da tua carta.

Moldam-nos… e, de novo o padre Pedro.

Aldeia da Estrela; família catolicíssima; todos os horizontes, para miúdo espertito, a apontar para o sacerdócio; o rapazito, que vê o empenhamento dos pais, e reconhece que o prior é a pessoa mais bem referenciada da terra; um seminário de clausura, ao modo antigo; férias com a família, controladas ao milímetro e ao segundo; idealização angélica da vida; o sim concedido num mundo irreal; a vida entre as pessoas comuns; a dúvida; arrependimento; sacerdote, sim, mas… onde impôs Deus o celibato?; paixão humana correspondida; sair da situação, mas…; a mãe ficara viúva e vai viver com ele; o filho padre é o seu enlevo; sente-se com o direito ao amor terreno, mas não quer quebrar votos feitos; a revolta, porque o moldaram num ambiente artificial; tarde, impossível (para o seu modo de pensar e sentir)

sair da peia; amor de padre em vilazinha da Beira; revolta e sofrimento, cada dia, cada hora, cada minuto.

Mais um caso. Recordo o dia em que disse a meus pais, apresentando toda a lógica e raciocínio que tinha construído, que deixara de me sentir católico e que, portanto, não iria à missa. O molde que eu ousara quebrar!

Minha mãe afligiu-se seriamente e fez tudo para que eu regressasse às boas rotinas. Meu pai, de espírito analítico (tinha-me autorizado a fumar e a casar, nos meus 14 anos… outra história… terei fumado, em toda a vida, uns 60 cigarros; e casar, já tinha 32 anos), quis ouvir todos os meus argumentos. Perguntou, dialogou, argumentou… e aceitou. Mas a trama não fica por aqui: quando voltei a Manteigas, nas férias seguintes, depois de almoço (era a hora solene para as grandes notícias e decisões), sai-se com esta: «Quero

dizer-te que tentei deixar de ir à missa; aguentei duas vezes, mas já voltei… mas tens razão».

Os moldes que ousamos quebrar ou não. O que nos faz diferentes uns dos outros, sendo iguais na essência.

E, sobre isto, falemos um pouco da COVID e da informação que nos vai chegando: como nos tem «moldado» a informação?

Fui levantar dinheiro ao multibanco, numa caixa no interior de instalações. Levei um artefacto que inventei, para não tocar nos teclados públicos e, depois de operação, usei o talão para pressionar o botão de abertura e para puxar o manípulo da porta. Estava um indivíduo no exterior, a aguardar vez, que me interpela de modo arrogante: «O que é que esteve a fazer para aí com o papel?» Respondi calmamente: «A evitar tocar diretamente no botão e no manípulo, para prevenir contágios.» E ele, logo: «Vocês são

doidos! Andam todos doidos!» Sorri-lhe (não sei como é que ele leu, mas eu enviei comiseração), encolhi os ombros, completei a saída, e fui deitar o papelinho no caixote que está ali ao pé.

Diferentes, sim. Estarei eu, no caso, demasiadamente «moldado»? Talvez, mas depois de analisar o assunto, vou continuar.

O que havias de ter arranjado com a excelente lição de filosofia, no início da tua conversa! (E, à boa maneira da sociedade comum: «a culpa é tua»).

E ainda as redes sociais:

Com alerta mensal, tenho na minha agenda uma interrogação: reativar conta no *Facebook*? E quando vem o dia, penso um pouco sobre o assunto, pergunto-me se me fez falta durante o mês anterior… e adio para o seguinte a decisão importante. No dia em que concluir que a inclusão beneficia a minha relação com Deus,

ou, pelo menos, com os que mais me importam na vida, ou, no mínimo, comigo próprio, não hesitarei. E, como expliquei já, a vantagem maior foi clarificar o nível dos 400 «amigos» que lá tinha.

É verdade que já usei o *Facebook*: aquando do lançamento do livro *Linhas Entre Nós*, pedi aos amigos (os que sobreviveram à minha autoexclusão das redes) que fizessem a divulgação nas páginas (não sei se é o termo exato) deles. Agradeci, mesmo não tendo sido possível contabilizar os frutos reais de mais uma «treta» entre as milhares que sufocam «esmartofós» (modo privado como designo os telefones inteligentes), tabletes e computadores. Não passou, porém, de um anúncio comercial, viável por dezenas de caminhos.

Em conclusão: ainda não.

Também eu mantive o espírito de escuteiro, com o natural apego à natureza, tão diferente das paisagens citadinas. Tantos anos passados, mantenho, curiosamente, uma capacidade estranha. Quando tenho de orientar-me, faço-o melhor no meio de uma serra do que nos traçados de uma urbe, onde necessito permanentemente de dicas da pendura. Em contraste… antes dos GPS, em viagem por França, perto de Dax (em cujo concelho há uma terrinha chamada Paul, onde nasceu S. Vicente de…), arranjámos alojamento num quarto de uma quinta, em pleno campo. Como era ainda cedo, fomos até à povoação, com a intenção de regressarmos em breve. Havia festa. Decidimos jantar e, só depois, regressar. Saída da povoação e, breu completo: nem um candeeirinho do tamanho de um «aricú» (alcunha manteiguense para pirilampo). Sem conseguirmos divisar

nenhuma das referências paisagísticas que tínhamos anotado mentalmente, demos connosco perdidos em pleno campo. Desespero, mesmo, porque já nem a povoação se divisava. Saí do carro, olhei o céu, fechei os olhos a desenhar direções, reentrei no carro e disse à Adriana que não devíamos estar longe e que, tinha a impressão de que, mais 500 metros, estaríamos lá; um pouco, também, para a descansar, confesso. Inverti a marcha (não se via nada, recordo), avancei, voltei na primeira à direita e de novo na primeira à direita, depois, umas dezenas de metros andados, descortinámos, à esquerda, o perfil das construções da quintinha pequena, finalmente como um farol de fantasia a alumiar.

Para além de uns pontos mais atrevidos, conhecemos um bocado de Portugal, Estados de Espanha, e Regiões de França… mas nunca

estivemos em Armamar. Já fui espreitar: passámos lá bastante perto, no verão.

E vou concluir, para não te martirizar, sem ter iniciado nenhum dos assuntos que reservara para esta conversa: há uma canção da Lara Li (que é feito dela?) de que retive uma frase (aproximada): «Aquilo que o homem descobre / É porque já Deus tinha criado». Continuo a sentir estranheza quando alguém me diz, a parecer convicto, que não acredita (sente, vê, raciocina) na existência de Deus… ou do que O queiram apelidar. Eu creio, graças a Deus, e sinto que consigo aceder a Ele, apesar do grão de poeira cósmica que sou. Ou por isso mesmo.

Um abraço, Carlos.

PS: Envio, em anexo, a última encíclica do Papa Francisco, *Fratelli Tutti*. Merece leitura, rápida que seja.

2 de novembro de 2020

Estimado José,

Afinal, como demonstram as nossas conversas, a filosofia não é nada de profundamente complexo. Simplesmente pensamos e falamos da essência das coisas. Todo o ser humano é um potencial filósofo, sem a necessidade de ter que desenvolver emaranhadas teorias. Como vês, por onde nos leva este punhado de páginas, sem aquela preocupação de aspirar à resolução de grandes problemas, mas expondo-os e analisando-os, à luz das nossas vivências. Felizmente que, chegados a esta fase da vida, temos a escolha de manipular o tempo cronológico, dedicando breves momentos às reflexões da existência. Esse é o exercício da filosofia mais pura. Os desafios, confrontações

interiores, abalos e esplendores, alegrias e tristezas, conquistas e desilusões do padre Pedro, demonstram bem o valor da filosofia como âncora de esperança nessa busca de sentido da vida. Certamente que o padre Pedro vive com a filosofia, mais do que com a religião, porque as vicissitudes e dimensões da sua vida remetem-no para maiores amplitudes pensantes, as quais extravasam a religião. Há dias, ouvia uma entrevista no *canal Q*, ao frei Bento Domingues, dominicano, e ficaria ali a ouvi-lo dias e dias. Um espírito livre, no sentido de liberdade de pensamento tolerante com os limites da sua própria consciência, apesar de ser reconhecido como teólogo, frei Domingues extravasa esses domínios teológicos, e conquista atenções por via das suas reflexões filosóficas, sem querer referenciá-las no exclusivo domínio religioso. Uma das suas intervenções centrou-se no diálogo

interessante entre ciência e fé. Poderíamos também extrapolar esse diálogo entre intelectualidade e emotividade. Ambos nos remetem para o mistério das causas, da criação e, naturalmente, da existência de Deus. E os ateus acabam por ser também um grande desafio no quadro deste diálogo, porque motivam a busca de um maior poder de argumentação filosófica. Em todo o caso, a filosofia engloba a ciência e a fé.

Lembro, há uns vinte anos, quando fui a uma consulta de Ortopedia, o médico atendeu-me em cinco minutos, e depois ficámos a falar destas coisas, uma meia hora, ao ponto de lhe ter dito que estava outro paciente esperando a sua consulta. Então, a conversa centrou-se numa questão que aparentemente a ciência já explica há muito tempo: o fenómeno da conceção-fecundação. E dizia o médico, e muito assertivamente, que esse fenómeno estava muito

bem descrito sob o ponto de vista da junção celular e crescimento do novo ser, fosse animal ou vegetal, mas que a ciência ainda não tinha conseguido explicar aquilo que estava a montante do aparecimento dos gâmetas ou células sexuadas, lembrando o que existiria antes do *big-bang*, a teoria física para o aparecimento do Universo. Lembro termos falado no processo de lançar uma semente à terra e, passados uns dias, germina a planta, descrição tão aparentemente simples que não oferece qualquer dúvida à esmagadora maioria dos Seres Humanos, mas que nem sequer se questiona como isso foi possível. Em verdade, existe ali uma explicação que nos é totalmente desconhecida.

Semelhantemente, já depois de a astronomia conseguir explicar as leis que regem o movimento de rotação, de translação e de atração

dos astros, ainda não vislumbra o que está por detrás dessas leis; e nem nos damos consciência de que a nossa Casa Comum, o planeta Terra, está continuamente suspenso num espaço infinito, em expansão ou não, que levou René Descartes a teorizar sobre uns micro-vórtices que seriam responsáveis por manter suspensos os corpos celestes. A expressão «ter os pés assentes na terra» não retira legitimidade à outra que diz, «andar com a cabeça no ar», porque ambas são concomitantes. Hoje sabemos que pisamos a terra por efeito da gravidade e pela lei da atração universal nos mantemos em rotação e translação, suspensos, falando grosseiramente; mas onde está a causa de tudo isso? Não será certamente um tema que atraia milhares de *likes* ou que seja objeto de milhares de comentários nas redes sociais. Também não é necessário ter-se o estatuto de reconhecido cientista para refletir

sobre estas questões, porque a disponibilidade para exercitar a filosofia gera, pelo menos, a capacidade para que o ser humano reflita sobre os fenómenos que o rodeiam. Mais do que saber muita matemática, física, biologia, história, sociologia, teologia, e tantos outros ramos do saber, é fundamental estabelecer os cruzamentos dos diversos campos do conhecimento, e não desenraizar desta imensa rede os elementos intuitivos, abstratos, subjetivos e, sobretudo, aqueles que se identificam com a natureza da fé. Ciência sem fé e fé sem ciência são caminhos lacunares e cheios de interstícios desconhecidos.

Edgar Morin, filósofo judeu de origem sefardita, de 99 anos, em 2005 escreveu o livro *Introduction à la pensée complexe* (Introdução ao pensamento sistémico), considerando que o mundo de hoje adquiriu muito conhecimento específico nos campos da física, biologia,

psicologia e sociologia, e a ciência faz reinar cada vez mais os métodos de verificação empírica e lógica. Esta leitura leva-me a conferir que a comunidade científica está demasiado focalizada na especialização do conhecimento, sem se esforçar demasiado por estabelecer as pontes necessárias entre as ciências exatas, humanas e da vida. É crucial começar a olhar para todo o conhecimento de forma integrada, não fazendo sentido tornar estanques as áreas que o compõem. Por esta razão, Edgar Morin considera que vivemos sob o império dos princípios do desmembramento do conhecimento, no qual, o conjunto constitui o que ele chama de «paradigma da simplificação». Não basta olhar exclusivamente para a árvore, o tronco, os ramos e as folhas, sendo fundamental analisar a perspetiva da floresta e buscar a correlação de todos os seus elementos. O

«paradigma da simplificação» de Edgar Morin dir-nos-á que o problema está compartimentado em diversas gavetas do conhecimento que não comunicam entre si. É interessante notar que Edgar Morin faz uma distinção entre conhecimento científico e reflexão filosófica, que parece ter uma relação com o debate motivado pelo frei Bento Domingues, centrado na complementaridade entre ciência e filosofia, lembrando que a teologia em si mesmo é um ramo da filosofia.

Por outro lado, existe uma tendência generalizada na prática científica especializada, que designo por «obsessão bibliométrica», consistindo numa forma de competição entre cientistas, académicos e instituições, na corrida à produção de livros, artigos, publicações e citações científicas. Se esta competição não observar os princípios da deontologia científica,

então vão proliferar os erros e a cegueira, visando apenas o enriquecimento curricular, em prejuízo da qualidade do novo conhecimento.

Talvez este modelo de Edgar Morin nos seja apropriado no quadro desta vivência pandémica, sem me querer alongar em considerações de políticas de saúde, epidemiológicas, económicas ou outras decisões técnicas e institucionais muito discutíveis, alarmantes e ineficientes. Os políticos abordam-na segundo as projeções de popularidade; os médicos hospitalares, particularmente os intensivistas, olham-na segundo os princípios e regras da saúde publica; os economistas interpretam-na na base do decrescimento económico; e os jornalistas exploram-na para fazerem crescer as audiências. Esta experiência que vivemos expressa muito bem essa necessidade de integrar todos os campos do conhecimento, como se

equacionássemos um problema com múltiplas variáveis que, sendo combinadas eficiente e eficazmente, determinariam um resultado otimizado, para bem do coletivo. Para desanuviar um pouco, dei conta, há dias, de um cartoon humorístico datado de 1918, onde um paciente pergunta ao médico: «Doutor, existe algum preservativo para a hespanhola?» (querendo referir-se a algum antídoto para a gripe espanhola). O médico respondeu: «Há e é excelente! Não leia jornais!».

Como muito bem me lembraste da última encíclica do Papa Francisco, retiro que, neste momento, a Humanidade tem mais uma oportunidade para reorientar o caminho, assente nesses princípios tão nobres que o Pontífice referiu: o diálogo seja adotado como caminho, a colaboração comum como conduta, e o conhecimento mútuo como método e critério.

Boa semana, muita lucidez e discernimento para seguirmos em frente com coragem, e grande abraço fraterno.

14 de novembro de 2020

Mais uma troca de impressões, Carlos.

Não terei deixado claro que o padre Pedro já está noutra dimensão há alguns anos; tive de obter autorização dos sobrinhos (a minha herança foi verbal, selada com as palavras-chave da caixa de correio e blogue) para a publicação dos seus escritos, «sem fins comerciais» …, mas com muitos encargos laborais!

Já ouvi frei Bento Domingues algumas vezes. É como dizes: deixamo-nos ir, argumento atrás de argumento, afirmações, dúvidas e, sem me dar conta, vou estabelecendo uma relação entre o que

ouço e o que penso, desde algum abanar de cabeça mais duvidoso, até à sintonia pura com a linha filosófica do seu raciocínio. E num registo que parece que está a falar de como está o tempo hoje. Sabe bem ouvir pessoas assim, em contraste com tanta atoarda que não passa de ruído vazio.

(Por que me terá ocorrido falar da pocilga televisiva dos programas *Big Brother* e equivalentes?! O que não consegui explicar ainda é a razão de terem uma audiência notória, segundo dizem. Como pode ser?! Os pedaços de menos de cinco minutos que, às vezes, ouço à hora de jantar, enquanto não chega o noticiário, convidam a uma decadência mental, moral e social que impressiona. Há semanas, anotei uma frase de uma interveniente, que, só por si, dá uma definição cabal da essência daquilo. Exclamou

ela, em inglês, como cito: «*Oh my fucking god!*». Nem me apetece traduzir).

Isto ocorreu-me, por contraste com a fluidez profunda de uma conversa de frei Bento Domingues… que terá uma audiência mais reduzida…

Não vejo que tenha de haver afrontamento entre ciência e a fé, se ambas forem puras e honestas. Se o trovão era «Nosso Senhor a ralhar», quando se desconhecia a razão objetiva do relâmpago e a sua consequência, não vejo que a descoberta da explicação científica viesse pôr em causa a essência de Deus. Misturar Deus com a interpretação da religião X ou Y, ou igreja com o comportamento do padre A ou pastor B é análise que exprime menoridade mental ou, para ser irmão entre irmãos, sintoma de pré-começo de caminhada, cegado ainda por nevoeiro anegrado. Dou um exemplo real: Souto

trabalhava na minha área; era daqueles contestatários para quem a única coisa que está bem é a sua própria opinião; pois o homem, numa prova de excelso raciocínio, repetia sempre que surgia o tema religião: «Se eu mandasse, as igrejas só deviam abrir para batizados e casamentos». Ufanamente. E, quando eu alertava: «Ó Souto, mas ninguém é obrigado a ir à igreja!», ele contestava, cheio de convicção: «Mas quem se quisesse batizar ou casar, tinha direito a ir lá e ser atendido». Ainda hoje estou para entender o raciocínio… mas talvez esteja aí a explicação para as propaladas audiências dos «quejandos do *Big Brother*»…

Porque será que o caminho para a elevação espiritual tem de começar, para algumas pessoas, na Fossa do Mindanau?

A conversa com o teu ortopedista é interessantíssima e profunda, e levou-me à

recordação de uma brincadeira seriíssima que tenho usado com dialogantes mais ferrenhamente materialistas quadrados. Digo: «Sabes que é facílimo transformar matéria em energia?!». E o interlocutor que, na altura da discussão, anda pela «nonagésima esfera» da argumentação, contesta: «Fácil??? Fácil nada... só em centrais nucleares». E eu, risonho, respondo: «Já tu, de pequenino, embora por vias alternativas, conseguias converter o leite de tua mãe em pés quentes e esbracejar irrequieto… e ainda hoje consegues converter, todos os dias, um prato de batatas em energia de tipos riquíssimos e variados: basta analisares-te».

E tudo isto nos parece simples e natural, porque nos foi concedido sem termos de encomendar nada. Mas será?!

E além dos exemplos excelentes que referiste, tantas outras pequenas coisas que, por

nos parecerem naturais desde que nascemos, não valorizamos! Uma ferida que fecha e sara por si, por exemplo, faz-me lembrar a Dr.ª Josefa Serra, prima afastada (mas pessoa próxima), a primeira cirurgiã portuguesa, que tinha duas expressões interessantes: «Não se esqueça, primo, que uma cirurgia é sempre uma facada controlada»; e outra: «O médico trata, mas o que cura é a capacidade que Deus nos deixou para isso acontecer».

E chamo a atenção para as considerações que fazes sobre teoria da gravidade e a interação entre tudo o que se move no Universo: dá para passar uma vida humana completa, apenas a meditar sobre a sua explicação. Descobriu-se a regra; deduziram-se as leis, mas «aquilo que o homem descobriu / já Deus tinha inventado», de uma forma simplista, ou nem tanto.

Há um livro que já li há uns anos, e penso que já referi, que se chama *A Fórmula de Deus*, que aborda a teoria que tudo funciona demasiado acertado para poder ter sido o acaso a fazer os ajustamentos indispensáveis. Não sendo um escritor de eleição, na forma, aborda conteúdos com interesse, mas fatigantes, que, romanceados, se tornam muito mais atrativos. É o caso deste livro.

Uma das grandes vantagens que se têm revelado nestas nossas conversas de amigos é o alerta reincidente sobre os meus níveis de ignorância, o que entendo como muito positivo. Desta vez foi o caso de Edgar Morin, que não conhecia. E aqui está a valia: aprendi mais alguma coisa (pois já fui pesquisar e já extraí dois pedaços de informação para digerir com mais calma). O indivíduo é mesmo uma das boas exceções da humanidade: coerente na sua vida e

opções, idealista, realista, analista, pesquisador e, se entendi bem, com 99 anos vividos.

E estou sintonizado contigo no que se refere à leitura que elaboraste de Edgar Morin; a substituir o olhar abrangente que induz à compreensão geral, o paradigma do saber atual é a especialização, em que cada um objetiva ser a sumidade num conhecimento específico, com quase ignorância em matérias de outro âmbito, mesmo próximas. Os exemplos que referes, a pandemia e o ângulo de cada um sobre ela são evidentes, desde o topo até às bases mais elementares.

Pondere-se, por exemplo, sobre as manifestações que se fazem, em quase todos os países, contra as restrições governamentais à circulação e contacto de pessoas. A insurreição é contra o governo ou contra o município… quando devia ser contra o vírus, e só, que é o que

está no fundo de tudo; o resto são formas mais ou menos sérias ou mais ou menos desesperadas para combater o que não se conhece e não se vê.

Outro exemplo que me ocorre é uma mazela que se instalou nas terras pequenas (e não imaginas como o lamento!): se alguém dos «amarelos» tem uma ideia para melhoria da vida ou do funcionamento local, os adeptos dos «azuis», dos «cinzentos» e dos «pretos» aparecem a clamar que é ideia de parvos e malucos. Se a proposta é dos «cinzentos», são os outros todos, menos estes, que acusam de tacanhez a sugestão apresentada; a acumular, esta atitude expande-se ao quotidiano e às questões privadas. O que me dói mais é que sinto que, geralmente, há convicção nas posições tomadas. Já nem é visão de funil: é de tubinho estreito, sem abrangência, sem independência, sem inteligência, sem avaliação do contraste,

sem estudo de possibilidades práticas. Como alternativa a uma visão de cima, global, analítica e confluente, o espreitar do buraquinho, porque a minha cor é mais sábia do que qualquer outra, como se os homens se tivessem equipado, como animais de tiro, com palas nos olhos.

A paranoia da especialização chega a atingir o ridículo. Caso concreto: dentistas; deixei de ir a uma clínica das famosas na praça, porque o médico que punha coroas não podia ser o que fazia limpezas, e o que arrancava dentes não era o que tratava cáries. Numa das vezes em que fui lá queixar-me que se tinha partido a face lateral de um dente, paguei uma consulta… para me dizerem que aquilo era com um colega que estava de férias… e que teria de ir a outra clínica do Grupo. Passei-me para um «sábio» à moda antiga, dos que tratam os dentes, desde a limpeza ao implante.

Não temos de saber tudo, mas seria bom que compreendêssemos tudo, nomeadamente a visão do contrário, e ainda todas as consequências do inesperado. Esta última exigência, confesso, é notavelmente difícil.

Ora, estas minudências do quotidiano revelam a tendência de visão com limitadores nos olhos, retirando a abrangência indispensável a uma compreensão das realidades, desde as espirituais até às mais práticas.

Mais um tema para ponderar e enriquecer a minha vivência.

Conheço o cartune que citas sobre a *Hespanhola*… tão profundo!

O Papa Francisco foi uma bênção nos tempos que correm… mas tanto caminho a percorrer, numa tentativa para aproximação à simplicidade original, com aplicação, sem filtros nem interpretações, ao Homem presente.

Chegou-me às mãos alguma informação de Henry Steel Olcott, personagem que não conhecia. Fui fazer alguma pesquisa e ficou-me a dúvida se se tratava de um homem na senda da espiritualidade, se um simples folclorista ou se, pior ainda, um oportunista. Não encontrei traduções da sua obra maior. Sabes alguma coisa sobre ele?

Por via da Bibliotrónica Portuguesa, num pedido de parecer, dei com a curiosidade que partilho contigo, por causa de outros interesses comuns: a moeda da Costa Rica é o Colón. Não fazia ideia.

Na visualização de uma pequena série sobre a História do Irão, fui cair no zoroastrismo (Zaratustra, Ahura-Mazda), vigente antes da invasão árabe / muçulmana; e mais uma vez a conclusão: há quanto tempo o homem procura Deus e se esforça por compreendê-lo, sempre

com o contrapeso, inerente ao humano, das explicações limitadas para o que não tem limite! Mas fica a minha admiração por essa busca, com vista à aproximação à noção do divino.

Mas, no assalto das dúvidas, fica a questão: foi Deus que criou o homem, ou, como afirma o materialista dialético, Politzer, foi o homem que criou Deus? Como sou tão desastrado na criação de tantas coisas, estou muitíssimo mais inclinado para a evidência de que foi de Deus que emanou o homem, e não o contrário; «o modo e o como», que as religiões e as filosofias concebem, continuarão a alimentar as minhas inquietações.

E porque falei em Irão, anotei alguns nomes e obras para ir conhecer ou, num caso, aprofundar: Ferdowsi, com *Shahnameh* (só encontrei versão em iraniano); Nizan ul-Mulk (o «Maquiavel do Irão», cuja obra só encontrei em francês); e Omar Kahyyam, com *Rubaiyat* (já

disponível na Bibliotrónica), além de uma grande e válida obra de caráter científico).

Parece que já me distraí, uma vez mais, com a quantidade de palavras, mesmo assim, muitas vezes, demasiado sintéticas para exprimir conceitos de modo mais profundo, como merecem.

Paz e saúde, para ti e família.

25 de novembro de 2020

Caro José,

Vou começar pela tua pesquisa sobre Henry Steel Olcott. E, para responder diretamente, nunca li fosse o que fosse escrito por este autor teosófico. Apenas o relaciono com a figura de Helena Petrovna Blavatsky, uma vez que ambos fundaram, no século XIX, a Sociedade

Teosófica, e tiveram juntos um longo percurso. Como tive contacto com esta interessante senhora? Em 2008, quando já estava na Academia da Força Aérea, comecei a frequentar, em Lisboa, a Nova Acrópole, uma instituição internacional de filosofia prática, fundada por Jorge Angel Livraga. Permaneci assiduamente nessa escola até 2012, quando saí da Academia e fui colocado no Ministério da Defesa. Blavatsky é uma espécie de patrona da Nova Acrópole, onde aprendi muito. Esta escola tem um curso inicial, composto por 20 sessões, que abrange temas de ética, o simbolismo de *Bhagavad Gita*, Buda e o Nobre Caminho Óctuplo, a doutrina confucionista, Aristóteles e a sua *Ética*, a síntese da filosofia de Plotino, a sociopolítica e os problemas do mundo e do Homem atual, o mito Platónico da Caverna, Roma e os Cidadãos do Mundo, os Estoicos, a Filosofia da História e a

Voz do Silêncio de Blavatsky. Depois, quem pretendesse avançar nesses estudos iniciava um outro nível, e aprofundava muitos desses temas, cuja duração era aproximadamente de dois anos.

A única obra que estudei de Blavatsky foi *A Voz do Silêncio*, se bem que tivesse abordado superficialmente a *Ísis Sem Véu* e a *Doutrina Secreta*, obras extremamente difíceis de estudar e, talvez por isso, nunca encetei essa tarefa a fundo. Contudo, nesse segundo nível, estudávamos alguns capítulos dessa *Doutrina Secreta*. Sobre *A Voz do Silêncio,* recordo os seus princípios baseados nas salas do conhecimento: a ignorância que é um mundo de ilusões, mas que pensamos que é real, cuja única realidade é o transitório, uma situação fugaz; a seguinte é o estado de aprendizagem, quando a busca tem um objetivo mais sincero, na perseguição de um caminho que vai ficando recheado de múltiplos

conhecimentos, mas que não preenche aquilo que procuramos, porque, como diz Blavatsky, o importante é procurar as essências. Então somos conduzidos para a terceira sala que se designa por sabedoria. Para ser sincero, sinto-me entre a primeira e a segunda sala, porque a ignorância é tanta que, com tanto estudo, ainda me julgo mais ignorante, e parece que não consigo sair daqui. Às vezes, tudo me parece confuso, caótico, emaranhado, sem conseguir vislumbrar uma forma de desatar tantos nós infinitos. Blavatsky chama-lhe a sala do discípulo, que apresenta muitos desafios, e há que tomar muita atenção para os seus perigos. Talvez por isso, muitas vezes alternamos as nossas paragens neste longo caminho, procurando respostas, nesta ou naquela religião, corrente filosófica, conquista da ciência, num ou noutro movimento, e, passado um tempo, parece que voltamos ao mesmo ponto de partida.

Se não fosse a âncora que Deus nos deu, o meu barco já teria derivado há muito, e mesmo assim não posso dizer que não sou tentado, porém, uma vez mais, essa âncora jamais deixa o meu barco perder-se neste mar tempestuoso.

É nesta base que poderei aferir sobre Henry Olcott, uma fiel companhia no caminho desta mulher que no seu tempo fez coisas absolutamente impensáveis para uma mulher. Alguns dizem que tinha grandes poderes psíquicos, chamar-lhe-ia grande poder mediúnico, com uma enorme capacidade de recriar e de imaginação. Percorreu o mundo das Antigas Civilizações, privou com os mestres do budismo tibetano, foi para os Estados Unidos, onde conheceu Olcott, focou-se no espiritismo, fundando sociedades espíritas, mas não era aí que obtinha as respostas pretendidas, e viajou para a Índia. Se pretendermos escolher o estudo

da obra de Helena Blavatsky, então teremos certamente que dedicar-lhe muito tempo, a avaliar pela obra teosófica que nos deixou.

Como também estás interessado em estudar o zoroastrismo, então também encontras no segundo volume (originalmente um total de dois volumes) da *Ísis Sem Véu*, a *Teologia*, onde discute a semelhança da escritura cristã com as religiões orientais, como o budismo, o hinduísmo, o vedismo e a religião de Zaratustra. O primeiro volume trata da infalibilidade da ciência moderna e, como é expectável, os historiadores e cientistas não levam estas obras seriamente. Quanto à *Doutrina Secreta*, tem originalmente dois volumes: o primeiro dedicado à cosmogénese, que tive a oportunidade de estudar na Nova Acrópole, sendo um assunto extremamente árido para mim, mas simultaneamente atrativo e que nos deixa

muita margem de reflexão. O segundo aborda a antropogénese. Lembro que diziam na Nova Acrópole que é preciso ter uma atitude adequada para estudar estas obras, face aos conteúdos bastante descritivos e minuciosos, mas que não estão filtrados pelo método científico. A *Doutrina Secreta* está disponível no *Internet Archive*. Mas voltando à tua pergunta sobre Henry Olcott, nada li escrito por ele. Helena Blavatsky não se compatibilizava com oportunistas ou falsos profetas, por isso, penso que estamos perante um homem íntegro.

Na Nova Acrópole também havia um capítulo dedicado ao zoroastrismo, cuja doutrina não conheço de todo, sendo estas nossas conversas que, por vezes, nos estimulam a pesquisar algo mais sobre aquilo que me propões. Lembro que o diretor da Nova Acrópole de Oeiras-Cascais, Paulo Loução, é um amante

da civilização persa e inclusive tem algumas iniciativas culturais, muito interessantes, com a embaixada do Irão. Com tudo isto fizeste-me recordar esses tempos passados na Nova Acrópole, onde frequentava, duas vezes por semana, as atividades, das 19h às 22h. Fazia essas viagens de comboio desde a Portela de Sintra até ao Rossio, e uma noite, regressava cansado, adormeci na carruagem e fui parar à estação de Sintra. A par dessas atividades semanais, eram organizados eventos culturais e filosóficos em diversos locais de Portugal, lembrando, particularmente, o encontro nacional no Hotel Príncipe da Beira (HPB), no Fundão, quando se entra em Donas, o qual, curiosamente, tem as mesmas iniciais de Helena Petrovna Blavatsky. Há pouco tempo foi vendido para se transformar num Centro para Idosos. Fazíamos teatro mitológico, recitávamos poesia, assistia-se

a palestras. Foi um período muito significativo na minha vida. Aprendi, com essa experiência, a valorizar mais os clássicos da filosofia, que, mais tarde, por via do espiritismo, decidi aprofundar para estabelecer as pontes e as ligações, concretamente com Sócrates, Platão, Séneca, Epicteto, Marco Aurélio, Plotino, Giordano Bruno e Marsílio Ficino.

Voltamos ao tema da ciência e da fé que, sem dúvida, não têm de se confrontar, pois são faces da mesma moeda. O Homem trata dessa confrontação motivado por compromissos entre a ignorância e os interesses que geralmente geram conflitos perigosos. Aproveitando o tema de Olcott e Blavatsky, muito provavelmente foram dois expoentes que souberam interpretar essas faces da moeda, não se limitando a tratar a fé como propriedade desta ou daquela religião, ou colocando a ciência num patamar de

exclusividade positivista. Penso que esse ainda é um grande problema de alguns cientistas atuais, expandido a partir do século XIX, quando surgiu o positivismo de Auguste Comte (1798-1857). Evidentemente que o método científico deve ser seguido com determinação, mas a formulação de novas vias de investigação não deve ser recusada em nome de puros preconceitos, pois são as dimensões desconhecidas que alimentam o motor científico, buscando aquele imenso volume informativo que só pertence a Deus.

Há dias tive de elaborar uma resposta a respeito da situação pandémica, porque sempre me preocupou bastante a ausência de um estudo sério sobre a origem deste vírus. Então tive de contextualizar a experiência que tive institucionalmente, no âmbito da Convenção das Armas Biológicas e Toxínicas, das Nações Unidas, seus objetivos, metodologias e

organização, que muitos desconhecem. Porque uns também alimentam as teorias da conspiração, existem práticas no mundo que não são conspiração. A ameaça biológica é uma realidade com diferentes abordagens, colocando-se a questão da integração das vertentes da segurança e defesa e da saúde pública, que nem sempre foi objeto de posições consensuais. Porém, este objetivo abre excelentes perspetivas de boas práticas para a governação sustentável, face à atual ameaça colocada pelos agentes patogénicos e o bioterrorismo. Face ao incremento da vulnerabilidade das sociedades, devem ser equacionadas as preocupações em torno da utilização mal-intencionada dos avanços científicos, que pode ser colocada ao serviço do terrorismo biológico, em benefício do desenvolvimento de armas biológicas contra os seres humanos. A resposta foi composta por duas

páginas, e não te vou aqui massacrar com isso. O que podemos concluir é que jamais poderemos excluir qualquer variável de um problema, tal como a fé não deve ser esquecida pela ciência. Einstein foi um expoente da ciência e em 1926 escreveu o seguinte: «A teoria produz um bom resultado, mas dificilmente nos aproxima do segredo do Criador (...) Estou, em todos os casos, convencido de que Ele não joga dados». Curiosa esta frase pela escrita de um dos maiores vultos da ciência do século XX.

É chegado o momento para te deixar em paz, com muito agradecimento pelas tuas ideias que fazem avançar o nosso diálogo, aberto, sem interesses, sincero e numa base de grande confiança e fraternidade. Um grande abraço, meu Amigo.

6 de dezembro de 2020

Que estejas com Deus, Carlos (saudação da minha terra, na minha infância e juventude),

Começo pelo princípio, desta vez. Sobre Helena Blavatsky tinha lido, há muitos anos, pelos melhores e pelos piores motivos, a propósito de espiritismo. Os defensores reclamavam para ela tudo aquilo que referes e tudo o mais que, a teu conselho, fui agora pesquisar na net; os delatores, assestando canhões sobre alguns casos de fraude que tenha cometido, arrasavam toda a sua obra, sob o argumento que «quem comete fraude uma vez, comete fraude sempre».

Logo na altura, procurei encontrar a verdade possível, e fui descobrindo que outros espíritas, melhor, médiuns, quando instados e sob controlo, foram levados a «forçar» os

fenómenos, de algum modo, para não perderem o crédito… caindo no descrédito. Um erro que muito prejudicou a causa e que afastou, mesmo da investigação, alguns que, com espírito positivo e analítico, queriam comprovar a veracidade dos fenómenos. O que concluí na altura, se é possível concluir, foi que a fenomenologia existe, com testemunhos múltiplos e insuspeitos, mas não funciona por encomenda, por não estar dependente do consciente nem do relógio do indivíduo que estabelece a ponte com essas manifestações.

Mais tarde, ao estudar Parapsicologia, por mão do investigador jesuíta, Óscar González Quevedo, que pretendia desmontar ou desacreditar o espiritismo, acabei por confirmar a credibilidade dos fenómenos, que ele testemunha e descreve, diferindo «apenas» na hipótese de uma explicação para a sua causa: enquanto, para

o espiritismo, as revelações e fenómenos têm origem em espíritos desencarnados que, através de um médium, se manifestam, para Quevedo tudo se explica pela capacidade do inconsciente do indivíduo comunicar com o chamado inconsciente coletivo, e o inconsciente ter factualmente capacidade de concretizar tarefas ou manifestar conhecimentos que estão para além da nossa vida quotidiana (concretizada principalmente pelo consciente de cada um), embora influenciado, mais ou menos, conforme o indivíduo e as circunstâncias, pelo subconsciente. E isto vai desde telecinesias, passando por hiperestesias indiretas do inconsciente, até a revelações de conhecimentos que o «médium / interventor» desconhece conscientemente.

Factos:

- Raramente embora, mas já por várias vezes e em diversas circunstâncias, fiz experiências concebidas para testar a hiperestesia indireta do inconsciente, com resultados que fazem surpreender os presentes e os participantes. Os experimentos exigem, no entanto, um contacto físico entre o «emissor» e o «recetor»; é este que conhece a técnica e define as condições da realização.

- Julgo que me repito ao dizer que, em experiências, há muitos anos, que definíamos como espíritas, foram feitas evocações de pessoas vivas, ausentes, que deixaram mensagens consequentes.

É meu entender, porém, que os factos, na sua diversidade, não têm necessariamente de se excluir.

E concluo: mais uma vez, a verdade é um processo de busca permanente, e os que a julgam

como facto definitivo, ainda em sua vida, ou depois de partirem, sofrem a desilusão de constatar que se tratava apenas de um caminho e não ainda da meta.

Voltando a Helena Blavatsky: já fui descobrir o livro dedicado à cosmogénese para ler quando a distribuição de pedaços de tempo mo permitir, embora a tua observação me tenha assustado um pouco.

Sobre a Nova Acrópole: há dois conhecidos, com quem me dou bem, que frequentaram também alguns cursos; ter-te-ás cruzado com um Avelino Vaz ou com uma Lúcia Paz? As referências que troquei com eles foram muito superficiais, embora o Vaz ainda me tenha falado um pouco da interpretação do *Bhagavad Gitá* (tenho a versão comentada e explicada por Swami Prabhupada, que me foi arranjada pela

referida Lúcia), que já li de ponta a ponta, exceto os textos que estão em sânscrito.

(Perifericamente: julgo que o termo correto, relativo a Confúcio, embora estranhamente, é «confucianista» e não «confucionista»).

E quanto ao princípio que defines, que quanto mais estudamos, mais sentimos que «há muito mais do que aquilo que nos dizem e vemos», mas com a obrigação de prosseguirmos na busca da verdade, que teima sempre em tardar, estou tão de acordo contigo! Ainda agora, ao ler tudo aquilo que me relatas sobre as aprendizagens na Nova Acrópole! Enfim… o inconveniente é que preferia não ter de voltar cá para buscar, de novo, o caminho para «O QUE É».

Sobre a «semelhança da escritura cristã com as religiões orientais, como o budismo, o hinduísmo, os *Vedas* e o zoroastrismo», li, há

muito tempo já, um livro digital, *Jesus Viveu na India* - Holger Kersten, que localizei e te envio. Mais alguma coisa para pensar: uma vereda ou uma derivação no tal longo caminho…

Conheço o Hotel Príncipe da Beira, onde trabalhou o filho de amigo próximo.

Pandemia e temas correlacionados: será que algum dia vai ser aclarado o enigma deste vírus? A sua origem? Falei com amiga próxima, enfermeira do SNS, que mantém a convicção de que ele não se expandiu por obra do acaso, mas por uma intenção, acautelada mas preparada. Mas o que resultaria para o equilíbrio mundial, se a denúncia fosse feita de modo frontal? Ou não haverá mesmo evidências? As tuas considerações sobre o tema são do maior interesse… a não ser que se queira manter o hábito de enterrar a cabeça na areia.

Einstein é personagem que gostaria de ter conhecido e de modo próximo; por razões várias. Corre por aí um *correl* (já referi que prefiro este termo a *e-mail*) que refere algumas das suas frases circunstanciais e, por uma perspetiva ou outra, todas dão que pensar. Até onde terá ele conseguido chegar na busca da «verdade»?

E recordo ainda Edgar Morin. Já ouvi, entretanto, algumas das suas entrevistas, e como aprecio tudo o que me faz pensar e questionar, gostei: ajuda a olhar o mundo de modo mais abrangente e sem palas muares.

Introduzo agora um tema novo (velho de quarenta e cinco anos, para mim) que deixa espreitar a componente libertária da minha caminhada: a cultura, a arte e o desporto como trabalho – a sua justiça, a sua razão, o seu futuro.

Porque me fui lembrar do tema nos tempos que correm? Explico, mas com uma nota prévia:

mais uma vez, por causa da pandemia, muitas pessoas que dependem da arte, do desporto, a que também chamam cultura, e da cultura, a que chamam muitas coisas, estão sem meios de subsistência, do mesmo modo que trabalhadores das mais diversas áreas, e empresários, e empreendedores e … conhecemos o rol de amarguras que uma grande faixa da sociedade está a sofrer. Se estes cultores, artistas, desportistas têm sido reconhecidos como trabalhadores, se não são subsídio-dependentes em permanência, se são contribuintes como qualquer outro cidadão que o seja, têm todo o direito, inquestionável, a ser auxiliados, por todas as formas possíveis, como todos os outros, dentro das disponibilidades de um Estado que se define como social. Nem mais, nem menos. Que fique claro.

Porém, para não empregar o famoso «mas», questiono que arte, cultura, desporto, por qualquer ordem e no seu âmbito mais abrangente, sejam trabalho.

Explico:

1 – Todo o Homem contém na sua essência várias dimensões, das mais sublimes às mais rudimentares. Para manutenção da sua vida, há de criar riqueza, ou produzindo diretamente os seus bens alimentares, ou gerando riqueza que possa satisfazer o conjunto de necessidades sociais, com foco na sobrevivência e os seus elementos base. Será, talvez, das partes mais penosas da existência, uma forma de condenação: sem criação de riqueza, pelo trabalho, não há forma (ou, de modo igualitário, não devia haver) de subsistir. Essa necessidade de sobrevivência, porém, deve ser suprida por todos, mas com o mínimo de sacrifício e

ocupação de tempo de vida de cada um, por forma a permitir o seu desenvolvimento e ascensão, através da busca de conhecimento, expressão artística, desenvolvimento lúdico do bem-estar físico pelo desporto.

Ora, o que acontece é que, tendo a sociedade transformado a arte, cultura e desporto (um bem de todos), em ocupação remunerada (e muitas vezes subsidiada pelos que «produzem») de alguns (ainda por cima, socialmente privilegiados), forçou os que «produzem», no sentido mais lato da palavra, a trabalhar mais, sendo-lhes escamoteado o tempo que lhes permitiria desenvolver os interesses culturais, artísticos e desportivos, isto é, as suas dimensões mais sublimes. Injusto, portanto.

Nota: Não coloco aqui em discussão capital e trabalho, por não ser o enfoque do tema, e

porque a fronteira pode não ser tão radical como a conhecemos. Outro tema com interesse.

2 – Concebamos, portanto, que era «distribuído» a cada ser humano tempo suficiente para trabalho, cultura, arte, lazer, por forma igual, tendo como meta, imposta pelas mesmas necessidades básicas, a criação da riqueza necessária para suprir as necessidades essenciais de todos, por igual. Então todos trabalhariam produtivamente ou em atividades socialmente afins, mas necessitariam de trabalhar menos tempo, em cada dia ou semana, dispondo todos, de forma igualitária, de espaço temporal para as suas realizações superiores. A humanidade, no seu todo, evoluiria mais rapidamente e de modo mais harmonioso, com igual sacrifício e igual benefício para todos. Atrevo-me a complementar que, em estado de bem-estar, a produtividade aumentaria naturalmente… para o bem comum,

consumindo menos tempo de vida no trabalho, e com muito melhor qualidade vivencial. E não excluo aqui quem possa exprimir-se cultural e artisticamente na dedicação a atividades produtoras de riqueza.

Terei conseguido ser claro? Sem riqueza (produzida direta ou indiretamente) não há pão… que todos temos necessidade de comer; se metade tem de produzir o pão para todos, tem de trabalhar o dobro do tempo, ficando sem nenhum para se elevar pelas artes, cultura, desporto saudável… que alguns monopolizam para si, sendo ainda glorificados por isso. Não se atingiriam os pontos mais elevados da qualidade? Quem sabe, se não se experimentar?...

Utopia? O que chamaríamos ao sonho de Espártaco quando se rebelou contra o regime esclavagista romano, que conduziria, com o passar dos séculos, à situação em que o voto de

cada «Espártaco» vale tanto como o de cada «Imperador»? Utopia não chamaríamos, apenas porque o termo foi inventado muitos séculos depois, mas…

3 – Sem poder adivinhar, há quarenta e cinco anos, tive agora oportunidade de constatar esta realização na Universidade Sénior de Sintra, onde tenho responsabilidades. As pessoas, libertas do encargo de trabalho, pela idade, já na fase descendente da vida, procuram avidamente a cultura em muitas das suas facetas (literatura, história, línguas, universo, matemática… uma infinidade), cantam, escrevem, fazem teatro, pintam, esculpem, praticam dança, ioga, várias modalidades de ginástica, mais ou menos lúdicas, numa ânsia, contida ao longo de dezenas de anos de labuta, que as impedia, por escassez de tempo, de se realizar nas outras dimensões humanas. E partilham entre si, em récitas,

tertúlias, espetáculos, convívios, clubes, cada um dando e recebendo de modo natural e empenhado, sem ter de pagar ou de receber, por ser simplesmente natural.

E este facto veio alicerçar as minhas convicções.

4 – E o futuro? O futuro talha-se no presente, se tivermos inteligência para aprender.

E voltamos aos tempos de pandemia que nos sufoca. Se a estrutura social estivesse alicerçada de acordo com a minha convicção, não escaparíamos ao sufoco e sacrifício que estes estados-limite nos impõem, mas os custos sociais seriam dedutivamente menores, e todos estaríamos menos mal do que estamos.

Nota adicional, tangencial ao tema: noticiaram o falecimento de uma jovem cantora, filha de cantor famoso, e fizeram disso um evento nacional nas televisões e rádios, durante

vários dias. Morrer uma pessoa com 21 anos é uma dor universal, mas sentida principalmente pela família e por aqueles que a amavam. Mas a vida desta jovem vale tanto como a de qualquer outro jovem, em qualquer recanto do mundo. Mas se houvesse de fazer distinções (e não fui eu que as fiz) não será mais importante para o mundo a vida de um jovem obscuro cultivador de batatas?

E, por associação, lembra-me o critério das condecorações «nos 10 de junho» e quejandos. (10 de junho que já foi ou é «Dia da Raça», «Dia de Portugal», «Dia de Camões», «Dia das Comunidades Portuguesas»… que a moda seguinte tenha, ao menos, bom senso).

Subversão de valores?!

E agora, caro amigo Carlos, que já abusei do teu tempo, vou parar por aqui.

Saúde, paz e mais tudo o que, consciente ou inconscientemente, desejo para mim.

14 de dezembro de 2020

Estimado amigo José,

Como os assuntos tratados são tão diferenciados, todavia muito interessantes, nem sei bem por onde começar. Vamos então agarrar o tema da fenomenologia psíquica, concordando em absoluto contigo, no que respeita à sua multiplicidade de testemunhos, que decerto traduzem variados mecanismos. Confesso que nunca entrei nas áreas de parapsicologia, hipnotismo e até mesmo nos fenómenos mediúnicos que mereceram o *Livro dos Médiuns*, como bem conheces. Não me sinto assim tão à vontade para falar sobre a fenomenologia.

Todavia, não tenho a convicção de que o espiritismo explique todos os mecanismos fenomenológicos. Podemos sintetizar os pilares do espiritismo nos seguintes princípios: a existência de Deus, a imortalidade da alma, a pluralidade dos mundos, a lei de causa e efeito, a reencarnação, o livre-arbítrio, a evolução, a existência perispiritual e a comunicabilidade dos espíritos. Destes nove princípios, como se pode aferir, apenas o último tem uma relação direta com a fenomenologia, o que não faz, do espiritismo kardecista, uma corrente exclusivamente orientada para os fenómenos parapsicológicos. Portanto, apesar de não me sentir à vontade com a dissecação fenomenológica, olho esta vasta área, com a identificação de muitas outras fronteiras, cujos mecanismos serão ainda hoje completamente desconhecidos. Mais do que os fenómenos de

comunicação espiritual, com espíritos encarnados e desencarnados, o espiritismo tem sobretudo um valor científico de observação, assente numa doutrina filosófica de consequências morais, tal como nos deixou escrito Kardec no seu livro *Obras Póstumas*.

Digamos que a componente ética concentra uma maior substância na valorização do estudo dos princípios filosóficos que orientam o espiritismo. Torna-se pertinente perguntar porque houve uma focalização tão acentuada dos fenómenos espíritas, por meados do século XIX, os quais motivaram a obra da *Codificação*? De facto, antes dessa obra feita por Kardec, ocorreram muitos fenómenos parapsicológicos, muito estranhos para o estado do conhecimento científico da época. Para citar alguns exemplos, veja-se o caso do ministro religioso escocês, Edward Irving (1792-1834), que manifestou o

dom das línguas ou glossolalia (emissão de sons ou palavras desconhecidos para os audientes mas que podem ser traduzidos por indivíduos dotados de interpretação); os emigrantes ingleses conhecidos por *Shakers* na Califórnia (cerca de 1850), que dançavam freneticamente e gesticulavam de forma coordenada nos seus cultos religiosos; o caso das irmãs Leah Fox (1813-1890), Margarete Fox (1833-1893) e Catherine Fox (1837-1892), em Hydesville, que se comunicavam com espíritos através de batidas em objetos (tiptologia); ainda o caso de clarividência de Andrew Jackson Davis (1826-1910), quando submetido a um nível elevado de transe (muito influenciado por Franz Mesmer (1734-1815), autor dos trabalhos sobre magnetismo animal); e o fenómeno das mesas girantes que tanto intrigaram Hypollite Léon

Denizard Rivail, vulgo, Alan Kardec (1804-1869).

O século XIX foi riquíssimo em experiências de toda a espécie, científicas, tecnológicas, filosóficas e parapsicológicas. Mais tarde, já em 1939, o russo Semyon Kirlian, engenheiro eletrotécnico, retomou os trabalhos iniciados pelo cientista Georg Lichtenberg (1777), desenvolvendo a técnica de fotografia Kirlian, com a capacidade de captar a aura de uma entidade orgânica ou inorgânica, apresentando diferentes tonalidades em torno do elemento fotografado. A investigação sobre a utilização desta técnica foi intensificada nos anos posteriores a 1970, mas gerou muita polémica, pelo facto de ter sido mal explorada por pseudocientistas, apesar de outros terem pesquisado o alcance desta técnica como meio complementar de diagnóstico médico.

Todos estes fenómenos sofreram bastantes ataques da comunidade científica, sobretudo daquela que herdou o pensamento positivista de Auguste Comte, e apesar das academias atualmente começarem a mostrar interesse efetivo nestes assuntos, ainda é prematuro classificar uma generalização no interesse pela investigação da fenomenologia psíquica. Continua a existir muito preconceito, indefinição, confusão e também charlatanismo, no estudo sério destes e de outros assuntos.

Muitas vezes levantam-se outros interesses. Foram surgindo muitas correntes que vieram confundir ainda mais e descredibilizar algumas intenções honestas no campo da investigação. Enchem-se auditórios de *coaching*, *mindfullness*, meditação, treinadores de mentes, que em nome de curas instantâneas para os problemas individuais e sociais, vão catapultando interesses

materiais. Há dias deparei-me com uma peça na revista *Sábado*, sobre um destes treinadores de mentes, que esteve no salão Preto e Prata do casino do Estoril (ironizando, é porventura, um auditório muito humilde para treinar mentes), em fevereiro deste ano, cobrando entre 199 a 226 €, por pessoa, para trabalhar as emoções, o medo, a raiva, a alegria e a tristeza, em dois dias apenas. Não coloco em causa o poder desconhecido das mentes, as influências e os traumas que carregamos, e a pertinência do estudo e da investigação que estes temas devem ter. O que me espanta é a proliferação de prescrições de profilaxia psíquica massiva, com o objetivo de disseminar uma nova moral de rebanho.

Passámos de um longo período de desenvolvimento e de afirmação de novas religiões, que enchem os seus santuários em nome das almejadas dízimas, para esta nova

realidade de técnicas grupais de manipulação de mentes, que sugam as carteiras dos mais distraídos, em nome do pleno sucesso pessoal. Aqui regressamos novamente à conjugação da intelectualidade e da ética. Pode-se ter muito conhecimento, mas nada vale se não houver ética; também se pode ser muito ético, mas pouco vale se não houver busca de conhecimento. Os nossos dias demonstram que o acesso à informação está no gesto de teclar nuns quantos botões, confundindo-se informação com conhecimento. O exclusivo exercício desse gesto não transforma o interior de cada um, não bastando para modificar a forma de pensar, insuficiente para fazer expandir os horizontes filosóficos e espirituais. É solitariamente um gesto automático, frio, promovido por um algoritmo, que perigosamente transmite a falsa sensação de conhecimento.

Voltando a Kardec e sobretudo aos seus recursos filosóficos, dizia-nos nas *Obras Póstumas*: «Não nos apressemos, entretanto, em rejeitar *a priori* tudo o que não compreendemos, porque estamos longe de conhecer todas essas leis, e que a Natureza não nos disse ainda todos os seus segredos». O mundo espiritual é objeto de observação e de investigação muito recente, muito longe ainda de desvelar as suas leis, aliado ao facto de estarem sempre a surgir novas maravilhas, que se perfilam perante a ciência. Sobre esta temática fenomenológica, vou apenas deixar uma sugestão que me parece muito interessante, sob o ponto de vista científico e espiritual, subordinada aos mecanismos da glândula pineal, um tema que é objeto de investigação do Dr. Sérgio Felipe de Oliveira, pesquisador de neurociência. A glândula pineal tem sido um tema de interesse e muito

especulado nos últimos 2000 anos. Na Antiga Grécia, os estudiosos de anatomia julgavam esta glândula como reguladora do fluxo de pensamentos, e mais tarde, no século XVII, o filósofo Descartes sugeriu que este pequeno órgão cerebral seria responsável pela ligação entre o corpo e alma.

E agora vamos meditar sobre cultura, arte e desporto. Estás preparado? Levas-me um avanço de 45 anos a refletir sobre um assunto tão cativante. Mas o que poderei rebater? Nada, apenas vou complementar! Confesso que algum trabalho de reflexão foi feito nesta matéria, porque partilho inteiramente dos teus argumentos, os quais trouxeram à minha memória, imediatamente, dois pensadores nossos contemporâneos: Agostinho da Silva (1906-1994) que disse um dia que «O Homem não nasce para trabalhar, nasce para criar, para ser o

tal poeta à solta»; e Serge Latouche, um economista francês com 80 anos, muito interessante, que descobri há uns quatro anos, defensor do decrescimento económico controlado ou da moderação do consumo. As tuas palavras combinam bem com estes pensadores. Agostinho da Silva parece desafiar-nos com um paradoxo, porque ser poeta não é uma profissão, mas o poeta trabalha muito a sua imaginação e criatividade. E Serge Latouche vem desafiar a ordem económica mundial, uma espécie de crença dogmática do santuário financeiro, demonstrando que justificamos o trabalho formal pelas necessidades artificiais do consumo. Quanto mais consumimos, mais teremos de trabalhar. Quanto mais trabalhamos, mais teremos de consumir. Tudo por causa desse indicador macroeconómico chamado produto interno bruto, que querem que cresça por todos

os meios. Por via da transitividade, o comportamento consumista vai extorquindo a capacidade criativa. Sócrates passeava com os seus discípulos, filosofando como os peripatéticos, e após atravessarem toda a zona do mercado, exclamava: «conseguimos resistir à tentação de consumir». De facto, o consumo também não deixa margem para a liberdade filosófica. Sem cultura, sem arte, sem desporto e sem filosofia, a civilização fica confinada, não pela pandemia, mas pelos grilhões deste chavão, chamado crescimento económico. É este modelo económico que determina a vida em competição em vez de cooperação. Teoricamente, se o consumo fosse reduzido significativamente, então, também seria reduzida a carga de trabalho, dando lugar a uma redistribuição das tarefas essenciais à dignificação dos cidadãos: melhor empenhamento nas tarefas da educação, mais

atenção às necessidades e ocupação dos idosos, maior proteção ambiental e da natureza, disponibilização de tempo para as tarefas solidárias, maior consciencialização da espiritualidade, mais discernimento e clarividência nos relacionamentos interpessoais, maior despertar dos sentidos, condições mais favoráveis para a descoberta do Eu criativo, mais compromisso com as atividades físicas em comunhão com a natureza.

Poucas vezes, os cidadãos se dão conta de que a natureza traçou o limite das nossas necessidades, mas fruto do estado evolutivo do Homem, este demonstra uma insaciabilidade que lhe alimenta os vícios e necessidades que não são reais. Serge Latouche tem um princípio que assenta na abundância frugal dentro de uma sociedade solidária. A fase que corresponde ao fim da vida ativa e a convivência com a reforma

nem sempre apresenta compatibilidades para o exercício de atividades culturais, artísticas e desportivas. Penso que a maioria dos reformados se conformou e moldou com as décadas de trabalho formal e não se preparou para o real significado da ideia da reforma, ou seja, uma mudança que visa um amplo melhoramento. Sempre digo aos familiares, amigos e conhecidos, que é fundamental preparar com bastante antecedência a fase da reforma, para que possam estar reunidas as condições de emancipação criativa, e fazer o que se ama, que não tinha sido possível realizar. Sem dúvida que as universidades seniores são uma grande alavancagem para espicaçar, desbravar, remexer nas capacidades criativas latentes. Imagina, que um dia até engracei com a renda de bilros, e nunca se sabe se um dia destes experimentarei esta arte tão criativa. Deixemos a nossa poesia

andar à solta. Essa é a maior liberdade: a criatividade.

Sobre o mediatismo da morte da jovem cantora, só lhe posso chamar jornalismo de fraco perfil, que persegue os instintos mais básicos das audiências, sedentas de conflitos, sangue, agressões, violações, e de muita desgraça. E voltamos novamente à armadilha do consumo, que causa tamanha perturbação à lei da conservação.

E por agora, creio que vou ficar por aqui, apesar de continuar a pensar num tal modelo económico que seja compatível com a criatividade. Um grande abraço na Graça de Deus.

Nota: Confucionista ou confucianista, ambas as formas estão corretas, de acordo com o Portal da Língua Portuguesa.

24 de dezembro de 2020

Bom dia, prezado Carlos, e, de balanço, um Natal essencial, que seja prenúncio de um Ano Novo de maior elevação.

Agradeço que me tenhas relembrado os pilares do espiritismo. É que, empurrado pelas considerações sobre Helena Blavatsky e o que tinha levado os seus detratores a contestá-la, tinha-me focado mais sobre a fenomenologia, quaisquer que sejam as causas que expliquem o efeito, e as condições das suas concretizações sensoriais. É, de facto, muito mais do que isso, e é bom que fique claro nas nossas considerações.

E realço também o histórico que fazes dos casos que se colocam para lá do quotidiano, em termos de «revelação». Diz Óscar Quevedo que, se alguém concretiza qualquer tipo de

fenomenologia considerada para lá do ordinário, estamos perante um caso que revela alguma patologia. Normal é que esse tipo de manifestações… não se manifeste e se mantenha nos recônditos do inconsciente. Mas, porque surgem, há que estudá-las de acordo com os parâmetros da ciência, e explicá-las, sob um princípio que ele sublinha como fundamental: «Tudo o que se possa explicar pelo menos, não se deve explicar pelo mais». Por outras palavras: não se afirme que a origem é o inconsciente, se se puder justificar pelo subconsciente; não se apontem os espíritos se estiver nas possibilidades do inconsciente coletivo; não se clame por milagre o que cabe no âmbito dos poderes da mente… e por aí adiante.

Será esta base que leva o já citado Luís Portela (Bial), a investir, séria e objetivamente, no estudo investigante destas matérias?

A História, nas suas entrelinhas menos oficiais, vai reportando, em permanência, manifestações periféricas, incomuns, da vivência humana. Porque é que, durante séculos, se foram queimando bruxas? E porque é que, em pleno século XXI, continua vivo o aforismo «não acredito em bruxas, mas que as há, há»?

A proliferação no século XIX pode entender-se pelo facto de terem desaparecido as fogueiras inquisitoriais, e ter sido possível a homens de ciência, ou mesmo curiosos, uns sob a bandeira da ética, outros, nem tanto, terem-se dedicado ao estudo de modo mais livre e menos limitado e obscuro. Estou convencido de que se surgisse um Mesmer nos nossos dias, com instrumentos atuais, com base nos mesmos princípios da tina usada por aquele estudioso, em ambiente propício, teríamos novamente uma onda de

«histeria» semelhante à que aconteceu no seu tempo.

Latência não é sinónimo de desaparecimento ou inexistência.

Não sei se já te contei que uma senhora, de uma simplicidade extrema, Fernanda Francisco, com uma imposição de mãos sobre a cabeça, me pôs a cantar russo, num estado emocional descontrolado, numa tertúlia organizada por mim e uma amiga, entre convidados nossos (de ateus a cristãos convictos). Em Lisboa, século XXI, em ambiente controlado por nós e não pelos dois palestrantes, recebidos nesse dia para nos darem alguma luz sobre *reiki* e sobre reencarnação. (A propósito: sabes que há psicólogos que, à falta de soluções no domínio da Psicologia comum, mergulham mais profundamente na busca de remédios e soluções, que têm encontrado, e que, para não ficarem «fora-da-lei», tiveram de

encontrar uma definição que soasse adequadamente com «Psicologia do Transpessoal»? Um dos nossos palestrantes atuava, e julgo que atua, neste domínio; com seriedade e convicção alicerçada em experiências que desmontaram causas de problemas).

Quantas provas há de que existem energias que não estão devidamente estudadas e exploradas, talvez porque continuam associadas a bruxaria primária, e haja relutância em assumir publicamente a sua investigação! Mas, em nome da ciência, era desejável que fossem dissecadas a fundo, separando o trigo do joio. As fotografias de Kirlian são disso um exemplo: porque é que uma folha de árvore, rasgada de fresco e reduzida de um pedaço, continua a impressionar uma aura com desenho como se estivesse completa? Estude quem tenha condições e saber para o fazer.

Na fenomenologia há, de facto, uma dificuldade acrescida para o estudo científico, que já apontei: os fenómenos surgirem sem ser por encomenda, mas sim, espontaneamente, e os médiuns «forçarem» as coisas, algumas vezes, conduzindo ao descrédito por fraude, em situações de «ter de fazer agora». Lembra-me a propósito um israelita, Uri Geller, que conseguia, por «energia mental» amaciar metal ao ponto de se dobrar facilmente, além de outras ações à distância. Tornou-se famoso e começou a ser convidado para programas televisivos… e lá caiu na tentação de manipular as coisas, levando ao descrédito, não só os eventos em que cedeu à falta de ética, como os casos indiscutíveis e controlados, até pela CIA.

E prossegues muito bem, pelo que te cito: «*coaching*, *mindfullness*, meditação, treinadores de mentes, etc». Mais uma vez se passa de

mecanismos da mente humana, estudados e comprovados por cientistas de renome, portugueses incluídos, para a venda de êxito e felicidade a granel. Práticas milenares de meditação, com consequências fisiológicas e vivenciais, passaram a ser «vendidas em embalagens de plástico, a troco de dinheiro que pague salões pretos, adornados com prata e ouro». Estudos sérios, teorizados, de Joseph Murphy, Frei Albino Aresi, Lauro Trevisan, Augusto Cury e outros, passaram a ser comercializados em sessões propagandeadas, para centenas de cada vez… e não sei se alguns dos que citei, algumas vezes, não terão caído na tentação do vendilhão.

Preferia que não, porque, por minha experiência de vida, sei que o princípio funciona mesmo, mas não queria alongar-me em pormenores para não perder o foco. Cedo ainda à

tentação de referir que, em 2013, frequentei um pequeno curso prático, de dois dias, de introdução à filosofia de Louise Hay. Porque o nosso diálogo convidou a isso, fui agora reler os apontamentos que estavam guardados, mas adormecidos, e concluí que são pertinentes. Um exemplo coloquial, tirado das dez páginas A4 manuscritas: escrevi eu nesse curso: «8 – Estou a escrever, rever e publicar o meu livro *Da Terra e da Serra*». Como sabes, em 2015, cumpri a afirmação com o *Linhas Entre Nós*, concretizando o propósito (apenas sob um título diferente, por regra, a última coisa que se escolhe após tudo pronto). Anoto que a assertividade da afirmação está em conformidade com os objetivos do curso; à data, o processo do livro estava ainda muito atrasado.

Mais uma curiosidade: quem ministrou o curso? Izilda Farinha, antigo quadro da CGD,

especializada em equilíbrios financeiros internacionais. Aquilo não a realizava, começou a estudar intensivamente as matérias que sentia serem importantes na vida e no mundo (do que conheço dela, provavelmente mais uma pessoa na busca de um caminho e que, com dedicação e conhecimento, terá já ascendido a planos mais elevados, uma vez que vocacionou toda a sua vida para isso). Escrevia-me ela, há pouco tempo: «Levanto-me por volta das 5h e deito-me cerca das 23h. A TV quase não é ligada… …sinto-me feliz. Eu digo que acordei para a verdadeira vida aos 59 anos, e já estou quase a fazer 72».

Não há conclusão curta para esta matéria… parece, aliás, que só nos metemos em temas sem fim à vista… mas como tenho de concluir, sintetizaria: quanto há a descobrir com estudo sério, difícil e persistente, com objetivo de se

saber cada vez mais, sem preconceitos, mas sem pactuar com crendices ou inquinações de qualquer ordem! Rejeitar só porque não tem peso, cor, comprimento e largura, parece-me revelar tanta ignorância como a posição oposta. Mas a ignorância tem cura: basta procurar sempre, o que não é fácil.

E fui ver e ouvir a palestra do Dr. Sérgio Felipe, sobre a glândula pineal. Fui enfermeiro transitório, sabia que a glândula existia, claro, mas isto foi um murro na testa. Conceitos que nunca me tinham passado pela cabeça, nem conhecia, apesar de tanta procura para tentar vias de explicação para a ligação entre a mente e o corpo. [Ai! O mundo das psicossomáticas! Quando me reformei, estive mais de 15 dias sem defecar… o corpo entendeu, do modo mais global possível, o que a mente tinha programado nos últimos anos: «parar, descansar, repousar,

fazer nada». (Isto para me compensar de alguns anos em que trabalhava na empresa X, era o responsável pelo aprovisionamento de uma fábrica em África, e tinha as escolas de dança. Dormir era por «ração de combate»). E o corpo cumpriu o descanso, sem qualquer patologia que o justificasse. E isto é um simples exemplo…]

Responsabilizo-te por me teres introduzido mais um monte de pontos de interrogação no raciocínio, que começaram já a tentar afirmar-se, analisando experimentos passados que possam enquadrar-se nesta pista de busca.

Vou aflorar apenas o último tema que desenvolveste, porque exige tanto tempo, que me escasseia a coragem (chicoteada pelas interrupções repetidas de ter de ir à cozinha ajudar a Adriana a preparar as excelências deste Natal). Mas prometo que voltarei a ele, porque me

tocaste em pontos sensíveis do meu pensar sobre o assunto.

Agostinho da Silva. Lembras-te do modo como expunha o seu pensamento nos programas televisivos que fez? Quando alguém se atreve assim a desenvolver raciocínios a que não estamos habituados, flutuamos entre o pasmo, o incómodo… e a meditação sobre o assunto.

Sabias que era o único português que não pagava impostos sobre a pensão? Recusou-se, justificando… e não se atreveram a tocar-lhe.

Fico mesmo por aqui, porque, se começo, depois não sei quando acabo.

Nota anexa: «Confucionista ou confucianista, ambas as formas estão corretas, de acordo com o Portal da Língua Portuguesa». Tens razão. O meu velho dicionário de 1952 só refere a segunda forma; o prontuário de 2008 já consagra

as duas formas. Aprendi e, neste caso, ter aprendido, simplificou.

Olha Carlos, não vou acabar sem repetir o voto que escolhi para este tempo: Saúde, Paz e Esperança.

5 de janeiro de 2021

Estimado José, em primeiro lugar aqui vai um voto de renovação de esperança, fé e coragem para este novo ciclo que agora começou. Afinal a vida enche-nos de ciclos que são marcados pelos ritmos da natureza. Existe um comportamento curioso quando começo a pegar na escrita destas singelas páginas, onde vamos desenhando pensamentos que não são rotineiros; de facto, não fazem parte do ideário do quotidiano. Há uma necessidade prévia de

encontrar um ambiente propício para criar as melhores condições que permitam que esses pensamentos fluam. Poderemos chamar-lhe concentração, mas penso que é algo mais.

Encaixando nestas temáticas psicos-somáticas, fenomenológicas, espirituais, diria que, nesses momentos, parece que somos coadjuvados por uma plêiade de entidades com as quais mantemos afinidades especiais, porque certamente nos alertam para uma ou outra interrogação. O cérebro é como uma enorme antena capaz de captar uma multiplicidade de frequências, ou ainda, como se fosse um rádio que sintonizamos para ouvirmos a música preferida. Todos temos o nosso mundo próprio, regido pelas suas leis de afinidade, existindo uns que conseguem captar muitas frequências e outros que, nem por isso. Depois, existem pessoas que, ao longo da história da

Humanidade, demonstraram terem essas antenas com enorme amplitude de captação, ou rádios que sintonizam uma infinidade de frequências. Infelizmente, muitos foram apelidados de desequilibrados, anormais, dementes, enfim, malucos. Recordo aqui uma dessas figuras mais intrigantes e enigmáticas, conhecida por Conde de Saint Germain (séc. XVIII), alquimista, místico e autor da *Santíssima Trinosofia*, que não sei se conheces.

Penso que este nosso diálogo, desenvolvido em torno de tantas ideias, sem receios e sem quaisquer desmandos, se deve sobretudo a um conjunto vasto de afinidades que partilhamos. Seremos mutuamente responsáveis pelo desenvolvimento deste caminho de busca. Por exemplo, relataste-me o episódio da Fernanda Francisco que te pôs a falar russo, uma ocorrência que não se pode contar a qualquer

pessoa, caso contrário, arriscamos a que nos chamem maluquinhos. Desde logo me fez lembrar o que passei quando tinha 15 anos. Nunca me preocupei demasiado com a minha mediunidade, condimento comportamental de qualquer ser humano (aquilo a que muitas vezes chamamos de sexto sentido). Conheces bem esta linguagem, uma vez que estudaste o *Livro dos Médiuns*.

Na época passei por uma fase que durou uns dois meses de grande sofrimento, sem explicação médica. O problema não era somático, psicossomático ou psicológico. A proximidade afetiva e emocional de minha mãe marcou-me profundamente até ao seu desencarne em 1981. Aconteceu que, de repente, comecei a ter uma repulsa gradual e intensa pela presença de minha mãe. As noites eram horríveis, pois acordava frequentemente alagado em suor. Lembro de a

família e amigos falarem às escondidas sobre este problema que me afetava, e, quando apanhava estas conversas, ficava furioso. Até que um dia, já em desespero, e depois de ter consultado o médico, a minha mãe foi abordada por alguém que aconselhou a ida a uma «senhora de virtude, com cofre aberto, vidente», essas expressões que acabam por definir uma médium, que vivia na região da Chamusca. Ainda me lembro da imagem da dita senhora. Provavelmente viúva, com os seus setenta e muitos anos, sentada numa cadeira e completamente vestida de preto. Mulher camponesa de poucas palavras, parecendo não ter formação escolar. Em todo o caso, devemos ter sempre cuidado com as aparências. A consulta foi rápida, e não fez muitas perguntas. De um momento para o outro, incorporou um espírito, (a chamada mediunidade psicofónica).

Não percebi, não me lembro do que teria dito. Eu permanecia sentado à sua frente. Terminada a incorporação, receitou uns chás para beber durante nove dias, orações e velas, das altas, que deveriam ser acesas na banheira ao longo desse período. Ao fim dessa prescrição, e sem dar conta do que se tinha passado, senti-me sem aquele peso, a minha mãe voltou a ser a mãe de sempre, tudo voltou à normalidade. Digamos que foi uma experiência muito complexa e vivida na primeira pessoa, mas que explicações poderia encontrar um adolescente de apenas 15 anos para tudo isso? Apesar da ausência dessas explicações, algo fazia sentido, algo diferente existiria.

Recordo, alguns anos antes, mesmo na infância, de ter uns sonhos muito estranhos que se repetiam, em torno de um sistema harmonioso. Esse sonho exigia de mim um

esforço para visualizar essa harmonia. Era uma imagem onde tudo se encaixava mútua e intrinsecamente numa perfeição, tudo ocupava o seu próprio lugar em sintonia com as entidades vizinhas. Era uma alegria experimentada durante o sono, enquanto testemunhava essa harmonia em movimento. De repente, tudo se desmoronava, porque esse sistema harmonioso era fugaz, momentâneo, um equilíbrio instável, e era evidente a minha total incapacidade de o querer segurar, manter, preservar, apesar de ir em busca de um esforço derradeiro. Nunca percebi o sentido desse sistema harmonioso, mas creio profundamente na harmonia, porque Deus é harmonia. Podemos encontrar vários significados para essa palavra, no entanto, aquele que julgo ser mais representativo na sua extensão semântica é a união por engrenagem, por sinal, um significado profundamente mecânico, mas

tão belo! Não será o Universo todo ele constituído por infinitas engrenagens que se movimentam harmoniosamente?

Há uns dois anos, encomendei um livro intitulado *O Manual de Xéfolius*, atribuído a Louis Félix de Wimpfen (1793), escrito num francês arcaico de há 300 anos, mas que se percebe bem, sobre o qual tive a oportunidade de escrever um artigo para o *Jornal de Espiritismo* da Associação de Divulgação Espírita de Portugal. Interessou-me muito particularmente a insistência do autor em dissecar sobre o ponto harmonioso. Escrevi na altura que esta obra começa por uma grande questão: «Perguntei-me um dia, por que via chegaste tu a pensar como tu pensas? Quais são os acontecimentos, os prazeres, as dores morais que modificaram o teu sentimento e determinaram a tua opinião?». Esta questão tem uma afinidade com a necessidade de

o ser humano perseguir a sua evolução nas suas componentes moral e intelectual. A conformação da alma ou a modificação da forma de pensar deve estar em consonância com o que o autor chama de ponto harmonioso. Diz-nos o autor que a Criação deu-nos, por guias, a razão e o sentimento para serem concordantes, porque, sob o cumprimento deste propósito, esconde-se uma verdade imutável. Esta concordância entre a razão intelectual e o sentimento moral é o ponto harmonioso, cujo limite, sendo ultrapassado, somente nos traz incerteza, conflitos interiores, problemas, instabilidade e confusão. O *Manual de Xefólius* fala-nos das consequências sobre a ignorância do ponto harmonioso e retrata as pessoas dotadas de uma sensibilidade brilhante, que se encontram muito próximas do limite da sua modificação ou transformação moral, mas que ainda se encontram desorientadas pelos

logros do espírito e desgastadas com tantas futilidades, revoltadas pelas discordâncias sociais, que não encontram satisfação, repouso e refúgio neste mundo supurativo, culminando no recurso a comportamentos desviantes, tão simplesmente porque ignoraram o ponto harmonioso. Tudo isto é muito difícil, depois de sermos contaminados pela sociedade desde a nossa infância. Compete-nos ter a capacidade para pedir a ajuda necessária que nos devolva a certeza do caminho. Creio que esse pedido parte de cada um, quando plenamente consciente do princípio da união por engrenagem.

Até aos 27 anos não tinha experimentado a literatura que me conduzisse a uma melhor compreensão filosófica da minha existência, sobretudo depois de ter vivido a partida de minha mãe quando tinha apenas 18 anos. Naquele dia, tomei a decisão de não acompanhar o velório do

ser que me deu vida. Nunca visualizei a minha mãe dentro de um caixão, não tenho essa imagem, porque simplesmente nunca testemunhei esse quadro. Naquele tempo, depois de ter vivido a experiência metafísica aos 15 anos, tudo fazia outro sentido, mas faltava a literatura. Então, jovem tenente, fui nomeado para a Escola de Formação de Formadores da Ota, onde conheci o meu chefe de então, e diretor da escola. Este oficial tinha um avanço em relação a mim e facultou-me, durante dois anos, muitos livros de filosofia espírita. As coisas começaram a fazer outro sentido, mas as dúvidas adensaram-se, e entendi que existe uma linha que não consigo ultrapassar.

Sentir a harmonia é uma conquista. Compreender matematicamente a harmonia é uma tarefa incessante. Talvez por isso vivamos em ciclos dentro de ciclos que nos persuadem a

rever e solidificar a experiência do conhecimento. São os ciclos das rotações e translações, que fazem suceder os dias e as noites, os equinócios e os solstícios, em movimentos alternados de luz e escuridão, que refletem simbolicamente, o nascimento e a morte, na esperança da renovação e da transformação.

São também as experiências da senhora Fernanda Francisco que nos fazem buscar essa verdade imutável, como lembrando uma máxima: «O bater de asas de uma borboleta aqui, pode gerar um tufão na China», mostrando a complexidade do princípio de causa e efeito.

José, caro amigo, fica com a graça de Deus, e que tenhas o estímulo de desfrutar das coisas boas da vida, em harmonia. Um grande abraço.

17 de janeiro de 2021

Estimado Carlos,

Como prometi, começo pelo último tema da tua penúltima epístola e, para facilitar o reenquadramento, vou citar-te: «Agostinho da Silva parece desafiar-nos com um paradoxo, porque ser poeta não é uma profissão mas o poeta trabalha muito a sua imaginação e criatividade! E Serge Latouche vem desafiar a ordem económica mundial, uma espécie de crença dogmática do santuário financeiro, demonstrando que justificamos o trabalho formal pelas necessidades artificiais do consumo».

Estas duas frases conduziram-me á sala onde tenho uma fotografia, com os meus nove ou dez anos (a mesma que está na capa do *Linhas Entre Nós*); sempre pressenti que ela retrata o mais íntimo de mim: botas esbiqueiradas; calças sem

era, sem vinco, com umas joelheiras informes e intemporais; camisa feita de uma que era de meu pai, a sobrepor pano de fartura; uns suspensórios que não encontravam botões para todas as presilhas; tudo encimado por um rosto de uma doçura e paz inultrapassáveis, revelando o miúdo afortunado que era, cuja única dor era estar a viver em casa dos avós (meu avô Manuel era um santarrão, sobrevivente da I Grande Guerra), porque meus pais se tinham desterrado no Observatório Meteorológico das Penhas Douradas, onde o nível de vencimento permitia que minha irmã e eu pudéssemos vir a ingressar no ensino liceal que se avizinhava. Dinheiro? Contadinho, mas bem gerido. Consumo? O indispensável. Sentia-me pobre? Nem por um segundo. Libertos do ciclo do aumento de consumo, aumento de trabalho, aumento de consumo… como muito bem descreves.

Os dias de infelicidade da minha vida sofri-os quando já não tinha de contar os escudos.

E, seguindo o fluxo da associação de ideias, permite-me reclamar um banho de «politicamente incorreto»: quando surgiram as ameaças das depressões económicas, de não termos dinheiro para isto, aquilo e que mais, de as pessoas clamarem que já não tinham condições de pagar as superfluidades a que se tinham escravizado, quando vi muitos, nas omnipresentes e amplificadoras televisões, clamarem por ninharias que ainda hoje não uso, fui até à sala, olhei para a «minha fotografia» e comentei com a Adriana: «até chegarmos ao nível retratado aqui, somos ricos»…

A diferença entre o que queremos gastar e o que temos é que nos torna ricos ou pobres. Lembra-me uma sentença de meu avô Adelino, tecelão de ideias revolucionárias, que

simplificava as coisas desta forma: «Eu queria lá ter muito dinheiro! Nem pensar! Que dor de cabeça! A única coisa que me contentava era, sempre que necessitasse de pagar alguma coisa, meter a mão no bolso e sair de lá a quantia exata… nem mais um tostão».

Com isto, não estou a negar que haja pobreza e miséria, e nem necessito de falar de irmãos de continentes que não são Europa. Fui, há uma dúzia de anos, ao Egito, levado pela apetência de História da minha mulher; perante a miséria que presenciei, passei metade do tempo com lágrimas nos olhos, pensando permanentemente que poderia ser eu que estava no corpo do homem que me pedia (ah!... aqueles olhos…) que lhe alugasse um pedaço irregular de cartão, para espantar o calor, no Vale dos Reis; ou no daquele que se desesperava por me vender um fio de

sementes e frutos por uma ninharia. Ou… tantos casos que ainda desfilam na memória.

E tenho um respeito enorme por todos os que sempre se dedicaram a cumprir a sua quota de trabalho, e que os baldões da sorte atiram para a falta de rendimentos reclamados pelos bens essenciais. Mas que tenho ouvido, amiudadas vezes, autoproclamações de pobreza de alguns indivíduos que consomem muito mais acima e requintadamente do que as pessoas remediadas dos meus tempos de infância e juventude, tenho. Criámos necessidades e dependências absolutamente dispensáveis… e temos de pagar por elas com várias formas de sujeição… ou desfaçatez.

E nisto está uma concordância com as tuas teorizações, decorrentes da observação do dia-a-dia e da posição de Serge Latouche.

E sabes que mais? Meu pai foi músico desde menino, era membro de um rancho coreográfico, fez teatro; minha mãe fez parte do mesmo grupo; meu tio-avô Bernardo era o ensaiador do teatro e do grupo de danças, deixou pinturas, retratos, cantigas… até batizaram rua com o seu nome. Aonde poderiam ter chegado se a evidente necessidade de trabalhar fosse distribuída por todos equitativamente, permitindo a todos, equitativamente, desenvolver as suas aptidões superiores na arte e cultura? E, do mesmo modo que os frutos do trabalho servem toda a humanidade, também a arte e a cultura o fariam, em partilha plena e perfeita. No atinente à última premissa, e apesar do trabalho, muitas vezes de sol a sol, foi assim que vi acontecer até aos meus vinte anos: uns faziam teatro para todos, outros tocavam música para todos, outros dançavam para todos… a sociedade, nesta vertente, poderia

ser muito mais perfeita: todos seriam «do trabalho, da cultura e das artes», sem privilegiados, endeusados sem pudor. Meu pai e o avô Adelino teriam tido mais tempo para ler e tocar música, atividades de que tanto gostavam; minha mãe, para fazer versos e dançar. Todos os que conheci ao longo da vida teriam tido a oportunidade de uma realização mais abrangente e feliz. Dedutivamente, aos que não conheci teria acontecido o mesmo.

Já é bom quando as pessoas, libertadas do trabalho pela idade, podem finalmente realizar, embora parcialmente, os anseios contidos pelo cansaço da labuta diária. A «reforma»: que o termo possa realizar-se no seu sentido pleno, mesmo tarde que seja.

E, só agora, vou à tua carta última.

As conversas são como as cerejas, com um «mas»: com algumas pessoas somos levados a

encher um bolso; com outras, uma cesta; com outras, nunca se sabe aonde se vai parar. A amiga Maria, do Clube de Leitura, espevita-me a discorrer sobre alguns temas específicos; o meu sobrinho e afilhado Marcos, a argumentar, no foco de um conjunto de assuntos interessantes, alguns analiticamente profundos; contigo é o que se tem visto.

Antes de ter começado a escrever hoje, se te aqueceram as orelhas, foi porque estive a falar de ti, a minha irmã… pelo telefone; lá estive a explicar como é que esta conversa, já longa, tinha surgido, e expliquei que não é a toda a gente, como anotas, que se diz que me puseram a cantar russo, embora, no caso em questão, estivessem cerca de quinze testemunhas, que ficaram a olhar para nós com o ar exato que consegues imaginar. Estavam lá desconhecidos, a Adriana, alunos de dança, religiosos e ateus…

demasiada variedade para permitir um arranjo cénico. Se um dia vierem a ter interesse, podemos voltar a estes episódios, com pormenor analítico.

Para o que tenho escrito, baseio-me muitas vezes em vivências próprias ou testemunhos inquestionáveis. Vou permitir-me mais um caso, prejudicando embora uma resposta mais próxima à tua missiva. Contada pelo padre Serpa Santos, à altura, meu professor de História Universal, a propósito do tema que estava em estudo: uma vizinha dele, chamemos-lhe Tomásia, andava com problemas inexplicáveis; deu voltas em consultas a médicos e amigos, sem solução, até que alguém lhe indicou uma senhora que tinha a capacidade de «falar com os mortos e resolver os problemas»; que falava por experiência própria. Ficou a senhora sem saber o que fazer, com receio de ir sozinha meter-se num mundo

desconhecido, e lembra-se de ir pedir ao vizinho amigo, senhor padre Santos, que a acompanhasse. Este conhecia o problema que atormentava a Tomásia (não o especifico, porque já não me recordo, e nem me lembro se ele o referiu), mas escusou-se por todos os modos, invocando a sua condição de sacerdote católico; a angústia da vizinha, em desespero, acaba por levá-lo a transigir. No dia aprazado, despiu-se de cabeção e todas as referências possíveis, em termos de indumentária (a careca dispensava ter de disfarçar a tonsura), pega no *Citroen*, e leva a vizinha à «milagreira». Entraram os dois para a sala; a consulente vai para o pé da médium, e Óscar Serpa Santos senta-se ao fundo da sala, apenas para tranquilizar a vizinha… e preparar-se para «assistir à fantochada», com o seu reputado espírito crítico. A «benta» entra em recolhimento; tempo depois, as feições como que

embrutecem, e sai-lhe da garganta uma voz masculina (os termos não são os exatíssimos, e o nome é adaptado, esquecidos face ao tempo transcorrido, mas a essência é fidedigna): «Santas tardes, colega; ainda bem que está aqui, porque tenho uma pendência a resolver e vou entregar-lhe esse encargo»; e, segundos depois: «Sou o Mário, padre Óscar… já se esqueceu de mim?» A partir daí, o padre Santos teve de aceitar que o assunto, afinal, era com ele; lá recebeu o encargo (e as mensagens que não nos revelou), que veio a satisfazer. Tomásia teve de voltar noutro dia, porque, acabada a missão do padre Mário, a médium regressou ao estado de vigília. O padre Serpa Santos contou isto numa aula, esclarecendo que o padre Mário tinha morrido muito poucos meses antes da sessão mediúnica inesperada, e confessando que talvez não devesse estar a reportar-nos coisas destas,

mas sublinhando com o velho comentário, a aligeirar a história: «Que eu não acredito em bruxas… mas que as há, há!».

Como ia eu condensar este episódio? Mas mais importante que isso, uma renovada coleção de interrogações que, de acordo com o que já abordámos, se pode enquadrar em manifestações espíritas ou, de acordo com Óscar Quevedo, um fenómeno eventualmente explicável pela Parapsicologia; outras pessoas poderão fornecer outras explicações, mas que aconteceu, aconteceu.

O Conde de Saint Germain é personagem conhecido que, em circunstâncias várias da minha peregrinação, foi surgindo por uma razão ou outra; e é difícil esquecer a caminhada, atributos e mistério envolvente que o aureolaram e lhe sobreviveram (apesar da sua mítica longevidade). É claro que, espicaçado por ti, já

fui rever as referências, e acabei a descarregar a *Santíssima Trinosofia*, prefaciada por uma associação rosacruciana brasileira. E sempre a angústia do tempo para ler tudo o que ambicionava fazer. As setenta e três páginas totais talvez lhe garantam alguma primazia na fila.

A tua experiência, em tempos de juventude, de que me falas tão abertamente, para muita gente poderá parecer tudo menos bom senso. Para mim, curiosamente, a descrição é tão natural como dizerem-me que são quinze horas, num dia qualquer; a diferença está na frequência com que esse tipo de fenómenos se manifesta. Mas que fazem parte integrante da nossa vivência, fazem.

Se surgir em sequência lógica, quem sabe se não virá a propósito falar de outros casos

conhecidos de manifestações menos comuns, que testemunhei.

Repito: pelo que já vi, deixei de contestar fenómenos, por contestar; a questão que se me coloca é lógica: verdadeiro ou falso? Depois: qual o suporte mais sólido da explicação do fenómeno em causa? E, chegado aqui, dou comigo a questionar as teorias possíveis, entre as que conheço já, que esclareçam o facto. Tão simples como infinitamente complexo.

Reli algumas vezes a tua dissertação sobre Harmonia, do subliminar, à filosofia, até à ascensão a Deus. O que eu daria para obter a plena compreensão!

Desconheço completamente *O Manual de Xéfolius*, atribuído a Louis Félix de Wimpfen (fui agora mesmo dar uma espreitadela brevíssima), mas a teorização sobre o «ponto harmonioso» faz todo o sentido para mim. Será que esta busca

permanente, honesta e convicta induzirá esta força antigravitacional a perder força, para nos permitir pousar no centro da elipse, esse «ponto harmonioso»?

Terei já escrito antes que a minha busca começou pelos 13 / 14 anos, quando adquiri, por encomenda postal - que em Manteigas não havia livrarias - uma coleção de livros sobre ioga, nas suas abrangências fundamentais. Não sei de onde me chegou o impulso, porque na terrinha não havia mais nenhum «maluco» que lhe desse para ler coisas destas. Daí, saltei para um hipnotismo empírico, baseado nalgumas técnicas de ioga e modos de proceder apreendidos na assistência a um ou dois espetáculos de palco (que vim a considerar totalmente condenáveis). O questionamento religioso levou-me à leitura integral e anotação da *Bíblia*, quase ao mesmo tempo que o estágio em neurocirurgia e

neuropsiquiatria acirrou o aprofundamento do hipnotismo e desenvolvimento experimental; e logo o espiritismo, que vim a deixar de praticar, com algum receio de poder não conseguir «controlar as coisas». Seguiu-se a parapsicologia e as teorias e práticas sobre o poder da mente, que me arrancaram de um esgotamento e depressão profundíssimos. De outras pistas já te escrevi… já te falei de um testemunho sobre Astrologia Védica? O questionamento nunca mais cessou, porque cada «certeza» que defino para mim, abre a porta a nova gama de perguntas. Mas, devo confessar, com alguma paz, pela pureza com que o faço, sem proselitismo nem vontade de imposição a ninguém.

Mais uma curiosidade, ao falares do teu chefe, diretor da Escola de Formação de Instrutores: os nossos padrões mentais, com que

a sociedade nos formatou, não comportam que oficiais de forças armadas se preocupem com doutrinas e teorias que vão para lá das questões práticas do quotidiano e da missão inerente da defesa do país… mas provavelmente também não se associam estes interesses a chefes de aprovisionamento, reengenharia de empresas, coordenação de projetos… ou professores de dança.

O mundo em permanente descoberta: quem vê caras não vê corações.

Um sentimento que tenho é que tem havido na sociedade um fracionamento de interesses: uns estão cada vez mais materialistas, consumistas, adoradores de fachadas, guerreiros de tricas e miudezas; outros, por uma via ou outra, cada vez mais carecentes de encontrar o seu «ponto harmonioso», e fazendo a sua busca

persistente, numa aspiração de elevação permanente.

Termino. Bons «votos»: o teu e o meu, no próximo domingo.

Que as asas da borboleta sacudam os ares e repercutam para todo o mundo, e agora, para ti e família especialmente, tempos de paz serena e esperança. E que «os outros» vão prevalecendo sobre «os uns».

Cordialmente.

27 de janeiro de 2021

Caro amigo José,

Paz e que a graça de Deus nos contemple. Por aqui vamos cumprindo mais um confinamento, e confesso que ando há dois dias às voltas com a escrita do nosso diálogo, mas

falta-me a inspiração que o momento merece. Já nos habituámos a que, escrever por escrever não é suficiente para alimentar estas páginas que merecem, daqui a uns tempos, uma releitura em momentos reconfigurados. Escrever, ler e provocar pensamentos em contextos de tantas dúvidas e incertezas.

Sempre fui muito exigente comigo mesmo, por vezes, capaz de me impor alguma austeridade, procurando sempre que isso não passasse para aqueles que me rodeiam. Muitos problemas residem dentro de mim, e somente a mim compete resolvê-los. Antes dos confinamentos, já vivia tendencialmente para algum confinamento. A partilha entre a ocupação mais racional e as tarefas de artesão diz bem da necessidade natural de me afastar de grandes especializações no conhecimento. Acabo por me

dispersar imenso em buscas muito diferenciadas. Mas é esse o pendor da minha natureza.

Agora tenho em mãos o livro intitulado *The social production of scientific knowledge* (A produção social do conhecimento científico), editado por especialistas em sociologia e história da ciência, o qual me fez estabelecer uma ponte com a leitura do Dr. Rui Vaz Osório, que dedicou uma vida a uma causa tão nobre, na pesquisa de diagnóstico precoce e terapêutica para a doença dos pezinhos. Li o seu livro, *A picada no pezinho*. *Uma dúzia de histórias* e sinceramente gostei imenso de conhecer o seu percurso de dificuldades, motivadas por alguns velhos do Restelo: «Com o nível cultural do nosso povo, nunca vais conseguir uma taxa de cobertura razoável! Como se o amor de mãe se medisse pelo seu nível cultural», cito. É um excelente exemplo, tão impregnado de

socialização do conhecimento, de como a experiência do Dr. Rui Osório, de certa forma inovadora, pode servir o Bem da sociedade. Isto é um dos objetivos da ciência, que quase sempre encontra resistências, dificuldades, contratempos na sua implementação. Não fosse a convicção, resiliência e porque não dizer teimosia, no bom sentido, dos promotores do conhecimento científico ao serviço dos outros, então estaríamos num estado ainda mais atrasado. Porém, a novidade, a mudança, a adaptação, a transformação são realidades estranhas ao comportamento humano. O teste do pezinho acabou por entrar naturalmente no léxico das candidatas à maternidade. É normal encontrar alguém no seio familiar de uma grávida que pergunta: então já fizeste o teste do pezinho? O conhecimento germina, nasce e entranha-se. Mas o conhecimento tem muitas componentes: o

saber, o saber fazer e o saber ser. São todos importantes, mas o saber fazer parece-me constituir o grande motor das sociedades.

No tempo da expansão marítima, cujo fenómeno não é o das descobertas ou achamentos, mas a dinâmica demográfica que causou, quase sempre se fala nos navegadores, marinheiros, cosmógrafos, aqueles que construíram as estradas dos oceanos. Depois vêm os comerciantes e investidores que impulsionaram a economia mundial, com naus e carracas carregadas de especiarias, cachemiras, pérolas, ouro, prata e outros produtos. Raramente nos lembramos daqueles que, com o seu saber fazer, trabalharam arduamente no corte e recolha das madeiras, nos estaleiros navais, carpinteiros, calafates, construtores de panos para velas, produtores de biscoito, uma rede logística que exigia organização, prontidão e muito saber

fazer. A expansão foi sobretudo económica, à parte do espírito de aventura e de difundir a palavra de Jesus Cristo. E daí para cá, o fenómeno da globalização tornou-se num tufão económico, arrastando o que de bom e de mau existe no mundo. Chegados à economia do lixo, entendemos a importância da emergência de saber ser ou de saber não ser. Saber ser honesto com a natureza; saber não ser prevaricador e incauto com a natureza. A natureza é a nossa Casa, é a Casa de Todos, e há muito que vivemos numa pandemia generalizada de lixo, pois a do COVID-19 é apenas um capítulo.

Requer-se uma nova ordem económica que reconfigure o conceito de *necessidade* e traga uma redução drástica da quantidade de lixo. As mentalidades foram crescendo com a ideia do descartável, sem se preocuparem com as consequências civilizacionais do amontoado de

lixo. O lixo que ultrapassou as fronteiras da Terra, considerando o aumento de satélites em fim de vida que gravitam em torno do nosso planeta. Já conseguimos fazer lixo fora do planeta! Não sei se estou a ficar obcecado com esta realidade, porque de cada vez que vou despejar o lixo, acendem-se pensamentos que me deixam inquieto. Se as sociedades ditas desenvolvidas fossem de facto desenvolvidas, a quantidade de lixo seria drasticamente reduzida. São as necessidades artificiais que enchem as cidades, os campos, os mares, a atmosfera, com tanto lixo. Há muito que chegámos ao ponto de deitar fora porque está fora de moda, porque vem aí a nova coleção, porque já está velho, porque já não presta, ou porque o pensamento tecnológico concebe segundo a obsolescência programada.

Desde o advento da globalização que o Homem anda em contramão com o princípio da

conservação ou, se quisermos especificar melhor, o instinto de conservação. A natureza não é culpada da ambição desmedida nem do egoísmo do Homem, e saiba o Homem encontrar os meios necessários, mas não supérfluos, para dignamente merecer a vida neste planeta. Os indígenas não têm como fazer lixo porque vivem em comunhão permanente com a natureza. São interessantes os ensinamentos, a este respeito, que vêm dos Índios da América do Norte, os quais consideram que todo o solo é uma entidade sagrada. Por muito que possa escrever, não conseguirei traduzir tão bem o sublime pensamento que o chefe Índio de Seattle escreveu a Franklin Pierce, em 1854: «Como podereis comprar ou vender o céu? Como podereis comprar ou vender o calor da terra? A ideia parece-nos estranha. Se a frescura do ar e o murmúrio da água não nos pertencem, como

poderemos vendê-los? Para o meu povo, não há um pedaço desta terra que não seja sagrado. Cada agulha de pinheiro cintilante, cada rio arenoso, cada bruma ligeira no meio dos nossos bosques sombrios é sagrada para os olhos e memória do meu povo». Esta carta é um prodígio, na comunhão dos sentimentos com os elementos da natureza, merecendo ser referenciada, porque é um autêntico tratado em defesa do ambiente, escrita há mais de 160 anos. De sabedoria tão profunda, apetece ler e reler.

Resumindo a dissertação sobre o consumo, e como bem dizes, podemos sintetizar o teu pensamento: «contadinho, mas bem gerido». Confesso que sou um mau consumidor, e se todos fossem assim, este modelo económico não existia há muito. Tenho muita roupa que uso no dia-a-dia, com mais de 12 anos; guardo a minha carteira de documentos que minha mãe me

ofereceu quando tinha 15 anos; estou satisfeito com o meu bólide que leva 11 anos e creio mantê-lo até que já não seja possível; tenho dois pares de sapatos, um fato para as ocasiões; meias de caminhada com mais de 10 anos; não uso ouro nem prata; tenho um relógio que não uso; detesto jogos de raspadinhas, euromilhões, lotarias, casinos; não gosto de frequentar os bancos; gostaria de nunca ter heranças e sou realmente quase feliz com muito pouco. Este modelo de crescimento económico não me devolve as respostas que procuro. Estou sempre a ser desafiado por familiares e amigos: «Tu não tens dinheiro para comprares roupa nova? Tu vais levá-lo para debaixo da terra! Tu queres o dinheiro para quê?». Obviamente, que não se trata de um comportamento avarento. Apenas quero o necessário, tal como dizia o avô Adelino, «meter a mão no bolso e sair de lá a quantia

exata, nem mais um tostão». Ora, esta forma de estar na vida não é compatível com a economia do crescimento, que sustenta o aumento do produto interno bruto, e com o aumento das exportações e importações, na medida em que reduz drasticamente o consumo, quebra o emprego, diminui as receitas, aumenta os encargos sociais. Então só vejo uma saída: a via da economia espiritual configurada em elevados valores éticos e morais, que revaloriza o duradoiro, elimina o desperdício, trata o alimento como um bem sagrado, conserva os recursos da Terra, elimina os lucros da ambição, promove a liberdade criativa dos cidadãos, varre o lixo de cada cantinho da rua, como se fosse a nossa casa, e extrai dos solos o estritamente necessário. Em suma, viver em simbiose com a natureza, mas isso é uma grande miragem, ou não será?

Meu caro amigo José, da próxima relata-me esse testemunho da Astrologia Védica, porque nem faço ideia do que se trata. E já desabafei contando com a tua paciência. Tudo de bom para vós, com um abraço.

8 de fevereiro de 2021

Permite-me, Carlos, que comece com um prólogo.

Em tempos de pandemia, a nossa casa é o lugar mais seguro do mundo: mexemos, usamos, abrimos, fechamos, teclamos, telefonamos, comemos, lemos, dormimos, puxamos, pressionamos o botão do esquentador ou do autoclismo…

Em termos de pandemia, a nossa companheira de vida é a ligação afetiva e social

ao mundo, às pessoas: dialogamos, tocamos, partilhamos tudo… não se concebe qualquer noção de barreira…

De súbito, confessa-me, receosa, que além da tosse normal para a época, perdeu o sabor e o cheiro. Saúde 24. Códigos enviados para o telemóvel para a realização de testes. Três dias depois, «positivo». Proibição de contactos com quem quer que seja. Novos códigos: agora, para mim. Mais dois dias e «não detetado», eufemismo para «negativo».

De súbito, estou obrigatoriamente preso na minha casa, o lugar mais perigoso do mundo, sem poder tocar no que quer que seja, sem pensar duas vezes, permanentemente mascarado, exilado e ameaçado pela pessoa de quem mais se gosta no mundo, como bombista assassina, sem o querer.

Sentimentos em que se mistura a pessoa com a contaminação, transformando a convivência e a habitabilidade num horror permanente. Lavam-se as mãos quarenta vezes por dia; durante a refeição, como norma, quatro ou cinco, porque, porque, porque…

E, entretanto, necessitamos de viver, de contactar o mundo, pelo menos para comer.

Cumprem-se as normas quando existe a noção do que elas são rigorosamente, mas descobrimos que há muito de sentimento na situação, e as falhas de lógica surgem em consequência disso mesmo. E como, graças a Deus, os sintomas são ligeiros, desvalorizam-se os cuidados… o que obriga o «perseguido» a refugiar-se mais e mais. E os conflitos pessoais teimam em rebentar, quando a fuga ao contacto começa a ser entendida por «fugir de mim», em

vez de «fugir do vírus». É um esforço-limite para se manter um equilíbrio minimamente são.

Chegou, entretanto, a sessão sobre Cristóvão Colon, em que não ligo a imagem, porque estou mascarado e uso sacos de plástico enfiados nas mãos, para me servir do computador (dela) que tem capacidade para a plataforma *zoom*. (Conheces a Associação Saudade?).

Dez dias depois, o SNS teoriza que o vírus deixou de ser contagioso, e a contagiada, oficialmente, deixa de contagiar… mas o fugitivo, que pode estar assintomático e ter criado alguma variante, tem de continuar o jogo de não respirar, não aproximar, não tocar, não usar, e lavar, lavar, lavar, as mãos, as fossas nasais, a garganta.

Até que passam os 15 dias do confinamento dele. Mais um de segurança. Tentar o ponto zero. Preparar álcool a 70 % e desinfetar tudo em que

as mãos, consciente ou inadvertidamente, possam tocar ou ter tocado. Quem se lembra das fitas dos estores, por exemplo? Depois, lavar com água e desinfetante todo o pavimento da habitação: todo mesmo.

No dia seguinte, reaprender a viver no confinamento de toda a gente, mas acreditando no milagre divino de termos escapado, dando graças a Deus, no meu caso, convictamente, porque a nossa casa se transformou de novo no lugar mais seguro do mundo, e a pessoa com quem partilhamos sentimento e vida reassume o lugar de nossa amiga e companheira, podendo lambuzar tudo, tudo, em parceria perfeita.

Ponto final. Que assim seja até ao fim desta pandemia.

Começo agora, quando devia estar quase a acabar.

Também eu, sempre tive mais tendência para viver à volta da minha cabeça e fazer com ela tudo o que é possível… postergando, muitas vezes, a necessidade de mexer o corpo. Isto é necessário fazê-lo conscientemente, porque, de outro modo, tenderia a esquecer-me, com as eventuais consequências que os médicos nos apregoam. Tenho andado a cortar lenha para o recuperador de calor, e a rearrumar o sótão para me obrigar a movimentar. Hoje fui a pé meter uma carta ao correio e apanhar sol: três quilómetros.

Há uma tendência para esquecermos quem labuta nos bastidores; terá sido sempre assim? Ou é fruto do espetáculo televisivo que endeusa as fachadas das coisas? Estou a lembrar-me das «assinaturas» que os canteiros deixavam nas pedras das catedrais e castelos. Haveria, na altura, algum reconhecimento? Os chamados

artesãos tinham um estatuto social que parece ter-se perdido; ocorre-me o nome das ruas de origem mais antiga, em que se falava de correeiros, sapateiros… D. João I terá conseguido impor-se, no princípio, com o apoio desta classe fundamental da sociedade… que já antes tinha feito a vida negra (ou tentado) à «virtuosíssima» esposa de D. Fernando, Leonor Teles. Mas, em paralelo, existiam os servos da gleba, cuja própria essência de liberdade individual é passível de larga discussão perante os conceitos atuais.

Que pelo menos nós tenhamos a noção da indispensabilidade desses obreiros no nosso dia-a-dia e na sobrevivência da sociedade, já é melhor que o escamoteio total.

Sobre o que designas adequadamente por economia do lixo, ainda esta semana li um artigo na *DECO* que me deixou entre a revolta,

ampliada pelo sentimento de impotência, e a incompreensão. Já tinha lido que os telefones multifunções tinham passado a incorporar as baterias, deixando de poder ser substituídas. Lembro-me de ter comentado com o ferrete de «vergonhoso», alimentando mesmo a esperança num levantamento mundial de utilizadores que obrigasse os fabricantes a recuar. Nada!

Leio agora que estão a generalizar o mesmo princípio nos computadores portáteis. E não surge um grito de revolta por parte das associações que, no mundo, se dizem defensoras do ambiente!

Uso, por regra, um telemóvel elementar, porque continuo a confiar aos computadores o que a eles atribuo. Tenho um *esmartofó* (leia-se «telefone inteligente») ali metido numa gaveta, que comprei em segunda mão a uma amiga, quando apareceu a «validação forte» em bancos

e entidades afins, e uma delas exigiu o reconhecimento através de uma aplicação. Só o ligo para aceder a essa conta; e mensalmente para fazer atualizações. Por exceção, levei-o nas férias para aceder à Internet depois da hora do posto fechar. Esta posição é por razões de me precaver contra dependências, que abomino, e também para «fazer sentir» que as coisas servem para o que servem, e não devemos «adorá-las». Agora, esta posição dos fabricantes que obrigarão a deitar fora um computador portátil em pleno funcionamento, porque a bateria se cansou, devia ser considerada crime, porque o é na perspetiva da natureza e da nossa casa comum. Ponham o chefe índio que citas (sensibilizou-me mesmo) no pódio das decisões mundiais sobre ambiente, e não serão necessárias manifestações de jovens (empunhando garbosamente os tais telefones topo de gama, dos

de baterias integradas, porque o anterior tinha um risquinho no ecrã e está, não se sabe onde) a clamar por causa dos peidinhos das vacas (que continuam a dar leite e carne… e não têm lítio e outros minerais nocivos… por enquanto), mas que continuam a papar em hamburguerzinho de marca. Não pretendo, com isto, escamotear a importância do problema da produção desenfreada de carne (porque há consumo, e a morigeração e a opção são responsabilidades de cada um de nós), causadora de agressão ambiental preocupante, mas realçar a diferença entre o que pratica, como modo natural de vida, e o que prega, a modos de «frei Tomás».

Mas, como terei já dito, a Natureza matará todos os que for necessário para continuar a sobreviver. Haja, pois, respeito e inteligência.

Ri-me de ti, com gosto… porque me ri de mim (das coisas que me dão mais prazer na vida

é rir de mim mesmo, por entender ser um sintoma claríssimo de sanidade). E quando se encontra um correligionário, há um sentimento de felicidade, mais pela inteligência que nos é revelada, que por qualquer outra razão. Explico.

Tenho umas botas de cano alto que meu pai me comprou quando eu tinha 17 ou 18 anos; ultimamente só as calço muito pontualmente, pela dificuldade em o pé dar a volta na zona do calcanhar. Tenho umas meias, que guardei há pouco tempo dentro das botas, que têm na zona do elástico três cruzinhas em linha branca… que minha mãe fez quando fui para a tropa, em abril de 1970, para a lavadeira não as trocar com roupa de outros instruendos, nas Caldas da Rainha. Uso uma camisola de lã, linda, às riscas azuis, que a Adriana me fez quando começámos a namorar; e um fato de treino com que apareço em gravações *Betamax*, em férias, nos primeiros

anos de casado. E, e, e… não quero «envergonhar-te» mais com os meus recordes.

Já entendes porque me ri com gosto?

Roupa é para vestir; carro é para deslocações; computador é para trabalhar (tenho um, com que dou aulas de dança, que a empresa me cedeu quando entrei em pré-reforma, aos 55 anos, por já estar «desatualizado»: tem o sistema operativo 2000).

Só falta recordar, para facilitar as contas de durabilidade de trapinhos, chinelinhos, carrinhos e utilidades, que estou com 71 aninhos.

Temos de voltar a fazer testes de QI na perspetiva prática; tenho para mim que têm de refazer a escala, muito para cima, por nossa causa.

Felicito-te, mesmo, mesmo, convictamente.

Se o dinheiro parado e sem perspetivas de uso a curto, médio ou longo prazo tem a mesma

valia de um tijolo quinado, usá-lo, só porque se tem algum, para comprar e recomprar lixo desnecessário, enchendo o planeta de escória, é estulto, atentatório e irresponsável. No mínimo, é cultivar o culto da fachada. E é racional deduzir que, consumindo menos, não carecemos de tanto dinheiro, pelo que não teremos de trabalhar tantas horas, as fábricas não necessitam de laborar continuamente, consumindo energia e poluindo, conspurcamos menos o planeta, teremos mais tempo para causas superiores, não nos sentiremos pobres e, em conclusão, teremos condições para nos sentirmos mais felizes; e acredito que, se a Terra tivesse mãos, escutaríamos uma salva de palmas de dimensão espacial.

Li a *Santíssima Trinosofia* do Conde de Saint Germain. Sem as explicações prévias e a clarificação da simbologia, teria sido difícil.

Falei nisso com minha irmã e, como da discussão nasce a luz, concluímos que esse sentido oculto não é tão estranho como parece, na nossa vida comum. Vejamos: pega-se numa criança; um homem de vestes estranhas deita-lhe água na cabeça, enquanto diz «em nome do pai, do filho e do espírito santo». Uma pessoa abre a boca e estende a língua; um homem com vestes estranhas mete-lhe em cima um pedaço redondo de uma coisa branca e diz-lhe que é o corpo de Cristo. Um homem levanta um cálice com vinho dentro, e diz que aquilo é o seu sangue. Levamos flores para os mortos cheirarem ou olharem nas campas; ou colocamos pedrinhas para eles contarem; ou colocamos arroz para eventual apetite. Porque nos ensinaram desde meninos, tudo isto faz sentido; ora a simbologia «dos outros» nem é melhor nem pior que «a nossa». Não vou alongar-me com exemplos, porque a

ideia foi fazer compreender a mim próprio que, sem um ensinamento, iniciação prévia, do que são os símbolos, nada faz sentido. Foi assim que entendi, e me serviu a conclusão para usar mentalmente, no presente e no futuro, preparando-me para «aceitar» simbologias alheias.

Astrologia Védica: vou descrever-te o que não sei. Numa das tertúlias que organizava com a amiga de que já te falei, convidámos Jorge Angelino, engenheiro de formação, que deixou a sua profissão e se dedicou à investigação de «coisas incomuns». Uma delas, o estudo aprofundado de Astrologia Védica. Anoto que sou cético em relação à astrologia em geral e, consequentemente, tenho um pé atrás em relação a assuntos a isso conectados. Ele, nessa sessão, deu algumas explicações pormenorizadas, mas, confesso, não era matéria que me motivasse. Mas

no fim… o homem informou que tinha estado a fazer uns estudos no serão anterior (era noite, período em que se realizavam as tertúlias); que no prazo de três dias, a contar desde o estudo (já tinham passado cerca de 24 horas sem concretizações, pelo que se dispunha a arriscar a reputação pessoal, que não a da Astrologia Védica), algo iria acontecer que iria abalar a sociedade portuguesa profundamente. E ainda, outro estudo apontava para um acidente que causaria comoção num âmbito mais global.

Por volta das duas da manhã, cada um foi para sua casa; eu vim com a Adriana, e dormimos na paz do Senhor.

Na manhã seguinte, após as abluções, e enquanto nos preparávamos para o pequeno-almoço, liguei a televisão da cozinha, e clamo de imediato: «anda ver, anda ver… um escândalo de pedofilia na Casa Pia, um tal *Bibi* que

orquestrava uma rede de pedófilos, alguns famosos». O sentimento foi de total surpresa, porque não era matéria que fizesse parte das minhas preocupações. Terei juntado mais alguns comentários sobre o assunto, quando, passados uns minutos, me diz a Adriana: «lembras-te do que disse o Jorge Angelino?!» Embatuquei. A avaliar pelo que senti, aquilo abanou mesmo a sociedade portuguesa. E, mais para o final do noticiário, informam que uma nave espacial tripulada tinha explodido e os tripulantes morrido. O mundo estava…

É o que sei de Astrologia Védica, isto é: nada.

Nessa tertúlia, recordo que falou ainda de um estudo que tinha feito sobre os Estados Unidos, e que, após constatar que a realidade não condizia com as conclusões da carta, fora reanalisar tudo de princípio, e verificou que tinha havido engano

numa data relacionada com a fundação do país. Refez o estudo e concluiu que os EUA seriam sempre um país de conflitos (não recordo se disse externos ou externos e internos). Julgo que Jorge Angelino aparece atualmente na Internet (não fui confirmar), num sítio em inglês.

Coloco um ponto final, por hoje.

Até sempre.

21 de fevereiro de 2021

Caro José,

Bom dia, bom domingo,

Depois desta tempestade que fez alguns estragos pelo país fora, acabei de fazer a corrida matinal que tanto retempera o corpo e a alma para o resto do dia. E sento-me aqui com o teclado, para compor algumas palavras,

começando, sem dúvida, pelas questões de saúde que vos afetaram. Espero acima de tudo que a Adriana esteja vivendo uma plena recuperação e que nada mais vos tivesse incomodado no equilíbrio saudável que sempre buscamos. Notei que és uma pessoa extremamente cuidadosa e preventiva no que respeita ao cumprimento das medidas de proteção inerentes à pandemia. Também procuro essa responsabilidade individual, em minha própria defesa, mas igualmente perante os outros. Nunca senti que a minha casa fosse um lugar seguro, pela simples razão de viver com duas jovens, de 12 e 14 anos, que iam e regressavam todos os dias da escola. Passámos, inclusive, por um isolamento profilático, seguindo a prescrição da Direção Geral da Saúde, uma vez que a mais velha teve uma colega da turma que apanhou o famoso vírus, pois parece-me adequado chamá-lo

famoso, porque tem tanto tempo de antena, que por vezes considero inadequado, atabalhoado e sem conteúdo pedagógico para a população em geral. Tudo isto aconteceu antes deste confinamento.

Consultando as determinações da Direção Geral da Saúde sobre o que fazer nesta situação, podemos identificar a seguinte pergunta, nesse sítio: «Vivo com uma pessoa que está em isolamento profilático. Posso sair à rua ou ir trabalhar?». A resposta é a seguinte: «Sim. Contudo deve, sempre que possível, recorrer ao teletrabalho e cumprir as regras de prevenção, tais como: distanciamento social; higienização das mãos; cumprir a etiqueta respiratória; usar a máscara; manter-se atento aos sintomas». Costuma-se dizer que para uma situação de exceção, adota-se uma postura excecional, que me parece ser este o caso que vivi. Mas se

atendermos ao conteúdo da resposta da Direção Geral da Saúde, não vejo nada de excecional, apenas as regras que se mantêm em vigor para todos os cidadãos em geral. Apesar disso, fiquei a pensar nesta resposta e em consciência entendi que deveria ser mais rigoroso e ir mais longe. Foi então que disse aos amigos das caminhadas e corridas que nos 15 dias seguintes não contassem comigo para partilhar o treino, que não haveria encontros, e deixei de visitar o meu pai e minha tia e outros membros da família, por uma questão de lhes garantir maior proteção. Passado esse período, nada de anormal aconteceu, e dos 27 colegas da turma da Madalena, mais ninguém foi notificado com COVID-19. Penso que para estes casos a resposta da Direção Geral da Saúde deveria ser mais consistente e objetiva, para que os cidadãos em geral fossem mais sensibilizados para os casos específicos. A tal pedagogia que

considero necessária. Infelizmente, a ignorância impera na sociedade, começando por mim mesmo, mas como sou casmurro e teimoso, a consciência não me dá descanso e vai daí, pelo menos, dou-me conta da minha ignorância. Digo infelizmente porque vivemos numa civilização em que muitos opinam e sabem de tudo, sendo difícil assumir uma resposta que simples e honestamente entoa duas palavras apenas: «Não sei»!

O mais incrível é que também existem egos na dita comunidade científica e académica, assistindo-se a posições tão diferenciadas entre médicos, epidemiologistas, infeciologistas e virologistas, sobretudo nas posições que relativizam o balanço entre a necessidade da atividade económica e a saúde pública. Para ser mais objetivo neste ponto e para não deixar no ar aquilo que penso, sugiro a audição da entrevista

dada pelo médico internista do hospital de S. João, no Porto, o Dr. António Ferreira, no dia 11 de fevereiro de 2021, cuja posição entendo como bastante equilibrada, realista e sem egos exacerbados.

Hoje acabei de ler nas notícias que aparecem na pantalha do *esmartofó*, que os especialistas criticam o governo por não ter sido criado um conselho científico para a gestão da pandemia em Portugal, cujos contributos, até agora, não foram articulados, nem coordenados, em prol de um esclarecimento fundamentado para os cidadãos. Mas só agora acordaram para esta carência? Entretanto fiquei a imaginar quando escrevias com sacos de plástico no teclado do computador. Curioso que desenvolvi uma técnica sem grandes planos, quase de forma intuitiva, para tocar em certos objetos, teclas do Multibanco e campainhas, com os nós das

falanges e falanginhas. Que coisa mais estranha! Porém, há muito que me convenci que é de facto importante seguir as regras de prevenção e higiene, mas como já tive conhecimento de tantos casos de pessoas que seguem essas regras à risca, e que acabam por ser contagiadas, então sem dúvida que existem variáveis neste sistema complexo que nos ultrapassam e, sendo assim, resta-me colocar nas mãos de Deus tudo aquilo que excede o meu livre-arbítrio presente. Há muita coisa mal explicada, mas os interesses mundiais estão há muito identificados, concretamente o triângulo da indústria farmacêutica, lucros e cuidados de saúde. A genética teve enormes desenvolvimentos, e esse triângulo terá quiçá, como centro de gravidade, o domínio de uma base de dados de ADN de dimensão mundial. Até que ponto isto é realidade ou teoria da conspiração? Não sou nada

simpatizante de teóricos da conspiração, mas também não rejeito posicionamentos que merecem a devida análise racional. Não sei se já ouviste falar no clube dos Bilderberg. O jornal inglês *The Times* definiu este grupo, em 1977, como «uma camarilha formada por alguns dos homens mais ricos, poderosos e influentes do Ocidente que se reúnem secretamente para planear eventos que depois, simplesmente, acontecem». Entretanto outro dragão no Oriente foi crescendo na sombra do Partido Comunista Chinês, liderado hoje por Xi Jinping, presidente da República Popular da China, onde começou precisamente esta pandemia. Este colosso da geoestratégia, que está na iminência de liderar a economia do mundo, tem o maior sistema capitalista à escala mundial, controlado por um partido de ideologia marxista, um paradoxo que muito provavelmente tramou o clube Bilderberg.

Ou será que estão ambos combinados, temendo-se mutuamente, em prol da disputa dos mesmos interesses e objetivos?

Recentemente, a equipa de cientistas, que se deslocou à China para averiguar e recolher evidências sobre a origem da pandemia, revelou-se um completo fracasso. Esconderam, sonegaram, adiaram, manipularam esses dados fundamentais, para que o meio científico possa compreender e evitar ou prevenir novas pandemias. É verdade, a ciência é uma ferramenta fundamental para melhor discernir os caminhos da Humanidade, mas os seus atores e autores são homens e mulheres que nem sempre são bem conduzidos pelos princípios da ética. Fico triste, cansado, desiludido com tudo isto! Permaneço hesitante entre os desígnios da esperança e da fé e a inevitabilidade da maldade humana. Por vezes fico revoltado, sabendo que

não é o caminho preconizado por Deus, mas é a minha condição de fraco, de não conseguir decifrar este emaranhado de variáveis, e, ao mesmo tempo, acreditar na esperança de um caminho que vem longe, mas que chegará um dia.

Há quinze dias, um tio muito próximo, alma abençoada, partiu para o mundo da luz. Também ele estava cansado, hesitante e desconfiado. Suspirou pela derradeira vez, o seu coração parou lentamente e conduziu-o tranquilamente nessa grande viagem. Nada teve a ver com a COVID-19. Também ele tinha imensas suspeitas de todos estes interesses na condução do mundo. Viveu estes tempos, revoltado, talvez por não conseguir entender a plenitude de todos os meandros das relações internacionais, suas consequências e intenções. Apenas tinha a 4.ª classe, que agora se chama primeiro ciclo, mas

havia algo diferente que sentia. Afinal também me sinto um pouco como meu tio. Estou consciente da minha incapacidade, mas não quero abdicar do meu discernimento. Este prólogo já vai longo, respondendo ao teu que tem toda a legitimidade. Afinal, o que podemos fazer em momentos de angústia? Uma última esperança: Deus sempre nos compreenderá.

Fizeste-me a pergunta sobre a Associação Saudade, da qual nunca tinha ouvido falar. Apenas conheço um pouco do percurso de Manuel Gandra. Sei que é licenciado em filosofia e que fez o seu próprio percurso académico. Fiel devoto dos templários, os quais também sigo de alguma forma, é certamente polémico nas suas intervenções. Por exemplo, em 2016 participei no congresso internacional sobre o culto do Espírito Santo, onde Manuel Gandra apresentou uma comunicação intitulada *Em torno da*

tradição da instituição dos Impérios do Espírito Santo pela Rainha Santa Isabel. Nessa ocasião, lembro que ele teve um debate animado com o presidente da confraria da rainha Santa Isabel, de Coimbra, invocando argumentos que até me pareceram bastante convincentes. A sua posição baseou-se na ausência de documentos coevos que pudessem creditar a rainha Santa Isabel como responsável pela introdução do império do Espírito Santo, em Portugal. Parece-me que desenvolve um trabalho convicto, orientado e com argumentação pertinente. É também conhecido por assumir publicamente uma postura de crítico, perante algumas orientações académicas oficiais. Em 2012 ou 2013, também assisti, em Mafra, a uma comunicação de Manuel Gandra, em torno de Cristóvão Colon, dentro da tese ideológica que sustenta a origem do navegador como judeu, ou melhor, cristão-novo.

Sobre estas posições, já fiz o meu próprio percurso, e evidentemente que todos temos as nossas crenças, sentimentos, histórico de afetos, percursos de vida ou de existências. Cristóvão Colon é hoje um assunto muito complexo, que não merece ser tratado levianamente, e ao fim de quase treze anos de estudo, fico cada vez mais baralhado, apesar de ter arrumado algumas ideias. Espero tranquilamente pelos resultados dos testes de ADN do Prof. José Lorente, da Universidade de Granada, e, até lá, não ouso falar mais desta figura imbricada em redes de mistério, que já dura há mais de 500 anos.

Entretanto, fico pasmado com as declarações recentes de alguns quadrantes partidários sobre a revisão da História, como querendo colocar, nos respetivos anais, uma espécie de filtro que apenas pretende divulgar os factos que interessam à visão ideológica instituída. Veja-se,

a propósito, o caso infeliz do deputado Ascênsio Simões, que veio propor o derrube do Padrão dos Descobrimentos. Uma infelicidade, desilusão, fraqueza ou agenda? Tratando-se de uma obra edificada antes do 25 de abril, não me parece que tenha que ser objeto de destruição, tal como tantos outros testemunhos históricos, com os quais se concorde ou não. A História não pode ser destruída. Claro que Salazar teve altos e baixos, tal como todos os outros governantes em qualquer outro país, mas o que importa é que a História deve ser preservada. Lembro que, em 2011, visitei a República Checa com os meus dois filhos e transmiti-lhes, nesse momento, a minha vontade de visitar o museu do comunismo em Praga, apesar de não me identificar com essa ideologia política, reconhecendo, porém, o valor filosófico do pensamento de Karl Marx. Parece-me que, nos nossos dias, não podemos confundir

comunismo com marxismo, mas seria um assunto com outra dimensão filosófica. Da mesma forma, gostaria de visitar Auschwitz, Guantanamo, os Gulag, porque a História tem este fim pedagógico de sensibilizar, mostrar, partilhar, para a vivência difícil de outros povos, para que não tenhamos a veleidade de reviver esses períodos angustiantes.

O peso do Império Português vai pairar nas consciências, pelo melhor e pelo pior, mas foi essa a grande trajetória escolhida, a manifestação do livre-arbítrio lusitano, que naturalmente será julgado por Deus. Não queira o Homem apagar a memória do Homem, porque a memória da Humanidade é indelével, ficando infinitamente plasmada nos arquivos de Deus. Porque ousa o Homem derrubar estátuas, monumentos, papiros, documentos, túmulos, epigrafias, somente porque não estão alinhados com uma ideologia

política? Parece que estou a ficar velho para tanta incompreensão, intolerância e ignorância.

Entretanto ficam tantos assuntos para falar, refletir, escrever, mas se Deus quiser, vai-nos permitindo partilhar estas realidades, com a tranquilidade necessária. Agradeço sempre a tua paciência e bondade, e que fiquem na paz de Deus, com um abraço de amizade e desculpas por alguns exageros. Até breve!

4 de março de 2021

Prezado Carlos,

Como o prólogo da minha carta se tornou tema, por tua mão, «COVID e seus enquadramentos», volto ainda a ele.

Fui enfermeiro militar quando tínhamos de estudar doenças tropicais, se ferviam seringas de

vidro em ebulidores, treinávamos injeções de soro nos nadegueiros uns dos outros, tratávamos pés semicarbonizados, tão endurecidos e insensíveis, que dava para sacudir neles as pinças com que limpávamos a queimadura assustadora do resto do pé, com esperança de recuperação. Os cuidados vieram desse tempo: «fica sempre alguma coisa do que se aprende, mesmo depois de termos esquecido tudo» (li uma vez esta definição para a palavra «cultura», e que me ocorreu usar aqui, agora). E foi com esses cuidados, em complemento de uma entrega confiante à Providência, que vivi os dias de confinamento partilhado.

Já tínhamos também experienciado enclausuramento profilático, exigido à Adriana, na sequência de um caso de COVID numa colega com quem reunira e a quem dera boleia; mas uma coisa é prevenção; outra é a certeza de que

estamos a conviver com o bicharoco num reduto fechado.

Mas complementemos as tuas observações objetivas sobre regras e confinamentos: as DGS de todos os países, está provado e confessado, só há pouco começam a entender alguma coisa sobre o comportamento deste vírus, e, quando as coisas começaram a apertar em termos de contágios, tiveram de aplicar regras que se adequassem a um número representativo de casos. Daí deduziram os dez dias para infetados, e quinze para não infetados, após contacto com positivos, partindo do princípio que o vírus tem um período de incubação, infeção e perda de capacidade de contágio durante esse período. Isto é: uma regra comum, paradigmática, única para todos. Mas, ao que nos dizem, o bicharoco tem comportamentos imponderavelmente diversos, ora não causando sintomas, ora matando

inesperadamente, por escassez de oxigénio, ora provocando tosses ligeiras, ora conduzindo à cova após uma via dolorosa em cuidados intensivos, ora poupando velhos de mais de noventa anos, ora levando miudagem que ainda nem sabe ler COVID. Mas, perante este comportamento, que regras poderiam ser definidas? Teria de haver tantos «se» quantas as situações evolutivas da doença.

E não estamos a abranger casos como aquele de que tive conhecimento na última semana: um casal de quem sou muito amigo e a filha, por motivo da profissão desta, foram fazer testes de anticorpos; surpresa, porque os dados deixam concluir que tiveram contacto com o vírus, tão intenso que produziu as consequentes defesas normais. Nem deram conta. São cuidadosos, mas… que regras para casos destes?

Não sei se te contei já que, nos inícios da pandemia, fiz parte de um estudo levado a cabo por um Instituto do Porto ligado à saúde, que fez o acompanhamento de uma amostra representativa de indivíduos, no país, através de inquéritos diários exaustivos, complementados por um estudo semanal, mais abrangente no que se refere a dados. No fim de alguns meses, chegaram a conclusões que terei arquivado. Uma delas foi que o número de «novos casos» detetados a nível nacional, correspondia a cerca de 50% dos identificados no grupo-amostra. Desde essa altura, passei a ler os números oficiais, multiplicando sempre por dois: se me dizem «mais 1500 casos», leio 3000; se me dizem «70000 casos ativos», leio 140000. Os internados e os que vão falecendo é que correspondem a um número real.

O que estou a referir é uma crítica? Não. Um acompanhamento que se faz de 1000 pessoas é impossível se falamos de 10 milhões. Os números não são falseados; os meios, mesmo excecionais, é que não conseguem identificar todos os casos (recordo os amigos que referi). E dos que, após quinze dias de isolamento profilático, podem regressar à vida social, não houve nenhum que tivesse apanhado e fosse assintomático? Entretanto, se algum foi irresponsável e não cumpriu rigorosamente as determinações, pode ter contagiado, tornando quase impossível seguir a linha de transmissão.

As regras são, pois, as possíveis, teoricamente aplicáveis à maioria dos casos, crendo que se justifica não preocupar com as exceções, tudo condicionado pelos meios disponíveis e a funcionalidade mínima do país.

A comunidade científica, salvo raras exceções, desiludiu. Estamos, como dizes por outras palavras, numa sociedade de dançarinos de balé: biquinhos de pés e mais biquinhos de pés. Sentarem-se, divergirem, discutirem, apresentar os consensos possíveis às entidades competentes é o que manda a consciência cívica e moral… mas a tentaçãozinha das televisões, também elas a enxamear de comentadores da treta… deixa quem governa (estes ou outros), que não tem de ser gente de ciência, muitas vezes a patinar sobre opiniões contraditórias, e a tomar decisões com base numa salgalhada, a acumular com a necessidade de equilíbrio permanente entre morrer de fome ou morrer de peste.

Tenho uma opinião drástica sobre os fabricantes de opinião e os que criticam no dia seguinte: devia ser criada legislação que pudesse incriminar qualquer um que, em situações de

«fome, peste e guerra» (tirado de um cântico religioso), conhecendo uma solução para um problema importante, não a reportasse de imediato à entidade governamental competente; com pena a aplicar quando viesse publicamente com o tipo de discurso que miseravelmente se tem repetido, «toda a gente via que a decisão tomada não iria resultar por…». Em situações de mobilização geral, se alguém «viu» e não alertou é criminoso e responsável pelas consequências de uma decisão não informada por quem sabia. A cidadania tanto implica direitos como deveres.

Respirando um pouco, antes de prosseguir. (1) Vi a entrevista do Dr. António Ferreira; ponderada, sim. (2) O uso dos sacos plásticos permite, com facilidade, fazer mudança rápida entre objetos potencialmente contaminados, e limpos… e não temos a tentação de coçar os olhos ou meter a unha no canto da boca. (3)

Falangetas para teclados multibanco, Carlos?! Continuo mais refinado que tu (ahahah!!!). Logo no princípio, arranjei um coto de lápis; parti-lhe a mina do bico, por forma a ficar uma ponta afiada de madeira; arranjei uma carapuça de esferográfica que entrasse justa… e pronto; o artefacto anda em zona limpa (é desinfetado se houve suspeita de contacto de risco) e, quando é necessário, pego no lápis com a mão direita, tiro a tampa com a esquerda, carrego o botão ou marco códigos, volto a enfiar dentro da tampa e pronto; o bico tem uma semana para descontaminar, se ficou contaminado, ou fica limpo e sossegado até à próxima. Sem intervenção das articulações dos dedos. Num dia, esqueceu-me de o levar, e usei a ponta mínima da chave do carro para os teclados de pagamento.

E voltando a questões que requerem mais análise.

É como dizes: a cada um de nós, por todos, compete ter os maiores cuidados para evitar os riscos de contaminação e transmissão, e depois, como as probabilidades são muitíssimas, entregarmo-nos nas mãos de Deus: é o que tenho feito.

E posicionamo-nos na nova perspetiva ligada à pandemia, que tão bem retratas. Os interesses económicos, a possibilidade de tudo poder ser feito para se conseguir lucro e poder, a existência de movimentos «subterrâneos» que fazem acontecer as coisas.

Não vou repetir o que afirmaste ou disseste recear, por estarmos de acordo, indo tentar complementar alguma informação. As influências e movimentações que não vêm à superfície, no meu entendimento, e tanto quanto me foi possível ir teorizando, existem a níveis mundial, continental, «imperial» e mesmo local.

A suportar estas – chamemos-lhe – suspeitas, recomendo a leitura respetiva dos livros seguintes: *O Clube Bilderberg* (também tinhas de ter ouvido falar do C. B….), *A Mão do Diabo*, *O Mercenário Económico*, *Madrugada Suja*. Agora, seria interessante encontrar mais um que desvendasse as movimentações do novo império chinês.

Umas curiosidades:

- a edição em papel de *O Clube Bilderberg*, de Daniel Estulin, em português, esgotou num ápice, porque, diz-se, alguém se encarregou de comprar a edição toda… e a vontade ou iniciativa de avançar com uma segunda edição; diz-se que corre por aí uma edição digital, passada entre amigos. Quem sabe o que há de verdade nisto? Estamos em democracia: se isto é como se diz, é algo inqualificável.

- sobre o Clube Bilderberg, ouvi falar nos nossos meios de comunicação usuais: (1) numa referência, nunca mais repetida, do presidente Alberto João Jardim; (2) numa referência, nunca mais repetida, do comentarista Marcelo Rebelo de Sousa; (3) numa referência sucinta, que não teve eco, aquando do processo contra o ex-diretor dos serviços secretos portugueses; diz-se que terá sido a causa da sua queda (ter importunado gente do Clube).

Mas são apenas curiosidades.

E ligado a tudo o que acabo de referir, a (des)informação diária das imagens, do som e das palavras, muitas vezes, repito, muitas vezes, ao serviço de interesses obscuros, de feições e níveis diversos, mais ou menos camuflados… ou torpemente a troco de um simples almoço bem regado. Por ter dado conta de alguns casos, há várias dezenas de anos que filtro tudo o que ouço

e vejo, que aparece misturado, como por acaso, com o «aparecimento de dois cães da Lady Gaga, que tinham sido roubados», (notícia recente que ouvi por acaso, e que me fez suspender a mastigação; coisas destas definem a qualidade e elevação noticiosa de um canal televisivo… e não foi a CM, que dizem ultrapassar ainda as outras em lixo auditivo e visual). Mas eu, em coisas destas, leio já uma possível manobra psicológica, preparatória de uma passividade acrítica para o que me impingiram antes ou me impingirão a seguir.

E tudo isto veio ao diálogo, porque a COVID entrou cá em casa… parece que o bicho tem, afinal, consequências que não tinham sido descobertas até hoje…

Acerca da Associação Saudade, fui entretanto visitar a página e fiquei com umas noções gerais. Sobre Manuel Gandra, apenas o

conhecia de nome, por ligação à História e por via de casal amigo. Fiquei com mais uns elementos que me forneces. Sobre as posições sobre Cristóvão Colon, o que tenho ouvido atentamente tem sido por via da Associação a ele dedicada. Como não disponho de dados que eu tenha recolhido pessoalmente, vou aprendendo o que posso convosco. Que nunca mais lhe chamei Colombo, não; nem a nível formal nem informal.

Dizes-te pasmado com as declarações dos pretendentes a revisores da História; eu fico de pé atrás e de unhas afiadas, porque creio que um mentecapto (que é o que parece) não chegaria à cadeira onde se senta; de acordo com esta premissa, tratar-se-á de uma classificação amplamente mais vil, repugnante e perigosa, pelo que é de estarmos atentos, muito atentos.

Sabes que até me custa argumentar, perante as evidências? Quem ousa afirmar que a luz do

sol é escura? Ou a água do mar é vermelha? Ou que o vento não existe, porque o não vemos? Será que a ideia é levar-nos a lançar-lhe impropérios, para depois nos carimbar de fascistas? Ou quê? Se o senhor deputado quer mesmo reescrever a História, comece por sair para o meio da rua, e desencadeie uma petição formal para se devolver o convento, onde ele lança as atoardas, aos frades beneditinos a quem foi extorquido; mande apear o D. José e o Marquês… que de democratas não tinham nada; mande bombardear a fascistérrima Ponte Salazar; e o castelo de S. Jorge, poderio árabe que, à altura, tinha uma cultura civilizacional superior à dos truculentos conquistadores; e o de Guimarães, gamado desavergonhadamente por Afonso Henriques ao primo, rei de Leão.

Qual é o limite? E, repito, se não é insanidade, que poderia despertar pena, é perigo

e agressão mental: é ditadura ideológica da mais torpe, porque acobertada pela capa suave da democracia. Cuidado, cuidado, cuidado. De quem está ele ao serviço? A quem serve este tipo de reação que estou a ter, que colide com o fundamento dos meus princípios, mas que sinto não querer evitar? Só conhecendo e respeitando a História, na análise das suas ações e reações, poderemos aprender alguma coisa no sentido de evitar os erros repetíveis. Coloco um «.», na convicção clara de que, muito mais adequado são «…».

A Adriana, durante muitos anos, ia manifestando a ideia de visitar Auschwitz. Um ano, viajámos até Morlàas, perto de Pau (e de Lourdes), onde fomos recebidos na Câmara local, porque eu ia como sócio fundador da Federação Portuguesa de Cicloturismo e Utilizadores de Bicicleta, e como manteiguense,

sob o protocolo de geminação. Além de termos sido também mimados pelo grupo cicloturista local, com quem tinha já relações pessoais, disponibilizaram-nos um acompanhante excelente, homem do tempo da II Guerra Mundial, Marcel Couet-Lannes que, entre outros sítios de interesse, ao verificar a nossa apetência por História, quis levar-nos a um local onde tinha sido fuzilado um grupo de reféns, muitos, amigos próximos dele. (Marcel tinha escapado por estar no hospital com tuberculose; imagina a dor com que nos falou disto). Entrámos na mata e, passado um tempo de caminhada, a Adriana chega-se ao pé de mim e diz-me: «estamos a chegar; sinto-o». «Não és só tu: deve ser aqui…». Logo ultrapassámos uma sebe, aparece uma pequena clareira, e diz Marcel: «foi aqui». Via-se um pequeno e singelo monumento, mas o peso do ambiente não podia enganar, mesmo que

não estivesse lá nada. Foi um silêncio pesado, sentido e pressentido profundamente, que não foi preciso ninguém impor ou aconselhar. Desde aí, a Adriana foi desistindo da visita, e quando, anos depois, fomos percorrer vários cemitérios na Normandia e o Memorial em Caen, onde estava um pavilhão dedicado ao Holocausto, houve um abandono expresso do projeto, que se confirmou quando, noutra peregrinação de férias, percorremos, em silêncio penitencial, Oradour-sur-Glane, um dos locais de chacina mais hediondos da II Guerra. Sente-se dolorosamente e de modo desamparado, acredita.

Como pode, pois, ousar-se eliminar, escovar, limar, polir ou adaptar a História ao gosto de um grupelho (qualquer que ele seja) transitoriamente reinante?

Pois… tanto que ficou por falar… fica para a próxima.

E, exagerado, tu?! Tenho de ir ver ao dicionário que termo se adapta a mim.

Saúde e Paz, Carlos, e Esperança, esperança em tantas coisas em que cremos e que desejamos.

14 de março de 2021

Caro amigo José,

Acima de tudo e em primeiro lugar, penso que merecemos alguma tranquilidade de espírito, discernimento e pacificação. Que possamos ser bafejados por uma certa consciencialização da realidade que nos for permitido interiorizar. Vivemos num tempo que é o nosso, contemporâneo, porque é este que experienciamos. Tivéssemos vivido noutros tempos, salvaguardando o mito da travessia do

rio Letes, que nos fez esquecer todas essas vivências, muito provavelmente teríamos uma ampla compreensão do percurso histórico. Deus quis que assim não fosse. Por alguma coisa foi. Em geral temos, refiro-me à Humanidade, uma perceção muito débil do tempo histórico. Por exemplo, é frequente ouvirmos falar na época de penumbra, idade das trevas, tempo da peste, para adjetivar a Idade Média, esquecendo-nos que foi o tempo do nascimento das universidades, onde a circulação de alunos entre essas instituições mais prestigiadas da Europa acontecia com toda a naturalidade. Hoje existe o programa Erasmus que trouxe um aumento da mobilidade dos alunos do ensino superior no espaço europeu, quase esquecendo que tudo isso começou há 700 anos. Foi graças ao conhecimento produzido na Idade Média que possibilitou a transição para o

que chamam hoje, de forma muito discutível, de revolução científica.

A obra de Aristóteles tem um lugar crucial na história do pensamento da Humanidade, avaliando pelos 18 séculos em que permaneceu incólume a sua matriz filosófica, influenciando o pensamento de S. Tomás de Aquino (1225-1274) e de outros filósofos vindouros. Foi necessário mastigar esse período, que erradamente chamam de trevas, mas que gerou uma riqueza de conhecimento, de diversidade filosófica e de emergência para a transição. O conhecimento produzido na Idade Média permitiu a conversão dos ingredientes escolásticos na argumentação racional, à luz das tendências trazidas pela exigência dos novos tempos. Interpreto este período como uma etapa complexa e difícil, no contexto daquilo que entendemos como evolução do pensamento que, em geral, não é um processo

continuamente linear, mas que obedece a uma curva de tendência ponderada pelos momentos históricos positivos e negativos. Sinceramente não sei bem discernir esses momentos, porque sempre os avaliarei à luz dos meus próprios valores, educação, influências, personalidade, consciência e do meu tempo presente. Seremos sempre conformados pelos nossos próprios referenciais. Simultaneamente sinto que permaneço numa posição indefinida, pois, em verdade, não tenho a ideia clarificada quanto à conjugação do acontecimento histórico com a racionalização do tempo. Não sei mesmo quem poderá ser detentor desta realidade anacrónica.

Meu amigo. De circunstâncias que muito provavelmente desconhecemos, decerto Deus quis que edificássemos, que cruzássemos os nossos caminhos, que fossemos em busca de desbravar essa terra de coisas desconhecidas, que

nos fazem desafiar as nossas próprias convicções, conduzindo-nos a uma transparência de dúvidas e incertezas. Mas assim, assumimos esta vontade de estar, de ser, de compararmos as diferenças das nossas ideias. Parece que já me contento com este introito, como necessidade de confrontar a imensa diversidade dos caminhos em rede de cada indivíduo, que se cruzam e entrelaçam sem reconhecermos as dimensões e alcance dessa realidade. Só resta uma certeza: a diferenciação ética e moral.

Na minha carreira militar de 33 anos, sempre privilegiei o outro, olhando para ele a partir de uma escala de avaliação máxima. À medida que o ia conhecendo, essa escala ia-se ajustando aqui e acolá, ora aumentando, ora diminuindo. Afinal não somos todos centelhas da luz divina, feitos à imagem e semelhança de Deus? No âmbito deste longo processo experiencial, muitas vezes me

desiludi, porque colocava a fasquia alta, considerando que todo o ser humano tem bondade, ao contrário do que preconizou Santo Agostinho. Talvez seja oportuno sublinhar, desde já, que o meu sexto sentido te considera uma pessoa de bem, justa, equilibrada, humilde e transparente. Não é isso que está em causa, pois se assim não fosse, como poderia escrever estas palavras num tom de catarse ou de desabafo? Mas existe muita gente que ora tem um grande desenvolvimento intelectual, ora, na carência deste, revela um manancial ético. Penso que mais do que intelectualidade, a dimensão ética é fundamental, aquilo que traduz a alma e o coração, sem mácula, com transparência, sem segundas intenções. Nem mais nem menos, o que dissertámos há algumas semanas sobre o ponto harmonioso. Neste contexto, tenho agora em dívida um pedido de desculpas, que já deveria ter

sido feito há algumas semanas. Daí este longo introito.

Ontem participámos na palestra sobre o testamento de 1498 de Cristóvão Colon, tal como, há algumas semanas, palestrei sobre o quadro psicológico do navegador e a carta dirigida à Cristianíssima Rainha Católica, Isabel de Castela. A minha consciência diz-me que tenho de fazer esta clarificação perante a tua própria consciência, fruto da construção da amizade que vem sendo assimilada. Obviamente que deves ter notado a minha reação, algo conturbada, perante algumas intervenções que ocorreram. Tudo tem uma explicação. Há treze anos que ingressei na Associação Cristóvão Colon e fiz naturalmente o meu crescimento sobre os factos históricos da vida do navegador. Passei por diversas fases, não muitas. Conheci muita gente envolvida na temática, com

diferentes sensibilidades. Testemunhei muitas tricas, debates quentes, zangas, acusações, sem qualificação, entre académicos, aceitação de teses pouco ortodoxas por parte das academias, argumentações entre historiadores e não historiadores, enfim, um manancial de vivências que não deixam o espírito de Cristóvão Colon descansado.

Tenho, desde há muito, a convicção de desistir, porque não consigo digerir egos e exaltações individuais, que insistentemente defendem teses absurdas e desprovidas de argumentação histórica. Para ilustrar este ambiente, em 2012, apresentei uma conferência na Academia de Marinha, cujo texto foi publicado nas atas dessa instituição, e que foi objeto de plágio da parte de um estudioso do assunto. Plagiou duas páginas com texto integral, e nem se deu ao respeito de atender às citações

de um investigador franco-hispânico, Alain Milhou, já falecido, que cito nesses meus parágrafos. Uma infelicidade, descuido ou incompetência? Confrontei-o em tempos, e nunca recebi um pedido de desculpas que serviria para apagar esse comportamento abusivo, que não fica bem a ninguém. Apesar de tudo, reconheço-lhe o esforço de investigação.

Nessa palestra, onde estivemos presentes, na fase do debate, interveio Manuel Rosa, a quem prezo muito pelo seu insistente trabalho de há muitos anos. Relatou, na altura, uma ideia transmitida pelo seu orientador, o professor João Paulo Oliveira e Costa, dizendo que é irrefutável a condição nobre de Cristóvão Colon. Manuel Rosa sublinhou, entretanto, a necessidade de salvaguarda desta afirmação, para que os presentes não fossem tentados a divulgar tal ideia. Esta atitude mereceu a intervenção do tal

estudioso, avançando que os historiadores não têm coragem de assumir estas afirmações publicamente. Foi então que reagi, buscando de imediato o livro da *História da Expansão e do Império Português*, onde João Paulo Oliveira e Costa escreveu, na página 78, o seguinte: «Figura célebre da história da Humanidade, Cristóvão Colombo (chama-lhe assim) continua a ser uma personalidade semilendária, sobre quem muito se especula e pouco se sabe quanto às suas origens. Apresentado como um mercador genovês de origens humildes, foi, sem dúvida, casado com Filipa Moniz, filha de Bartolomeu Perestrelo, o capitão da ilha de Porto Santo e membro da nobreza da casa de Viseu. As regras do tempo mostram-nos que um plebeu nunca se casava com uma nobre, pelo que a origem de Colombo é assaz duvidosa». Sinceramente não sei onde está a necessidade do secretismo para a

divulgação desta afirmação publicada em 2015, na qual está implícita a condição nobre de Cristóvão Colon.

Obviamente para quem está de fora, que não tem a informação e a contextualização destes assuntos, o processo fica duvidoso. Mas ao longo destes anos, tenho conhecido a inverosimilhança de argumentos em trabalhos pouco académicos, onde se tentam afirmar, a qualquer custo, as inúmeras teses nacionais e internacionais, lembrando a impossibilidade biológica de algum homem poder ter dois cromossomas Y distintos. Podemos assim concluir que 99 % das teses existentes não são válidas, para não dizer 100%, uma vez que nenhuma delas pode traduzir a sua origem em verdade. Por tudo isto estou cansado e, confesso, sem paciência, e penso que já é tempo de dar descanso ao espírito do almirante. Era sobre tudo isto que pretendia justificar-me,

perante a tua persistência na participação destes eventos, e principalmente porque a nossa correspondência amistosa merece esta justificação. Terei todo o gosto em falar sobre o navegador, particularmente, pois pretendo fazer uma transição neste longo capítulo sobre a origem de Cristóvão Colon. Sei, amigo José, que me compreenderás, porque tudo é em nome da clarificação histórica, sem servir segundas intenções. Quando as convicções históricas atingem dimensões incontroláveis, sob o ponto de vista da coerência e da verdade, então existe sempre uma saída muito legítima e razoável: o romance histórico.

Não podia deixar de fazer referência ao período pandémico que atravessamos, e que, com toda a pertinência, observas. É tudo muito complexo. Apesar de passados 12 meses desde a declaração de pandemia, mantenho integralmente

os princípios que identifiquei num pequeno texto que escrevi, em 19 de março de 2020: «Este momento histórico certamente figurará nos anais da História Global. Agora é sobretudo o tempo de mostrarmos o valor da solidariedade para com o outro, independentemente da sua condição. É preciso iniciarmos todos, o Estado, os indivíduos, as empresas, as associações, um caminho efetivo de operacionalização de medidas que possam mitigar o desastroso impacto económico que está em curso. Claramente de dimensão imprevisível. É preciso estabelecer prioridades e deixarmos de miudezas. Muitos trabalhadores, famílias e empresários irão passar por grandes dificuldades. Essas dificuldades serão de todos. Vamos todos abdicar de pequenas e grandes mordomias, o Estado, os Bancos, os grandes grupos empresariais, particulares, e declaro a minha disponibilidade

para abdicar dos subsídios de férias e de natal, porque a consciência fala mais alto, num tempo em que é fundamental escutar os princípios essenciais que a ciência ética nos ensina. Este modelo de economia baseado na fatalidade do crescimento económico deve ser abandonado gradualmente, passando de uma lógica de competitividade para um modelo de cooperação. O mundo precisa de enorme cooperação, como agora testemunhamos. Abandonar as operações de marketing que estimulam necessidades artificiais; acabar com os créditos desmedidos para satisfação dos prazeres da gula; e acabar com a subtileza devastadora da engenharia da obsolescência programada; cultivar o duradoiro; olhar para o outro com tolerância, indulgência, compreensão e fraternidade. Deus, a Natureza, o Universo, o que lhe queiram chamar, tenderá a equilibrar aquilo que o ser humano teima em

destruir. Esta é uma grande oportunidade de escolhermos coletivamente o caminho que pretendemos seguir». Parece utópico e é mesmo. Mas é o que humildemente penso.

Meu caro amigo José, vou ficar por aqui e desejar-vos muitas esperanças para que o tempo futuro seja mais capaz, por via da esperança no Homem renovado. Entretanto vamos fazendo as nossas escolhas, que serão sempre discutíveis, mas esse é o tempero da vida e do crescimento como seres da criação. Entretanto vou-me confinando no sótão, falando com os perfis de madeira para construir um junco chinês. Para a semana terminarei e darei lugar a outra embarcação antiga. Ali sinto-me tão bem acompanhado! Bem hajam, com um abraço fraterno.

24 de março de 2021

Por onde começar, caro amigo Carlos?

Quando o manancial é substancial, surgem estas dúvidas. Vou seguir o teu último texto e deixar o pensamento fluir.

Todos, de algum modo, atravessámos o Letes, se aceitarmos como válida a teoria da reencarnação. E a noção que temos de uma época passada, histórica foi, em primeiro lugar, o que nos fizeram papaguear, com base nos manuais oficiais. Só depois vamos conhecendo mais – quem o quiser procurar – pensando, deduzindo e, como dizes, moldando e condicionando, pela nossa visão íntima das coisas, em que sobressai a ética.

E em cada época e em cada lugar, como «é» a História? Se tivéssemos nascido de servos da gleba, teríamos visto o mundo, e vivido, de uma

maneira; se, de artífice, de outra; se, de «senhor de pendão e caldeira», certamente de modo muito diferente, nada tendo a ver ainda com o olhar arrogante de um suserano. E, em qualquer das classes, o que percecionaríamos dependeria profundamente da formação interior, em termos de cultura, princípios, religião, moral e ética… ou compulsões que nos fossem impostas. Como nos nossos dias: basta pensarmos que todos somos um, mas cada qual está posicionado na sua escala que tem, muitas vezes, mais a ver com o seu interior do que com o sítio em que a sociedade o colocou. Então o que seria a História se a despojássemos da visão de cada historiador que a relatou?

Um exemplo. Tenho uma amiga, Ilda, de seu nome, numa aldeia chamada Sobrosa, perto de Mortágua. Habilitações oficiais? Diploma da quarta classe da instrução primária… mas com

uma cultura, sabedoria interior, filosofia teórica e prática, e formação que faria inveja a muitos bota-faladuras que por aí papagueiam todos os dias; entretanto, parece que estaria fadada para a rudeza própria da aldeia e da agricultura inerente, no caso dela; mas vai-se ao seu quintal, e é horta, jardim, viveiro, arte: só visto! E mantém correspondência com quase todos os patrões onde trabalhou, na Alemanha e França.

Então como teria sido a Idade Média aos olhos da Ilda? Igual à dos seus contemporâneos aldeãos?

Li, uma vez, um artigo que defendia a probabilidade de haver visitas extraterrestres. O texto contradizia uma tese que «provava» que as histórias do aparecimento de alienígenas eram uma treta, inventadas ou fruto de perturbação mental, porque os testemunhos, ora descreviam os visitantes de outros planetas de uma maneira,

ora de outra, em várias aspetos e pormenores, com traços contraditórios e mesmo antagónicos, concluindo, por isso (a falta de uma coerência comum) que era impossível os avistamentos dos E. T. serem uma realidade, demonstrando assim que não passavam de alucinações mais ou menos convictas das testemunhas.

Contestava então o defensor da teoria das visitas de extraterrestres: pensemos que várias naves espaciais, oriundas de outro planeta, vinham espiar os terráqueos; uma pousava no Ártico; outra, em selva de bosquímanos; outra ainda, na zona da Guiné; a quarta, em plena China; a quinta, na Alemanha; a sexta, na Amazónia; e ainda na Austrália ou na Índia. Analisavam, observavam aspeto e comportamentos, faziam o relatório e levavam ao Coordenador do Projeto, no dia aprazado. As descrições não coincidiriam em quase nada, e

seria posta em causa a objetividade dos observadores. Mas entretanto, todos estavam a dizer a verdade… e todos tinham observado objetivamente o planeta Terra.

Não estou a defender, até agora, teoria nenhuma sobre extraterrestres, mas a dissertar apenas sobre a objetividade e a verdade da História. Na mesma época e no mesmo lugar, qual a verdade? A resposta é «a que tem possibilidade de ficar nos compêndios»… mas onde não apareceria a minha amiga Ilda Leal (que conheci há muitos anos, quando eu representava um papel em *Deus lhe Pague*, de Joracy Camargo, na Amadora; a aldeã tinha vindo visitar uma amiga que foi ver a peça, e a convidou… mas a Ilda, no final, contra todas as probabilidades, pediu para ir aos bastidores fazer uma bateria de perguntas sobre encenação, ensaios, textos, conteúdo, interpretação e mais

não sei quê. Sem perder o modo singelíssimo que a moldava. Trocámos endereço postal, que não havia computadores, e não mais deixámos de contactar. Pouco depois, ela organizou um grupo de teatro na Sobrosa). Deduzo que a História do mundo atual, para a Ilda, leitora porfiosa e cuidada, não será igual à dos seus conterrâneos.

Como é que, da Idade Média, vim parar aqui? Ah! Na tentativa de definir o que foi a verdade histórica referente àquela época. E recomendo a mim próprio: cuidado com os chavões generalistas… que tanto tendem a proliferar.

A noção de «o Outro» foi resultado duma aprendizagem que, julgo, conseguiu alguns frutos. O grande teste terá sido na viagem ao Egito, de que te falei já, em que passei metade da estada com lágrimas emocionadas, ao rever-me naqueles que se cruzavam comigo, e em cujos

olhos descobria o desespero da sobrevivência diária. Sistematicamente, pensava «eu podia ser aquele; que mérito pessoal me levou a nascer na casinha da Rua Chã e não aqui?». Todos somos filhos da mesma criação, mas, como tu, espero sempre que «o Outro» ascenda a patamares aonde anseio chegar, mas, quantas vezes a desilusão se repete, e me faz considerar que cada um tem de fazer a sua caminhada, sob leis que religiosos, filósofos, pensadores, ocultistas das mais diversas tendências vão tentando definir como salvação, retorno, reencarnação, metempsicose, sem falar nos mais positivistas «deitas-te na cama que fizeres», ou os materialistas dialéticos que sonegam a função do indivíduo, aniquilado pela sociedade, por sua vez enjaulada e manipulada pelos comissários todo-poderosos.

Penso que cada um responderá por si, continuamente, sempre, mais cedo ou mais tarde,

nesta dimensão ou noutra. A via para o fazer… é um dos enigmas que continuo a tentar desvendar: qual o mais provável? qual o mais errado?

Às tuas palavras elogiosas sobre o que julgas de mim, só contraponho uma afirmação: a intenção clara de tentar deixar o mundo (as pessoas que me rodeiam, à falta de poder chegar mais longe, e os mais afastados, por instituições que os representem) um pouco melhor do que encontrei. Faço esse esforço, sem saber se pelos «Outros», se por mim, o que, afinal, é a mesma coisa. Com uma referência permanente: a ideia íntima que tenho de Deus (tão simples ou tão complexa).

E saltamos para a palestra sobre Cristóvão Colon. A primeira vez que, de modo substancial, ouvi falar sobre o assunto, foi por convite teu, quando nos cruzámos na Academia da Força Aérea. Até esse dia, tinha ouvido algumas

referências à questão, mas sem qualquer profundidade ou requisição de atenção. Recordo a minha primeira conclusão: havendo provas / dúvidas de que o navegador era genovês ou português, e depois do que ouvi nessa minha estreia, como interessado atento, passei a designá-lo por Colon e a aceitar que teria ligações a Cuba, no nosso Alentejo, e, por conseguinte, seria português. É claro que, para ter colocado isto como provável, foi porque houve argumentação que me convenceu… e eu sou talvez exageradamente desconfiado em relação a tudo o que vejo e oiço. A verdade é que, a partir daí, sempre que foram surgindo oportunidades, fui estando presente e fui tomando conhecimento das incertezas, das contradições, dos documentos, das suposições, das várias teorias, umas antagónicas, outras com diferenças tangenciais; depois, provavelmente

por causa do apelo por outros interesses, passei a acompanhar o assunto, não esperando já conseguir aprender (no sentido de apreender / arquivar mentalmente) mais, mas escutando, numa perspetiva de cultura geral. No que me centrei ultimamente? Esperar pelos resultados das pesquisas de ADN, que possam eventualmente conduzir a uma via de solução e esclarecimento, receando embora que venham a surgir suposições contrárias, baseadas na fidedignidade ou não dos objetos de prova.

Sou, portanto, um leigo na matéria, sem esperança, nem expectativa, nem ambição de vir a tornar-me eclesiástico ou verdadeiramente iniciado na matéria.

É evidente que dei conta da tua intervenção mais veemente, num tom de voz mais empenhado em ser ouvido por alguém. Não iria adivinhar que estavas a argumentar com um

plagiador. Agora compreendo o tom da tua declaração argumentativa, e não há aqui culpas ou desculpas a pedir, porque somos humanos e compreendo-te perfeitamente. Queres ver?

Cá vai um interregno, para contar um caso pessoal. Em determinada altura, foi-me entregue por altos quadros da empresa um trabalho complexo que visava «apenas» integrar a produção de duas fábricas numa; a minha missão devia focalizar-se na armazenagem de matérias-primas para a produção, que garantisse segurança de uma reserva adequada, mas que otimizasse espaço. O trabalho devia permitir simulações múltiplas e diversas, com resultados em números muito objetivos. Para não te aborrecer, sintetizo, explanando que se tratava de produzir muitas marcas diversas, algumas com produtos parcialmente comuns, mas a maioria, distintos e variados: líquidos, em pó, em papel, em cartão,

em tambores, sacos, bobinas de capacidades e dimensões diversas, que poderiam, conforme o tipo, ser armazenados em paletes de três dimensões de base distintas, a enquadrar em estruturas metálicas, rígidas, nos armazéns; enfim: um entusiasmante quebra-cabeças, melhor, pinta-cabeças, porque ganhei alguns cabelos brancos e noites em branco com aquilo.

Como suporte para tudo aquilo, escolhi uma folha de cálculo. Empenhei-me, fiz, testei, ficou perfeito, e transmiti a situação a quem me tinha encarregado da tarefa. A minha chefe imediata, à data (a pessoa mais malformada que encontrei em toda a minha vida), que, neste processo específico, não tinha tido intervenção absolutamente nenhuma, deu em aparecer em reuniões, afirmando que «tinha o trabalho feito». Adivinhei borrasca. Peguei no trabalho e, numa célula a seguir ao fim dos cálculos, escrevi o meu

nome oficial; depois, fui à maior parte das células que continham os cálculos mais complexos, e condicionei-as com uma fórmula deste teor: «se a célula 300 HD contiver "meu nome", calcula assim; se não "um grande palavrão" ou "expressão agressiva", que variei com imaginação». Se não estás familiarizado com isto, vou dar um exemplo elementar: se não mexerem na célula onde está escrito «José», faz as continhas bem; se tirares de lá o nome, ou puseres outro, na vez das continhas, escreve «vai para a p q t p», com todas as letrinhas, claro. Acautelei o bloqueio das células necessárias e a ocultação das fórmulas.

Adivinhei! (o alto quadro da empresa que me tinha já felicitado pelo trabalho, deu-me o recado de que me «estavam a passar a perna»).

A dita «pessoa malformada», pretendendo lançar um «delfim», chegado de fresco à

empresa, preparou tudo para ir com ele à reunião formal de apresentação do trabalho e, a primeira preocupação terá sido apagar o meu nome e colocar o nome dela ou do jovem no lugar do meu. Imagina o desastre, quando toda aquela folha de cálculo se encheu de obscenidades, palavrões e injúrias. Nunca revelaram, a não ser pelas expressões faciais, o que tinha acontecido.

O que fez a minha «angélica» chefe? Mandou o «delfim» ter comigo, para eu lhe explicar, tim tim por tim tim, cada um dos cálculos… e a isso não podia negar-me. Passámos dias e dias à volta daquilo. O rapaz revelou-se inteligente e capaz; andava à procura de trabalho e tinha ido parar ali, sem conhecer os bastidores da cena que se escrevia. Teve a labuta de refazer tudo, célula a célula (o Manuel ia-me apresentando dúvidas, quando surgiam, e levou a cruz ao calvário): conseguiram que o meu nome

não aparecesse na folha de cálculo, embora alguns responsáveis superiores (ou todos?) soubessem quem tinha sido o autor do trabalho.

Com o decorrer de pouco tempo, manifestaram-se as tais leis que regem estas coisas. O Manuel Robalo, que veio a substituir-me na minha função de chefia (eu fui integrar uma equipa de reorganização da empresa, com novo suporte informático), acabou por sair da empresa logo que se apercebeu do nível de veneno da víbora com quem estava a trabalhar; está hoje em lugar de topo numa firma a nível nacional: já o vi na televisão. Anos mais tarde, vim-me eu embora, com uma auréola de competência e verticalidade (o alto quadro que me alertou, ainda hoje fala comigo em tom de respeito mútuo), conforme tinha planeado, com todas as mordomias de uma pré-reforma desejada. A «malformada» (oro a Deus

diariamente para que lhe dê a oportunidade de um arrependimento sincero de todo o mal que fez, que lhe permita a evolução da alma e elevação do espírito) acabou expulsa da empresa, pasme-se, por uma questão menor (e tantas fundamentais havia por onde lhe ter pegado!).

Força de «leis universais»? Mas quais delas?

E pronto, Carlos. Já tens aqui um bom padrão para comparares o plágio de que foste vítima. Verás que o tempo, agora ou depois, vai pagar proporcionalmente a cada um dos intervenientes.

Sabes o que tinha eu escrito, ao tempo, no protetor de ecrã do meu computador de trabalho? «São apenas linhas tortas por onde Deus escreve direito a minha vida». Convictamente.

Já me alarguei para além do que planeara, mas não posso encerrar sem te seguir no que escreves sobre a pandemia: permite-me, Carlos, uma assinatura de apoio ao teu texto.

Também eu, pouco tempo depois do início do primeiro confinamento, falei seriamente com a Adriana no sentido de prepararmos a nossa vida para uma redução de pensões e vencimentos, que a situação iria impor, para o Estado poder acudir às calamidades sociais que se anunciavam e se concretizam em cada dia que passa.

Entendeu o Governo, provavelmente sem ser por atenção a mim ou a ti, não nos mexer diretamente nos rendimentos; uma opção que, espero, consiga compensar de forma prudente e segura, pensando no futuro. Perante isto, não ficámos quedos a ver o mundo desmoronar-se. Não tanto como poderíamos, em abono da verdade.

Finalmente: em habilidades manuais é que não consigo imitar-te; nem na persistência na busca da História de Colon, nem… já me

esquecia… um grupo de ex-trabalhadores da empresa começou a fazer uns encontros temáticos, via *zoom*, apresentados por um de nós, e discutidos por todos. No primeiro esteve uma colega (agora a trabalhar lá para a Europa), a falar sobre os elementos de segurança das novas notas do Euro; depois, fui eu a falar de histórias da História; na última vez, foram convidados António Mattos e Silva e o irmão, José, sobre o tema / livro, *Fernão de Magalhães, Espião ao Serviço de D. Manuel?*. Em determinada altura, a conversa descambou para Cristóvão Colon, falou-se da Associação, do seu presidente e de ti; fiquei com a impressão de haver algumas divergências relevantes entre eles e a tua posição. Está programada uma sessão sobre Colon para 7 de junho, com Carlos Calado (não sei se já estabeleceram o contacto com ele). De acordo com o programa atual, em 5 de abril, teremos

Manuel Lamas de Mendonça a falar de *Ordem Militar de Avis Revisitada*, e por aí adiante. Se forem assuntos que te interessem, considera-te convidado, porque está decidido que os debates são abertos a outras pessoas confiáveis.

E agora é que é mesmo, até à próxima.

Parabéns, porque consegues dialogar com as tuas peças de navios portugueses e juncos chineses; eu tenho andado a recuperar gravações magnéticas antigas (se valer a pena, talvez te venha a falar de algumas), e a trabalhar em coisas e coisinhas referentes à língua portuguesa, para enviar a uma entidade com quem colaboro. Entretanto, vamos conversando.

Paz.

5 de Abril de 2021

Meu caro amigo José,

Uma certeza tenho: não nos faltam assuntos para debater. E por muito que possamos divagar por este ou aquele caminho, permite que comece por enaltecer, com toda a veemência, o pensamento mais sublime do comendador Rui Nabeiro, transmitido na entrevista que passou na TVI, em 28 de março de 2021, evocado com tanta tranquilidade de saber feito: «o mais importante é a pessoa ser séria e honesta». A honestidade é um dos maiores pilares da minha vida, que, por assim ser, nem por isso me trouxeram benefícios materiais, sociais ou de carreira. Mas o que lidera verdadeiramente o bem-estar individual, senão a consciência? Se todo o ser humano tem consciência, por que razão não existe plena honestidade? O desenvolvimento ético ainda é afetado pelo estado muito precoce, embrionário, primário, que

decorre da constituição e das características do córtex cerebral, privilegiando, assim, os comportamentos animais. A este respeito sugiro a visualização da entrevista dada por Almeida Nunes, médico internista, no Alta Definição da SIC, no dia 6 de Abril de 2019.

A honestidade nasce de um diálogo interior em permanência, que interage continuamente, até se materializar no processo de decisão. Rui Nabeiro tem certamente uma determinação e clarividência profundas quanto à sublimidade deste seu pensamento. Para a maioria dos viventes racionais, a honestidade é sobretudo ser certinho nas contas, pagar a tempo, cumprir as dívidas, e pouco mais; talvez porque o córtex cerebral não esteja preparado para abarcar mais além. Lembro, quando era jovem, de fazer uma conversa com o meu pai, dando-lhe a conhecer a minha possível escolha de um percurso político.

Se alguma vez existiu essa vontade, logo ficou desamparada nesse mesmo dia, pois meu pai respondeu: «És honesto demais para a política». Meu pai sabia bem o que era a política. Viveu-a nos corredores e bastidores dos anos quentes do pós 25 de abril. Arquivou revistas, jornais, entrevistas em cassetes áudio, fotografias, conversas e depoimentos relativos a esse período. Passados poucos anos, desencantou-se completamente e deitou tudo fora. Teria ali um manancial de testemunhos históricos para conhecer esse período de revolução (chamo-lhe, mais corretamente, golpe militar), sem interpretações alheias, mas quando um dia lhe perguntei onde tinha guardado tudo aquilo, respondeu-me: «Sei lá! Não quero saber disso para nada!». Sempre reconheci a honestidade em meu pai, assim como ele reconheceu em mim. Não éramos forjados para a política. Meu pai

deixou o seu Alentejo profundo, aos 18 anos, sendo o mais novo de 14 nascimentos. A mortalidade infantil era imensa, e cinco morreram precocemente. Vai a caminho dos 83 anos e continua manifestando a sua honestidade de sempre. Mas terá a honestidade, que Rui Nabeiro nos transmite, um pendor genético? O gene pode lá estar, mas a ocasião faz o ladrão. Penso que é muito mais do que uma questão genética, avaliando por tudo aquilo que experienciei nas minhas funções logísticas, enquanto gestor de armas, explosivos e munições. Com a ajuda de Deus, que sempre me iluminou nesses momentos de tentações, testemunhei, resisti, revoltei-me, desiludi-me com a hierarquia, e sofri, mas nunca abdiquei dos princípios ditados pela minha consciência.

A desonestidade ofende os nossos ancestrais. Minha avó materna, que partiu há três anos com

102 de idade, mulher determinante na minha vida, também pela sua honestidade e não só, contava uma história passada na sua terra natal, quando tinha os seus 18 anos. Naquele tempo, trabalhava nos campos, quando um dia, colhendo uns nabos, passou o doutor juiz da comarca, que desencadeou este diálogo:

Juiz: «Bom dia! Ó Laura, tens aí uns belos nabos!».

Minha Avó: «São muito bons, Sr. Dr. Juiz!».

Juiz: «Olha, não queres também apalpar o meu nabo?».

Minha Avó: «Olhe, Sr. Dr. Juiz meta-o no cú...». (que pureza de resposta!)

A frontalidade e a honestidade de minha avó foram objeto da malcriadez e prepotência do tal Sr. Dr. Juiz, que lhe instaurou um processo em tribunal por difamação. Que tristeza! O juiz ainda lhe perguntou, em audiência de tribunal, se

voltaria a repetir tal comportamento, ao que a minha avó respondeu: «Sempre que a minha dignidade seja ofendida, responderei assim». Foi então que o magistrado lhe atribuiu uns meses de pena suspensa. Estaríamos em 1934-35. Impressionante como simples história do quotidiano do mundo rural, aparentemente sem mácula, degenera num processo em tribunal que vinculou a versão do mais forte. E daqui, vamos tecer algumas considerações sobre a tua pertinente pergunta, muito desafiante: «E em cada época, e em cada lugar, como é a História?». Mas antes quero deixar bem claro que respeito e admiro imenso as Ildas e Julietas (amiga reformada com quem mantenho correspondência há mais de 12 anos) desta vida, pessoas autodidatas, persistentes no estudo e na busca do saber, resistentes no caminho, independentemente da sua ausência universitária.

A correspondência que mantenho com a Julieta nasceu das questões problemáticas em torno do Cristóvão Colon, e são os temas da História que nos motivam fortemente. Inclusive, dirigi-lhe uns agradecimentos na minha dissertação de mestrado. De facto, a Julieta é uma pessoa riquíssima de saber, escreveu livros, sabe muita História, Literatura, Poesia, seguindo uma metodologia muito idêntica ao que descreveste sobre a Ilda. Nem considero desajustado ser-se autodidata tal como também não considero ser-se académico formal. Tudo se diferencia na honestidade em geral e na seriedade intelectual, em particular. Pela experiência que recolhi e vivi nas instituições académicas que frequentei, diria que muitos dos autodidatas que conheço e conheci, se tivessem vivido essas experiências no seio das academias, o que teriam ganhado e, sobretudo, o que teriam

dado a ganhar a essas instituições académicas com a competência, vontade, persistência, capacidade de trabalho, exigidas no esforço de investigação! Trata-se sempre de uma simbiose que se traduz numa reciprocidade de experiências gratificantes. Existem muitos percursos destes na Universidade Aberta, uma instituição que tem o estatuto de ensino superior à distância.

Mas vamos voltar ao julgamento da História. Antes de mergulharmos nos acontecimentos históricos é de todo conveniente ter uma ideia das vertentes ou contextos da filosofia da História, porque esta ciência social e humana tem uma componente de cariz político, que muitas vezes deixa contaminar o trabalho científico pelos preceitos de alguma ideologia, desrespeitando os princípios axiológicos, sempre desejáveis.

Nos finais do século XIX, com o advento das teorias de Karl Marx (1818-1883), o trabalho científico do historiador foi fortemente abalado por aquela corrente de pensamento, seguindo-se, no século XX, um desfile de outras ideologias, também elas enformadoras do seu próprio conceito de História (liberalismo, socialismo, anarquismo, marxismo, comunismo, corporativismo, conservadorismo, nacionalismo, fascismo, social-democracia, democracia-cristã). Penso que a transição destes dois séculos evidenciou bastante as novas linhas metodológicas da História-Ciência, pois conforme temos assistido, ocorreram muitas revisitações a outros tempos e acontecimentos que trouxeram outras visões dessas Histórias. É interessante citar aqui o filósofo francês Guy Lardreau (1947-2008), antigo membro da esquerda proletária, referindo que toda a História

é contemporânea, porque os escritos dos historiadores são a visão de uma época. A propósito, recentemente, Mega Ferreira, comissário da exposição mundial, veio afirmar que hoje não seria possível fazer a *Expo 98*, comemorando os 500 anos dos Descobrimentos, cujo tema principal foi os *Oceanos*. Ainda neste contexto, costumo refletir sobre de que forma se irá comemorar o 6.º centenário da descoberta da América, a uma distância de seis séculos do evento, com uma reconfiguração adaptada a 2092. Não posso estar em desacordo com Guy Lardreau, porque existe sempre um efeito de contemporaneidade na visão do historiador. Mas será isso defeito do historiador ou uma fatalidade do observador? Para além de outras vivências subjetivas, o historiador terá sempre presente, a vaguear, o seu inconsciente político e social, sendo fundamental alicerçar-se no pilar da

honestidade como garantia de neutralidade para a observação do acontecimento histórico. Começamos aqui a esboçar um conceito mais complexo da História, não se limitando a descrever as dinastias e cronologias, mas sobretudo olhar para a abrangência e alcance da História em cada época ou momento.

Existe um diálogo que considero essencial, sob o ponto de vista da sua frontalidade filosófica, entre um historiador francês, Georges Duby (1919-1996), da Escola dos Annales (uma corrente de historiadores franceses que privilegiava o estudo da História Social e Económica de longo prazo), e o já mencionado filósofo Guy Lardreau, publicado pelas edições Dom Quixote, *Diálogos sobre a nova História*, em 1989. Vejamos, por exemplo, a reconversão da História dos Descobrimentos e da Expansão, à luz dos Annales, viajando das narrativas das

conquistas além-mar, com os seus protagonistas, vice-reis, governadores, navegadores, capitães, cosmógrafos, pimenta, cravinho e outros que tais, para uma noção mais social do quotidiano a bordo das naus, as interações culturais e religiosas com os outros povos, e as suas dimensões económicas e comerciais. Guy Lardreau reforça a existência de uma outra escola de historiadores, conhecida por realista, para quem a história é um facto real que deve ser objeto de restauração. Ou seja, existem diferentes visões conceptuais da História, que não são exclusivamente políticas, mas que se temperam com os condimentos filosóficos característicos de uma dada corrente, que motivou Georges Duby a reconhecer a sua fidelidade para com os seus mestres, não estando assim livre de pensar o seu próprio discurso, sentindo-se preso a uma rede de intelectuais. Sublinho esta clarividência

de aceitar o seu comprometimento à rede dos mestres, que limita de alguma forma o trabalho criativo, ousado e, porque não?, imaginativo, do historiador, ao ponto de afirmar que o imaginado tem tanta realidade como o material. É o caso do romance histórico que, apesar de tudo, não tem um argumento ilimitado, porque existem sempre confinamentos factuais que lhe são intrínsecos, e conforme o historiador se vai afastando do presente, mais densa é a nuvem das informações disponíveis. É o próprio historiador que reconhece a subjetividade do discurso histórico, mas para isso terá que ser cientificamente honesto.

Lucien Febvre (1878-1956), historiador francês, declarou mesmo que é impossível o historiador ver todo o processo histórico, porque haverá sempre escassez de dados. E Guy Lardreau foi mais longe, ao identificar o maior

erro dos historiadores profissionais que, escrevendo a história, procuram garantir a sua sobrevivência institucional, salvaguardando a sua carreira académica. Parece que o historiador diplomado e sem carreira académica ou o autodidata estão livres desta luta de sobrevivência, porém, não passando muitas vezes por construir o seu próprio discurso histórico, acabam por armazenar conteúdos sem qualquer sentido crítico. Outras vezes, são vítimas de visões e posições obsessivas, que escondem motivações de natureza puramente emocional e afetiva, como, por exemplo, o estudo de algumas genealogias para demonstrarem a sua ascendência legítima. Veja-se, a este propósito, a posição da tese dos Mattos e Silva sobre a sua ligação familiar com Cristóvão Colon, identificando-o como Salvador Anes da Silva, um personagem completamente

inexistente, à luz do documento histórico, mas que, segundo os autores, cumpre as iniciais do anagrama usado na assinatura de Colon, S.A.S. Honestamente, isso não é História, com todo o respeito pelo trabalho destes persistentes investigadores.

Mas continuando nesta problemática da História como ciência complexa, subjetiva, ideológica, imaginativa e política, veio Marc Bloch (1866-1944), um dos fundadores da história dos Annales, afirmar que existe uma outra componente na conceção da História, conhecida por religião. Por exemplo, existe uma maneira cristã de pensar a História, nem que seja em termos cronológicos, quando balizamos o tempo histórico em antes de Cristo e depois de Cristo, quando para os judeus faz mais sentido o marco da libertação do Egito, e, para os muçulmanos, o advento do profeta Maomé.

Para além das referências políticas e religiosas, deparamo-nos também com as culturais, fundamentalmente no choque entre o Ocidente e o Oriente, que naturalmente se refletem nas realidades projetadas no discurso histórico. Independentemente das motivações políticas, religiosas e culturais inerentes ao discurso histórico, o Dr. Almeida Nunes, que falou no carácter rudimentar do nosso córtex cerebral, corrobora a visão do historiador George Duby, que considerou os comportamentos dos homens dependentes de impulsos corporais regulados por uma espécie de um código de natureza biológica, cuja taxa de evolução é extremamente lenta, manifestando inúmeras vezes reações de natureza animal. Então é nesta base que se apoia a tese da História que se repete, tornando-se monótona e desesperante. Como estabelecer uma relação entre a evolução

lentíssima do edifício biológico, ou, se quisermos, antropológico, com a capacidade humana de abordar moral e eticamente o acontecimento histórico? Penso que não haverá outra forma de olhar para esta relação, se não entendermos que a biologia e a ética andam atadas no caminho evolutivo, sendo tão determinantes, quer na construção do acontecimento, quer na sua representação mais tardia, pois numa e noutra estamos perante duas faces da mesma moeda. Por um lado, temos o acontecimento histórico como entidade resultante de inúmeras variáveis que interagem e se relacionam, e por outro, a exigente complexidade de retratar e representar todas as componentes desse processo histórico, que ficam à mercê da nossa condição biológica e moral.

Depois, em todo este processo, não podemos focalizar em exclusivo a História no

acontecimento político, porque existem outras histórias com realce para o percurso da humanidade, a história da ciência, do teatro, da música, da dança, da pintura, da escultura, da literatura, da economia, do direito social e, sem menos importância, a história das ideias e do pensamento.

Penso que temos aqui motivos mais do que suficientes para aceitar que a História não deve ser entregue em exclusivo a autodidatas ou a historiadores encartados, mas que venham de ambos os polos, todavia impregnados de perceção das exigências e complexidades da construção do discurso histórico, que deve ter como matriz a honestidade intelectual sem reticulados ideológicos. Esta é a minha forma de olhar para a História, ciente do emaranhado de nós que jamais conseguirei desatar. Isso não me aborrece, até me estimula. O que me deixa

espantado são as convicções de que a História se comporta segundo uma linha reta contínua, dependente apenas da cronologia. Muito provavelmente, a História não terá a ajuda da equação diferencial de Navier-Stokes, até ao momento sem resolução, mas que promete trazer maravilhas ao ser resolvida, quem sabe até, o prémio da Medalha Fields para o seu autor.

E agora, amigo José, sei que me estiquei a valer, mas não podia deixar passar este diálogo entre História e honestidade, que mesmo assim fica tão curto. Um grande abraço, neste período que se pretende acima de tudo de regeneração, renascimento, discernimento e de esperança...

16 de abril de 2021

Prezado Carlos.

Vá lá saber-se porquê, resolvi começar transcrevendo uma citação que fazes de Rui Nabeiro, a que juntaste uma frase sobre ti próprio, que servirão de título à primeira parte da minha conversa.

«o mais importante é a pessoa ser séria e honesta». «A honestidade é um dos maiores pilares da minha vida, que, por assim ser, nem por isso me trouxeram benefícios materiais, sociais ou de carreira».

… Mas confessa que te dão a plenitude (que nenhum valor material pode comprar) de escreveres esta afirmação, em aditamento ao que afirmou o homem de Campo Maior.

Em paz com a consciência… mas que consciência? É a tua que está certa? Será a minha? Ou a daqueles que julgam correto, aceitável, inteligente, obter «benefícios materiais, sociais ou de carreira», à custa do que

quer que seja, encobrindo, bajulando, mentindo, vendendo até a alma se for preciso?

Saadi e São Francisco ou Maquiavel e Bonaparte?

E o que nos constrói, afinal? Princípios de ética? Moral? Alicerce religioso? Educação? Mas depois será sempre necessário pegarmos nos valores que nos incutem e elevarmo-nos, por nós próprios, numa ânsia de perfeição. De minha mãe, o exemplo de bondade, altruísmo, dádiva permanente aos outros. De meu pai, o sentido de dever, do respeito pelo compromisso que se assume, o empenhamento nos objetivos dentro das regras do respeito pelos outros, a franqueza. Meu pai brincava, dizendo que «gostava de saber fazer tudo, menos trabalhar… mas logo me ensinaram a trabalhar para conseguir o que quer que seja…».

(Ocorre-me um episódio que pode ilustrar o que digo. Eu tinha organizado, em parceria com a Câmara de Manteigas e a Associação Danças com História, um espetáculo que movimentava várias dezenas de pessoas e meios substanciais. A articulação de toda aquela gente era responsabilidade minha, bem como o plano do espetáculo, *A Dança no Tempo e no Mundo*, que começava com danças medievais, evoluía para coreografias renascentistas, a que se seguiam as barrocas, danças de salão, latino-americanas e africanas, e acabava com apresentação das novas tendências urbanas. Uma semana antes da data definida, já com anúncios feitos e compromissos de vária ordem assumidos, meu pai é internado, na Amadora, com o terceiro dos AVC que se tinham espaçado no tempo. Desta vez, manifestava entendimento pleno, mas as únicas coisas que conseguia mexer eram as pálpebras e

os olhos. Os diálogos eram do tipo: «se quer que diga à mana para vir hoje à tarde, pisque duas vezes, senão não pisque ou faça-o só uma vez». Não falhámos um minuto, que fosse autorizado, junto dele, e entretanto… o dia do espetáculo aproximou-se - ele já conhecia todo o plano do evento, antes do AVC –, e eu questionei minha irmã sobre as dúvidas que tinha sobre se devia ir ou não. A resposta dela foi: «pergunta ao pai, mas já sei qual é a resposta: é ires; bem sabes como ele é com os compromissos assumidos; mas pergunta». E, pelo sistema do sim ou não, devidamente filtrado em várias perguntas, para que não restassem dúvidas, ele deu-me ordem de ir, com duas lágrimas a sublinhar a determinação. E fui. Homenageei-o publicamente durante a apresentação, com um devido enquadramento. Houve lágrimas e aplausos em Manteigas, nesse serão. No final, após algum

convívio, que eu vivi de modo que deves compreender, recolhemo-nos aos hotéis e a casa. À hora que me deitei, em Manteigas, meu pai morria na Amadora).

É com atitudes destas que se criam as consciências e o que daí decorre em termos de ética, moral, honestidade, sentido de dever? De algum modo, depois do primeiro questionamento, à procura de um princípio científico, vê que concluíste que o exemplo de teu pai foi determinante, pelo seu percurso de vida e pelo seu exemplo, na construção dos teus pilares e guias de vida.

É certo que temos sempre a liberdade de amplificarmos em nós esses exemplos ou de negá-los, afirmando-nos pelo oposto; «num bom ninho pode nascer um ruim passarinho». Por isso, estou menos aberto à teoria da genética,

embora reconheça o seu peso (refiro-me a um caso de pessoa relativamente próxima).

E quero realçar a história incomum de teu pai; extraordinária mesmo. Fico a dever-te fazer um resumo da vida do meu, se bem que, no *Linhas Entre Nós*, já por ali haja muitos apontamentos biográficos.

Os princípios e a honestidade, se podem privar-nos de alguns teres e honrarias adicionais (eu poderia ter uma pensão com mais uns 200 euros e ter trazido um carro da empresa), dão-nos uma tranquilidade que nos permite almejar patamares que, de outro modo, não alcançaríamos nunca. Talvez quem não se comportou como «homem de um só parecer, de um só rosto e uma só fé…», durma tão bem como eu… mas prefiro ser o que sou.

Há uma coisa, talvez duas, na minha vida, pelas quais já pedi insistentemente perdão a

Deus. Se tivesse feito tantas deste teor, que o comportamento anómalo passasse a ser a norma, provavelmente não me sentiria incomodado com nenhuma. Mas cada um… responderá por si.

Quem somos nós senão peregrinos nas veredas da busca permanente da perfeição?! De outro modo, qual a finalidade de vida?

A história da tua avó e do senhor juiz faz revoltar; há alturas em que admiro sobremaneira o personagem Sauvarin do *Germinal* de Zola.

E veio tudo isto porque falámos de História e do que ela é ou como pode ser retorcida, ajustada, manipulada, reescrita… deixo exemplos concretos, não tão antigos como o conceito poderia fazer deduzir: salazarismo, franquismo, fascismo, nazismo, estalinismo, maoismo, ou, de modo mais amplo, socialismo, comunismo… e quantos ismos mais (constato, numa releitura, que tinhas citado vários destes

exemplos e muitos outros). O que já se afirmou sobre cada um dos temas, o que se escreveu, o que se demonstrou, o que se negou, o que se apagou, o que se torceu, o que se inventou, o que se omitiu! Ai! se a honestidade fosse um bem comum a todos os homens sem exceção, como a História seria diferente do que aprendemos, mesmo que vamos discutindo e procurando encontrar as pontas da verdade. Mais uma busca que nunca será plenamente gloriosa.

E a propósito, a minha concordância com o que anotas sobre o 25 de abril de 1974… mais uma história que, julgo, já começou a ser reapreciada. E a talhe de foice… se o Duque de Olivares não tivesse começado a arranhar as benesses da baixa e média fidalguia portuguesa, teria havido o 1.º de dezembro de 1640? E, já agora… acabada a *Torá* (que, afinal, já conhecia desde a leitura da *Bíblia*… já agora… a versão

de João Ferreira de Almeida… porque a versão católica tem mais sete livros), avancei para estudos sobre o *Talmude*… ou melhor, os Talmudes, e a sua visão sobre Jesus, que quase nada tem que coincida com o Jesus que conhecemos desde pequeninos. Por isto e milhares de outros casos: que História? Busquemos o que pudermos.

Uma das questões históricas que me fez meditar muito bem sobre o tema foi o último século de Espanha: a monarquia tradicional, a república, o franquismo e o regresso da nova monarquia. Tantas interpretações, quantos descritores. Li mais de meia dúzia de livros e, enquanto fui lendo e ouvindo, dei comigo a evoluir de sonhador a realista analítico; a última obra foi *A Guerra da Espanha*, em três volumes, que descobri na biblioteca da ACTIS-UTI. Foi escrita por um grupo de investigadores não

espanhóis, e apresentada por Bernard Michal, o que faculta uma visão mais desapaixonada dos acontecimentos e da sua evolução sob as leis da lógica, ação e reação. Em visitas ao país ibérico, em várias circunstâncias, tenho sentido que há ainda feridas dolorosas não inteiramente sanadas na sociedade, e isso são maus contributos se se quer fazer História. Apesar das várias fontes contraditórias, julgo que cheguei a uma posição honesta e objetiva, assim o creio… mas certezas!... as que a História permite, como tenho vindo a considerar.

Duas notas breves: já me tinha apercebido numa preleção anterior com os Mattos e Silva, de haver discordâncias entre as tuas hipóteses / teses e as deles, ao ponto de se terem oferecido para mais uma palestra sobre Cristóvão Colon… mas depois da exposição de Carlos Calado.

Não consegui aceder à entrevista a Almeida Nunes: terá passado para a Opto, a que não tenho acesso.

Porque não tenho a tua bagagem académica, em termos de História, permito-me introduzir mais um tema: viste algum dos filmes da série de três de *Zeitgeist*? Vi o segundo, designado por *Addendum* (que suporta muitas das posições que fomos expondo e anotando) e, mais recentemente o *Moving Forward* (que me pareceu algo catastrófico, embora com um fundo de verdade evidente). Se tiveres duas horas de paciência, sugiro a visualização do segundo.

Mas isto vem como prólogo à denúncia de uma falácia dos nossos dias «estamos a perder população».

Explico-me.

Sempre me deixou confuso a contradição entre este tipo de afirmação e o queixume de que

o planeta não terá condição de nos manter a todos, se prosseguirmos com os hábitos de alimentação (já não falo, neste momento, de consumo tolo e desperdício) atuais, e resolvi ir à procura de números, que te vou apresentar, e a que vou juntando comentários que me ocorram.

Demografia portuguesa (para o mesmo território que ainda temos hoje).

Ano – Habitantes – Comentários pessoais

1422 – 1 043 274 – Por estas alturas, o potencial do território já não cobria as despesas indispensáveis (acrescidas com a guerra com Castela), e tivemos de ir saquear Ceuta e o Norte de África.

1527 – 1 262 376 – Como Ceuta deu mais dores de cabeça do que lucros, lá tivemos de nos fazer ao mar em busca de riquezas e proventos; é certo que, neste período, por pouco tempo

embora, qualquer carroceiro tinha um escravo… mas foram mais bocas para alimentar.

1841 – 3 411 454 – Absolutistas e Liberais andavam por aqui entretidos a abater-se, depois de os franceses nos terem invadido, destruído e matado. Não consta que, entre o povo, a fartura fosse muita.

1911 – 5 960 056 – República fresca e, ao que parece, a escassez era tanta que as greves se encadeavam umas nas outras. Lá teve a guerra que devorar mais um número substancial de vidas.

1950 – 8 441 312 – Tinha eu nascido há pouco e, do que me lembro, riqueza era de afetos… basta ver a minha originalíssima fatiota na capa do L.E.N.

2001 – 10 356 117 – Viragem do século em que já havia o clamor que éramos poucos; Cavaco Silva, não sei se por algum lapso de

memória, chegou a interrogar o povo, na televisão, «como é que havemos de fazer para nascerem mais pessoas?».

2020 – 10 295 909 – Reconheçamos um ligeiríssimo abrandamento na subida do número, porque, entretanto, tivemos de ir exportando gente decente que o país já não conseguia alimentar.

E a queixa persiste, e porque persiste, tentei compreender porque é que o planeta não consegue alimentar todos… mas temos de aumentar a população.

Julgo que descobri.

Há uns anos, subscrevi, eu e a Adriana, uns Certificados de Reforma, por acaso, geridos por uma área governamental. Mensalmente, vamos lá deixando uma parte do vencimento, e os valores acumulados vão sendo geridos criteriosamente, fazendo aumentar o saldo para além da simples

soma das contribuições. Quando me reformei, lá estava o meu quinhão. Correto. A Adriana continua a descontar, e, anualmente, vamos vendo o resultado das migalhas e dos rendimentos. Conto que, quando ela se reformar, lá esteja o quinhão dela. Correto.

Ora, o que acontece é que este critério, usado de modo límpido nos Certificados de Reforma, devia ter sido aplicado e acautelado com as nossas contribuições, desde que começámos a trabalhar e descontar e, quando chegasse a hora do descanso, como não teriam de nos entregar tudo de uma só vez, continuariam a fazer a gestão do grosso do bolo, de que iriam tirando pequenas fatias mensais para nos entregar. Simples, mas…

O dinheiro com que fomos contribuindo mensalmente foi desviado para outras despesas, indevidamente, indecorosamente, levianamente,

irresponsavelmente, e agora, que têm de nos pagar as pensões, não existindo o nosso dinheiro, são os que labutam e descontam atualmente que estão a contribuir para nos pagar e… «são poucos», são poucos e, coitados, as suas contribuições não estão a ser guardadas e geridas para eles, numa espiral tipo «D. Branca», o que não dará bons resultados, a não ser que haja um reverter de funcionamento imediato e ponderado.

Ora, se a análise fosse científica, deviam clamar que somos demasiados (assim nos diz a estatística dos números) para o país que temos e para o planeta que temos.

Resumindo: na vez de nos contarem histórias, devíamos estar a construir a História do futuro do País, da Terra e da Humanidade.

Podemos clamar contra o metano e o carbono e o azoto e o consumo de carne e de peixe e o lítio… Para lá de fatores dificilmente

enumeráveis, no fundo está uma questão de equilíbrio entre a disponibilidade do planeta e a procura. Incentivem a diminuição da procura e não o contrário. Não mintam. Resolvam a questão das pensões com a gestão correta das disponibilidades, sob o lema popular «o seu a seu dono». Se o não fizerem, a Terra se encarregará de ir restabelecendo equilíbrios, como «profetizei» já.

E, porque não quero passar por delapidador do planeta, permite-me que junte alguma informação pessoal: sou escuteiro por convicção, com toda a filosofia basilar; desloco-me de bicicleta sempre que o percurso é suportável pela minha condição física, e as condições o permitem; só deixei de ser vegetariano a 50%, porque um problema de saúde levou os médicos a decretarem que devia comer carne e peixe, substituindo a proteína vegetal que eu usava;

bebo por uma garrafa de água reutilizável, para evitar comprar plástico e mais plástico; há muitíssimos anos que recuso embalagens supérfluas, levando a minha mochila (para espanto das pessoas a quem devolvia os sacos); sacos, uso até ao limite… e roupa e calçado e utensílios e…

Ponto final. Bem hajas pela paciência para esta aridez.

Cordialmente, no sentido pleno do termo.

21 de abril de 2021

Caro amigo José,

Muita paz e tranquilidade. Depois de ler a tua última missiva, não pude deixar de visualizar o *Zeitgeist-Addendum*. Nunca me tinha apercebido dos conteúdos desta série, apesar de a minha

mente ser imediatamente assediada pela mensagem que foi publicada há dez anos, intitulada *Manifesto dos Visionários do Caminho*. Valorizo esta mensagem pelo seu conteúdo intrínseco, que enaltece a ordem universal, como fonte de inspiração e das paixões, da sabedoria, do entusiasmo e da intuição. Um grave problema da patologia social é o adormecimento consciencial ou, se quisermos, uma espécie de estado letárgico, que impede a formulação de porquês sobre tudo o que nos rodeia, talvez manietados pelo clubismo, partidarismo, sexismo e associativismo iniciático. Vive-se predominantemente no primeiro estágio da pirâmide de Maslow, porque a maioria ainda aspira pelo alimento corporal. Este estado letárgico que nos confinou numa ditadura financeira. Como refere esse manifesto, «é preciso conformar os perturbados e perturbar os

conformados», numa autêntica revolução da consciência, seguido do pensamento de William Ernest Henley (1849-1903): «Não importa o quão estreito seja o portão, o quão carregado com castigos esteja o pergaminho; Eu sou o mestre do meu destino; Eu sou o capitão da minha alma».

É crucial estarmos recetivos a novas informações e processá-las com as nossas próprias ferramentas. Democracias? Um exemplo de excelência na cidade de Calípolis, a cidade bela, ideal, da *República* de Platão, onde convivem comerciantes, guerreiros ou guardiães e os governantes. As democracias atuais são ainda uma ilusão para o progresso moral. Legitimamos o poder político através do voto, sem que isso represente uma efetiva confiança nos sucessivos atos governativos. Há uma sujeição do poder político, que sobrevive

subjugado aos labirintos e às teias financeiras, e que se sustenta numa arquitetura bem engendrada do edifício jurídico, ou pela conveniência da lei, decreto-lei, portaria, despacho, enfim, nesse emaranhado normativo, envolto ou não numa razão superior, que promove tanta verborreia tática em jogos de argumentação, representados nos palcos das togas e dos malhetes. Deveríamos estar mais conscientes dos princípios da filosofia do Direito, sem essa grande abstração do conceito de Estado de Direito, que objetivamente é ávido em litigância permanente.

Lembro, há uns anos, quando entrei para a vida militar, que o exercício do comando era orientado segundo as normas e regulamentos, os valores da liderança, do espírito de corpo, da hierarquia, entre outros. O comandante era o responsável supremo, era para ele que se viravam

todos os olhares, e dele se aguardavam todas as decisões. No início da década de 90, surgiram os quadros dos juristas, e o paradigma mudou. O exercício do comando passou paulatinamente a depender do prévio parecer jurídico. Antes da voz de comando, passou a ouvir-se a voz do interpretador das leis. Este passou a comandar nos bastidores do comando. O comandante transformou-se em marioneta jurídica. Já na década anterior, quando passei pela Defesa, assisti a uma outra realidade de que não fazia ideia. Os gabinetes dos ministros estão repletos de assessores jurídicos, e os diversos departamentos do Estado estão preenchidos por técnicos superiores juristas, apesar de os altos pareceres jurídicos serem encomendados às grandes empresas de advogados. Passaram por mim várias faturas desses serviços específicos, de algumas dezenas de milhar de euros, e não as

vi todas. Então porque não se fala nestes avultados meandros que em verdade manipulam a vida social, económica, política, desportiva, cultural, num modelo caracterizado pela alimentação constante de tudo o que possa ser objeto de litigância sem fim, em nome do Estado de Direito? E os seus atores e autores, que se miscigenam entre a «Casa das Leis» e os «Escritórios das Togas», mascarados de construtores da lei, por um lado, e de contendedores, por outro: amigos na toga e inimigos partidários! É preciso fornecer um qualquer tipo de combustível nuclear à máquina jurídica para alimentar e perpetuar o mercado da litigância, caso contrário, como garantir os milhões gerados? Sem litigância não há receitas. Mas esta não é a filosofia do Direito! Este Estado de Direito não é universal, servindo bem a quem muito prevarica e tem condições financeiras para

submeter recursos atrás de recursos, adiando o desfecho final. O edifício chamado Estado de Direito deveria assentar numa ética superior, sem vampirismos escondidos, sendo mais verosímil reconhecer que existe uma ditadura do Direito ao serviço dos interesses financeiros. Estado de Direito, sim! Mas longe das togas e dos malhetes carregados de um simbolismo arcaico, anacrónico, intemporalmente eivado de vício e imoralidade. Existe um discurso próprio nestes circuitos jurídicos, que cansa e fere corrosivamente o princípio da liberdade. É a eterna luta entre o discurso e a intenção, entre a palavra e a decisão. Infelizmente tive de o exercitar nas minhas funções no ministério da Defesa. Pensavam até que era detentor de um diploma de Direito. Que estranho personagem que fui e a que catarses fiquei sujeito! É um mundo cheio de representações. Entendi então a

ideia hegeliana de quanto a liberdade é paradoxal, porque ativamente o sujeito… sujeita-se.

Os políticos nunca serão eleitos, neste modelo de sociedade, para transformar, reformar ou mudar as coisas. Eles serão o garante da salvaguarda do *statu quo*, porque, se o não forem, não conseguirão a sua sobrevivência política. Por aqui deveria começar a aplicação dos princípios da seriedade e honestidade do comendador Rui Nabeiro. E já dizia a minha avó que contendeu com o Sr. Dr. Juiz, lá da santa terrinha: «Oh, filho, se dizem que não há dinheiro, porque não fazem mais notas?». O analfabetismo de minha avó era suficiente para decifrar que o dinheiro é sinónimo de dívida, tal como é afirmado no *Addendum*. Valha-nos a justiça de Deus, sem a presunção das togas e dos malhetes.

Mas antes de terminar esta minha correspondência, permite que fale dos fascínios da genética que, por um tropeço no caminho, tive de valorizar. Mas antes, reiterar a minha forte convicção no papel da educação e da capacidade da autotransformação interior. Temos toda a capacidade de contrariar alguns genes; outros, é muito difícil. A genética também é uma demonstração da História, cuja linguagem é criação de Deus.

Primeiro caso genético: a doença raríssima de um grande amigo. Há cerca de seis anos iniciou uma luta que se irá manter por esta existência, começando com um processo de diagnóstico muito complexo. Depois de muitos exames, foi-lhe finalmente identificada uma doença atáxica autossómica recessiva. Que raio de nome para uma doença que tem apenas três pacientes em Portugal! No mundo serão uns 400.

A maior parte dos casos concentra-se na região de Charlevoix-Saguenay, no Quebéc, Canadá. Não há cura nem tratamento para esta doença. Só se manifesta se houver cruzamento do gene recessivo de ambos os progenitores. Trata-se de uma doença genética levada para aquela região do Canadá pelos povoadores franceses desde o século XVII. Num quadro de extrema raridade, os pais cruzam-se nesta vida e, sendo portadores de um gene que tem a sua origem em França, há cerca de 400 anos, torna-se legítimo pensar nessas ligações familiares ancestrais.

Segundo caso genético: a imutabilidade do cromossoma Y na sucessão familiar masculina. Isto é simplesmente fascinante. O meu cromossoma Y é rigorosamente igual ao do meu pai, do meu avô, do meu bisavô, do meu trisavô, do meu enésimo avô. E é neste princípio que se fazem os testes de paternidade, tal como decorre na

Universidade de Granada (Espanha), o estudo do ADN (Ácido Desoxirribonucleico) das ossadas de Cristóvão Colon e de seus filhos, coordenado pelo Prof. José Antonio Lorente, com quem mantenho contacto, por via da minha tese de origem relacionada com os Noronha. Ora este cromossoma Y (demonstrei-o através da genealogia) é imutável desde São Fernando, rei Fernando III de Castela (1199-1252), a quem Colon dirigiu tantos juramentos: «Juro a San Fernando!», até aos Noronha que têm origem em Don Alfonso Henriques de Noreña e Gijón (1355-1400), casado com D. Isabel de Portugal, filha de D. Fernando I. Está demonstrado que Colon era aparentado com os Noronha por via do seu casamento com D. Filipa de Moniz, restando confirmar se existem mais ligações diretas com este ramo da nobreza luso-castelhano. O interessante deste cromossoma Y é sabermos que

se manteve imutável até ao meu avô das cavernas.

Terceiro caso genético: risco familiar de cancro. Há cerca de sete anos iniciei umas consultas de risco familiar no IPO, pois parecia existir uma predisposição genética de cancro na minha família paterna e materna. Minha mãe morreu aos 40 anos com cancro nos pulmões; nunca fumou ativamente, mas bastante, passivamente. Passados oito meses morre uma irmã com 42 anos, com cancro no peito e ovários. Ao fim de quatro anos, morre outra irmã com 44 anos, com a mesma doença. Do lado do meu pai, morreram cinco irmãos com cancro; ~~e~~ meu pai também já teve três, mas ainda cá anda. Então foram sendo feitos estudos e análises genéticas para o nosso caso, e concluíram que dos genes conhecidos com protocolos, como é o caso dos genes denominados BRCA 1 e BRCA

2, não estão presentes em meu pai, minha irmã e em mim; mas podem existir outros genes que não estão ainda protocolados, e que podem ser motivo de causar cancro geneticamente. A recomendação é manter a vigilância ao colo do reto, à próstata e à mama, no caso das mulheres.

Quarto caso genético: árvore genealógica dos meus filhos. Os meus filhos têm uma ramificação materna que identifica uma tetravó, que aparece numa cédula de Espanha com o nome de Maria da Concepción Nova Gonçalves, nascida em Laza, na província de Ourense. Este apelido, Nova, motivou-me a pesquisar as eventuais ligações desta tetravó galega com o navegador galego João da Nova, que esteve ao serviço da coroa portuguesa, no reinado de D. Manuel I. Este navegador, acreditado como descobridor da ilha de Santa Helena, nasceu em Maceda, também da província de Ourense, a 35 km de

Laza. Como a genética nos pode ligar de forma tão inesperada.

Claro que tudo isto se tornou tão interessante para mim, que me conduziu a um trabalho mais profundo no âmbito das minhas reflexões, pensamentos, orientações e posicionamentos perante Deus. Provavelmente aguçou-me muito mais, na pertinência e acuidade do meu caminho. Acenderam-se outras chispas do fogo divino, no sentido de compreender alguma razão desta linguagem genética que determina muitas orientações à nascença. É isto que me faz acalentar, cada vez mais, a paixão pela natureza, esse livro infindável de páginas escondidas, de segredos, de pontes e cruzamentos.

Caro amigo José, agora é mais do que hora de não abusar da tua santa paciência, deixando uma certeza socrática de que somos cidadãos do mundo. Grande abraço na paz de Deus.

1 de maio de 2021

Caro amigo,

Estive a visualizar e ouvir o *Manifesto dos Visionários do Caminho*. Quanta análise, utopia, realidade, sonho, esperança, indução a resistir à passividade, apelo à responsabilidade, uso da liberdade e do livre-arbítrio no caminho da busca de valores, ainda que seja necessária luta (interior, primeiro) contra convenções e estatutos tidos por soberanos, indiscutíveis e imortais. Tese libertária incomum e muitíssimo mais profunda do que o termo habitualmente define.

Boa cartilha para servir de ponto de partida ou redescoberta, conforme o ponto do caminho a que tenhamos já chegado.

Mas que percentagem questionará estes temas? Se futebol fosse uma área desta problemática, julgo que o número dos que procurariam a inovação do modo de viver seriam muitos mais, mas…

Quantos programas «não-encomendados» passam nas nossas televisões, que levem a questionar o estado das coisas? Talvez alguns raros *podcasts* de fundações credíveis nos vão colocando algumas questões conducentes a pensar.

Ocorre-me mencionar um livro publicado e difundido pelos Adventistas do Sétimo Dia, chamado *Comandados à Distância*, em que nos alertam para os meios sub-reptícios (e por isso mais perigosos) com que crianças e jovens são moldados, evoluindo para adultos formatados… que, por sua vez, se surpreendem «como é que o meu filho tem estas ideias, se nunca falámos

disto cá em casa?», esquecendo que quem mais papagueia nos lares comuns são as televisões e os computadores que atordoam mentes distraídas e cansadas de dias de fadiga.

E chegamos às democracias que mais me parecem, às vezes, «democracites», de tão doentes e inquinadas que se apresentam. Se (julgo que) Churchill afirmava que «a democracia é o menos mau dos regimes», que poderíamos dizer dos outros? Tudo está estruturado para a aceitação passiva: votamos – os que votam – no dia das eleições, e depois deixamos que nos conduzam, porque intervir dá trabalho. Quantos terão já escrito a entidades competentes, ou pedindo a criação de um novo imposto, que consideramos justo, mas fazendo acompanhar a petição pela indicação do destino dos novos proventos? Ou reclamar formalmente às Finanças que não dispunham de um

formulário que devia estar disponível às 0H00 de determinado dia? Ou escrever à autarquia apontando falhas e mau funcionamento de coisas evidentes? Mas, importante: sempre apresentando soluções, ou disponibilizando-se para participar na implementação das melhorias ou retificações, para não se cair no «deita a baixo» por deitar.

A matéria é vastíssima, desde as atitudes do quotidiano até aos grandes princípios e valores.

Ora, os desgostosos com o sistema vão inventando novos partidos, à esquerda e à direita, em tentativas de ir corrigindo a trajetória do poder estabelecido, mas, a breve trecho, também os recém-criados se acomodam ao modo de funcionar dos já instalados, e tudo acaba na mesma.

E não falo, porque o explicas bem, do submundo dos consultores que enxameiam por

todas as estruturas que comandam, cuja realização maior é criar leis com linguagem hermética e cheia de furos (alçapões, ouvi um dia destes), que permitam provar o improvado, e alijar no lixo evidências inconvenientes para este ou para aquele, conforme convenha.

Vamos ter esperança na ascensão coletiva da humanidade, mesmo que me assaltem dúvidas sobre esta homogeneidade?

Sobre genética, confesso que terei passado agora à terceira fase dos meus conceitos. Na primeira, ainda jovem, a genética era tudo e tudo explicava (já pormenorizarei). Na segunda, assumi o convencimento de que quaisquer que fossem essas influências primordiais, a vontade, o estudo, a meditação, a oração, a liberdade de pensamento acabariam determinando o que quer que fosse, remetendo para um plano secundaríssimo as raízes iniciais; não me refiro

aqui aos valores transmitidos pela educação e pelo exemplo que, em si mesmos, não são genética, ainda que possam estar influenciados por ela. A terceira, confesso, motivada pela leitura e ponderação do que deixaste escrito nesta última carta; explícita e exaustiva, levou-me a reponderar e a tentar balancear as coisas, casando umas com outras, e trazendo-me à razão alguns pormenores genéticos que fora postergando na escala de valores.

Do ramo que designo abreviadamente por «Marcos», mas que engloba «Leitão» (na minha lembrança mais antiga só consigo chegar a uma prima direita de minha mãe), há uma cadeia de pessoas com uma degeneração marcada na vista, que se deteta numa tia, numa prima, num terceiro primo e numa quarta prima. Eu, sortudo, tenho apenas o olho esquerdo mais escuro que o direito, coisa que só notei com quarenta e muitos

anos, quando o meu sobrinho, miudito ainda, denunciou que eu não tinha os olhos iguais: nunca tinha dado conta, confesso, e foi uma surpresa.

De minha avó (a referência mais antiga), uma espécie de escama na cana do nariz… e todos no mesmo sítio (uma tia, eu…).

A caraterística mais estranha de todas está relacionada com meu avô (referência mais antiga), da banda dos «Serra». Debaixo das costelas flutuantes, à frente, um de cada lado, uns sinais pequeníssimos, mas diferentes do habitual; meu pai herdou-os por igual; eu e minha irmã nascemos apenas com um (não vou agora espreitar em que lado).

Tudo bem, até que minha irmã engravidou, e nasce uma filha. Nas consultas posteriores de acompanhamento, queixa-se à médica que aquele sinal começara a deitar um líquido

esbranquiçado; a médica observa e diz com toda a calma: «isso é leite, e o que chama sinal é uma mama atrofiada». Mistério esclarecido que motivou brincadeira da minha parte: «aqui está a prova de que somos descendentes de macacos».

É evidente que os casos que apontas nos teus exemplos são muito mais sérios, e que levaram à ponderação que referi. Mas, por outro lado, se marcas, irrelevantes embora, aparecem no corpo, terei eu escapado a cunhos mentais, transportados, geração após geração? E como me fizeste pensar no assunto, dou comigo a observar que, de novos, minha irmã era parecida com meu pai e eu com a minha mãe; com o evoluir dos anos, minha irmã evoluiu para caraterísticas faciais de padrão «Marcos» e eu, mais «Serra»… ao ponto de eu ter algumas fotografias recentes, em determinados ângulos, que mais pareço meu pai que eu próprio.

E tenho de reconhecer que, apesar de todo o empreendimento em «construir-me» por opções sucessivas e livres, há marcas (já referi algumas na carta anterior) que têm sido herança que me acompanha.

Agora: li e reli, já nem sei quantas vezes, as quatro questões de genética que me apresentas, e compreendo o teu interesse nesta matéria que, como te disse, eu tinha colocado algo à margem, guardando dela apenas os «elementos engraçados». Os casos que descreves são exigentes em atenção, e de profundidade (e mesmo drama), que se impõem à mente e ao campo emocional.

O caso do teu grande amigo surpreende e magoa. Somos responsáveis por aquilo que fazemos, mas que fez ele para merecer tal restrição à sua vida? E o que terá determinado o encontro do pai e da mãe dele para fazer

acontecer uma imponderabilidade destas, este incidente genético? Que eles não sintam nunca nada que se pareça com culpa, porque só acrescentaria à dor, sem servir de paliativo. E sem fundamento.

Não tinha qualquer ideia (nunca tinha lido, com o cuidado requerido, nada sobre a temática, que encontrei apenas numa exposição em La Coruña), sobre «a imutabilidade do cromossoma Y na sucessão familiar masculina». Já, por outro lado, assisti a uma conferência em que abordaste a questão das ligações familiares de Cristóvão Colon, e da grande esperança que existe na pesquisa coordenada pelo Prof. José Lorente; que ela traga respostas que permitam alicerçar hipóteses, aproximando-as de certezas.

(Duas curiosidades sobre este assunto: 1 - não fazia ideia da existência de uma filha de D. Fernando, D.ª Isabel; 2 – acerca do rei S. Fer-

nando, lembra-me Aigues Mortes, no sul de França, terra amuralhada, extraordinária e impressionante mesmo, das que não mais esquecem, de onde outro rei santo, Luís, de nome francês, partiu para a sua infausta cruzada).

Sobre o terceiro caso não gostei de ler: preferiria outra história diferente. Realço dela a resiliência de teu pai, e o cuidado com que vigias a questão.

Apreciei a curiosidade referida no quarto caso… e nesse aspeto… cá vai confidência. Sem qualquer curiosidade científica, mas apenas buscando nomes e o que faziam, deu-me também, há uns anos, para traçar os ramos da minha ascendência, que dividi em «Serra» (consegui chegar a um trisavô), «Almeida» (cheguei aos bisavós), «Leitão» (até aos trisavós todos) e «Marcos» (consegui todos os tetravós). De que me serviu o trabalho? Para entregar

cópias aos meus sobrinhos e primos segundos, para que não se perca (se não deitaram fora)… e talvez para facilitar o encaminhamento das intenções de algumas das minha orações… na eventualidade de poderem ter alguma utilidade; mais uma dúvida, em que muitos afirmam «sim», outros «não»… e eu, «talvez», que é equivalente a confissão de ignorância, não do problema, mas da certeza. Na dúvida, mal não fará…

Onde tenho consumido atualmente uma boa fatia de tempo (sempre curto… sempre insuficiente)? Julgo que te tinha falado já de um curso de Parapsicologia, em forma de palestras, proferidas pelo padre Óscar Gonzalez Quevedo, S. J., que frequentei há muitos anos, e que me apelou depois para algumas leituras sobre o assunto. A curiosidade por estas coisas da vida, menos comuns, surgiu no meu caminho depois das leituras dos livros-base de yoga, da

experimentação em hipnotismo, da análise e anotação da *Bíblia*, da participação em sessões classificada como espíritas. O que decidi fazer para me documentar? Munido de um gravador de cassetes rudimentar, fui gravando o som vindo de um altifalante da sala, na expectativa de ficar com o registo que me permitisse reciclar quando quisesse. O que aconteceu foi que o nível e qualidade de som resultaram quase incompreensíveis, e as gravações foram ficando abandonadas no arquivo de cassetes sem préstimo. Com o surgimento dos computadores, dos programas para digitalizar o som, e um intercomunicador que meu sobrinho (com parte da vida livre dedicada à música) me emprestou, atirei-me à tarefa de tentar a recuperação, se não para nível de boa qualidade, pelo menos, audível e bastante compreensível. É evidente que estou a aproveitar para ouvir e recordar todos os

conceitos. Descobri que uns se tinham mantido precisos, outros foram «afetados» pelo que fui aprendendo ao longo do caminho de questionamento, e outros, o olvido devorara-os. Cá ando na batalha, esperando que resulte alguma coisa em condições técnicas mínimas. Em qualquer caso, surgiu uma certeza: a vontade de voltar a reler os vários livros que tenho sobre o tema parapsicologia.

Além desta tarefa, aproveitando estar «com a mão na massa», recuperei e continuo a recuperar outros registos sonoros que tinha por aí, nomeadamente comemorações em família, janeiras com meus pais, no natal, e outras festas e encontros. Ah! E descrições de viagens e relatos sobre familiares falecidos, que me limitara a debitar para o gravador, acrescentados com testemunhos de terceiros, e que estou tentando converter em texto.

Uma correria, porque a vida é curta e, a acreditar na parábola, um dia Deus vai pedir-me conta dos talentos que me entregou para gerir.

Termino com parangona à 1.º de maio: a busca continua.

Despeço-me, partilhando um pensamento que me ocorreu: enquanto houver o dia do trabalhador, e o dia da mãe, e o dia da mulher, e o dia… algo está mal na sociedade.

Saúdo-te.

11 de maio de 2021

Caro amigo José,

Como habitualmente, temos sempre muitas matérias interessantes para nos envolverem nas redes infindáveis das ideias. Começo por partilhar a concordância do pensamento final,

tratando-se de mais umas oficializações para promoção dos mercados. Talvez por isso, não se justifique o dia do ocioso, precisamente porque o negócio é a negação do ócio, que derivou para as atividades que geram recursos financeiros. Ora sendo assim, como a sociedade se orienta pelos objetivos do mercado, tudo vale para promover o consumo e daí nasceram os dias para tudo. De facto, algo vai mal na sociedade, excetuando, talvez, as sociedades dos tuaregues, bosquímanos, pigmeus, esquimós, e mesmo assim não sei, porque a globalização também já chegou a algumas sociedades mais ancestrais.

Mas o que motivou de imediato para desenvolver nesta breve exposição de ideias foi o contexto dos dramas genéticos que aqui fomos dissecando. Essa motivação conduziu-me para a relação que os significados de paciência, obediência, submissão e coragem têm com a

resignação. Todas estas palavras têm uma configuração de carácter teológico-religioso, bem presentes nas matrizes litúrgicas monoteístas que nos levam ao princípio da resignação como submissão à vontade de Deus. Sabemos que um dia o corpo físico perecerá e, por regra, vamos vivendo imbuídos da lei da conservação. Algo nos impele instintivamente para um estado conservativo. Quase sempre a ideia da morte não pesa demasiado no dia-a-dia, a menos que por via de evidências patológicas graves, acidentes e incidentes complicados nos percursos da vida, esta realidade faça despertar as consciências. Nesses momentos é abalado o equilíbrio do estado conservativo; porém, sem metamorfoses, o caminho não se realiza. É o modelo de convivência inerente à natureza. É raro tomarmos a realidade da morte como perseguição constante. Parece que é melhor que

assim seja, ou será uma questão de comodidade existencial comum a crentes e não crentes? Como entender então a submissão à vontade de Deus, se, segundo a liturgia, fomos feitos à sua imagem e semelhança, como se fossemos centelhas de luz emanadas do Criador? Quais os princípios que regem a relação entre a vontade de Deus e a vontade dos Seres Humanos? Que lógica terá a criação e evolução do microcosmos celular que determina a necessidade de um dia conviver com esta ou aquela doença, com uma derivação genética tão pesada? Será que este processo é aleatório, indeterminístico, probabilístico, como se tratasse de um jogo para deleite da própria natureza? Não, de todo; Deus não fez do Universo um gigantesco casino. Crendo indefetivelmente na existência de Deus, até onde devo aceitar a minha resignação, atribuindo a Deus toda a autoria lesiva da minha

existência, conformando-me, obediente e paciente, sem me esforçar para tentar manter acesa a minha centelha divina? Por outro lado, por que razão não me devo resignar sobre tudo aquilo que está ao alcance do meu livre-arbítrio, no sentido de me transformar incrementalmente no amor universal? E tantas outras perguntas que alimentam os mecanismos do pensamento, dando conta da distância infinita da inteligência de Deus.

Segundo estas reflexões, parece que sou paciente, obediente, corajoso, submisso e resignado. A maior parte das vezes, porém, tudo tende a funcionar como uma caldeira a alta pressão e temperatura, consciente da incapacidade em determinar a harmonia das coisas. Valha-me Deus, que sempre me estimula a recomeçar. Todavia gostaria de clarificar estas posturas em dois contextos, com amplitudes

relacionais bastante diferenciadas: um está relacionado com a vivência quotidiana, nos âmbitos políticos, sociais, económicos, culturais, científicos, familiares; e o outro que estimula as interpelações e correlações desta pequeníssima centelha divina com o universo. Se, por um lado, pode ocorrer insatisfação face a um qualquer desvio governativo, judicial, social, financeiro, humanitário, familiar, não me posso recorrer da mesma legitimidade para me confrontar e argumentar contra as decisões de Deus. Somos feitos à sua imagem e semelhança, porém não desfruto desse fogo infinito de sabedoria, que me conduza para uma postura de submissão e de obediência. Com os primeiros contextos não poderei ser submisso e obediente. Uma boa dose de coragem seria muitas vezes adequada para confrontar algumas injustiças. Lembro, há uns tempos, quando fizeram uma pergunta ao Dalai

Lama, se teria coragem de matar outro semelhante, tendo respondido: «se essa pessoa ameaçar, no momento, a vida de tantas outras, então teria que fazer algo para minimizar a perda de tantas vidas, matando-a».

As palavras são signos reveladores de estados emocionais e mentais, nem sempre consentâneas em coerência com o exercício da lógica. A paciência é tomada como a capacidade de assumir contrariedades, dissabores, infelicidades, logo, tida como sinónimo de resignação e também de perseverança. Podem sê-lo numa perspetiva semântica, mas a sua expressão mental é por vezes ambígua. A resignação não traduz o mesmo estado mental de perseverança. A primeira é uma sujeição, e a segunda reflete uma atitude de esforço persistente para alcançarmos algo, pertinácia, insistência. Ambas são valências do livre-

arbítrio. A palavra paciência até sugere uma partição de *pa* e *ciência*, como insinuando em favor da ciência ou em prol da ciência, a esperança nas conquistas do conhecimento científico, que paulatinamente vai desbravando a complexa linguagem de Deus, a par de outros conhecimentos que a própria ciência ainda não conseguiu estimular. É compreensível esta aparente lentidão do progresso, em face do estágio do desenvolvimento moral e intelectual do ser humano. A palavra obediência refere-se ao cumprimento da vontade alheia, submissão, domínio, autoridade, assumindo contornos tão diferenciados na exercitação do livre-arbítrio. Que substância problemática existe em ser obediente, paciente, resignado, submisso, quando todas essas palavras veiculam estados de alma, interpretados em plena consciência de aceitação, como manifestação de um comportamento livre?

Para muitos, a liberdade parece não poder coabitar com obediência e disciplina. O conceito de liberdade é geralmente incompreendido, na medida em que não existe liberdade sem regras, primordialmente aquelas que estão correlacionadas com a ideia de alteridade.

As aves voam livremente, em movimento aparentemente livre, porque estão sujeitas às leis da mecânica de fluidos. O pensamento goza de plena liberdade, mas as ações daí decorrentes ficam confinadas pelas leis da justiça humana e, acima de tudo, pelas leis universais da natureza. Quanto maior for a consciência da ordem e da harmonia, maior será o sentimento de liberdade. Se pretendo ser livre, tenho de saber integrar a existência da norma que me transcende, porque a sua natureza é sublime, e obedecer a essa harmonia, mesmo desconhecendo toda a sua essência. Há uma enorme porção que só é

compatível com a paciência, no que respeita à obtenção de resultados, e aqui não sobra outra atitude, senão a resignação à vontade de Deus. O livre-arbítrio não se compadece com vontades humanas absolutas. Também não é compatível com a indisciplina, e não convive saudavelmente com a anarquia. A liberdade plena está sobretudo na capacidade de criarmos pensamentos, de os interligarmos, de os contemplarmos. O altar da liberdade é a imaginação.

Emerge quase sempre um sentimento de acelerar os ritmos do progresso ou da evolução, numa mistura de muitas incertezas existenciais. Há uns anos que paira a tese de que quase tudo é motivado por construções sociais. Certamente que muitos comportamentos o serão. Outros não levam em consideração o desconhecimento ou ignorância, a cegueira das ideologias, o convencimento deturpado. Há uns dias, tive a

oportunidade de assistir a uma palestra de um antropólogo-biólogo, a partir dos EUA, que falava nesta corrente que tudo é uma construção social, inclusive o conceito do bem e do mal. Existem lacunas naquele discurso. A construção social é como uma máquina que vai conformando lentamente os comportamentos, sugerindo que, a montante, existem códigos desconhecidos intrínsecos ao bem e ao mal, que ainda coexistem num estado de latência semiconsciente.

As práticas científicas seguem atualmente o drama da superespecialização, quando é urgente integrar as diversas áreas do conhecimento, seguindo os princípios da análise sistémica ou da complexidade. É desejável experimentar outras perspetivas, observando mais a floresta e não exclusivamente a árvore. Talvez seja tempo de integrar nas pesquisas científicas outros

fenómenos que interferem nas nossas existências, por exemplo, a espiritualidade e a parapsicologia, tal como já vai sendo praticado em algumas instituições académicas mundiais. Não se podem reduzir os argumentos exclusivamente à construção social. Em realidade somos seres sociais, mas também somos espirituais e cosmológicos, onde a genética surge como mais uma linguagem da imensa grandiosidade criadora. Teremos de saber erguer as pontes do conhecimento. Tudo isso não poderá coexistir sem o argumento da justiça divina, sem o racional da ordem universal, sem um critério de merecimento. A genética fará parte desse trabalho, neste caminho de transformação individual.

Por tudo isso, resigno-me na consciência da minha liberdade individual, ciente das inúmeras limitações que desafiam o percurso da evolução.

Talvez tenha exagerado nesta exposição de pensamentos, tornando-os tão complexos para o entendimento comum. Tudo isto me motiva dúvidas, reflexões aleatórias, mas faz parte do caminho. Basta que me deixem pensar... o quanto basta para ser feliz! Amigo José, sem mais delongas, vou encerrar este capítulo, aspirando que se abram outros, com votos de muita paz, saúde e muitos pensamentos. Abraço!

21 de maio de 2021

Noite em paz, Carlos.

Eu é que… como vou eu atrever-me a escrever sobre Deus e o Homem, se tenho passado a vida à procura, e as perguntas continuam a suceder-se? E, subjacentemente, o receio de que as «certezas» que atingi tenham,

para olhos profanos, o ridículo que têm as cartas de amor alheias.

Certezas? O «meu» Deus não é certamente o de nenhuma religião estabelecida, mas pode ser o Deus de todos os credos, por não colidir, no essencial, com nenhum. Terá sido pelo estudo que tenho feito das religiões, numa perspetiva de busca da verdade, que me levou ao conceito que criei para mim, ou, opostamente, criei a minha ideia de Deus, pela rejeição sistemática que fui fazendo dos conceitos de umas e outras?

Rejeito um deus que crie clivagens e dissensões entre Homens, e, assim sendo, tenho de rejeitar todos aqueles que se tornaram propriedade de qualquer religião que, mais cedo ou mais tarde, ao longo da História, tenha levado os seus apaniguados a perseguir o seu semelhante, ou mesmo os seus irmãos, porque «o meu deus é mais verdadeiro do que o teu». E

quantas vezes aconteceu e acontece! Por outro lado, nas minhas conversas com Deus, nada me impede que utilize a fórmula base do *Pai-Nosso* ou o *Hare Krishna*, para agradecer, pedir ou louvar; e não utilizo o *Pramassaya* porque não consegui fixar a letra (não li; ouvi apenas), tendo permanecido a melodia que já tenho utilizado também como oração [l] ; e há hinos, designemos como cristãos, que me sintonizam muito bem quando quero ascender.

Mas de tudo o que escrevi até agora, nada disse sobre o que concebo em termos de existên-

—

l) Nota na 2.ª edição: O deslizar do tempo levou-me a cruzar caminhos com uma professora de Yoga indiana, que me esclareceu que se trata do *Mantra Gayatri*, e os termos corretos são *Tanno Prachodayat*, que pode traduzir-se como «Que (a Luz Divina) ilumine / direcione a nossa mente / intelecto».

cia, influência, condicionamento, ação, salvação ou condenação.

Se o meu Deus não me concedeu livre-arbítrio, retira-me toda a possibilidade de obter mérito ou reprovação por tudo aquilo que pratique em relação a Ele, ao próximo ou a mim mesmo. Mas é latente a questão se o meu livre-arbítrio é efetivamente livre, ou se está condicionado pela genética, educação e influência social, e, nesse caso, qual é o meu merecimento ser testado? Para procurar? Mas, se seguirmos esta linha de raciocínio, podemos todos clamar por inimputabilidade sempre que fizermos algo condenável (e por quem seremos julgados?! Por outros irresponsabilizáveis?!).

E porque é que que nasci eu e para quê? Para um caminho evolutivo? Para buscar a felicidade por todos os meios? E fui eu que escolhi a

família de quem nasci? Ou foi o Caos que o determinou?

Há uma noção que tenho clara: se se trata de passar pela Terra para tentar conquistar o desprendimento desta vida, que é transitoriamente concedida, tenho a certeza de que não quero voltar cá (e não queria, com isto, estar a assumir implicitamente a teoria da reencarnação como a única possível). Por outro lado, as hipóteses de céu e inferno, aplicadas a seres em estados imateriais, não me parece que sejam explicação mais plausível que a anterior.

Mas se me arrogo o direito de criar mentalmente o meu conceito de Deus, Ele existe por que eu o concebo, ou existe por Si, e eu não passo de mais um ínfimo teorizador que passa uma vida inteira a tentar apreendê-lo?

Mas há mais certezas que tenho: é que Ele existe (pese embora a singeleza do meu conceito

dele) e comunica comigo (obviamente não comigo em especial, mas seria atrevimento estar a fazer esta afirmação em relação a outras pessoas).

Não faço uma interpretação tão direta de ter sido «criado à imagem e semelhança de Deus», mas que algo de divino tem de haver em nós para podermos comunicar com Ele, tem de ser, e vou ceder a citações religiosas ou filosóficas (que outros criaram), para abrir o alicerce da minha convicção.

«Tudo o que pedirdes, em estado de oração, crendo que recebereis, vos será dado».

«Sou perfeito, alegre e forte; tenho amor e muita sorte; sou feliz e inteligente; penso positivamente; tenho paz, sou um sucesso, tenho tudo o que eu peço: acredito firmemente no poder da minha mente, porque é Deus no subconsciente». E acrescenta o autor do segundo

pensamento: «Portanto, cuidado com o que pedis, e com a forma como pedis… porque vai realizar-se mesmo. Cuidado com a palavra "não"». E cita exemplos de invocações negativas que reconhecemos no dia-a-dia das pessoas, e que nos fazem sorrir pela sua pertinência… ou impertinência.

Terei eu sido influenciado por teorias de outros para fazer o meu «credo», ou tem sido a minha experiência que me leva à certeza da comunicação com Ele? Inclino-me mais para a segunda hipótese, porque poderia relatar acontecimentos da minha vida em que pedi convictamente, entreguei confiadamente nas suas mãos e, por caminhos ínvios que eu, conscientemente, nunca escolheria, fui conduzido ao ponto que eu confiara a Quem pode.

Mas, mais uma vez, este receio de falar de algo tão elevado! Quantos teólogos, sábios e santos tentaram uma explicação coerente e… e desconfio quando um semelhante me surge com uma «certeza indiscutível» sobre este mistério para os limites na nossa inteligência comum.

E quando há doença, sofrimento (não falo da morte, indispensável para que se possa nascer: portanto, lei da própria vida e da condição física do nosso corpo perecível), vou culpar Deus?

Mistério: sei lá eu quais são os desígnios de Deus. E o facto de sermos «vítimas» de condicionamentos genéticos? Que mal fez alguém para ter nascido logo com uma seta apontada à essência de si?

As fórmulas são excelentes para teorizar, mas não dizem nada; definia o catecismo dos meus seis anos: «ser infinitamente perfeito, criador do Céu e da Terra». E como foi o ato criador?

Alguma vez conseguirá o Homem descobrir, sem lugar a dúvidas, que foi desta ou daquela maneira?

E para os ateus, Deus existirá? Não negamos o que não existe, por regra. Ou talvez não… numa discussão (no melhor sentido do termo) com apóstolos das Testemunhas de Jeová, argumentaram (por questão de honestidade, declaro que já não consigo recordar o contexto) que eu devia acautelar-me contra os falsos deuses. Cortei de imediato, dizendo que não havia falsos deuses; contrapuseram com citações várias, e eu demonstrei que não há falsos deuses, porque se são falsos, (não existem como tal), não são deuses.

Há ainda algo que sinto: o que seria a minha vida (se é que eu quereria viver) se não fosse a convicção indiscutível de que Deus existe e está ao meu alcance (apesar de partícula

insignificante e mesquinha na imensidão do universo)?

Vou mais longe: mesmo que Deus só existisse, por ser fruto da minha imaginação, ainda assim, preferiria ser um lunático crente, que um terra-a-terra descrente. Mais claramente, numa resposta às naturais interrogações que me assaltaram: entre existir e eu não crer, ou não existir e eu crer, prefiro a segunda hipótese; mas assumo a minha convicção de que existe e eu creio sem reservas.

Implicações? O que me faz lutar por tentar deixar o mundo um pouco melhor do que encontrei? Onde me refugio em tempos de aflição? Onde busco paciência para as minhas faltas e para as faltas do meu próximo?

Às vezes penso que, se resolvesse fundar uma religião, não iria moer a cabeça a ninguém com as aventuras de patriarca nenhum, nem com

os devaneios de nenhum profeta, nem com discussões sobre mensagens angélicas, nem com representantes de Deus na terra, nem com questões de ressurreições, virgindades, infalibilidades, levitações, visões e mil outras complicações que apenas têm servido para dividir e antagonizar. Sintetizaria (e nem estou a ser original): Ama a Deus (que encontrarás através do teu íntimo) sobre todas as coisas. Ama o próximo como a ti mesmo. Em cada ato da tua vida, age em conformidade com isto. Simples, julgo.

E, já numa perspetiva prática, aconselharia a quem duvidasse: busca uma serra numa noite sem nuvens; deita-te no chão e olha o firmamento; depois, extasia-te, chora ou sorri. E se pensares em morte, imagina-te a vogar nesse espaço que te faz sentir tão pequeno.

E sobre a minha «certeza» do contacto com Deus? Restar-nos-á apenas a atitude de «aceitação, obediência, paciência, coragem e submissão»? Eu começaria por «confiança»: em Deus e em mim próprio; depois, capacidade ou coragem de «aceitar», crendo que os caminhos que não entendemos, como diz o povo, podem ser «Deus a escrever direito por linhas tortas». E, em transição de pensamento, anexo mais um adágio tradicional, a que junto um comentário que justificarei: «de hora a hora, Deus melhora» (podes ter fé no rifão, mas busca o remédio por tua mão).

Colocados os princípios, vou-me a algumas explicações.

Confiança. Em tudo na vida, desde as coisas práticas às de índole espiritual, «crer» é fundamental e, no caso em apreço, eu acredito que Deus me escuta e não só escuta como nos

concede a possibilidade de concretizarmos o que pedimos convictamente. Diz-me a experiência que, a maior parte das vezes, por vias e formas que nunca conceberíamos conscientemente. Se é por meio de «Deus em nós», ou «feitos à sua imagem e semelhança», ou pelas capacidades do «subconsciente ou inconsciente» (as ligações pelas quais comunicamos em Ele?), não sei. Sei, sim, que tenho vários casos na minha vida em que isso aconteceu indiscutivelmente. Testemunhados. Mesmo sinteticamente, levaria muito tempo a referir os mais relevantes.

Mas aqui está implícito que é necessária a aceitação, porque, como disse, os caminhos, por vezes, são inesperados e podem ter alguns espinhos.

Mas implícito também está o «buscar remédios por minha mão».

Disse uma vez Lauro Trevisan: «cuidado com a forma como rezamos; quantas vezes, querendo pedir uma coisa, começamos com "eu sei, Senhor, que NÃO sou merecedor e que o que peço se mostra IMPOSSÍVEL , mas, SE, for da vossa vontade…"; o que quer que venha a seguir, já foi anulado pelo foco principal da oração (NÃO, IMPOSSÍVEL, SE). Há que haver clareza e positividade na oração». A ciência de laboratório já provou e comprovou que o pensamento dirigido e focado tem a capacidade de produzir alterações fisiológicas, e não somente a nível cerebral; assim sendo, tanto que podemos deduzir deste facto! O desafio é que tanto podemos potenciar o positivo, como amplificar o negativo, e isso faz parte dos apetrechos de base com que Deus nos brindou: que Ele nos inspire a usá-los para o bem. Por outro lado, a não ser que nos sintamos

plenamente realizados, podemos considerar um dever usar essas possibilidades para melho-rarmos o mundo (pessoas e coisas): cá está uma das razões possíveis / prováveis da nossa missão na Terra.

Por outro lado, que fazer quando a genética nos condena, sem crime prévio, a uma doença limitativa? Socorro-me do nascimento da Maria Inês, sobrinha de coração, que manifestou logo uma gravíssima limitação de visão num olho. A angústia da Joana e do Pedro, os pais! A dor dos avós! Além da busca desesperada de remédio, foi a assunção de todos os sentimentos que conduzem à infelicidade e tristeza profunda. Doía ouvi-los. Em comunhão total, falei com eles e tentei partilhar o que julgava melhor do que a vida me ensinara. Cada um ajudou como pôde. Hoje, a pequenita continua e terá de continuar a procurar o remédio, suportado na

esperança; a diferença está no facto de o irmão mais velho, os pais, os avós e nós, amigos que os acompanhamos de perto, termos considerado que esta menina, de quem se gosta ao primeiro olhar, tem direito à boa ventura como qualquer criança, e somos todos genuinamente felizes quando nos juntamos. E não vejo diferença na simpatia sorridente, alegre no caso da Maria Inês, da do mano Gonçalo, no seu estilo cavalheiresco.

Neste caso, a aceitação ou a revolta é uma decisão de cada um, e, da escolha, colherá os frutos respetivos.

E quem conhece o mistério dos caminhos de Deus?! Iria a Maria Inês ser mais ou menos feliz ao longo da sua vida? Depende dela, sem nunca abandonar o foco no poder superior que nos foi legado.

Outro tema: e depois da morte?

Rendido à minha ignorância, quando oro a Deus, por mim e pelos outros que já não estão por cá, faço-o no pressuposto de todas as hipóteses possíveis… e assim não erro.

Ainda não ouvi todo o ficheiro que me enviaste: voltarei a ele para atentar a tudo de seguida, porque que concluí que vale mesmo a pena. Em compensação, informo que recebi uma dica de um colega da ACTIS - UTI, que explorei, tendo já ouvido e visto mais do que as recomendações dele. No *Youtube*, procurar Leandro Karnal; depois, vários temas sobre religiões*: #1 Em busca do sentido; #2 Judaísmo; #3 Cristianismo; #4 Islamismo; #5 Live com os seguidores* (ainda só vi um pouco); *Porque sou ateu?* Pareceram-me análises ponderadas e sem preconceitos, e não senti que estivesse a «vender» alguma coisa.

Deixo-te com esta série de pensamentos que, sofrendo de eventual leveza, me têm ajudado como suporte de vida terrena, em trânsito, espero que para um estado de paz: na pior das hipóteses, para NADA.

Bem hajas.

28 de maio de 2021

Caro José,

Tenho de reconhecer, em primeiro lugar, que esta troca de ideias tem o grande mérito de me fazer pensar ainda mais. Esse é um objetivo da maior nobreza de espírito. Tenho a vantagem de me enclausurar no sótão, deixando que as mãos façam o seu trabalho, não impedindo que os pensamentos fluam em torno de tantas questões que aqui vais equacionando, com ampla

pertinência. A companhia da Antena 2, em certas ocasiões, dá uma ajuda que nem parece por acaso, referindo-me concretamente aos desígnios e às obras de Deus. Ouvi recentemente duas entrevistas dadas a José Manuel Afonso, um jovem investigador, já bastante credenciado, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. O tema era o estudo da formação e evolução de galáxias. Aquilo que já se conhece do universo é deveras impressionante, mas comparado com aquilo que se desconhece, conduz-nos para uma espiral de angústia e de total sentimento de pequenez. Portanto é perfeitamente normal que as dúvidas e escolhas que possamos fazer em torno da existência de Deus sejam referenciadas e debatidas numa multiplicidade de pensamentos que são resultado da interação de tantas variáveis das vidas humanas. O conhecimento da obra de Deus ainda

é muito ténue. Vamos dando conta de mais umas fronteiras desvendadas paulatinamente pela ciência. Quando, a título de exemplo, e tão-somente um exemplo, José Manuel Afonso descreve o alcance do observatório astronómico composto por 66 radiotelescópios, no deserto de Atacama, no Chile, ficamos com a ideia exata de que não é possível chegar a qualquer ponto do universo, apesar das potencialidades deste colosso tecnológico da observação astronómica, chamado ALMA (Atacama Large Millimeter Array). Recolher informações de corpos celestes que estão localizados a centenas de anos-luz da Terra é de facto uma grande conquista. Por exemplo, sendo a velocidade da luz de 300 000 km/s, então a 100 anos-luz corresponde uma distância de 946 080 000 000 000 km. Esta dimensão excede largamente a compreensão humana, ficando no ar o que estará para além e

aquém desses limites. Uma distância sem dimensão para a existência de Deus.

Uma pergunta que se coloca, muito aceitável, relaciona-se com o momento do *big-bang*, ou seja, os astrónomos estudam o que aconteceu nesse momento, porém, o que existia antes desse momento? Este jogo é bastante mobilizador da nossa estatura existencial, da nossa condição de seres comparticipantes da construção universal... seres terráqueos, terrestres, o que lhe queiram chamar, no fundo, moradores num quartito que se chama planeta Terra. Temos de facto limitações naturais: faz parte do nivelamento evolutivo. Como propôs Giordano Bruno, *Do Infinito, do Universo e dos Mundos*, tantos outros seres habitam esse universo. Hoje li, em notícia, que a Humanidade poderá não estar preparada para aceitar a coexistência de vida em outros planetas; mas

como preocupar-nos com tais divagações, quando temos de nos concentrar na sobrevivência, subsistência, relação com a máquina administrativa, com médicos e hospitais, pandemias, novo modelo de telemóvel, carro giro que saiu para o mercado, férias de sonho, o último grito da moda, e tantas outras coisas que nos ocupam a vida terrena?

Quando olhamos o céu com maior profundidade racional e espiritual, tão-somente observamos uma ínfima parte da obra de Deus, que por ser tão maravilhosa aos nossos olhos, já basta para uma contemplação que seja ajustada à nossa natureza existencial. Da mesma forma que um equipamento eletromagnético só capta uma certa gama de frequências, ou um sonómetro que reconhece uma determinada gama de sons, entendendo estas tecnologias como extensões dos sentidos humanos. Então onde está a

capacidade de o ser humano se transcender ou se transformar interiormente? Penso que a resposta está no diálogo com Deus. E esse diálogo necessita obrigatoriamente de religião? Respondo categoricamente que não.

A religião faz-me evocar o último Censos 2021, quando aparece uma pergunta para respondermos, sobre a religião de cada um. Vou revelar-te a minha resposta: não tenho religião. Mas isso não impede que creia convictamente em Deus, na imortalidade da alma e na pluralidade dos mundos. E atrai-me bastante o estudo das relações entre a religião e a ciência. Nada de novo, porque muitos o fizeram ao longo dos tempos, e este desafio permanece num diálogo estimulante. Não está em causa se esta ou aquela religião é melhor do que a outra, porque o fundamental é estabelecer as pontes entre elas, identificar as suas ligações, não olhar

para as diferenças, não segregar, porque a atitude de construir pontes é promotora do amor universal, e os pontos comuns são mais do que os pontos divergentes. Há sempre uma postura individualista no comportamento do ser humano, apenas pela diferença... e muitas vezes essas diferenças não são mais do que polos que se tocam, com visões diferentes para a mesma configuração. Não consigo ver tantas diferenças entre as três religiões monoteístas, que possam justificar os conflitos de natureza religiosa. Entendo que o interesse pelo estudo desta ou daquela religião não está relacionado com a convicção dos credos, fórmulas, dogmas, ditados ou ladainhas, mas com o seu conhecimento teológico, identificando e valorizando a sua mensagem ética e moral. É necessário ler essas fórmulas dentro do seu contexto histórico, social, cultural, e sobretudo, teológico. Aqui encaixa

bem a fórmula da criação do Homem feito à imagem de Deus, um tema que faz pensar muito. No *Génesis* aparece logo essa fórmula: «Façamos o Homem à nossa imagem e semelhança e que ele mande sobre os peixes do mar, os pássaros do céu, os animais, sobre toda a Terra e sobre todos os répteis que se movem na terra. Deus então criou o homem à sua imagem e o criou à imagem de Deus e o criou macho e fêmea». Que essência terá esta passagem? Mais tarde, no Novo Testamento, lemos em João (10, 34-35): «Não é na vossa Lei que está escrito: "Eu disse: vós sois deuses? Ninguém pode anular a Escritura. Ora, a Lei chama deuses às pessoas, às quais a palavra de Deus foi dirigida». E segundo o Salmo (82, 6-7), do *Antigo Testamento*, uma base doutrinária para os judeus, foi declarado que: «Embora vós sejais deuses, e todos filhos do Altíssimo, morrereis

como qualquer homem». Esta expressão sálmica traduz essa condição de pequenos deuses, por um lado, e de humanos, por outro. O que motivou os profetas a escreverem sobre essa condição? Não poderei entender de outra forma: a natureza que o Criador nos conferiu, de pensar, de sentir o divino, de criar, de imaginar, de sermos entidades totalmente comparticipantes no processo evolutivo universal.

Outro exemplo interessante de análise dogmática, que me foi despertado por Moisés Espírito Santo, em *Origens do Cristianismo Português*, está relacionado com as referências no *Novo Testamento* a Maria, mãe de Jesus, conforme já tivemos oportunidade de abordar. Como sabemos, Portugal é um país predominantemente de culto religioso mariano. Em 1498 nasceu o culto da Nossa Senhora da Lapa, em Sernancelhe, que tem muitas ligações

com os rituais de Santiago. Este é o culto mariano mais antigo em Portugal, talvez reavivando os princípios do cristianismo primitivo português ou ibérico, muito característico, onde a mulher tinha um papel determinante. Quatrocentos anos depois, aparece o culto de Nossa Senhora de Fátima que, segundo alguns especialistas teólogos, tem relações com Nossa Senhora da Lapa. Mas, afinal, qual é a projeção do culto de Maria, mãe de Jesus, no Novo Testamento? São apenas quatro as referências, o que, de facto, parece muito pouco. Um dia perguntei à minha professora de árabe qual a expressão representativa de Jesus e de sua mãe na religião muçulmana. A resposta veio no sentido da que já tinha obtido pela leitura de Francis Peters: «Jesus é um grande profeta, não sendo o mais importante para a religião muçulmana, e sua mãe

Maria merece grande respeito e devoção por ser a mãe desse profeta». Confesso que fiquei surpreendido com o teor da resposta dada por uma devota do islamismo, relevando o respeito pela mãe de Jesus Cristo. A surpresa só se justifica pelo meu desconhecimento.

Quando se estuda mais profundamente os contextos históricos das religiões, acabamos, de alguma forma, por sermos surpreendidos. Recordo o período entre os séculos IV e VI, no contexto da afirmação do cristianismo no império romano. Trata-se de um período que revela ainda muitas incertezas quanto à definição dos cânones da doutrina cristã, no seio de outra religião influente, que contava já com uma importante antiguidade de fé: o judaísmo. No início do século IV, o imperador Diocleciano legislou a favor da perseguição aos cristãos, exigindo que se privilegiasse a adoração aos

deuses romanos. Entretanto, nesse mesmo curto período, realizava-se o concílio de Eliberi (Elvira), composto por bispos de toda a Península Ibérica, que acordaram sobre vários temas da doutrina cristã, destacando dois deles: o relacionamento com os judeus e o debate sobre as heresias. Tudo indica que a afirmação do cristianismo, na Península Ibérica, teve uma orientação algo diferente daquela que emanava da governação imperial. Pode-se considerar que, a partir de 312, foram criadas as condições para oficializar o cristianismo como religião do império, pela mão de Constantino (272-337), em detrimento da maior religião monoteísta existente. Esta sucessão de acontecimentos tão diferenciados, num período de apenas 30 anos, leva-me a formular muitas questões sobre a transição do paganismo para o cristianismo, na sombra da perseverante religião judaica.

Paralelamente, para tornar o problema mais complexo, surgem também, no século IV, as heresias cristãs. Neste capítulo, saliento aquela da autoria de Prisciliano (340-385), que foi objeto de excomunhão, no concílio de Braga de 563. Este período interessante conduz-me pelos caminhos entrecruzados das influências remanescentes de Júpiter, das metamorfoses emergentes das parábolas de Cristo, perante a testemunha serena do culto a Eloim. Mas sobre estes temas teremos certamente oportunidade de desenvolver e trocar ideias mais tarde, tal é a sua amplitude e interesse histórico.

Entretanto tenho ouvido as palestras de Óscar Quevedo, que suscitam algumas questões, parecendo-me que a parapsicologia é uma área que merece todo o esforço de investigação, mas julgo que não explica em exclusivo todas as nossas interrogações.

Sobre Leandro Karnal, acompanhei em tempos algumas palestras, sobretudo quando preparava algumas intervenções no âmbito da filosofia espírita. É de facto muito interessante, imparcial e profundo conhecedor desses temas. E como temos abordado o tema da reencarnação ao longo das nossas conversas, em tempos, também procurei este conceito no contexto do judaísmo, e fiquei de certa forma admirado e interessado com o que ouvi em palestras dadas por especialistas do judaísmo ortodoxo.

O grande desafio para algum enriquecimento dos nossos debates, preocupações e busca de sentido é reunir as diversas sensibilidades e fontes do conhecimento e tentar vislumbrar uns poucos elos de ligação, pois somente Deus os detém em absoluto. Em linguagem informática, digo, convicto, que me falta muito *software*, pois a disponibilidade do meu *hardware* não permite

a instalação de um *software* mais sofisticado. Certamente que haverá por esse universo imenso outros planos de vida, em que vigoram *hardware* e *software* com outro nível de sofisticação, e assim poderemos entender que o nosso planeta Terra não será dos mais evoluídos na ordem hierárquica universal. Penso que os nossos pensamentos não sofrem de eventual leveza, porque são transparentes, simples, frontais, sinceros, e apenas refletem o nosso manancial filosófico e as nossas limitações, que nos impelem ao exercício de muitas reflexões. Sinceramente fico mais entristecido quando reparo que são poucos aqueles que exercitam a filosofia, perdendo-se muito na conduta de rebanho. São expressões diferentes da vontade ou as escolhas do livre-arbítrio. Fica em paz, com votos de muita saúde e alegria para toda a família, na graça de Deus.

8 de junho de 2021

Boa vivência de primavera fresca, Carlos.

Por onde fluirá hoje o pensamento? Vou reler-te para me inspirar.

Começo por uma coincidência que cito e subscrevo (não impedindo que sorria por mais esta): «A religião faz-me evocar o último Censos 2021, quando aparece uma pergunta para respondermos, sobre a religião de cada um. Vou revelar-te a minha resposta: Não tenho religião». Assim mesmo senti, depois de ter pensado um bocado (foi a resposta que me levou mais tempo a preencher), e assim mesmo respondi, na convicção de que, desde que me desamarrei das religiões oficiais, fiquei mais religado a Deus. (Julgo ter-te confiado já a comparação que

estabeleci entre religiões e os GPS: enquanto não descobrimos o caminho, são uma excelente ajuda; quando o sabemos, conhecendo as alternativas, são um estorvo permanente).

Partilho ainda a viagem que fazes pela finitude do universo, que nos permite supor a infinidade de Deus, ao mesmo tempo que repetidamente medito no abismo entre a nossa pequenez individual e o ser que também somos, com a «língua de fogo» que nos permite abalançar-nos na procura de Deus em nós, ou, pelo menos, do meio de contacto com o sentido de divindade.

E, pela primeira vez na vida, de modo analítico, dei comigo a questionar-me se nalgum outro ser vivo, para lá do Homem, existirá a perceção da existência de um ser superior, criador, próximo de nós, mas exterior e anterior ao que foi criado. Poderá adivinhar-se no olhar

amigo de um cão? Na submissão paciente de um asno? Ou mesmo na vida silenciosa de uma árvore secular?! Talvez sim; talvez não. Se, um dia, for possível comunicar com eles, de modo consciente e harmonizado, talvez descubramos. Segundo o padre Quevedo, são mais as probabilidades de não do que de sim.

E, se a hipótese fosse positiva, encontraríamos a ideia de um Criador ou de um *big-bang*? Tenho uma má relação com o conceito, não por ele próprio, mas por causa dos que não hesitam em atribuir-lhe, sem questionamento, toda a potencialidade criacionista evolutiva, achando inverosímil, infantil, desprezível que o mesmo fenómeno (faculdade) seja atribuído a um Deus. Por outras palavras: «*Mister God*? Que tolice!. *Mister big-bang*? Isso, sim, é de quem é inteligente». E também não vejo que o chamado

criacionismo tenha de anular o designado evolucionismo, e vice-versa.

Mas houve tantos pensadores a quem branqueou o cabelo na tentativa de explicarem a questão, e acabaram calvos no desespero de não encontrarem uma resposta cabal, e queria eu ter, pronta a servir, a verdade sobre o assunto?! Quero, procuro, insisto, mas a resposta (a minha verdade) serve apenas para mim próprio e nada mais; e já foi bom ter chegado aqui, fugindo à situação de andar perdido em negações de tudo, à falta de inteligência que impedisse, ao menos, vislumbrar dimensões infinitas.

O mal mais conflituoso das religiões oficiais é a falta de humildade em reconhecerem que são caminhos de busca de Deus, e não metas atingidas e únicas; por isso decretam manter certezas na vez de admitirem dúvidas, e passam a clamar que só a sua verdade é o caminho, o meio

e o fim; em consequência, diz-nos a História, ai de quem ouse duvidar que seja, sem ser mesmo requerida uma contraposição. Quantas vezes a condenação à morte foi (e é ainda) o prémio para uma procura honesta e interior! Por isso, declarei que não tinha religião. Por outro lado, julgo que, na generalidade, as mentes e consciências têm vindo a abrir-se à compreensão do pensamento do outro; mesmo a nível de dirigentes religiosos credíveis. É bom que assim seja.

O mundo continua a revelar-se pequeno; isto, a propósito de Nossa Senhora da Lapa, em Sernancelhe, que referencias como base do culto mariano em Portugal. Nas últimas férias de verão, em 2020, fizemos um pequeno desvio, deliberado, para irmos lá, motivados por um programa, *Visita Guiada* (ainda disponível em arquivo), que falava sobre a sua igreja e a sua história. É óbvio que agora, tendo aparecido nas

tuas palavras e referências, ganhou um lugar mais definido.

O culto mariano desperta curiosidade pelas formas e vertentes como surge, anexo ou integrado na igreja católica, não só em Portugal, mas em todo o mundo que conheço, com designações de Nossa Senhora de Todas as Coisas e Mais Alguma, quase como se se tivesse transferido, para a figura de Maria, todas as qualidades, proteções e atributos que eram apanágio duma diversidade de deuses da antiguidade, e que o cristianismo, compreensivelmente, baniu.

E uma devoção que podia aparentar ter apenas um cunho popular, dedutível da diversidade de designações concedidas à mãe de Jesus, é validada por Papas ao longo de todos os tempos, principalmente desde o concílio que decretou a sua virgindade e «milagre» da

conceção sem pecado original. (Há quem afirme que esta «necessidade» decorreu da influência do deus Mitra, com que o cristianismo teve ainda de partilhar conversos, a cuja deusa-mãe era também atribuída a virtude da pureza virginal absoluta). Mas, questiono eu, se a «pureza» é tão sublime, porque impôs Deus que a procriação natural exija o seu término?

E outro fenómeno que merece ponderação é a abundância de aparições (ou avistamentos, ou visualizações, como Bento XVI foi acautelando) que têm ocorrido um pouco por todo o lado, em diferentes tempos e circunstâncias, merecendo da Igreja uma análise atenta, que acaba rejeitando algumas, mas avalizando muitas outras.

(A propósito, ou sem propósito: já ouviste falar da Igreja Palmariana, sediada em Palmar de Troya, que descobri quando fui seguir a pista de Cristóvão Colon, ao sul de Espanha? Tem

também origem em «aparições» de Nossa Senhora, na linha – especificaram-me – dos avistamentos em La Salette, Lourdes e Fátima. Queriam, convictamente, que eu iniciasse em Portugal um proselitismo ativo e eficaz, depois de quase uma hora de conversa com um dos responsáveis, ao portão da sua basílica, a quem não devo ter conseguido explicar de modo límpido o meu pensamento sobre as questões que se foram levantando ao longo do diálogo. Perante a pressão - queria pôr-me a falar diretamente com um bispo - tive de ampliar a pressa com que estava para cumprir o horário que estabelecera para a viagem, e não encontrei melhor solução que não fosse a mentira, com o fornecimento de um número de telefone minimamente errado… que mesmo assim descobriram, após nem imagino quantas tentativas, o que, mais uma vez, me obrigou à mentira de imitar uma voz de

brutamontes… que nada teria a ver com o indivíduo que curiosamente tentara esclarecer mistérios da igreja de Palmar, que tinha visto referida, a primeira vez, num livro de ficção de Dan Brown, *Origem*, passado em Espanha).

E sobre a veneração a Maria pelos muçulmanos, não recordo se já te contei que na Mesquita de Muhammad Ali, na Cidadela de Saladino, no Cairo, depois do cerimonial que obriga as descendentes de Eva a cobrir-se com vestes largas e informes, perguntei ao guia, muçulmano, porque é que as mulheres islamitas tinham de vestir-se e cobrir-se da forma que fazem. Ele respondeu com naturalidade algo como: «para imitarem o decoro e a simplicidade de Maria». Eu, julgando naturalmente que seria alguma personagem da sua tradição religiosa, que eu não conhecia, perguntei: «que Maria?». A resposta deixou-me, na altura, de boca aberta:

«Maria, a mãe do profeta Jesus». Talvez tenha sido aí que coloquei na minha lista de buscas a leitura do *Alcorão*… que não me converteu e me fez questionar, sem conseguir entender, porque tantos se têm convertido. De mente aberta.

Mas há mais cultos que brotaram na Igreja ao longo dos tempos, e vou referir apenas alguns, cujas pistas segui já, parte deles, através de visitas, e dissertando de memória. Inicio com um prólogo.

- De acordo com o *Livro de Mórmon*, livro bíblico da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (não vou alongar-me em pormenores), Jesus, após a ressurreição, embarcou para o que é hoje a América, onde viveu e pregou à comunidade que o acolheu. Trata-se, pois, como o *Alcorão*, de um livro que dá seguimento ao *Novo Testamento*, com a diferença que este é integralmente aceite pelos

mórmons, mas é reinterpretado pelos muçulmanos. Também te enviei já um e-livro com a teoria que Jesus, entre os 10 e os 30 anos, aproximadamente, terá vivido e estudado na Índia.

- Sobre Maria Madalena, que a igreja católica tanto se esforçou por desvalorizar com o libelo de meretriz, a questão aparece ainda mais complexa, desde ser invocada como esposa de Jesus, passando por discípula privilegiada, ou simplesmente pertencer ao pequeníssimo grupo de pessoas que, nos tempos conturbados da crucifixão, se manteve fiel… o que implicou ter de fugir aos poderes da altura, pelo Mediterrâneo, acabando por encontrar refúgio e sepultura no território que viria a ser a França de hoje. Falemos mais um pouco de Maria Madalena, que algumas autoridades da igreja

identificam como Maria de Betânia, irmã de Marta e de Lázaro.

Se o culto se espalhou um pouco por toda a parte, em França, tem alicerces sólidos e lugares de peregrinação ou de culto, com caraterísticas relevantes ou mesmo estranhas.

Em Vézelay, sobre uma colina elevada, onde pode chegar-se por um vale intimista e acolhedor, que parte de Avallon, está a Basílica de Santa Maria Madalena que julgo ter estado integrada num dos Caminhos de Santiago. Aí se mantém o túmulo, na cripta, e lá estiveram as suas relíquias antes de serem transferidas para o sul de França, para Saint-Maximin-la-Sainte-Baume (aonde já não fui, por ser demasiado a leste do meu plano de viagem; o mais próximo que estive foi em duas povoações de que falarei depois: Tarascon/Beaucaire e Les Saintes-Maries-de-la-Mer).

Tendo-se mantido as peregrinações a Vézelay, o centro do culto, menos intenso, deslocou-se para o seu novo sarcófago [l].

Mas não fica por aqui o assunto. Rennes-le-Château, deslocada já para terras occitanas [onde teria ido parar um tesouro cátaro, ou oriundo de uma sociedade secreta (?), que o abade Saunière terá descoberto aquando de obras de restauração da igreja; e ligada, por várias fontes, ao Piorado de Sião, com todo o mistério e intriga que lhe está associado], é motivo de análise. Porque, também aqui, em aldeia, toda ela estranha, a igreja é dedicada, desde o século XI, a Santa Maria Madalena… e o acastelado à sua volta é

---

[l] Nota na 2.ª edição: …mas o foco não se desvanecera e, no verão de 2023, cumprimos o intuito de visitar a Basílica de Santa Maria Madalena, em Saint-Maximin-la-Sainte-Baume.

designado por Vila Betânia e a torre chamada Magdala, devidamente assinalada com o nome em pedra.

- Mas saltemos para onde, provavelmente, devia ter começado: Les Saintes-Maries-de-la-Mer. Como aparecem aqui as santas Marias? Diz a tradição que, entre os amigos e familiares de Jesus, mais alguns tiveram de fugir e refugiar-se no sul de França, por serem testemunhas do poder do «Ressuscitado», apenas morto e sepultado «oficialmente». Assim, arribaram aqui, nesta costa no Mediterrâneo, com S. Máximo, Santa Maria Jacobeia, Santa Maria Salomé e Santa Sara, sua serva… ao que dizem, pertencente ao ramo original da etnia cigana… que converge anualmente em festa religiosa, com fulcro na cripta mais cheia de coloridos e luz que alguma vez vi e espero ver, e onde tiveram o cuidado de colocar uma fotografia de outro santo

cigano; é um corrupio. A igreja, com vestígios de antiguidade, é imponente e o ponto central da povoação. O foco da atenção, reclamo-o, de novo, para o êxodo da colónia romano-judaica da Palestina, para o que é a França… onde acabam associados à própria dinastia reinante; mas o objetivo não é alongar-me.

- Acabo por deslocar-me a Tarascon, onde encontro a igreja dedicada a Santa Marta, irmã de Maria Madalena (a que trabalha para Jesus, em vez de se limitar a ouvir e louvar), em cuja cripta, que foi visitada por Clóvis, S. Luís e outros de quem não retenho os nomes, estão os restos mortais de Marta. Curiosa é a imagem em destaque no altar, em que a santa aparece de vassoura na mão; de referir ainda uma forma de medalhão em mármore, com o perfil de Maria Madalena, em altar lateral. Refiro ainda, antes de terminar, que o próprio nome da terra, Tarascon,

está associado a um milagre de Santa Marta, que livrou as gentes de um monstro, a *Tarasque*, que não lhes permitia viver em paz. Anexamente: há um castelo de linhas imponentes e bem conservado que atrai.

Porque me perdi por estes caminhos que me esforcei por sintetizar ao máximo – eventualmente com algum prejuízo de clareza - e recorrendo apenas à memória, isto é, «o que fica depois de se esquecer tudo»? A propósito do culto mariano que, suportado apenas nas pouquíssimas referências que anotas, tem, junto de algumas pessoas (uma amostra conheci), uma devoção maior que ao próprio Deus, eventualmente mais difícil de conceber e alcançar pelo raciocínio quotidiano. Com história, tradições, lendas e mitos à mistura, revelados nestes cultos que brotaram na igreja, será de aceitar o princípio de que não há fumo

sem fogo? E se assim for, aonde nos poderia levar a busca da família e amigos de Jesus? Para não falar de novo da teoria mórmon.

Não tencionava hoje alargar-me tanto. Apenas umas considerações finais:

- Óscar Quevedo e Parapsicologia – Onde irei encontrar tempo para reler os cinco livros que tenho dele, mais um de um irmão, além dos que abordam ESP (perceção extra-sensorial), telepatia, clarividência e outros temas anexos (que se mantêm fielmente à disposição no meu escritório), sem contar os que tratam as questões pelo ângulo espírita ou pela metapsíquica? E ouvir e ver tantas palestras, eventualmente mais atuais e refletindo novas descobertas? Comecei a ouvir o *Youtube* que me recomendaste e terei de ouvir todo. Entretanto ando a ler devagarinho um livro de um rabino sobre o *Talmude*; não resisto a citar, de memória, uma questão doutrinária: «se

pensas convictamente que a tua esposa (ou esposo) devia ser melhor e mais perfeita do que é, não te esqueças de pensar também que, se ela fosse mais perfeita, não te teria escolhido a ti para cônjuge». Devo confessar que me ri com gosto.

Apreciei as tuas analogias com computadores e aplicações. Pelo que deixo escrito no parágrafo anterior, parece que sofro das mesmas limitações, eventualmente ampliadas pela idade que, no mínimo, promete menos tempo disponível para a peregrinação… ou processamento e pesquisa de dados.

Mas nunca me tinha ocorrido a hipótese de outros seres, noutros planetas, com capacidades que lhes permitam acercar-se mais próximo da divindade (ou da sua negação) e da compreensão do universo. Contentemo-nos com o que temos, mas sem pararmos na demanda.

Saúde, Carlos.

23 de junho de 2021

Caro José,

Atrasei-me um pouco a responder por motivos que se relacionam com duas razões. A primeira tem a ver com a necessidade de me deslocar a Armamar na semana passada, quando aquelas terras foram afetadas por mau tempo, ocorrendo enchentes, queda de granizo, ventos fortes, originando estragos na agricultura e em várias habitações. Não sei se já tinha dito, mas adquiri no ano passado uma casa antiga no centro desta vila, a qual se encontra em obras. Ora será escusado referir as complicações de quem se mete em obras à distância, onde os incumprimentos se sucedem indefinidamente.

Para complicar mais, na semana antes do mau tempo, foi retirado o telhado para ser reconstruído, e assim permaneceu sem telha, levando com toda a água que foi caindo. Do mal, o menos, dado que todas as madeiras que existem eram para substituir e, portanto, a chuva veio amaciar as ditas, o que, segundo o pedreiro, veio facilitar essa operação. Há sempre argumentos para todos os gostos. Entretanto, esta semana já recomeçou a recuperar o telhado. Passei uma semana profundamente desiludido, desanimado, triste... A outra razão relaciona-se com um curso de navegação de patrão local, que iniciei e me permitirá perceber as coisas da governação no mar, o que há muito já tinha em planos. Está a ser muito interessante, bem organizado, mas que irá requerer algum empenhamento, por forma a garantir o sucesso no exame final.

Também é notório que os temas dos nossos diálogos exigem reflexões, pesquisas adicionais, confirmação de dados, mas isso já não é novidade. Evidentemente que esta metodologia, sem recurso a mestres, professores ou especialistas que nos façam o rastreio de conteúdos, impulsiona positivamente o exercício de reflexões mais fundamentadas e estimula a elaboração de raciocínios que vulgarmente não são comummente existentes. Começaria então pela perceção de um ser superior que possa ou não ser sentido por animais não humanos e plantas, ou, por outras palavras, se os mundos zoológico e botânico têm consciência dessa existência. E aqui começa desde logo uma dificuldade para mim: o que é a consciência? Conhecem-se todos os mecanismos da consciência? As coisas mudam bastante quando começamos a partilhar o convívio com um

animal de quatro patas. Há cerca de seis meses, arranjei mais um problema com a vinda, cá para casa, de uma cadela Basset Hound, que tinha na altura três meses. No início, a relação é complicada porque se mudam muitas rotinas, mas aos poucos vamo-nos afeiçoando ao animal que, para todos os efeitos, é um ser vivo que partilha o nosso espaço familiar. Frequentemente dou-me conta de que a cadela olha fixamente para as pessoas, ficando a pensar o que estará a processar-se no seu edifício neurológico. Outras vezes, quando dorme profundamente, tem reações que se manifestam num revirar dos olhos, espasmos corporais, suspiros e agitações que me fazem pensar se estará a sonhar. A ciência diz que é muito provável que os cães sonhem, de acordo com as experiências feitas com eletroencefalogramas durante o sono.

Tenho a convicção de que os animais não humanos são incapazes de filosofar, escrever poesia, expressar os seus sentimentos numa tela ou num bloco de pedra, criar ciência e tecnologia, entre outras coisas, e também de rezar num diálogo interior com Deus. Mas no plano das emoções parece que tudo é diferente. Face à enorme dificuldade de definir consciência, poderemos admitir que existirão vários níveis e perguntar até onde ela se expande nos animais e nas plantas. Gostei de ler uma ideia sobre a própria consciência, como sendo tudo aquilo que perdemos quando adormecemos, e recuperamos quando acordamos. Mas que mecanismos se operam no entremeio? Há uma outra fronteira que deveremos diferenciar: a consciência neurológica e a moral. Tudo aponta para que hoje já se saiba muito sobre o comportamento animal, apesar de existirem

muitas interrogações que levam os cientistas a estudarem mais e mais estes desafios.

Nós próprios, humanos, ainda temos muitas reações animais, a dor, o medo, o prazer, cujos impulsos nos remetem para a manifestação de comportamentos irrefletidos. Muitos comportamentos sociais são estimulados por mecanismos irracionais: condução na estrada, ultrapassagem numa fila do mercado, divergência orgulhosa de opiniões, apego materialista, agressões e violência, entre muitos outros exemplos. Há ainda uma porção de algo que não confere uma consciência moral, levando-nos a conceber que animais são os outros de quatro patas, de escamas e de penas, e que os animais humanos eram simplesmente aqueles das cavernas, antes do *homo sapiens sapiens*. Tudo isto me ocorre porque para responder honestamente à ideia da perceção de um ser criador, por parte dos

animais não humanos e plantas, respondo: não sei!

Julgo que uma grande parte dos humanos não tem uma perceção racionalizada e convicta da relação com uma entidade criadora, desligada dos contextos religiosos. Mas será que a têm de forma latente, na sua rede neurológica, em jeito do modelo apresentado no século XVIII por Leibniz (1646-1716), com a sua teoria das mónadas? Leibniz referiu que uma mónada é uma espécie de átomo do universo, que possui, em si mesma, uma representação de todo o universo, capaz de se relacionar com todas as outras mónadas, sem exercer qualquer efeito recíproco, porque foram todas criadas e acomodadas por Deus. É um conceito muito complexo, certamente, mas com tantas incertezas que há no mundo, algo é visto por tão poucos, que causa estranheza a tantos. Foi também o caso

de Leibniz. Esta tese oferece, porém, uma ideia que configura todas as entidades da criação dotadas de um código comum, que naturalmente lhes induz intrinsecamente a própria existência do criador. Estranhamente, por via da teoria das mónadas, poderemos inferir que uma pedra tem também as suas próprias mónadas e, sendo uma entidade da criação, sem ser dotada de consciência, não deixa de ser, naturalmente, um ser da criação. Vamos assim encontrar as mónadas configuradas nos reinos mineral, vegetal, animal e hominal, não sendo descabido abordar a perceção sensorial ou natural experimentada nestes reinos, quanto às conexões com o seu criador. Esta teoria das mónadas, no meu humilde entendimento, poderá explicar os fenómenos que tantas vezes a ciência consegue dissecar até certo ponto, mas que não consegue levar mais a montante, e, talvez por isso, os

astrónomos não consigam recuar antes do *big-bang*. Por exemplo, tal como a fecundação animal ou vegetal, sobre as quais ninguém sabe explicar a causa primeira de como o espermatozoide é atraído pelo óvulo, ou como a semente lançada à terra brota passados uns dias.

O nosso discernimento racional e científico necessita de contextos, de referências, de marcos, de quantificações, de dimensões, de correlações, e, talvez por isso, tenhamos todos uma configuração e natureza matemática, apesar de a maioria ter esta disciplina como grande adversário. Fora desta órbita, seremos tomados como anormais, entenda-se, por aqueles que saem da norma. Não é o número de ouro ou relação dourada, sobre a qual já falámos, que se encontra espalhado pela natureza? No dia-a-dia, temos sempre a quantificação presente: é longe ou é perto porque aferimos distâncias; está

atrasado ou adiantado porque medimos o tempo; é pesado ou leve porque usamos a balança; temos muitos ou poucos objetos porque somos capazes de os contar, num sistema decimal ou outro.

Mesmo as áreas das ciências sociais e humanas, como a psicologia, a sociologia, a economia, a antropologia usam modelos estatísticos para quantificação dos seus estudos. Até num artigo sobre crianças que lembram vidas passadas, de Bruce Greyson, investigador da universidade do Arkansas, nos EUA, juntamente com outros seus colaboradores, encontrei modelos quantificados. A quantificação é uma ferramenta excelente para minimizar os efeitos distorcidos da perceção sensível. Vivemos de facto num sistema universal de perceções com espectro muito variável, e poderíamos dissecar bastante sobre os múltiplos fenómenos das perceções. Essa

perceção que vem das mónadas não tem índole religiosa, porque a religião é uma criação do Homem, e as mónadas, à luz de Leibniz, são criações de Deus.

Referindo novamente o *big-bang*, sobre o qual partilho também estranheza, penso que se trata apenas da necessidade de criar uma referência ou momento zero, a partir do qual se desenvolve a investigação sobre o nascimento do universo observável. Quando perguntamos a um astrónomo como seria o universo antes do *big-bang*, então a resposta é imediata: não é objeto das investigações em curso. Portanto o *big-bang* é um bom exemplo da ideia de reducionismo científico que segue a linha de pensamento do franciscano inglês Guilherme Occam (1285-1347), conhecida por *navalha de Occam*. E o que diz esta ideia? Basicamente que a explicação de hipóteses deve ser parcimoniosa na perspetiva da

complexidade, ou seja, deve seguir o menor número de variáveis de forma simples. Pois o que existia antes do *big-bang* está excessivamente para além do princípio de Occam, caindo num emaranhado de variáveis que são incomportáveis de gerir pelos sistemas científicos atuais.

A propósito do *big-bang*, deixo uma curiosidade que constatei quando era docente na Academia. Se o *big-bang* é entendido como uma explosão gigantesca que originou uma atmosfera primitiva composta predominantemente por oxigénio, hidrogénio, carbono e azoto, verifica-se que a constituição química de um explosivo, como, por exemplo, o TNT, o Tritonal, a Pentrite e o RDX, é uma combinação molecular precisamente desses quatro elementos da tabela periódica. Uma coincidência? Serão provavelmente muitas correlações entre átomos,

moléculas, mónadas e entidades irmanadas, que permanecem desconhecidas do mundo da ciência.

Continuando com as nossas ideias sobre religião, e dentro das sensibilidades que ambos temos, é interessante olhar para o período doloroso que culminou com a oficialização do cristianismo como religião monoteísta do Império Romano, e observar a promiscuidade entre política, ou poder político, e a religião. Mas antes, gostaria de deixar esta passagem devida a Fernando de Bulhões (1195-1231), conhecido por Santo António, descrevendo a sua revolta, ao fim de quase mil anos de individualização da religião católica, apostólica e romana, quanto ao rumo errático que estava a tomar. Disse este franciscano que: «E não se entendem a si mesmos, porque o corpo está no coro, mas o coração está na praça pública. Se ainda escutam

a pregação, não a entendem; pregar a clérigos e falar a insensatos, que utilidade há numa e noutra coisa, senão barulho e trabalho? Possuindo o anel de ouro da ciência e da eloquência, não se envergonham, como a porca, de o meter no esterco da luxúria a e da avareza» (10º domingo depois de Pentecostes, vol. I, pág. 811). Esta manifestação crítica revela uma grande coragem e sentido moral, partindo de um membro do movimento mais revolucionário que passou pela Igreja - assim o entendemos - a par do movimento dos jesuítas. Se o corpo estava no coro e o coração na praça pública, como podemos interpretar este comportamento senão como uma manifestação primordial do poder, usando a ciência e a eloquência ao serviço da luxúria e da avareza, dois dos sete pecados capitais?

O franciscanismo e o jesuitismo foram movimentos de grande nobreza de espírito, nem sempre consentâneos com a vontade política da Igreja. O santo franciscano, que se tornou Doutor da Igreja, chegou a escrever que os maus padres do seu tempo, que serviam na Igreja de Cristo, «assemelhavam-se a um monte de pedras, uma vez que mostravam aos outros o caminho, como as pedras num marco miliário, mas permaneciam duros, insensíveis e imóveis na sua conduta moral» (2.º domingo depois de Epifania, vol. II, pág. 597). Sempre houve um certo distanciamento entre o exercício do poder religioso e as mensagens teológicas patentes nos manuais doutrinários. O que interessa, de verdade, nas religiões? Recolher os princípios éticos e morais, como auxílio ao Homem para melhor compreensão do caminho que leva até Deus. Os primórdios da religião católica foram

bastante atribulados, com várias dissidências ou movimentos heréticos que dividiram muito os seus seguidores. Não poderemos analisar esse período exclusivamente na vertente religiosa, sem a contextualizar no exercício do poder político.

A transição de um sistema politeísta para o cristianismo não deve ser entendida numa perspetiva cordial, branda e cooperativa. O imperador Constantino (272-337) fora um protegido de Hércules, e não abandonou totalmente a sua adoração ao deus Sol, permanecendo sérias dúvidas sobre a sua conversão ao cristianismo. O império precisava de um símbolo universal. Constantino governou entre 306-337, e volto a lembrar o concílio de Eliberi, onde estiveram presentes os bispos de Ossonoba (Faro), Mérida e Évora, na região da Lusitânia. As propostas foram no sentido de

impor um regime fundamentalista de costumes, sem qualquer menção aos Evangelhos ou a Jesus Cristo, tendo como objetivo principal seguir uma via política. Tornava-se evidente a necessidade de, em nome do cristianismo, afirmar o poder político através da alteração de questões de natureza sexual e matrimonial, dado que foi segundo esta orientação que se procedeu à discussão dos cânones. Esta fora uma resposta forçada que os bispos da Lusitânia deram às comunidades cristãs.

Conforme já tínhamos abordado, o bispo Prisciliano, que viveu na Galécia entre 345 e 385, foi fundador de um movimento que se tornaria incómodo para o poder da igreja, porque congregou muitos adeptos. Estudou no Egito e na Síria, e ficou profundamente marcado pelos princípios do cristianismo oriental, que assentava no ideal da fraternidade humana. O seu

movimento teria tido início por volta de 379 e espalhou-se por toda a Península Ibérica, tendo mesmo havido manifestações no sul de França, onde, séculos depois, observamos o movimento cátaro que tanto nos fascina, e que já tivemos oportunidade de mencionar. Prisciliano fora um cristão livre, figura de topo do cristianismo ibérico, enraizado na Galiza e Norte de Portugal, cujas ossadas muito provavelmente estarão no lugar da catedral de Santiago de Compostela. Os domínios de *Finisterrae* atraíram sempre muitos peregrinos pagãos que, perseguindo a via láctea, aspiravam alcançar o local onde a terra acaba e o mar começa. Com o advento do cristianismo, a lenda do apóstolo santo, que ali chegou numa barca de pedra, disseminou pelo mundo o culto que hoje conhecemos. São figuras com âmbitos e contextos diferentes, e naturalmente que Santiago serviu melhor os interesses do poder

instituído. Prisciliano serviu as aspirações fraternais de um povo, não se afirmou através de concílios, inspirou-se no evangelho de João, e foi silenciado por heresia; tal foi a expansão da sua influência. Seria também interessante analisar que tipo de preponderância exerceu o priscilianismo no catarismo e nessas terras do sul de França.

E assim, termino por agora, desejando que se sucedam mais reflexões, nas quais a filosofia, de uma forma geral, nos orienta nestes momentos de introspeção. Fica com Deus, com um abraço priscilianista.

4 de julho de 2021

Prezado Carlos, que te vá encontrar bem esta partilha de ideias.

Obras em casas, porque não dependem exclusivamente de nós, e temos de nos confiar em mãos alheias, trazem sempre, no mínimo, algum sofrimento. Quantos exemplos encontraria, quer na residência habitual, quer na casa-de-bonecas no vale do Zêzere! Nesta, por exemplo, recordo o dia em que, perante o que vi, o impulso foi encher de terra todo o rés-do-chão, deixando que o tempo e a natureza se encarregassem de a minar e fazer ruir. Como o tempo cura muita coisa, aceitei fazer obras, uma vez mais, mas determinando como natural que aparecessem manchas que, na vez de serem consideradas como tal, seriam classificadas como pinturas originais que conviveriam connosco: assim é, porque assim determinei; de outro modo, multiplicaria o desengano em todas as visitas que fizesse. Porque é que tem de ser tudo branco? Porque não pode haver pinturas… que nem tenho

de pagar? Quantos quadros de tendências modernistas são mais aberrantes do que os que *lady humidity* ali vai imprimindo?

Na Amadora, em obras de conservação, acabei por mandar para a rua o empreiteiro que lá andava e nunca mais acabava, ultimando nós as tarefas em curso; fui pagar-lhe o resto, mas em casa dele, não na minha. Por contraste excecional, na mesma casa, houve incêndio a partir do fogão; cozinha e corredor ficaram todos negros; deixei a chave e fui de férias. No regresso, até custou a acreditar; estava tudo num brinquinho.

E quando pus aqui um recuperador de calor. Ao regressarmos do trabalho, abrimos a porta, e nem vestígio de pó. Comentário meu: «mais um vigarista que disse que vinha e não veio». Entrámos na sala; tudo montadinho e limpo como se tivesse sido feito por anjos.

Porque te referi estes quatro exemplos? Para te recomendar paciência… e desejar-te sorte, como podes deduzir, também possível. Ânimo e coração à larga no que se refere a pormenores e pequenas exigências.

Não me sinto hoje com capacidade para aprofundar mais a essência de Deus e a sua revelação junto do Homem, por via da possibilidade da conceção e pela evidência deixada na criação. Para mim é tão óbvio, que me apetece replicar: «é porque é».

Já sobre religiões - construções humanas numa tentativa elevada (ou desesperada ou oportunista) de aceder a Deus - não resisto ao teu desafio, com uma palavra sobre o priscilianismo, o catarismo, em contraste com as formas mais ou menos habilidosas de obter poder, acobertado por uma mistificante capa divina. Falo dos primeiros com muita admiração, face às

tentativas honestas feitas para devolver simplicidade e elevação genuína a um cristianismo que alguns homens foram sempre caindo em conspurcar, em épocas distintas. Confesso que nunca tinha considerado a hipótese de associar Prisciliano à pureza cátara, mas é teoria com interesse. No caso de S.^{to} António e S. Francisco, a purga, ou tentativa de purga, foi feita no interior da família, de modo mais pacífico e sem os custos em vidas que os outros movimentos acarretaram para os crentes respetivos. E quanto à mancebia do poder com a igreja, contem-se quantos a fogueira incinerou por se terem mantido fiéis à guarda do sábado, quando o catolicismo romano negociou o domingo com o imperador que não teve a ousadia, honestidade ou coerência de abandonar o culto ao sol. Dou graças por se ter deixado de resolver esses assuntos com inquisições e

punições, permitindo que os resistentes continuem a respeitar que o Criador terá descansado ao sétimo dia, o sábado. A Igreja Adventista tem alguma literatura interessante sobre a matéria.

Mas se a pureza e elevação da igreja se tivesse mantido nas cumeadas que Francisco e António pregaram e incentivaram, não teria Francisco, o Papa atual, de a andar a detergir, remendando feridas que a foram infetando.

E numa perspetiva de humildade, não esquecer que S. Francisco, até ao burro chamava irmão; e ao seu corpo, «meu burro».

Por falarmos em Fernando de Bulhões, o nosso António de Pádua, algumas curiosidades.

A primeira: «Santo António de Pádua ou de Lisboa»? Durante anos pugnei para que fosse de Lisboa, pois claro. Estava enganado. Entende a igreja que não se nasce santo; pode morrer-se

santo, e por isso, a designação que se deve associar ao nome é a do local da morte e não do nascimento. Ámen! … de Pádua, mas nosso.

A segunda: sabias que António vem citado na *Divina Comédia* de Dante, Paraíso, no canto XXIX? E que, segundo António Eça de Queirós, o escritor italiano usou mesmo textos de santo António para escrever a sua obra maior? E, já agora, que há mais portugueses que partilham a honra da citação? O Papa João XXI, Pedro Julião ou Pedro Hispano (Canto XII); D. Dinis, o nosso rei (Canto XIX). Alguns, por boas razões; outros, por piores… segundo Dante, claro fique.

A terceira: fez parte do Capítulo Geral da Ordem franciscana, em Assis, convidado por Francisco.

A quarta: terá vivido entre 36 e 40 anos, e foi canonizado logo em 1232, apenas um ano após a sua morte, por Gregório IX.

Méritos teria, pelo que podemos deduzir. Viva Santo António de Pádua!… mas com genes lusos… com os melhores genes da grande fraternidade mundial.

Mudo agora para uma análise dos tempos que correm, começando por uma citação de um livro que ando a ler devagar, sobre o *Talmude*, do rabino Benjamim Karaguilla, que estou a considerar enviar-te, não pela face religiosa, mas pela forma doutrinal prática com que aborda algumas questões: «Vivemos numa época em que parece haver uma parte muito clara ao lado de uma parte muito escura». Refere-se às pessoas. Vou tentar fazer-me entender.

Perante Deus, não tenho dúvidas, somos todos igualmente seus filhos. Mas cada um, com o seu livre-arbítrio, deve assumir-se como responsável por si, perante Deus e a sociedade em que está inserido; sem esquecer nunca o

princípio «a liberdade de cada um está naturalmente limitada pela liberdade do seu próximo». Complementarmente, fomo-nos organizando em núcleos hierarquizados que começam na definição comum de família, mais ou menos ampla, e podem acabar em conceitos de abrangência mundial. Isto obriga naturalmente à criação de regras de convivência que coordenem e regularizem o respeito de cada um de nós a todos os membros da sociedade em que estamos incluídos. A todos, atualmente e no nosso âmbito, compete escolher os que vão definindo essas regras de coabitação, partindo do princípio que visam o chamado «bem comum».

As democracias organizadas e validadas pela escolha [que determinam a igualdade responsável de todos os seus membros, conferindo-lhes o direito de escolher os seus melhores para governarem a comunidade, ou

mesmo a possibilidade de ascender a todos os lugares de poder e decisão (sublinho igualdade e reforço a negrito **responsável**)] devem ter a autoridade de exigir a obrigação do sentido de responsabilidade, teórico e prático, aos seus membros constituintes, condição invocada para lhes conceder os direitos respetivos.

Analisemos agora situações reais. Surge uma pandemia de difícil controlo; à maneira que se vai sabendo alguma coisa sobre ela, vai-se informando a comunidade sobre atitudes de prevenção, cuidados, ações; a guerra que é movida ao vírus não garante vitórias inquestionáveis, pelo que se insiste no respeito pelas normas, por cada um de nós e por cada um dos nossos mais próximos, num encadeamento social que comparo a uma floresta: um só fósforo, em progressão geométrica, acaba por desencadear um incêndio de proporções

catastróficas. Reclama-se publicamente o que cada um deve exigir a si próprio: restrição do seu âmbito de liberdade, condicionado pelo âmbito da liberdade do seu próximo. Com sacrifícios? Sim, mas por um bem maior. Penso que já todos entendemos isso, porque se não entendemos…

A que assistimos? Muitos («uma parte muito clara», nas palavras do rabino), assumem o sacrifício, respondendo como a democracia pressupõe para lhes conceder direitos: com responsabilidade. Mas, mais do que o meu idealismo desejava, «uma parte muito escura» (nas palavras do rabino), demonstra de mil e uma maneiras que não tem direito a ser considerada responsável. Exemplos? O meu clube ganhou? Sinto-me com o direito de comemorar contra todas as regras (apesar da realidade pandémica, já tão explicada, que me aconselham prudência), ainda que isso me transforme num assassino

involuntário, a curto ou médio prazo, quando pessoas começarem a morrer em consequência do meu contágio; ou agressor, causador de sequelas que podem grudar-se a alguém que adoeceu por minha causa. Mas, se algo corre mal, não hesito em clamar que a minha atitude insana é da responsabilidade de polícia que, no limite, disparou uma bala de borracha e me atingiu (isto é: abdico da minha responsabilidade e delego-a nas forças da ordem); ou, se houve mais tontos como eu, e a desordem se complicou, afirmar sem pudor nem honra que a responsabilidade (a minha, não é afinal minha, mas…) é de um responsável governamental qualquer… o que implica reconhecer-lhe o direito de me considerar inimputável. E os pretextos podem não ser futebolísticos, mas familiares, de amizade, de simples bebedeira coletiva… o que se quiser. Em qualquer caso, é

facto que assumo a minha inimputabilidade, a minha irresponsabilidade.

É meu entendimento que, em circunstâncias destas, deve o Estado reconhecer a abdicação livre dos direitos respetivos de qualquer cidadão, e decretar, em consequência, por período a determinar, ou até que o cidadão reconheça a sua imbecilidade transitória, a impossibilidade de escolher / votar / candidatar-se a lugares públicos, ou mesmo a cargos nesse âmbito.

E que fazer aos que, com vacina marcada e confirmada, optam, no último minuto, por ir para a praia ou beber uns copos, simplesmente porque lhes apeteceu, condenando ao lixo vacinas que são dinheiro de toda a comunidade, e sobretudo, fazem falta aos mais pobres de nós, neste mundo global? Mais apelos e campanhas de sensibilização? Se ainda não entenderam… se eu alguma vez pensei (instintivamente, que não por

convicção interior, suportada nos princípios que procuro buscar) recordar as cargas policiais dos tempos da ditadura, desencadeadas por muitíssimo menos e injustificadas razões do que as que agora suportariam a decisão daqueles sobre quem sacudimos as nossas responsabilidades!

Será que a História ainda não ensinou o suficiente para não conseguirmos entender a proporcionalidade entre direitos e deveres?; ou o perigo real de delegarmos num político ou numa força repressiva a nossa responsabilidade?!

Como gostaria de ter sido claro!

Vou ao último ponto de hoje. Por onde começar? Por dizer que, de hoje a pouco mais de duas semanas, estarei de partida para terra calma e praia que, espero, o mais despovoada possível, porque foi esse o critério para a sua escolha. Com isso, interrupção no ciclo habitual no

«conforto» da «nossa casa» e dos seus meios. E também anseio, apesar dos números que continuam a ameaçar, que o conceito de confinamento – que motivou as nossas conversas – se vá diluindo. Sinto, por tudo isto, um impulso para entrar num ciclo novo. Esperança vã? Contar que vamos, com juízo coletivo, controlar a epidemia e poder ir retomando hábitos? Por vontade interior apeteceu-me dizer «queira Deus»; e queiramos nós.

Nesta linha de raciocínio, o que me tem vindo à ideia? Se estiveres de acordo, interrompermos, neste período de férias, a nossa partilha de pensamentos, apesar das várias anotações que não chegaram ainda a ser tratadas.

Mas vou mais longe: seria bom, ou não, darmos a conhecer a terceiros esta troca de ideias, pensamentos, conceitos e, sobretudo, dúvidas e busca? Se «não», fica completa a

tarefa sem mais esforço. Se «bom», como? Um livro? Apenas um e-livro? Outro meio? Em qualquer caso, implicará sempre um conjunto de tarefas que… nem imaginas aonde nos vamos meter.

- …

Se a ideia era descansar…

Pondera tranquilamente. Iremos falando sobre todas as opções até setembro, data de regresso. Entrementes, a água não deixará de correr para o mar.

E agora, depois de vir inquietar-te com questões corriqueiras (parece que já não há quem não publique alguma coisa, pelo menos no *facebook*), compenso com votos de paz, esperança e saúde… e paciência com as obras em Armamar, muita paciência e bastante atenção.

PS: acabo de ver e rever a tua *Flor de la Mar*. Arquivei-a na pasta de anexos da nossa

troca de ideias. Que construção de pormenor bonita e cuidada, Carlos! Louvor ao teu jeito que não consigo igualar ou imitar mesmo. E para lá do teu trabalho, que história épica incomum tem a nau que te inspirou e motivou!

Sugestão (não só para esta): porque não disponibilizares um conjunto de fotografias pormenorizadas, em plataforma na Internet, e divulgares através de referências na *Wikipedia*? É viável. E expor? A partilha é tão virtuosa!

Desenlace

Chegou o momento de fixarmos o pensamento e, sem qualquer influência preconceituosa, olharmos para o outro ser humano que se cruza connosco, na vida, na rua, na esquina, no banco do jardim ou em outra ocasião tão comum. Sem que ele se aperceba, deixamos que o nosso sistema sensorial atue paulatinamente, em silêncio, perscrutando os seus movimentos, as suas reações e os seus gestos, numa tentativa de descodificação desse enredo existencial complexo. De súbito, vão-se delineando, em nossa mente, uns traços de profunda singularidade, específicos de cada ser humano, que são conformados por três percursos históricos inigualáveis: o genético, o social e o

espiritual. Cada ser humano é uma entidade única, nas suas componentes material e espiritual, capaz de converter, nos fluxos do seu pensamento, esse carácter exclusivo. Esta impressão singular do indivíduo, individuação ou historicidade, como alguns lhe chamam, vai-se conformando pela soma de muitas singularidades, segundo a lei das afinidades. Todo o ser humano sente atração pelas suas analogias. Existe nesta ideia um movimento recíproco evolutivo, que envolve, em contínuo, as historicidades individual e coletiva. A constatação deste movimento faz discernir o quão importante é o pensamento do outro no incremento valorativo das relações interpessoais, as quais constituem a fundamentação basilar para a definição da trajetória civilizacional.

Naturalmente que todo o edifício composto pelas histórias do indivíduo ou, se preferirmos,

distinguido pela sua historicidade, nas suas vertentes biológica, sociológica e metafísica, revela-se pela manifestação do pensamento. Tudo, no sentido absoluto, é pensamento. E aqui reside uma outra forma, muito particular, de questionar a existência de Deus, não restritivamente como dogma religioso, mas na perspetiva da evolução do conhecimento que vai desvelando as grandes fronteiras do pensamento que deu origem ao Universo. A Natureza, como entidade inteligível, demonstra estar dotada de um estado mental, ainda incompreensível para o grau de historicidade humana. A ideia de Deus tornou-se reconfortante perante a incapacidade do conhecimento sobre as origens; a ideia do ser humano tornou-se desafiante face à possibilidade de desvelar o conhecimento. Vivemos numa sociedade denominada «do conhecimento», que regularmente se confunde com informação e

informatização, regendo-se pelos impulsos da evolução tecnológica. Esta condiciona profundamente os comportamentos sociais, desequilibrando aquele triângulo da historicidade. A sua componente sociológica é preponderante na formatação materialista das sociedades modernas, deixando pouca apetência para o exercício da reflexão filosófica e metafísica. Não admira que a filosofia prática esteja tão afastada do pensamento quotidiano.

O ambiente pandémico confrontou duas historicidades com a realidade do confinamento físico, mas ofereceu uma oportunidade a outro espaço racional, que estimulou um diálogo aberto e recetivo entre estas individuações atuantes. O pensamento tradicional que caracteriza a nossa sociedade é demasiado manipulador para acordar outras realidades. Este ensejo estimulou a reflexão filosófica e o

exercício mental para despertar o sentido de múltiplas temáticas que envolvem o percurso da Humanidade. O diálogo foi fluindo ao ritmo dos estados mentais do momento e, como costuma dizer-se, conversa puxa conversa. A honestidade e os princípios éticos assumiram uma devoção crucial para orientar as diversas sensibilidades em causa. Não importou a seletividade criteriosa dos temas, uma vez que a sua abordagem foi surgindo sem segundas intenções. O mais importante era dialogar com transparência, abertura de espírito e sem preconceitos. Isso não significa que não houvesse consciência sobre o alcance, dimensão, profundidade e importância dos temas. Esteve sempre presente a liberdade de expressar as ideias, sem a pressão das ideologias, das correntes de pensamento, das presunções científicas e esotéricas ou de posturas proselitistas. A profundidade dos temas não é

assim tão ampla, confinando-se ao que podemos designar por conversas de superficialidade, que podem deixar encalços para outros diálogos vindouros e mais elaborados. Não foram estabelecidos limites para estas reflexões sem fronteiras, nem nos enquadramos nas teorias da conspiração ou nos movimentos de negação. Apenas nos moveu o diálogo entre o conhecimento e o desconhecimento, porque a noção da nossa ignorância é avassaladora. Podemos globalmente circunscrever as conversas à prudência filosófica, que derivou para as questões mais concretas da ciência, da religião, da ética, da história, da etnografia, da cultura, do espiritualismo e não menos importante, das vivências pessoais que dão a conhecer as nossas singularidades.

Os meandros da ciência são caminhos ainda desconhecidos para a sociedade em geral, sendo

necessário proceder a um maior esforço de divulgação das suas conquistas, e envolver o discurso científico na vida dos cidadãos. Entre tantos exemplos, destacamos o papel social do conhecimento científico, evidente na nobre missão do Dr. Rui Vaz Osório, com a doença do pezinho, a determinação da ciência genética no conhecimento dos mecanismos celulares que possam auxiliar no tratamento das doenças raras, e o persistente trabalho dos astrónomos no esclarecimento sobre a origem do universo. Esta noção da importância da atividade científica ficou mais notória com a experiência vivida com a pandemia da COVID-19, cujas conquistas causam tantos anseios e aspirações na luta pela vida humana. Este quadro fez despertar as reflexões em torno de tópicos que ainda são secundarizados pelo meio científico, como sejam a alma, o espírito, a mente, o mundo emocional e

a interação de todos estes elementos com o corpo físico e a vida. O diálogo com estes tópicos sugeriu a ponte com a investigação da parapsicologia do padre jesuíta Óscar Quevedo, a análise à natureza científica do pensamento de Allan Kardec, e a menção ao pequeno órgão cerebral, conhecido por glândula pineal ou epífise, que o filósofo René Descartes definiu como o elo de ligação entre o corpo e a alma. Tal como já acontece com a investigação sobre a presença de vida em outros mundos e a consciência nos animais, o domínio científico não deve ocultar o estudo de outros fenómenos que estão para além da consciência neurológica ou puramente biológica.

O debate sobre a religião ou religiões não privilegiou a defesa argumentativa em prol de uma ou de outra doutrina. O que nos moveu foi a diversidade dos olhares perante a existência de

Deus e identificar a proximidade entre os grandes movimentos monoteístas. Esse objetivo só é possível com um estudo cuidado dos três livros sagrados: a Tora, a Bíblia e o Alcorão. Os padrões religiosos alimentam muitos preconceitos baseados num ambiente de ignorância, o que conduz à intolerância e ao desrespeito entre adeptos. Apesar de o cristianismo ser a nossa matriz educacional, isso não constituiu obstáculo para que fosse feita uma análise mais circunstanciada sobre o percurso dogmático desta religião. O cristianismo primitivo, a heresia prisciliana, o catarismo e o culto do Espírito Santo foram temas relembrados.

No campo da filosofia, não foi menosprezado o problema da construção da História, uma dialética que não se restringe exclusivamente ao estudo do documento histórico. A História que não é somente retratada ao sabor da cronologia,

mas que se orienta pelos contornos da sua própria filosofia. Esta que está condicionada pelos critérios do livre-arbítrio, mais do que pelo enaltecimento de uma liberdade, quase sempre desconhecendo as suas fronteiras. A filosofia da História que está conformada pelas experiências contadas na primeira pessoa, nesses teatros e palcos da vida, um manancial de vivências singulares que confluem para a história global. São as histórias pessoais das terras do Interior de Portugal, com particular ênfase para as vilas de Manteigas e Armamar, onde se desenrolaram as vivências dos nossos avós, dos nossos ancestrais, sem esquecermos as ligações históricas e culturais com a Galiza, por via dessa linguagem que tanto nos encanta.

As experiências comprometidas com a Mãe Natureza empurram-nos para a constatação das problemáticas existenciais, em busca de um

equilíbrio que nos estimula o discernimento do caminho entre a justiça natural e a justiça terrena. É nesta dualidade que seguimos debatendo a pertinência da filosofia espírita, sendo adequada essa designação, para não ser confundida como mais uma corrente religiosa de centralidade cristã. O seu campo científico está identificado com a pesquisa das experiências mediúnicas, que começam a atrair o interesse da comunidade científica. Esta filosofia que nos transporta para a ideia de imortalidade da alma, tema tão ancestral como o pensamento humano, que nos despertou para a ideia do sefardita Espinosa e a complexa teoria das mónadas de Leibniz. E ainda, no contexto da filosofia prática, surge a imensidão histórica e filosófica que nos trazem os Caminhos de Santiago, a dissecação sobre o conceito do tempo, os ensinamentos da Nova Acrópole, particularmente as ideias da filosofia

estoica e o pensamento de Helena Petrovna Blavatsky.

Estes pensamentos menos tradicionais não nos distanciaram dos condicionamentos sociais da evolução tecnológica, que são determinantes para a configuração dos comportamentos coletivos atuais, e que vão moldando eficazmente as tendências da civilização. O pensamento filosófico presente está confrontado com um grande desafio para o conhecimento. Não basta a especialização das descobertas para que os avanços civilizacionais sejam impulsionadores de novos comportamentos psicossociais. O pensamento sistémico deverá assumir uma maior preponderância para captar as visões de grande perspetiva à distância, onde a economia do decrescimento controlado, a defesa do ambiente, as novas tecnologias de comunicação, as redes de informação e a

demografia são assuntos centrais e emergentes para a definição futura do destino da Humanidade. O caminho fica mais enriquecido quando muitas singularidades se correspondam, relatando experiências, refletindo as sensibilidades existenciais, privilegiando o conhecimento, à informação, e buscando respostas credíveis, numa encruzilhada infinita de dúvidas e incertezas.

Carlos Paiva Neves

Sobre os autores

Carlos Paiva Neves nasceu a 21 de março de 1963, em Póvoa de Santa Iria, no concelho de Vila Franca de Xira.

Ao longo de 33 anos de carreira militar, exerceu funções na área logística e, durante 24 anos, no ensino e formação militar, incluindo a formação pedagógica de formadores, tendo desempenhado o cargo de diretor da Escola de Formação de Formadores da Força Aérea. Prestou serviço como docente no ensino politécnico da Academia da Força Aérea.

Exerceu funções no Ministério da Defesa Nacional, na Direção-geral de Armamento e Infraestruturas de Defesa, como chefe da Divisão

de Logística e Controlo de Produtos, para as questões do controlo e desarmamento. Nesta qualidade, representou Portugal no âmbito da simplificação de procedimentos para as transferências intracomunitárias de produtos relacionados com a defesa, no grupo de trabalho *Entreprises and Industry* da Comissão Europeia. Foi perito nas negociações sobre o Tratado do Comércio de Armas, no Conselho Europeu e, sobre os Explosivos Remanescentes de Guerra e Explosivos Improvisados, nas Nações Unidas, em Genebra.

Em 1997 obteve o grau de licenciado pré-Bolonha, em Engenharia Mecânica, no ramo de Manutenção Industrial, pelo Instituto Superior de Engenharia de Lisboa e, em 2004/2005, frequentou o Mestrado em Engenharia e Gestão de Tecnologia, no Instituto Superior Técnico.

Em 2018, concluiu o mestrado em História do Império Português, na Universidade Nova de Lisboa, tendo sido distinguido com o prémio *Melhores Mestres, Mérito e Excelência* 2018/19.

Estudou a língua árabe, durante oito anos, sob a orientação das professoras Margared Wardian e Sanaa Boutchich.

É membro do Centro de Investigação Prof. Joaquim Veríssimo Serrão e da Organização Internacional Nova Acrópole Portugal (OINAPO) e integra os órgãos sociais da Associação Cristóvão Colon (ACC).

J. A. Marcos Serra nasceu em Manteigas, em 1949.

Após o antigo curso dos liceus, frequentou Direito, em Lisboa, que abandonou por conselho do Instituto de Orientação Profissional: «para si

o que é, é; o que não é, não é; não irá sentir-se realizado».

Leitor compulsivo, desde jovem ainda se começou a interessar por temas menos comuns: yoga, hipnotismo, religiões, espiritismo e teorias de reencarnação, filosofia e parapsicologia; estudou, investigou e experimentou em várias destas áreas. Interessa-se pelas «histórias da grande História», para uma melhor análise e compreensão desta.

Incentivado para a escrita, participou nas coletâneas *Fonte dos Namorados*, *Sentir* e *Poetas de Manteigas*; tem textos incluídos em dois livros de autor, sobre a Serra da Estrela e cicloturismo em Portugal, além de vários artigos sobre uso de bicicleta, ambiente e outros, em imprensa variada.

Publicou, em 2015, o livro *Linhas Entre Nós*; com segunda edição, e-livro, em 2018, na

Bibliotrónica Portuguesa (FLUL), de que é colaborador; e terceira edição, em 2025, em audiolivro, disponível em *Internet Archive* e outras plataformas.

Fez a revisão de mais de uma dezena de livros de autores amigos e formais.

Concluiu a carreira profissional como quadro superior de uma multinacional.

É um dos três fundadores da Federação Portuguesa de Cicloturismo e Utilizadores de Bicicleta, e autor da primeira regulamentação federativa, neste âmbito.

É membro ativo do Clube de Leitura do Museu Ferreira de Castro, em Sintra.

Fez teatro, chegando a pisar o palco do D. Maria II.

Estuda e pratica danças, desde a Idade Média até às novas tendências, incluindo tradicionais.

O instinto musical tem sido menorizado, pela escassez de tempo.

No escutismo, ascendeu a cargos de chefia, em Manteigas e Oeiras.

Foi presidente do G. C. dos Naturais do Concelho de Manteigas, em Lisboa.

É vice-presidente da A. G. e professor na ACTIS / UTI.